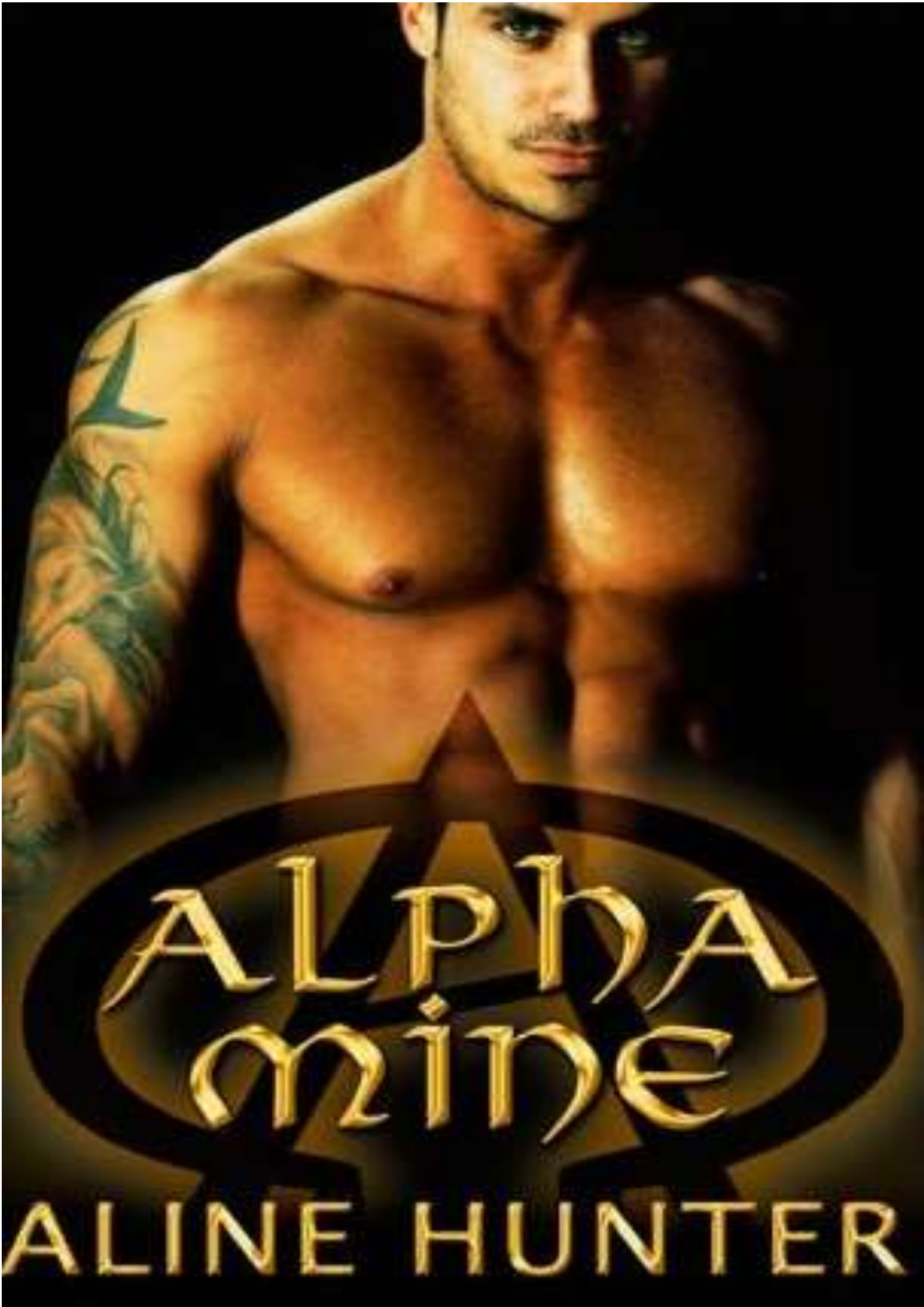




ALPHA mine

ALINE HUNTER





MEU ALFA

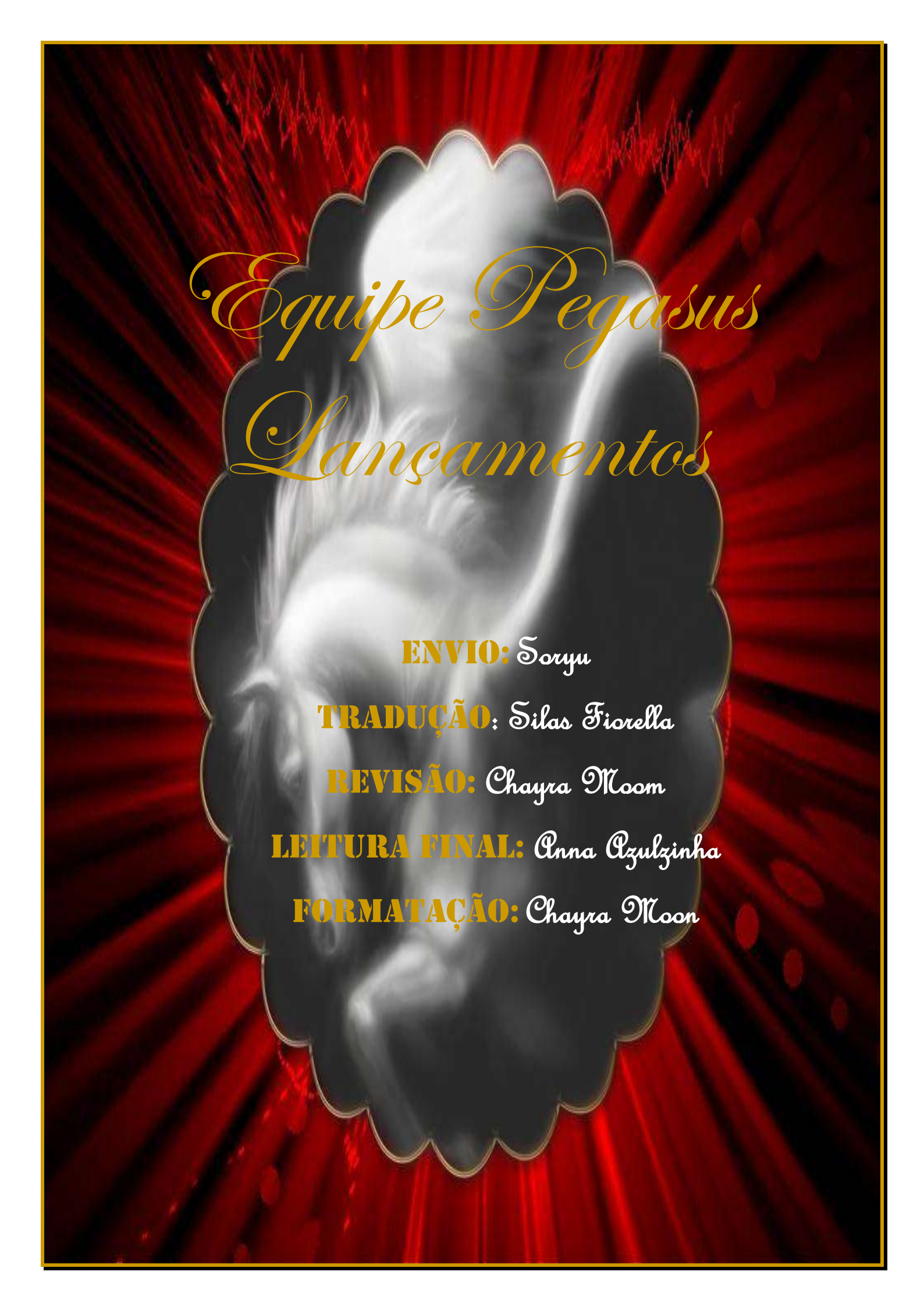
ALPHA MINE

SÉRIE

ALPHA E ÔMEGA

LIVRO QUATRO

ALINE HUNTER



Equipe Pegasus Lançamentos

ENVIO: *Soryu*

TRADUÇÃO: *Silas Fiorella*

REVISÃO: *Chayra Moom*

LEITURA FINAL: *Anna Azulzinha*

FORMATAÇÃO: *Chayra Moon*

DEDICATÓRIA

Para os leitores. O seu apoio é um presente além da medida. Para meu marido, que me entende de maneira que ninguém jamais o fará. Aos meus filhos, que entendem quando a mãe tem que trabalhar. Para os meus revisores — especialmente Mom, Lori e Bells — que me ajudam de muitas maneiras. E, como sempre, uma enorme riqueza de gratidão a minha incrível editora. Ann, eu não poderia fazer isso sem você.



SINOPSE

Um acasalamento como nenhum outro.

Trey quase abandonou sua Matilha para poder reivindicar Sadie — a vampira que era sua companheira. Mas, finalmente, eles a aceitaram. Entretanto, como um Alfa, Trey estava sempre ocupado. Felizmente ele tinha uma mulher que estava sempre tentando aliviar suas frustrações, atender a todos os seus anseios e se entregava sem reservas, dando-lhe tanto dela quanto ele pudesse tomar. Ele estava mais que feliz em poder saudar cada novo dia ao lado de sua companheira.

Então os Pastores voltaram para Nova York e começaram a matar os shifters.

Sadie é poderosa o suficiente para proteger a si e a sua Matilha, mas Trey está determinado a mantê-la em segurança. Até que novas ameaças surgem — colocando em perigo tanto os humanos quanto os seres sobrenaturais – e ele precisa pedir a ajuda dela antes que as coisas piorem.

Para destruir seus inimigos, eles vão ter que trabalhar juntos. Mas isso pode significar arriscar tudo, incluindo um ao outro.

A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pegasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código

By Lola

Favor Não Publicar Nossas Arquivos No Facebook

Se você viu algum livro do PL no face,
sem a nossa autorização, converse com a moderação
Se Você gosta dos livros feito pelo PL ajude !!!
Quem gosta respeita nosso grupo !
Não publica diretamente no face, expondo ao grupo
de forma desnecessária

Não aceitaremos reclamações sobre as traduções do grupo !

Não gostou, leia o livro no idioma original

*Lançamentos
Equipe Pegasus Lançamentos*

CAPÍTULO 1



—Dê um passo na minha frente e eu vou espancar sua bunda.

—Promessas, promessas. — Sadie Durmus murmurou, sorrindo para seu amante. Apoiando as mãos em seus ombros poderosos, ela colocou a cabeça contra a nuca dele, contorcendo-se quando sentiu uma vibração em sua barriga.

Trey Veznor era tudo o que se poderia querer em um homem, e mais — sexy, poderoso e autoritário. Eles tiveram os seus problemas no início, mas conseguiram superá-los. Quando decidiu reivindicá-la como sua companheira, ele se recusou a negociar ou barganhar. Ela era a coisa mais importante no seu mundo. Ele fez com que todos soubessem disso. Incluindo os membros de sua Matilha, que a aceitaram, apesar de temerem o fato de ela ser uma vampira. Embora eles tivessem sido aceitos como um casal oficial apenas recentemente – Alfa e Lupina da

Matilha de Trey — as coisas pareciam estar tomando um rumo positivo.

—Estou falando sério. — Inclinando a cabeça, ele encontrou o seu olhar. Seus olhos castanhos ganharam um brilho dourado. —Fique atrás de mim.

—Eu não vou a lugar nenhum, — ela sussurrou, e se aproximou. O coração dele começou a acelerar, somente o fato dela estar tão perto o desconcentrava. —Você é o chefe.

Ele bufou baixinho e olhou para frente.

—Não se esqueça disso.

Provavelmente ela esqueceria.

Trey voltou a sua posição original e cruzou os braços sobre o peito. O casaco de couro que ele usava marcava seus músculos salientes. Sadie saltitou em um pé e outro, tentando olhar além do amplo corpo, suspirando quando o cabelo dele acariciou sua bochecha. Ele cheirava tão bem, como sempre fazia, o inebriante perfume amadeirado tinha o poder de acalmar os seus nervos.

Um grupo de mulheres se aproximou da loja que Trey e Sadie estiveram vigiando nos últimos trinta

minutos. O coração dela acelerou e sua respiração ficou presa no peito.

—São elas.

Os membros do Coven só se aventuravam na cidade quando precisavam coletar suprimentos. Ela conhecia bem a rotina, afinal ela já fez parte do grupo uma vez, e planejou as ações daquela noite com cuidado. Ela e Trey tinham ficado fora de vista, em pé, em um beco do outro lado da rua. Não seria difícil observar o que estavam fazendo.

A loja mágica tinha uma janela enorme de vidro que permitia a qualquer um do lado de fora ver o interior do lugar. Ela não se arrependia de ter abandonado o Coven para ficar com Trey, mas ela queria saber o que sua antiga líder estava planejando.

Uma das vampiras jogou para trás o capuz de seu casaco.

—É ela, — Sadie sussurrou no ouvido de Trey, identificando a pessoa que eles estavam aguardando.

—Aquela é Geneva.

—Tem certeza?

—Positivo.

Trey pegou seu celular, digitou uma mensagem de texto e enviou. Colocando o aparelho de volta em seu bolso, ele disse:

— Está tudo preparado. Você está pronta?

— Eu sempre estou.

Finalmente ela obteria algumas respostas. Já não era sem tempo.

Geneva.

A líder do seu antigo Coven estava tramando algo.

A Matilha estava disposta a confiar nela e ela não iria traí-los. Tendo que lidar com o perigo que representava Aldon Frost, um vampiro do mal, muito poderoso, que havia atacado a Matilha. E a preocupação com os Pastores, fanáticos religiosos que consideravam os shifters como demônios. Ela não queria deixar passar nenhuma possível ameaça.

Sadie tinha que saber o que Geneva estava planejando.

— Qual delas? — perguntou Trey.

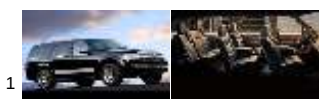
—a morena na frente. — Como sempre, Geneva tinha puxado seu cabelo em um coque francês apertado, com uma cascata de cachos na parte superior. O penteado a fazia parecer mais velha, como uma professora. —A mais alta.

—Ela não parece muito perigosa, — disse Trey, com desdém. —Um golpe seria suficiente para derrubá-la.

—Sua aparência não é o que a faz forte. — Ela suspirou baixinho, deixando seus sentidos assumirem. Ela estudou cada membro do grupo, prestando atenção na forma como interagiam com sua líder. Todas pareciam relaxadas dentro da loja mágica, escolhendo as coisas que precisavam. —Você viu o que a nossa magia pode fazer.

—Obrigado pela lembrança. — Trey ficou imóvel. —Nosso apoio chegou.

Sadie desviou sua atenção das mulheres na loja e olhou para o Lincoln Navigator¹ preto que estacionou em frente à loja. Depois que ela conversou com Trey sobre Geneva, ele insistiu para que ela



falasse com Ava Brisbane-Black sobre a situação. Sendo uma telepata poderosa, Ava poderia facilmente entrar na cabeça de Geneva e conseguir algumas informações, informações importantes.

O problema era que Ava estava grávida e seu companheiro, o Ômega de Nova York e um dos shifters mais poderosos do mundo, Diskant Black, era muito protetor de sua fêmea e de sua criança. Apesar das desavenças que as duas mulheres tiveram no início, Ava e Sadie agora conviviam em paz.

Diskant não tinha gostado do plano, mas ele concordou em deixar Ava monitorar a mente da líder do Coven por alguns minutos, desde que ela ficasse no carro, do lado de fora da loja de magia, e ao seu lado.

Mantendo a calma, Sadie instruiu:

—Vamos.

—Mantenha essa bunda sexy atrás de mim, —
Trey rosnou e avançou.

Eles atravessaram a rua, parando apenas para deixar os carros passarem. As pessoas que caminhavam pela calçada sequer os notaram,

seguindo com suas vidas como de costume. O Coven não gostava de chamar a atenção. Elas só visitavam a loja durante a semana, depois que o sol se punha e a maioria dos mortais estava em casa com suas famílias. Quando eles chegaram à porta, Trey abriu-a e entrou. Sadie o seguiu, ficando bem perto. O dono da loja não os notou, continuando a conversa com Geneva.

—*Elas precisam me ver,* — ela disse a Trey telepaticamente. No momento Geneva estava totalmente concentrada nos itens que precisava comprar e não nos assuntos que Sadie queria que ela pensasse. —*Nós temos que surpreendê-las.*

—*Fique aqui.* — Trey parou ao lado de uma mesa com vários frascos delicados. Com uma inclinação certa de seu quadril, ele bateu na borda. Alguns dos recipientes de vidro caíram. A atenção de todos se voltou para ele. Vários membros do Coven estavam paralisados com a boca aberta. —*Você conseguiu, companheiro.*

Esse era seu Trey. A confiança sempre estampada em seu rosto.

—*Eu me esforço.*

Ela olhou ao redor da sala, certificando-se de fazer contato visual com as vampiras que uma vez ela considerou sua família. Então, seu olhar pousou em Geneva. A expressão da mulher mudou de confusa para furiosa. Agarrando o braço de Trey, Sadie se virou para sair.

Ava pode conseguir o que precisamos agora. Não há necessidade de ficar por aqui.

—Você! — disse Geneva, olhando para Sadie e batendo uma jarra em cima do balcão.

Merda.

Sadie não tinha pensado que Geneva iria chamar a atenção para si mesmo. O dono da loja não sabia sobre a desavença entre elas, e o Coven tinha como principal regra manter seus assuntos pessoais sob sigilo. Por isso o plano de Sadie tinha sido simples.

Ela se mostraria a Geneva.

Os pensamentos de Geneva começariam a fluir.

Ava usaria seus poderes e faria o resto.

Tudo planejado e deu nisso.

—Eu mesmo, — Trey se adiantou, antes que Sadie pudesse responder.

—Eu não quero problemas aqui. — O dono da loja deu a volta no balcão. O Senhor Limerick – era velho e venenoso como uma cascavel. Por estar a muitos anos envolvido no trabalho com artigos mágicos, o mortal sabia sobre coisas sobrenaturais. Ele também podia sentir o cheiro de problema a uma milha de distância.

—Nós já estamos saindo. — Sadie apertou sua mão no braço de Trey, dando um passo para trás.

—Oh não, você não vai. — Geneva estava fervendo, os lábios apertados em uma linha fina. — Você tem algumas explicações a dar.

Sadie sentiu Geneva tentando deslizar para dentro de sua cabeça. Na última semana, Ava tinha trabalhado com Sadie, ensinando-a como construir um muro mental e manter todos do lado de fora de sua mente. Não era fácil. Ela tinha que se concentrar, forçar sua mente a ver nada além de uma lousa em branco. Dessa forma, ela manteria as coisas importantes na parte de trás de sua mente, onde ninguém podia alcançá-las.

—Não aqui, senhora. Limerick retrucou, empurrando um dedo acusador para Geneva. —Leve sua confusão para fora da minha loja.

—*Saiam,* — a voz de Ava ecoou na cabeça de Sadie. —*Ela já me deu o que você quer saber. Ela está muito focada em você para bloquear seus pensamentos. As portas estão destravadas. Venham para o carro.*

—*Estamos indo embora,* — Sadie informou a Trey mentalmente e deu-lhe um puxão firme no braço. —*Ava e Diskant estão esperando. Ela conseguiu o que queríamos.*

—*Você é quem manda.* — Trey começou a andar de costas, de frente para o inimigo, o corpo tenso, preparado para um ataque. Sadie abriu a porta e o guiou, dando passos lentos. Ela se concentrou nos cheiros e sons ao seu redor, se certificando de que ninguém estava espreitando em suas costas.

—*Vá,* — Trey ordenou, no instante em que estavam fora da loja.

Sadie não discutiu, indo direto para o Lincoln. Ela entrou atrás e olhou por cima do ombro, para Trey, que estava colado em seu traseiro, na direção da

loja. Geneva os tinha seguido, com um brilho sinistro em seus olhos.

Sadie desviou sua atenção de Geneva e passou a se concentrar em Ava. Trey entrou atrás dela e fechou a porta. A companheira do Ômega estava franzindo a testa, definitivamente imersa em pensamentos. Depois de um momento, ela voltou ao normal e acenou para Diskant.

—Tire-nos daqui, — Diskant gritou para Zach, o Beta da Matilha.

O carro decolou e Sadie se inclinou para frente, ansiosa para obter informações.

—O que você conseguiu?

—Ela quer saber onde Leigh está. Ela acha que você a escondeu. Ela também acha que você arruinou seus planos. Ela ficou muito irritada quando não conseguiu ler sua mente. Ela sabe que precisa encontrar outro protetor rapidamente, já que você a abandonou. Ela sabe que está vulnerável.

Leigh.

Felizmente a jovem vampira estava muito longe de Nova York. Não foi fácil deixar sua amiga partir,

mas Sadie sabia que era o melhor. Diskant a tinha enviado para um enclave, para se assegurar que ninguém seria capaz de localizar Leigh – nem mesmo usando magia. Uma coisa boa, pois Leigh era procurada não apenas pelo Coven, mas por Aldon, um vampiro que usava magia negra e queria usar o poder de Leigh em proveito próprio. Havia outra questão também, ou seja, o acasalamento de Leigh e Nathan. O ex-Beta da Matilha tinha ido com ela, determinado a conquistá-la.

Não ia ser fácil.

Leigh teve uma vida dura. Com o tempo, Sadie esperava que Leigh se recuperasse.

—Você disse que ela tem planos. Quais são eles?
— perguntou Sadie, focando o assunto em questão. —
Você conseguiu algo sólido?

—É algo que tem a ver com o controle da cidade. Algum tipo de magia e poder que ela quer. Honestamente, não fez muito sentido para mim. Eu não tenho certeza de como as coisas funcionam com o seu povo. Os Covens estão em guerra? Existe algo que ela precise e que você conheça? É possível para ela ganhar mais poder?

—Não que eu saiba. — O trabalho de Sadie era proteger o Coven. Muitas vezes ela tinha esquecido de outros assuntos. O Coven a via apenas como uma arma, e não alguém capaz de usar sua magia para beneficiar a sua causa. — Geneva sempre teve um monte de segredos. Ela dava as ordens e eu as cumpria. Eu nunca fui enviada para lidar com um vampiro que utilizava magia branca ou mesmo com um bruxo. Que eu saiba as relações entre todos os Covens é amigável.

—Ela está com medo, — disse Ava, descansando para trás, com a mão em sua barriga de grávida. — Ver você a deixou assustada. Ela pensou que você tinha saído de Nova York. Ela não esperava reencontrá-la. Ela também não esperava que você assumisse publicamente sua relação com Trey. Isso realmente a pegou de surpresa. Ela estava se perguntando se você fazia parte da Matilha, se eles aceitaram você. Ela tem medo do que isso poderia significar caso você tivesse sido aceita. Ela sabe que, com lobisomens guardando as suas costas, ela está lidando com mais do que ela pode suportar.

—Isso não é da fodida conta dela. — Diskant rosnou, descansando sua grande mão sobre Ava. —

Será que a cadela é uma ameaça? Ou será que é seguro se concentrar em outros assuntos?

—Podemos nos concentrar em outros assuntos, mas precisamos ser cautelosos, — respondeu Ava, com amor soando em sua voz. — Se ela tem medo de Sadie, tem que haver uma razão. É estranho, já que Sadie não está mais no Coven. Não há nenhuma razão para temê-la, mas Geneva teme. Sadie não é mais uma parte de suas vidas, o que me faz pensar sobre o por que de ela estar tão nervosa. — Depois de uma pausa, acrescentou: —Ela quer controlar a cidade. Eu ouvi um pouco sobre isso em seus pensamentos. Mas eu também senti que era uma esperança e não uma coisa concreta. Ela é como uma criança que quer um cão como presente de Natal, mas não tem certeza se Papai Noel vai lhe dar. — Ava suspirou, afundando de volta em seu assento. —Eu diria que o Coven precisa ser monitorado. Você nunca sabe com certeza. Eu não acho que nós temos que nos preocupar com Geneva se esgueirando em nosso território. Lobisomens a assustam. Ela ficou apavorada quando viu Trey. Mas eu também senti que ela estava muito chateada. Parecia que ela se ressentia por Sadie atrapalhar seus sonhos.

—Atrapalhar seus sonhos? — Sadie odiava estar no escuro. Ainda mais, odiava saber que tinha sido cega sobre Geneva por tanto tempo. —Essa é uma questão importante? Ela é uma ameaça imediata, ou você acha que ela pode esperar?

—Acho que pode esperar, — respondeu Ava, assentindo. —Nada em seus pensamentos era concreto. Eram mais como sonhos de grandeza. Ela está imaginando um conto de fadas.

—Bom. Temos merda mais importante para nos preocupar. — Diskant deu a Trey um olhar de soslaio. —Especialmente com Aldon à solta.

—Aldon sabe que Leigh partiu, — disse Sadie, deixando evidente a tristeza em suas palavras. —Ele teria voltado se achasse que ela ainda está aqui. Ele é poderoso, mas não é estúpido. Ele a quer. Não a mim.

Aldon já havia atacado a propriedade de Diskant uma vez. Apesar de reforçar a segurança esperando um novo ataque, o vampiro não tinha reaparecido. Todos esperavam que ele tivesse desistido, que tivesse encontrado outra coisa para fazer com seu tempo. Trey tinha instalado os sistemas de segurança nos imóveis que pertenciam a Aldon, então, depois que o

vampiro desapareceu, ele visitou cada uma das propriedades.

Em todas encontrou a mesma situação.

Nada de móveis. Nada de objetos de decoração. Cada um dos imóveis estava totalmente vazio.

Aldon, por qualquer razão, parecia ter abandonado Nova York.

Diskant olhou Zach, na parte da frente do carro.

—Alguma coisa sobre o ataque nos Distritos?

—Só o que eu lhe disse. Alguns shifters mortos, todos torturados antes de serem mortos. Está claro quem é o responsável. Eles queriam que nós encontrássemos os corpos.

Um calafrio percorreu a espinha de Sadie. Pastores.

Trey se inclinou mais perto, sua boca escovando sobre a orelha de Sadie.

—Calma, querida.

Seu esforço para acalmá-la teve um efeito diferente, aqueceu seu ventre e fez a sua vagina

contrair. Ela não queria ter calma, ela queria montá-lo como um pônei. Com certeza ele não se importaria, ela pensou. Assim que chegassem em casa, ele provavelmente iria levá-la para o quarto deles e provar que ela estava segura. Às vezes, ela achava que ele se divertia bastante, enquanto a lembrava que era sua missão protegê-la. Ele já tinha pedido a ela para lhe falar mais sobre os vampiros, tal como as suas fraquezas, porque queria ficar um passo à frente do inimigo.

No começo, ela hesitou, vampiros eram mais fáceis de matar do que os lobisomens pensavam, mas lembrando-se que agora sua lealdade estava com a Matilha, ela concordou.

—Isso é exatamente o que vou fazer. Eu vou assistir você me cavalgar com força. Eu vou assistir você deslizar para cima e para baixo do meu pau. — A voz dele sussurrou na mente dela. Estava cada vez mais fácil para ele ler seus pensamentos. Cada vez que ela bebia o sangue dele, a conexão ficava mais forte. *—Eu não quero que você tenha medo. Eu vou fazer o que for preciso para mantê-la segura.*

—*Você vai me amarrar de novo, não é?* — O pensamento enviou uma onda de calor correndo por ela. —*Você gosta quando eu não posso lutar de volta.*

—*Não...* — Ele colocou a mão na coxa dela e deu-lhe um aperto. —*Eu gosto de dar-lhe todo o prazer que você merece. Eu quero que você pense em mim.* — Ele fez uma pausa. —*Só em mim.*

Fazer isso era muito fácil. Sempre que ele estava por perto, ela achava difícil pensar em qualquer outra pessoa. Ela se acomodou em seu assento, inclinándose para o lado dele. Sua vida mudou de tantas maneiras.

No entanto, ela nunca se sentiu mais completa.

Trey retirou a mão da suave coxa de Sadie e deslizou o braço em torno dos ombros dela. Ela constantemente o surpreendia - dia após dia. Quando chegou a hora de enfrentar a Matilha, ela tinha feito isso com dignidade e inteligência. As crianças a adoravam, as mulheres começaram a aceitá-la, e as coisas se acalmaram na casa de Diskant.

Ele franziu a testa quando pensou em Mary.

A companheira de seu irmão ainda era cautelosa com Sadie, às vezes desagradável. Não era inteiramente culpa dela. Mary vinha de uma família de Pastores, os fanáticos que caçavam e matavam shifters, e ela tinha pavor do futuro. Não só devido a sua origem, mas porque ela vivia constantemente com medo de perder o que ela nunca teve — uma família e um lugar para chamar de seu.

No início Mary tinha sido hostil. Ela não queria que nada arruinasse seu lar feliz. Ele teve vontade de partir para cima da fêmea. Sadie o tinha acalmado e tranquilizado, explicando por que Mary permanecia tão distante e não a aceitava. A menina era jovem e recém-acasalada. Desde que seu companheiro era um shifter, o irmão de Trey - Emory, suas emoções estavam caóticas na maioria das vezes. Mary queria proteger as únicas pessoas que lhe tinham dado uma família — Emory, Diskant e Ava.

—Talvez devêssemos cancelar a reunião. — Ava pensou, olhando para Diskant. —Provavelmente não seja o melhor momento.

A Matilha precisa se sentir unida, Pinkie. — Diskant sorriu para sua companheira, seus olhos

ficando verdes. Embora ele tivesse nascido um lobisomem, o Ômega poderia mudar para qualquer outra forma. Olhos cor de âmbar significava o lobo, amarelos significava a pantera. Os dois muitas vezes lutavam pela supremacia, ou seja, os olhos de Diskant constantemente mudavam de cor.

—Temos tudo organizado. Ninguém pode entrar sem o nosso conhecimento. Nós não convidamos ninguém de fora da Matilha.

Trey conteve um gemido. Apesar do tempo frio, a Matilha tinha concordado em se reunir na casa de Diskant para uma festa – uma espécie de chá de bebê – para felicitar Ava e Diskant pela gravidez. Na verdade, era para ser divertido. Quando a Matilha se reunia e todos relaxavam, eles passavam um bom momento. No entanto, as coisas não eram perfeitas, longe disso. Os Pastores estavam deixando sua marca pela cidade. Eles decidiram que era hora de voltar e agitar as coisas.

—*Ava e eu vamos estar em alerta,* — Sadie o lembrou calmamente, usando sua conexão mental para se comunicar. —*Vamos saber se alguém*

estranho se aproximar. Se pudermos descobrir onde Thomas está, ninguém será capaz de nos prejudicar.

—Isso vai ser muito bom, — ele admitiu. —Nós vamos encontrar o filho da puta.

Eles descobriram que seus inimigos tinham um interesse comum - o irmão de Ava, Thomas. O ser humano idiota tinha um amuleto que poderia multiplicar a magia e as habilidades em proporções inimagináveis. Até agora, infelizmente, eles não tinham tido sucesso em localizar o humano. Tudo que sabiam era que Thomas havia fugido dos Estados Unidos, escondendo-se em outro país.

—Nós começamos a procurar apenas há alguns dias. Seja paciente.

—Você sabe que eu não sou conhecido pela minha paciência.

Ela suspirou e aninhou a cabeça na curva do sue pescoço. Ele inalou o cheiro dela, amando o quanto suave seu longo cabelo loiro se sentia contra o queixo dele. Isso era o que ele queria para eles — segurança, um lugar para pertencer, a certeza de viver suas vidas em paz. Talvez isso ainda fosse

acontecer. Ele certamente desejava que sim. Mas havia muitas variáveis a considerar.

—Você já teve notícias de Kinsley? — Trey perguntou a Diskant, olhando para o Ômega. —Será que ele recebeu a sua mensagem?

—Ele recebeu, — Diskant resmungou. —Ele disse que ia fazer o que pudesse para ajudar, mas ele também me lembrou que estava lidando com alguma merda pessoal. Ele me deu sua palavra de que irá compartilhar todas as informações que tiver, assim que ficar sabendo de alguma coisa.

Kinsley McGregor, o último shifter pantera e alguém que tinha o respeito de todos os shifters gatos. O homem sempre teve ligações com todas as Matilhas, e as usava. Ele deixou a Matilha por sua conta no momento em que ela mais precisava dele. Trey esperava que o macho resolvesse seus problemas o mais rapidamente possível e trouxesse seu rabo de volta à cidade.

—Um passo de cada vez. — Ava se intrometeu na conversa. —Agora que sabemos que Geneva não é uma ameaça imediata, podemos nos concentrar em Aldon e nos Pastores. Esta é uma boa notícia.

Boa notícia, talvez. Mas ainda era uma merda.

—Nós vamos ter que começar a organizar as coisas para a festa. — Ava se dirigiu a Sadie. —A comida vai chegar amanhã. Eu já encomendei as mesas e as cadeiras. Eu acho que é melhor nos concentrarmos do lado de fora. A casa é grande, mas com a presença das crianças, vai ficar lotada. Podemos colocar as mesas na área perto da piscina e deixar espaço para as pessoas passearem. Se alguém ficar muito cansado, podem descansar na sala de entretenimento.

—Parece bom, — Sadie respondeu.

Ava sorriu e esfregou sua barriga. Diskant tocou o estômago de Ava e um largo sorriso apareceu em seu rosto.

—Ela está chutando novamente, — disse Ava. — Eu acho que ela gostou da ideia também. Eu acho que nós vamos ter uma menina ‘arroz de festa’ em nossas mãos.

—Claro que não! — Diskant rosnou. —Ela ficará em casa trancada a sete chaves. Permanentemente.

Enquanto o casal trocava brincadeiras, Trey voltou sua atenção para sua companheira. Ele queria a mesma coisa com Sadie — ter um filho juntos. Era cedo demais para expor o assunto. Precisava fazer mais algumas pesquisas. Lobisomens podiam farejar quando uma fêmea estava pronta para engravidar, mas Sadie não era um lobisomem e também não era humana.

Deixando o pensamento de lado, ele se deliciava com a proximidade de sua fêmea.

Sadie Durmus.

A única pessoa que fazia tudo em seu mundo parecer certo.

Mesmo quando as coisas pareciam estar indo para o inferno

CAPÍTULO 2



—O jantar está pronto, — Mary informou a todos quando eles entraram na grande cozinha de Diskant, seguindo o delicioso aroma do alimento preparado na hora. Emory estava terminando de arrumar a mesa, colocando os copos em seus devidos lugares. —Sentem-se.

—Eu vou verificar os guardas, — Zach disse, desculpando-se, antes de sair. —Se precisar de mim, você sabe onde vou estar.

Todo mundo observou enquanto o homem saía e uma sensação de tranquilidade encheu a sala. Por mais que eles tentassem fazer com que Zach se enturmasse com os moradores da casa, o homem de coração partido preferia passar a maior parte do tempo sozinho.

Zach tinha perdido sua companheira. Ele sofria com sua ausência.

Nada mudaria isso.

Antes que Sadie pudesse gastar mais tempo pensando sobre a dor de Zach, o cachorro de Mary, Rocky, correu para ela. Ele estava bastante crescido, mas ainda tinha uma cara enrugada e adorável. Ela deixou que ele se aproximasse para que pudesse lhe fazer um carinho, esperando que Mary não ficasse com ciúmes. O relacionamento delas era instável. As primeiras reuniões que teve com a mulher haviam sido menos do que promissoras. No entanto, dia a dia, Mary estava se tornando mais acessível. Ela não amava a ideia de ter um vampiro vivendo sob seu teto, mas ela também não odiava.

—Olá, gracinha. — Sadie disse, curvando-se para esfregar Rocky atrás das orelhas. —Que coisa mais doce que você é.

—Coisa doce, minha bunda, — Mary resmungou. —Ele decidiu mastigar o canto de um dos armários. Nós vamos ter que substituir a peça.

—É apenas um armário. — Ava deu de ombros. —Não se preocupe com isso.

—Vou pegar o vinho, — Emory disse, virando as costas para eles.

Emory era tão desconfiado quanto sua companheira, mas também estava tentando encontrar uma maneira de conviver pacificamente. Foi errado, mas Sadie tinha escutado seus pensamentos. Apesar de suas dúvidas, ele estava realmente feliz por Trey. Ele ainda não confiava em Sadie, não totalmente, mas ele estava tentando. E ela agradecia por isso.

—Como foi? — perguntou Mary.

Ava começou a responder as perguntas de Mary, mas Sadie estava tendo dificuldade em prestar atenção. Trey, como de costume, tinha começado a atormentá-la no momento em que entraram na casa. Ele colocou a mão sobre suas costas e começou a deslizá-la, acompanhando o caminho de sua coluna até chegar a sua delicada bunda. Uma vez lá, ele segurou um globo arredondado e apertou.

Maldito.

Ela esteve tão excitada em todo o caminho para casa que não foi difícil deixá-la preparada nesse momento.

E ele sabia disso.

—Seja bom, — ela o repreendeu, com riso evidente no pensamento. —Eles cozinham uma grande refeição. Seria rude ir direto para o quarto e não participar do jantar.

—Quem se importa se formos rudes? — ele pensou. —Eles fazem a mesma coisa. Eu não quero esperar. Você ficou conversando com Ava o dia todo. Agora é a minha vez.

Antes que ele pudesse continuar, ela parou de acariciar Rocky e correu para a mesa. Sentou-se em seu lugar de costume e esperou que Trey fizesse o mesmo. Os outros seguiram seu exemplo e começaram a se servir. Mary tinha feito bifes, batatas e uma infinidade de legumes para Ava. Sadie sempre apreciou a comida, mas nunca tinha percebido o quanto saborosa ela realmente era. O Coven geralmente comia alimentos de gosto suave ou doce. Ava e Mary lhe tinham apresentado a beleza de misturar os sabores.

—As coisas que eu vou fazer com você. — Trey não tocou na comida. Ele esfregou a mão para cima e para baixo da coxa de Sadie. —Assim que eu a levar para o quarto eu vou lambar cada centímetro desse seu

corpo sexy. Você vai ter que implorar-me para lhe dar o que precisa.

A marca que ele tinha colocado nela – a marca da sua mordida – vibrou em seu ombro. Seus mamilos endureceram e os seios, de repente, ficaram pesados. Ela sentiu um jorro de excitação gotejar de sua vagina, molhando a calcinha. Ele faria exatamente como prometeu. Eles haviam levado seu relacionamento a um nível onde eles exploravam todos os tipos de coisas sexuais, um com o outro.

—Talvez eu faça todas essas coisas com você, — ela respondeu, tentando não se contorcer quando Ava olhou em sua direção. Normalmente Ava não ouvia os pensamentos de Sadie, não mais, mas ela provavelmente tinha uma boa ideia do que Trey estava fazendo. Sadie tentou relaxar, consciente de si mesmo e de seu comportamento. *—Comporte-se. Temos uma audiência. Por mais que eu ame seus jogos, eu não sou exibicionista.*

Shifters não davam a mínima para demonstrações públicas de afeto. Eles fodiam quando sentiam vontade, mesmo que houvesse outros ao redor. Apesar de ficar excitada ao ver um casal

trocando carícias sensuais, ela preferia manter suas aventuras sexuais escondidas atrás de portas fechadas.

—*Isso é uma vergonha*, — respondeu ele, a voz soando rouca em sua cabeça.

—Você acha que nós precisamos nos preocupar?
— Demorou um segundo para Sadie perceber que Mary estava falando com ela e não com Ava. Normalmente, a mulher mantinha uma distância segura. —Você conhece o Coven melhor do que nós. Deveríamos estar preocupados?

—Se as impressões de Ava estão certas, eu diria que estamos bem, — Sadie respondeu. —A magia de Geneva é forte, mas ela não é capaz de se defender fisicamente. Ela não vai fazer nada sem apoio. Tenho certeza que ela está procurando um novo membro para ocupar meu lugar, mas até conseguir um novo protetor, ela vai ser cautelosa. Eu não sei o que ela está fazendo com o Coven. Pelos padrões, o Coven sempre foi frágil. Elas podem realizar feitiços poderosos, mas isso as deixaria drenadas por dias. A recuperação total seria demorada. É por isso que elas me queriam por perto.

—Você tem certeza que sua magia vai nos manter protegidos? — Mary não parecia convencida, mas ela não estava sendo uma cadela. Uma coisa muito boa. —Como você sabe se alguém como Aldon não vai romper as defesas que você colocou em torno da casa? Ele já fez isso uma vez.

—É chamada magia do sangue. Eu vou sentir se ele retornar. Ele não será capaz de nos surpreender como fez da última vez. — Sadie preferiu não comentar que precisou usar um pouco de magia negra para conseguir seu objetivo. Não havia necessidade de dar a Mary uma razão a mais para temê-la. —Para quebrar o feitiço de proteção e entrar sem minha permissão seria preciso utilizar meu sangue, fresco e saindo direto da fonte. Caso contrário, nossos inimigos precisam da minha permissão expressa para entrar na casa.

Não era o ideal, mas foi o melhor que ela pode fazer no momento.

—A propósito... — Emory disse entre mordidas de comida. —...eu recebi um telefonema de Larissa. Seu filho quebrou a perna. A cicatrização está evoluindo bem, mas é muito doloroso. — Ele olhou

direto para Sadie. —Ela quer saber se você poderia ajudar. Talvez acelerar as coisas um pouco.

—Claro, — disse ela, feliz por encontrar alguma utilidade para a Matilha. Larissa tinha sido muito gentil com ela até agora. Com suas habilidades de cura, ela poderia acelerar a cicatrização da maioria das feridas. —Eu vou tê-lo andando normalmente em uma ou duas horas.

—Vou avisá-la e pedir para trazer o garoto amanhã, — disse Emory e olhou para Mary. Ele passou os dedos em todo o rosto de sua companheira, com adoração em seu olhar - bem como uma boa dose de luxúria. —Você fez um jantar incrível, querida. Está muito saboroso.

As bochechas de Mary avermelharam e ela abaixou a cabeça.

—Obrigada.

—*Eu sabia.* — Sadie direcionou seu pensamento para Trey, —*Tudo no que os homens pensam é em sexo.*

—*Temos belas companheiras.* — Ele deslizou os dedos para cima e parou a um centímetro da junção de suas pernas. —*Você pode nos culpar?*

—*Temos homens sexies em nossas camas todas as noites,* — ela respondeu, tentando não imaginar Trey em sua cama, —*Mas vocês não nos veem agindo como idiotas.*

—*Isso não é uma coisa agradável de dizer.* — Ele moveu a mão mais para cima, deslizando de forma lenta e sensual. As pontas dos dedos acariciaram seu sexo. Ela estava grata porque a toalha de mesa era grande o suficiente para esconder dos outros o que ele estava fazendo. —*Eu vou fazer você pagar por isso.*

—Eu vou mandar Zach e alguns membros do bando para investigar as coisas na cidade. — Diskant disse, voltando ao que interessa. —Vamos ver se eles podem obter qualquer informação. Se tivermos sorte, talvez eles até consigam pegar algum cheiro.

—Ninguém farejou nada nos arredores da propriedade. — Emory colocou o garfo no prato e seus olhos adquiriram um brilho escurecido. —Os membros dos Orgulhos estão começando a ficar

impacientes. Precisamos que Kinsley traga seu rabo de volta para cá.

—Eu fico com a sugestão de Mary, — Ava entrou na conversa. —Temos espaço suficiente para criar cães treinados que poderão ajudar a proteger a casa e a propriedade. Eles serão capazes de enxergar coisas que as câmeras não podem. Os membros da Matilha não podem vigiar tudo. Há muita área para cobrir.

—Eu vou cuidar deles, — Mary ofereceu, a excitação visível em seu rosto. Rocky tinha se tornado como um bebê para Mary, e estava mais que evidente que a mulher queria outro animal de estimação. — Nós podemos transformar parte do celeiro em um canil. Andei pesquisando para ver o quanto iria custar fazer algumas alterações na propriedade. Não será muito caro. Eu posso trabalhar com um orçamento. E existem várias raças de cães que podem ser treinadas, só precisamos encontrar aquela que irá se adaptar melhor ao que precisamos.

—Você vai transformar este lugar em uma fazenda animal, — Diskant murmurou. Quando Ava lhe lançou um olhar irritado, ele suspirou. Trey não tinha certeza, mas ele achava que Diskant não

aprovava a ideia por causa de seu próprio cão, Oscar, que foi baleado e morto por Pastores. —Emory? Trey? O que vocês acham?

—Eu acho que é uma boa ideia, — Emory respondeu imediatamente, apoiando sua companheira.

—Não é uma ideia ruim, — Trey admitiu. Os cães, embora não tivessem uma ligação direta com os lobisomens, podiam ser facilmente comandados. Havia uma conexão que lhes permitia emitir ordens e compartilhar com os cães as imagens do que eles queriam que fosse feito. A ideia ficaria ainda melhor se eles pudessem obter cães com alguns genes de lobos. —Existem cães híbridos de lobo disponíveis?

—Sim, — respondeu Mary e hesitou, —Mas eles são mais caros.

Trey balançou a cabeça, considerando a ideia. — Eles poderão se comunicar conosco e avisar se pressentirem algo estranho por perto, — ele explicou. —E nós seríamos capazes de comandá-los mais facilmente.

—Amanhã faça uma pesquisa sobre os híbridos.
— Diskant espetou um pedaço de carne com o garfo.

—Descubra o quanto isso vai custar. Eu preciso de um valor aproximado. Eu também vou querer saber quantos poderemos abrigar na propriedade confortavelmente. Eles não gostam de ser contidos. Eles precisam se sentir livres na propriedade.

Mary sorriu, visivelmente emocionada.

—Com certeza.

Eles comeram o resto da refeição em silêncio. Os homens, apesar de serem lobisomens, tinham boas maneiras à mesa. Sadie ainda se surpreendia com isso. Ela esperava que eles simplesmente devorassem a comida. Em vez disso, eles saboreavam cada mordida, mastigando tranquilamente. Quando todos tinham terminado, os homens começaram a limpar a mesa. Sadie levantou-se para ajudar e Mary agarrou seu pulso, impedindo-a.

—Posso falar com você? — perguntou Mary, seu olhar correndo para Emory. Ela se aproximou de Sadie e sussurrou, —Em particular.

Droga. As coisas estavam indo tão bem. O que aconteceu?

Mesmo sendo pega de surpresa, Sadie respondeu:

—Claro.

Uma vez que a Matilha tinha aceitado Sadie, Mary começou a ficar mais calma na sua presença. Mas continuava existindo uma tensão entre as mulheres. E Sadie tinha começado a compreender a causa. Mary queria proteger a única coisa que ela tinha — a família que ela sempre quis. Por essa razão, ela considerou Sadie uma ameaça. O tempo tinha suavizado as coisas, mas o relacionamento entre elas estava longe de ser classificado como perfeito.

Sadie saiu da cozinha e caminhou pelo corredor em direção à grande área de entretenimento. Parando no centro da sala, ela virou-se para Mary.

—O que você precisa?

—Emory tentou me ensinar um pouco de luta para eu poder me defender, mas ele é maior e mais forte do que eu. — Mary cruzou os braços sobre o peito, em um gesto defensivo. —Eu não sou como você e Ava. Eu não posso ver quando alguém está vindo e eu não posso lutar e me proteger como você. Eu não quero ser pega em uma situação como a de

antes. — Ela respirou fundo e disse: —Eu queria saber se você estaria disposta a me ensinar algumas coisas. Eu preciso saber como me defender.

O alívio correu através de Sadie, assim como uma pitada de vergonha.

Quando Aldon atacou a propriedade, ele agrediu Mary. A jovem não tinha sido capaz de fazer qualquer coisa para se defender. Embora Mary não fosse capaz de derrubar alguém como Aldon, havia maneiras de ela poder se defender. Isso era uma coisa boa. Ela esperava que Mary ficasse à vontade com ela, e parecia que finalmente seu desejo ia acontecer.

—Seu acasalamento fez você mais forte, não fez?
— Sadie estava quase certa sobre isso, mas ela precisava ter certeza. —E mais rápida?

—Sim.

—Bom. Isso é algo com que trabalhar. E você pode usar seu tamanho como uma vantagem. Posso ensinar-lhe muitas coisas. — Hesitando por um momento, ela perguntou: —O que Emory pensa sobre isso? — Como Mary, Emory também tinha suas reservas com o fato de ter que dividir o teto com um

vampiro. —Ele não vai infernizar Trey se fizermos isso, não é?

—Na verdade, foi ele quem sugeriu isso, — respondeu Mary, desviando o olhar de Sadie. —Ele a viu lutar. Ele sabe o que você pode fazer. Ele acha que essa é uma boa ideia.

Obrigada Deusa. Outro milagre.

—Você vai acompanhar Ava para ver o médico amanhã de manhã? — Mary assentiu e Sadie disse: —Nós ainda temos que terminar de organizar as coisas para a reunião da Matilha, e você precisa fazer aquela pesquisa sobre os cães de segurança. É melhor começar na próxima semana. O que acha disso?

—Parece bom para mim.

—Então nós temos um acordo.

Sadie começou a sair quando Mary sussurrou:

—Obrigada.

Outra coisa que ela não esperava.

—De nada.

Sadie esperou que a conversa continuasse. Quando isso não aconteceu, ela começou sair novamente da sala. Ela congelou no meio do caminho, tomada de surpresa quando Mary correu para ela e estendeu a mão. Ela tocou em seu braço, chamando sua atenção.

—Eu sei que tenho sido uma cadela, — Mary desabafou, dando um passo para trás, mantendo os olhos baixos. —Eu pensei sobre como eu tenho tratado você. No começo eu achava que eu estava fazendo a coisa certa. Agora eu percebo que só criei um clima tenso dentro da casa. Não há desculpa, mas eu queria lhe dizer que eu sinto muito. Estamos nisso juntos. É importante que fiquemos unidos.

—Desculpas aceitas. Não se preocupe com isso. — Não havia tempo para alimentar o rancor. A família tinha coisas mais importantes com que se preocupar. —Eu teria reagido da mesma maneira. Você só estava protegendo as pessoas que você ama.

—Você tem que entender. Eu morreria por Emory. Ele é a coisa mais importante no mundo para mim. — Levantando a cabeça, ela olhou Sadie nos olhos. —E eu me preocupo com Ava. Ela sempre age

como se fosse forte, mas no fundo ela tem medo. Esse bebê é tudo para ela. Se alguma coisa afetasse sua gravidez, ela nunca se recuperaria. Todos nesta casa são a minha família. Eu faria qualquer coisa por eles.

—Eu entendo. Acredite em mim. — E ela entendia, completamente. Com um pequeno sorriso, ela descansou a mão no ombro de Mary. —Esta é a minha família também. Eu lutaria e morreria por qualquer pessoa desta casa ou da Matilha. Eu aceitei essa responsabilidade e dei minha palavra que ajudaria a proteger vocês. Quando eu faço uma promessa, eu cumpro.

Como o desconforto de Mary era evidente, Sadie baixou a mão.

—Vamos começar a trabalhar em seu treinamento na próxima semana. Quando terminarmos, você vai ser capaz de chutar alguns traseiros.

—Eu espero que sim. — Mary riu suavemente.
—Eu estou cansada de ser o elo mais fraco.

—Você é mais forte do que você pensa.

Mary deu um sorriso para Sadie e saiu da sala. Sadie não a seguiu, mas ficou pensando sobre o que tinha acontecido. Mary finalmente estendeu a mão para ela. As coisas estavam se encaixando. Cada dia as coisas se tornavam um pouco mais fáceis. Quando todos na casa confiassem nela, ela poderia finalmente se concentrar nos assuntos importantes. Como Geneva não era um dos grandes problemas, sua atenção deveria ir para outras coisas.

Em primeiro lugar, eles tinham que encontrar Thomas. Dessa forma, Ava conseguiria localizar os Pastores que ainda estivessem na área. Depois de cuidar dos Pastores, Sadie iria se dedicar a encontrar Aldon. De todos os perigos que os ameaçavam, o letal vampiro do mal era o pior.

—*Querida,* — a voz de Trey soou em sua cabeça.
—*Você vem? Ou eu tenho que ir buscá-la?*

—*Parece que você está planejando alguma coisa.*
— Um sorriso surgiu em seus lábios. —*O que está em sua mente?*

—*Venha aqui e descubra.*

Arrepios correram por toda a sua pele. O homem era insaciável.

—*Eu estou a caminho.*



Trey esperou perto da porta, ouvindo atentamente os passos se aproximando do quarto. O cheiro de Sadie chegou até ele: doce, fresco e feminino. Ele deixou-a ir conversar sozinha com Mary, imaginando que se as coisas tomassem um caminho ruim, ele ouviria os gritos. Assim que ele e os outros terminaram de arrumar a mesa, ele foi direto para o seu quarto. Tinha sido um inferno de um dia. Eles levantaram muito cedo para traçar estratégias e passaram o resto do dia discutindo os motivos que fizeram os Pastores retornarem à cidade.

Ainda assim, ele estava pronto para fazer o que havia prometido.

Ele iria punir sua companheira por tê-lo chamado de idiota.

Ele jamais estaria cansado demais para isso.

A porta se abriu e ela entrou. Ele agarrou-a pela cintura e fechou a porta com o calcanhar. Ele já estava sem camisa, meias e sapatos, vestindo apenas

uma calça jeans desbotada. E não perdeu tempo em começar a remover as roupas dela, peça por peça.

—Você é um...

Ele a cortou, correndo a língua por seus lábios, reivindicando sua boca. Ela caiu em seus braços, com as mãos segurando o braço que ele tinha colocado em torno de sua cintura. Seu longo cabelo loiro emaranhado nas cerdas da sua barba ao longo da bochecha, o perfume floral do shampoo que ela usava invadindo seu nariz. Ele se arrastou para a cama, querendo vê-la se contorcer embaixo dele, querendo ouvir seus pequenos gritos e gemidos sensuais.

Separando sua boca da dela, ele a soltou e arrancou sua camisa.

—Você estava dizendo?

—Nada importante. — Ela exalou bruscamente, ofegante.

Ele se abaixou, tirou-lhe os sapatos e as meias e estendeu a mão para o botão de sua calça de couro. Ela imediatamente o imitou, puxando os botões da calça jeans. Havia momentos em que eles se amavam devagar. Mas isso não era para esta noite. Ele esteve

ansioso para possuí-la desde que ela tinha pressionado seu corpinho sexy contra ele no beco, o simples toque fazendo seu pau ficar duro e latejante.

Ela tirou o sutiã e ele ajoelhou-se para puxar a calcinha, arrastando-a para baixo através de suas coxas, retirando-as totalmente quando ela levantou os pés para ajudá-lo. Erguendo-se, ele se inclinou para frente. Ele deslizou a língua no interior da sua vagina, fazendo-a estremecer quando ele chegou a seu clitóris. Caralho, ela tinha um gosto tão bom, toda molhada e quente. Ela engasgou, afastou mais as pernas e enterrou os dedos no cabelo dele.

Diante de mais espaço, ele levou o seu tempo lambendo sua fenda. O creme dela revestiu sua língua e os suspiros que ela soltava eram música para os ouvidos dele. Ele percebeu que não ia ser capaz de prolongar as coisas em um esforço para puni-la. Seu pau tinha estado muito duro durante todo o jantar. Ele ficou o tempo todo pensando em como gostaria de empurrá-lo dentro dessa pequena boceta, mais e mais, até que eles gozassem juntos.

—Você é tão doce, querida, — ele murmurou contra a pele dela, dando-lhe outra lambida. —Eu poderia me afogar em você.

Afastando-se dele, ela se sentou na cama e deitou de costas. Ela separou suas coxas – em um convite explícito.

—Eu quero você dentro de mim.

Quem era ele para discutir?

Ficando sobre ela, ele agarrou a base de seu pênis. Ele deslizou a ponta para cima e para baixo em sua fenda, deixando-o molhado. Em seguida, ele colocou a cabeça na pequena entrada e começou a penetrá-la devagar. Apoiando seu peso sobre as mãos, ele subiu em cima dela. Ela era linda. O cabelo loiro caído em cascata sobre a cama, a pele clara contrastando fortemente com a sua bronzada. Seus seios estavam cheios, os mamilos cor de rosa, duros e empinados.

Ele fixou seu olhar no rosto dela, observando-a enquanto empurrava seu pau naquele calor acolhedor. Ela separou os lábios e seus grandes olhos azuis escureceram de desejo. Quando ele já havia entrado até a metade, afastou-se e ganhou um

gemido de protesto. Com um sorriso no canto dos lábios ele voltou, afundando centímetro por centímetro dentro dela. A vagina dela apertou-o tão forte que ele teve que forçar seu caminho. Desta vez, ele não parou, empurrando até que suas bolas bateram contra a sua bunda.

—Mmm, — ela cantarolou, fechando os olhos. — Duro e grosso. Eu posso sentir você em todos os lugares.

—Para você, companheira. — O coração dele acelerou e seus músculos tremeram. —Só para você.

Ele puxou seus quadris para longe e ela arqueou as costas. Quando ele empurrou seu comprimento dentro dela, ela levantou os quadris indo ao seu encontro. Ele rosnou de prazer, amando o jeito que ela se movimentava junto com ele. Abaixando a cabeça, ele chupou um mamilo em sua boca. Os dedos dela enrolaram em seu cabelo, suas unhas arranhando o couro cabeludo.

—Mais forte, — ela sussurrou, contorcendo-se embaixo dele. —Mais.

Ele aumentou a sucção e se moveu mais rápido, batendo o pênis em sua vagina. O choque entre seus

corpos produzia um som alto no quarto. Antes ela se sentia constrangida por fazer tanto barulho, preocupada com o que o resto da casa pensaria. Não levou muito tempo para ela perceber que os outros casais se amavam de forma igualmente faminta. Agora ela estava mais solta, entregando-se sem hesitação.

Erguendo o corpo, ela afastou a cabeça dele de seu mamilo e roçou os lábios sobre seu pescoço.

—Eu o amo, — ela suspirou. —Tanto.

—Eu também a amo, querida. — Às vezes ele sentia que não era carinhoso o suficiente. Dizer as palavras não bastava. O que ele sentia era muito mais forte. Ele vivia e respirava por essa mulher, desejava sua proximidade, o destino determinou que ela era aquela que sempre estaria ao lado dele.

Seus corpos se movimentaram juntos, a língua dela banhando a pele que cobria a veia do pescoço dele. Foi então que ele percebeu o quanto ela o desejava. Ele passou a noite respirando o perfume da excitação dela, mas não tinha percebido o quanto ela sofria por ele. Ele não se conteve, movendo-se ainda mais rápido. Suas bolas estavam pesadas e sua

respiração ficou presa na garganta. Assim que ela perfurou seu pescoço, ambos gozaram, pegos em um turbilhão de prazer. Ele nunca tinha experimentado nada parecido.

—Morda, — ele ordenou bruscamente, querendo derramar toda sua semente dentro dela.

Os pequenos dentes dela marcaram sua pele, a mordida não muito profunda, apenas uma picada contra sua carne. Todo o corpo dele tremia enquanto ele gozava, seus músculos estavam flexionados e jatos de sêmen jorravam de seu pênis. Uma onda de calor correu através de seu corpo, seguida por um formigamento que pulsava ao longo de sua espinha. Ele não parou de empurrar, sentindo a vagina dela espremê-lo. Ela continuou sugando seu sangue, gemendo baixinho contra a pele dele.

—Poderia beber de você para sempre. — Ela sugava suavemente, bebendo devagar. —Você tem um gosto tão bom.

Ela tirou os dentes de sua pele e pressionou a língua sobre os furos, diminuindo o sangramento e selando as feridas. Ele relaxou, tomando seu tempo enquanto se movia dentro e fora dela. O cheiro de

sexo cobria o quarto, um perfume que o agradava bastante. Era em momentos como este que ele se dava conta que Sadie realmente era dele. Ela não o abandonou, mesmo tendo todos os motivos para fazê-lo. Ela ficou ao seu lado porque se importava com ele de uma forma que ele não merecia. Ele prometeu provar-lhe que ela tinha tomado a decisão certa.

— Se isso foi uma punição, vou me comportar mal com mais frequência. — Ela suspirou e relaxou embaixo dele. — Na verdade, eu acho que vou tomar como uma missão irritá-lo sempre se esse é o tipo de punição que eu posso esperar.

—Espertinha, — ele rosnou, afastando-se. Seu pau deslizou para fora da sua apertada buceta e esfregou contra a coxa dela, deixando para trás uma mancha de sêmen ao longo de sua pele pálida. Ele sabia que isso fazia dele um bastardo possessivo, mas ele gostava de vê-la assim, marcada com sua semente e com seu cheiro.

Antes que ela pudesse se mover ele puxou o edredom e o lençol e estendeu a mão para ela. Ela colocou os braços em volta do pescoço dele, segurando-o perto, acariciando seu peito enquanto ele

esperava ela encontrar uma posição. Uma vez que ela estava confortável, ele aconchegou seu corpo ao redor dela, descansando o braço sobre sua cintura. Encostando o rosto na cabeça dela, ele respirou fundo.

Minha fêmea.

Minha companheira.

—Você vai ter que perdoar a si mesmo em algum momento, — disse ela suavemente, colocando a mão em seu braço. —Eu já perdoei, há muito tempo. O passado pertence ao passado.

—Você está lendo meus pensamentos novamente. — Ela disse que ia tentar não fazer isso, embora tenha confessado que havia se tornado um hábito difícil de quebrar. Ele não ficava zangado — longe disso — embora houvesse momentos como esse, quando ele preferia que ela ficasse fora de sua cabeça. —Eu avisei que você pode não gostar do que vai encontrar.

—Eu sei que tomei a decisão certa. — Ela mexeu sua bunda e seu pau ainda semiduro se agitou. Com um movimento rápido ela se virou para encará-lo, passando os dedos em sua bochecha. —Eu estou

exatamente onde eu deveria estar. Eu não vou a lugar nenhum.

— Se eu fosse você, eu nem me preocuparia em tentar.

—É mesmo? — Os lábios dela se curvaram e suas íris azuis cintilaram.

—Mesmo. — Beijando a ponta do seu nariz, ele advertiu: —Eu encontraria você.

—Digamos que eu vá e você consiga me encontrar, — brincou ela, sorrindo para ele. —O que você faria?

—Traria você de volta.

—Mesmo se eu dissesse que não?

—Eu arrastaria seu traseiro de volta, chutando e gritando, se fosse preciso.

—Chutando e gritando, hein?

— Se fosse preciso, — ele confirmou. Ele faria o que fosse necessário para mantê-la com ele.

—Então, está tudo bem. — A voz dela soava risonha. —Não há nenhuma razão para eu ir a

qualquer lugar. Você me quer aqui. Eu quero ficar aqui. Eu tomei a decisão certa.

— Absolutamente, — ele sussurrou, abraçando-a. — Eu nunca vou deixar você ir.

— Isso é um alívio, já que eu decidi ficar com você.

Ela fechou as pálpebras e ele ficou observando-a, seus olhos estudando as feições delicadas. Ele adorava vê-la dormir, sabendo que ela confiava nele o suficiente para descansar enquanto estava vulnerável. Ela sabia que ele iria mantê-la segura, que ele a protegeria. Acariciando uma bochecha com as costas de sua mão, ele se deliciava com a alegria de chamar essa mulher de sua companheira.

Ele nunca a deixaria ir.

Nem agora, nem nunca.

Ele morreria primeiro.

CAPÍTULO 3



Sadie abriu os olhos e piscou várias vezes para clarear sua visão. O sol nasceria em breve. Como um vampiro, ela podia literalmente sentir em seu corpo quando esse momento chegava, havia um estranho formigamento que percorria toda sua pele. O peito de Trey subia e descia com sua respiração, indicando que ele estava dormindo. Eles se esforçavam para conciliar suas agendas, mas ela tinha descoberto que ele não era um madrugador.

Com os olhos ela percorreu os traços de sua bochecha e mandíbula, notando a sombra escura que crescia perto do queixo e os lábios carnudos. Olhando para cima, ela estudou a forma como os longos cílios repousavam contra seu rosto. O coração dela falhou uma batida, lembrando de uma dor profunda que uma vez já habitou em seu peito. Ela o desejou por tanto tempo – ela sonhava com o dia que realizaria

seu desejo — mas ela nunca pensou que iria realmente tê-lo.

Ela lembrou dos conflitos que eles tiveram, e se odiou por tê-lo atacado. Verdade que ele mereceu isso na época, mas ele tentou fazer as pazes. Ela não estava preparada para o fato de que ele pretendia abandonar sua Matilha por ela. Tinha sido um choque. Ele se recusava a esconder o seu acasalamento, e informou aos de sua espécie que se eles queriam continuar sob sua proteção teriam que aceitar a mulher que ele tomou como companheira.

Um vampiro. Ou seja, alguém diferente deles. Algo que eles foram ensinados a temer.

Cuidadosamente – procurando não acordá-lo — ela deslizou para fora da cama, puxando as cobertas. Ela estudou os músculos do peito e o abdômen, maravilhando-se com o quanto perfeitamente ele era construído. Não era muito musculoso, nem muito magro. Sua pele bronzeada lindamente decorada com as tatuagens em seus braços. Ela tinha ficado curiosa sobre isso – com o fato de um lobisomem não ser capaz de se curar dos ferimentos de uma tatuagem — apenas para descobrir que eles se curavam, mas a

tinta, como acontecia com um ser humano, permanecia sob a pele.

Sabendo que ele acordaria no instante em que ela o tocasse, ela resolveu deixar de lado as preliminares. Ela abriu os lábios e abaixou a cabeça, engolindo não apenas a ponta, mas boa parte de seu membro. Trey agitou-se, gemeu e levantou seus quadris.

—Sadie, — ele suspirou o nome dela e entrelaçou os dedos em seu cabelo.

—*Bom dia*, — ela direcionou seu pensamento para ele, sugando com mais força.

—Porra, — ele murmurou, revirando os quadris.

Ele endureceu, ficou mais grosso e cresceu de tamanho na sua boca. Ela usou a mão para cobrir a base de seu pênis, acariciando-o enquanto ela balançava a cabeça para cima e para baixo. Ela provou seu sêmen, gemendo quando o sabor explodiu em sua boca. Os dedos dele apertaram mais o cabelo dela, e ele passou a respirar forte e rápido.

—*Você gosta disso?* — Ela sabia que ele gostava, mas ela adorava provocá-lo.

—Porra, sim.

Ela sorriu e continuou, se movendo mais rápido, esvaziando suas bochechas. Ele batia no fundo de sua garganta e ela se esforçava para engolir. Ele sussurrou e flexionou sua coxas. Só mais um pouco e ele gozaria. Sabendo disso, ela redobrou seus esforços. Ela queria engolir tudo, queria dar isso a ele.

—Não. — Ele rosnou a palavra, como se soubesse de suas intenções.

Com um forte puxão ele arrancou os lábios dela de seu pênis. Ele a ergueu sobre seu corpo, seu olhar âmbar devorando-a. Seus lábios se encontraram e suas línguas dançaram juntas. Ela montou sobre a cintura dele e ficou na posição, alinhando sua boceta com o pênis dele, que já estava duro como ferro. Soltando o cabelo dela, Trey alcançou entre seus corpos e mergulhou a cabeça larga de seu pau na entrada do corpo dela.

Ela sentou, ainda encarando o rosto dele. Os olhos dele brilharam, seus lábios puxando para trás. Seus caninos tinham aumentado um pouco e ele apertou os dentes. Seu pau invadindo o corpo dela,

enchendo-a, estirando-a. Ela sentiu cada centímetro enquanto ela continuou a descer, até que sua bunda descansou contra as coxas dele. Ele moveu a mão e dobrou as pernas, apoiando as costas dela.

—Monte-me, companheira, — ele ordenou em um rosnado baixo.

Não havia necessidade de pressa. Tanta coisa havia acontecido na semana passada. Agora ele era dela. Não havia inimigos com os quais se preocuparem. Nenhum assunto importante para discutir. Havia apenas ele e ela nesse momento íntimo. Ela adorava esses momentos, quando nada mais importava para eles.

—Porra, você é muito boa. — Agarrando os quadris dela com suas mãos grandes, ele empurrou seu pênis dentro dela. —Tão quente e apertada. Você não tem ideia do que faz comigo.

—Eu acho que sei. — Colocando as mãos no peito dele, ela balançou os quadris, ofegando ao sentir o atrito contra seu clitóris. Ele pulsava dentro dela, seu pênis tocando todos os lugares certos. —Deusa, com certeza, eu sei.

Com isso, ela levantou e desceu novamente. Lenta e intencionalmente, querendo fazer com que as sensações durassem mais tempo. Ele soltou um quadril e passou os dedos pelas dobras molhadas da sua boceta. Em seguida, passou a massagear o clitóris. Ele manipulou os feixes de nervos, trabalhando até o broto ficar inchado. Ela sentiu um calor crescendo em seu estômago e um choque de fogo se espalhou através de seu corpo. Ela estava pronta para gozar, mas segurou. Montando seu pênis, aumentou a velocidade.

—Eu quero sentir você gozar. — Trey esfregou seu clitóris, aplicando mais pressão. —Eu quero ver o que eu faço com você. Mostre-me o quanto bem eu faço você se sentir, querida.

Ela não resistiu mais. Ele se sentia muito incrível dentro dela enquanto provocava seu clitóris com os dedos. Ela empurrava seus quadris cada vez que descia, sentindo a ponta do pênis cutucando o colo do útero. O fogo em sua barriga se intensificou. Os dedos dele eram persistentes, levando-a ao precipício. Ela montou as ondas de prazer, pegando o que ele estava dando a ela.

Quase lá.

Arqueando as costas, ela gritou. O fogo correu através de seu corpo, mas a sensação era a de champanhe borbulhando sob sua pele. Correntes vertiginosas de prazer tomaram conta dela, arrepios de êxtase viajavam de sua boceta para seu estômago, serpenteando através de seus braços e pernas.

—Linda, — Trey rosnou, acariciando seu clitóris e empurrando seus quadris. —Deixe-me ver como é bom para você.

O nevoeiro que havia tomado conta de sua mente começou a se desfazer, o que sobrou do calor do orgasmo a deixou relaxada e saciada. Os dedos de Trey desapareceram. Segurando seus quadris, ele inverteu as posições. Ele virou-a de costas. Seu pênis nunca deixou sua boceta, duro e firme dentro dela. Ele agarrou a bunda dela e começou a se afastar, saindo até que apenas a larga cabeça de seu membro estivesse mantendo-se dentro dela. Sem hesitar, ele empurrou todo o comprimento para dentro, fazendo com que ela curvasse os dedos dos pés.

—Eu vou lhe foder com tanta força que você vai me sentir durante todo o dia, Sadie. — Ela olhou para

cima, encontrando os olhos brilhantes. —Isso mesmo. Você vai pensar sobre isso o dia todo. Você não será capaz de andar ou sentar-se sem pensar em mim.

Deusa.

Ele não foi gentil, seus movimentos eram selvagens e ásperos. Uma e outra vez ele empurrou dentro dela, deixando-a ofegante. A maneira como ele a posicionou lhe permitiu ir ainda mais fundo. A cabeça do seu pênis constantemente batendo em uma área sensível dentro dela. Ela agarrou os lençóis em suas mãos, observando-o enquanto ele a fodia. O suor cobriu sua pele, seu peito subindo e descendo rapidamente enquanto ele ofegava.

—Quem você ama? — Ele bombeou mais rápido, balançando os quadris.

—Você. — Que a Deusa a ajudasse. Ela ficava completamente perdida quando estava perto desse homem. Levando as mãos ao peito dele, ela cravou as unhas em sua pele. —Você.

—Isso mesmo. — Movendo os quadris mais rápido, ele rosnou: —Minha. Você é toda minha, caralho.

Os músculos peitorais flexionaram sob as palmas das mãos dela, e o balanço constante estava fazendo com ele se aproximasse do clímax. Ela podia ver a necessidade em seu rosto e ficou impressionada com o brilho de sua íris. Sua barriga vibrou e ela se deliciava com o brilho de tudo isso, sabendo que ela o fazia se sentir dessa maneira. Ele tinha mechas de cabelo grudadas nas têmporas e a parte de trás de sua nuca estava molhada.

Com um impulso final ele se enterrou profundamente, até as bolas – e rosnou quando gozou. Seu pau inchou, sacudindo enquanto jorrava dentro dela. Ainda assim ele continuou empurrando, usando força suficiente para enviar o corpo dela em direção à cabeceira da cama. Ela adorava quando ele agia assim – selvagem e fora de controle. Ele agarrou a bunda dela ainda com mais força, os dedos afundando sobre sua pele. Uma gota de suor escorria de seu peito e caiu sobre a barriga dela. Ela queria estender a mão e esfregar o líquido salgado em sua carne, marcando-se com o cheiro dele.

Por fim, ele diminuiu a velocidade, os movimentos violentos se tornaram suaves e ritmados. Ele permaneceu dentro dela enquanto abaixava o seu

tronco, seus lábios encontrando os dela. A urgência havia passado, sendo substituída por uma ternura que aquecia seu coração. Em um momento ele era todo feroz, tomando o que queria sem desculpas. No momento seguinte, ele era assim, tratando-a como porcelana fina, tocando-a com a doce carícia de seus dedos. Ela queria desmaiar, como se fosse uma adolescente governada pelos hormônios.

Ele era o homem — o único homem — que a fazia se sentir assim.

Ela não tinha mentido para ele na noite anterior.

Se havia uma coisa que ela sabia com certeza era isso: ela pertencia a Trey.

Ela também tinha certeza de que estava exatamente onde deveria estar.

Deus, essa mulher iria acabar com ele.

Trey levantou a cabeça e olhou para baixo, encarando os olhos da única mulher que alguma vez já se colocou sob sua pele. Ele pensava nela o tempo todo, mesmo quando ela estava sentada ao lado dele. Ele sempre pensava em maneiras de fazê-la se sentir

feliz e sorrir, ele tinha necessidade de saber que estava fazendo o que era melhor para ela.

Ainda doía saber que ele quase tinha estragado tudo.

—Vamos companheira. — Ele retirou seu pênis dela com cuidado. Então ele moveu-se para o lado, saiu da cama e levantou-a em seus braços. —Eu tenho certeza que, depois de tudo isso, um chuveiro soa como o céu.

—Uma ducha soa bem. — Sua cabeça descansava debaixo do queixo dele e seu cabelo macio se espalhava contra o largo peitoral. —Mmm, esta é a melhor maneira de começar o dia.

Ela estava totalmente certa.

Ele se recusou a soltá-la, apreciando a sensação de sua pele sedosa contra a dele. Caminhando para o banheiro, ele acendeu a luz com o cotovelo. Em seguida, ele a levou para o chuveiro, entrou, mas permaneceu fora do alcance da água enquanto ligava as torneiras. Enquanto esperava a água esquentar, ele ficou acariciando os cabelos dela, ouvindo seu doce ronronar de contentamento.

— Segure-se, — ele a orientou, enquanto estudava a água fumegante para, somente então, entrar sob o jato.

—Isso é maravilhoso, — ela suspirou e ele relutantemente baixou-a para o chão, mantendo os braços em volta dela até que ela se equilibrasse sozinha.

—Não me faça arrancar o chuveiro. — Ele deu-lhe uma palmada de brincadeira e pegou um frasco de xampu. —Você sabe como eu me sinto sobre a concorrência.

Ela mostrou a língua para ele e ele começou a lavar os cabelos dela. Ele gostava de ouvi-la suspirar, por isso sempre procurava massagear a espuma perfumada em toda a extensão do couro cabeludo. Depois que ele a ajudou a enxaguar o xampu, começou a lavar o corpo dela. Já fazia um tempo que ele não usava mais uma toalhinha para isso, ele preferia usar as mãos para fazer o trabalho. Ela colocou as delicadas mãos sobre os quadris dele e seus seios subiram quando ela inalou e suspirou.

—Temos muito a fazer hoje. — Afastando as coxas para que ele tivesse mais espaço para lavar

entre suas pernas, ela disse: —Eu sei que Ava está animada com a festa, mas eu não tenho tanta certeza. Pode não ser uma boa ideia.

Ele fez uma pausa, olhando para o rosto dela. Sadie era capaz de sentir quando as coisas não estavam bem. Ela disse que era um sentimento interior ímpar de aviso, mas ela não poderia descrevê-lo. —Você sentiu alguma coisa?

—Não, não é isso. — Ela parou por um momento. —Os Pastores gostam de enviar suas mensagens em grande estilo. Há uma razão para eles deixarem todos aqueles corpos para que os encontrássemos. Eles não estão escondendo o fato de que voltaram e de que pretendem voltar à atividade como de costume. Pode não ser nada, mas eu não consigo parar de pensar que eles estão nos mostrando sua mão esquerda enquanto nos impedem de ver o que a direita está fazendo. Há muita coisa que não sabemos.

Imediatamente ele entendeu o que ela estava pensando. Ele nem precisou ler a mente dela.

Ela tinha abordado este tema depois que Ava encontrou um prendedor de dinheiro² que pertencia a Thomas em sua antiga casa. Sadie quis levar o objeto para Leigh imediatamente. A amiga de Sadie – que também é um vampiro — tinha um poder muito especial. Ao tocar o objeto, Leigh poderia levar Sadie até Thomas. O mortal tinha um medalhão em sua posse, que permitiria a Ava ler mentes através de enormes distâncias. Com uma ferramenta tão poderosa, Ava poderia ver qualquer ameaça antes que ela os atingisse. Mas não valia a pena arriscar sua companheira, não importando o quanto isso poderia ajudar a Matilha. Trey tinha certeza que Aldon ainda estava à procura de Leigh. Sadie poderia correr um grande perigo.

—Não! — ele grunhiu, movendo-a contra a parede. Ele segurou o queixo dela e fez com que ela encontrasse seu olhar. —Não é seguro e você não vai sair do meu lado.

—Então, o quê? Vamos apenas ficar aqui e esperar? Ver quem mais eles matam? Deixá-los fazer outra emboscada para a Matilha? Quantos você acha

que eles vão matar da próxima vez? Até agora eles atacaram apenas homens e mulheres. E quando decidirem ir atrás das crianças que jurei proteger? — Ela puxou a cabeça para trás, com um flash de raiva em seus olhos. —Esta é uma solução plausível. Não vai demorar muito tempo para ir. Eu posso ver Leigh, obter a ajuda dela, encontrar Thomas e voltar assim que eu pegar o Zephyr.

—Nós concordamos que só faríamos isso como um último recurso, — lembrou ele, tentando manter a calma. —Nós precisamos de você aqui. Ava tem estado bastante cansada ao longo de sua gravidez para se proteger. Ela precisa de você na casa para vigiá-la. Mary não é forte o suficiente para acompanhá-la quando Diskant não pode sair com ela. Eles precisam de você. Eles devem ser sua prioridade.

—Eu acho que você está sendo um idiota, — ela resmungou e entrou na água para terminar de limpar o sabão que ele havia espalhado pelo seu corpo. Não havia nenhuma dúvida sobre isso, ele não permitiria que ela se arriscasse, de jeito nenhum. Ela poderia ficar com raiva se quisesse. Normalmente, depois que ele ensaboava cada centímetro de seu corpo, ela retornava o favor. Mas ela não ia fazer isso hoje.

Sadie, por mais que ele a amasse, tinha um temperamento dos infernos.

— Se você diz, — ele respondeu suavemente.

—Eu posso cuidar de mim mesma. Nós dois sabemos que eu sou capaz de fazer o trabalho. Você simplesmente decidiu que eu não vou. — Terminando de se lavar, ela o encarou. —Eu posso fazer isso. Você sabe que eu posso. Você está sendo teimoso.

Ele estava sendo teimoso, mas por uma boa razão.

—Falaremos sobre isso mais tarde. Todo mundo vai chegar em breve. Se nos apressarmos, ainda alcançamos o café da manhã.

Ela saiu do chuveiro, sem dizer mais nada, deixando-o sozinho. Sim, ela estava realmente muito chateada. Oh, bem, ela iria superar isso. Ele não estava mentindo. Não inteiramente. Eles tinham começado a planejar novas estratégias para reforçar a segurança, e precisavam ter tudo preparado antes de Ava dar à luz. Todo mundo precisava dela aqui.

Com um suspiro frustrado, Trey lavou o cabelo e lembrou-se que havia uma pequena coisa que sempre funcionava a seu favor.

Sadie se irritava com facilidade, mas ela sempre o perdoava. Mesmo que ela não concordasse com as suas decisões, ela entendia que ele temia pela segurança dela. Ela tinha visto as fotos dos corpos que eles encontraram, e ela já convivia com eles tempo suficiente para saber o que eles estavam enfrentando.

Pastores do caralho.

Um dia — se ele tivesse a chance — mataria todos eles.

CAPÍTULO 4



—Sadie!

Sadie virou as costas para os demais membros da Matilha que estavam sentados com ela em uma das mesas e devoravam a comida colocada diante deles. O sol tinha mergulhado atrás das árvores trinta minutos antes, o céu finalmente estava escuro. As luzes da piscina davam ao concreto um brilho esbranquiçado. Ela sorriu quando viu Arkin vindo para ela. O menino tinha sido o primeiro a cumprimentá-la quando ela conheceu as mulheres e crianças da Matilha. Ele tornou tudo muito mais fácil para ela.

Ela apenas ficou de joelho e esperou ele se chocar contra ela, envolvendo os bracinhos ao redor de seus ombros.

—Oi! — ele cumprimentou e começou a falar em um único fôlego. —Adivinha? Eu fui até a loja e

comprei isso. — Ele levantou um braço gordinho no ar, seus pequenos dedos segurando uma enorme espada de plástico. — Eu queria ter comprado uma de verdade, mas mamãe diz que eu vou cortar meu braço. Talvez você possa falar com ela para mim. Ou me mostrar como usá-la, então eu não vou cortar meu braço e ela vai me deixar ter uma de verdade. Eu quero ser um guerreiro, quando eu crescer.

Pestinha.

—Vamos ver. — Ela se levantou, pegando-o, certificando-se de que ele não batesse em seu rosto com sua arma de brinquedo. — Por que você não come alguma coisa primeiro?

—Eu não quero comer. — Ele fez uma careta, franzindo os lábios de uma forma hilariante. — Eu posso comer a qualquer outra hora. Além disso, eu não estou mesmo com fome. Quero praticar com você.

—Arkin. — A mãe do menino, Helen, se aproximou, com o semblante severo. — O que foi que eu disse?

—Para deixar a senhorita Sadie em paz, — ele resmungou e se contorceu dos braços de Sadie. — Eu só queria mostrar a ela o que eu comprei.

—Sinto muito. Estou tentando lhe ensinar boas maneiras, mas até agora não tive progresso. — Helen levou Arkin pelo braço e ele revirou os olhos. —Ele falou sobre você todo o caminho até aqui.

Sadie não tinha certeza se a mulher estava irritada ou feliz com esse fato.

—Está tudo bem.

—Vamos lá, rapazinho. — As características de Helen suavizaram enquanto olhava para seu filho. — Você pode falar com ela depois que você comer.

—Oh Mãe, — ele lamentou. —Tenho mesmo que comer?

—Sim, — ela informou-lhe secamente. — Continue birrando assim e você vai ter que ir dormir.

Eles se afastaram. Em vez de seguir atrás deles, Sadie ficou perto da porta.

Os membros da Matilha a cumprimentavam quando chegaram, mas ela sabia que eles ainda tinham receio do que ela era. Nada a ser feito sobre isso. Ela só podia esperar que, com o passar dos meses, ela ganhasse a confiança deles. Ela examinou as árvores ao longe. Nada fora do comum até agora.

Havia guardas espalhados ao longo da propriedade e Ava estava concentrando seu poder nos limites fora da propriedade. Era uma coisa boa que a mulher pudesse usar seus poderes para monitorar os pensamentos daqueles que os cercavam.

—Você deveria se juntar a todos. — Trey pegou-a de surpresa, aparecendo do nada, envolvendo um braço em volta da cintura dela. Trazendo os lábios em sua orelha, ele sussurrou: -alguns deles estão se perguntando se você mentiu sobre comer comida de verdade. Eles não acham que você pode realmente comer.

Caramba. Olhando na direção das mesas ela notou alguns homens e mulheres olhando para ela. — Eu não posso ficar de guarda e comer ao mesmo tempo. Por enquanto eu vou ficar aqui.

—Os guardas tem tudo sob controle. Zach está no comando. — Ele retirou uma das mãos da cintura dela e apertou-a em volta dos dedos dela. —É hora de fazer uma boa impressão. Venha.

Ela cedeu, e o seguiu em direção a uma mesa. Seus lugares estavam reservados e já haviam sido colocados pratos de comida e talheres. Trey havia

providenciado tudo – planejado cada detalhe — mas ela não queria comer. Ela se sentia tão nervosa e estava preocupada de não ser capaz de segurar a comida em seu estômago. Ainda assim ela sabia que precisava comer. Um par de mordidas não iria matá-la e a Matilha iria relaxar se ela parecesse normal. Todos eles consideravam sua necessidade de beber sangue repulsiva.

Trey colocou a mão na coxa dela, esfregando os dedos para cima e para baixo em sua perna.

—Continue. Coma.

No instante em que ela pegou o garfo, a conversa em torno da mesa parou. Ela sentiu o peso dos olhares de todos. Eles realmente a estavam observando. Trey não estava brincando. Eles realmente acreditavam que ela não podia consumir alimentos.

Deusa, que vergonha.

Ela se serviu de um pouco de salada de batata e começou a cortar o bife em pequenos pedaços. Ela pegou uma garfada generosa e colocou a comida em sua boca. Estava deliciosa e suave, o fraco sabor de pimenta verde trouxe suas papilas gustativas para a

vida. Ela saboreou o gosto, deixando-o se espalhar em sua língua. Com um suspiro, ela engoliu e se serviu de outra garfada. Em seguida, ela levantou o olhar e deu a todos na mesa um sorriso.

—O gosto é maravilhoso.

—Você tem razão, — disse uma mulher sentada na extremidade oposta. —Eu preciso da receita.

—Ava contratou os fornecedores. Você pode conseguir o endereço com ela.

A tensão diminuiu, os homens e mulheres se acalmaram. A conversa foi retomada.

Trey inclinou-se, murmurando em seu cabelo.

—Está vendo? Uma pequena coisa tem o poder de mudar um monte de opiniões. — Com isso, ele soltou a perna dela e passou a dar atenção a sua própria comida. Ao contrário dela, ele não perdeu tempo apreciando os sabores. Ele caiu em seu prato como um animal, devorando a carne. Ele havia preparado os dois pratos – o dela com uma porção razoável de comida – e o dele tinha uma grande quantidade de pedaços de carne empilhados.

Ela comeu devagar e, o tempo todo, permaneceu atenta ao que se passava ao redor.

A maioria das famílias tinha acabado de comer. Trey tinha avisado que os casais com filhos iriam partir antes que as bebidas alcoólicas começassem a ser servidas. Isso significava apenas mais uma hora antes da festa de verdade ter início. As mulheres com filhos estavam atentas para que seus pequenos limpassem toda a comida que havia em seus pratos.

Trey terminou sua comida em minutos. Quando ela levantou uma sobrancelha, insinuando que ele era um glutão, ele atirou-lhe um sorriso torto. —Relaxe, querida. Termine a sua refeição. Nós não estamos em uma execução. Está tudo bem.

Fácil para ele dizer. Todo mundo confiava nele para protegê-los.

Ela tinha que conquistar esse nível de respeito e confiança.

—Eu já acabei. — Ela conseguiu comer um pouco de tudo que ele tinha escolhido para ela.

—Terminou? — Ele franziu o cenho para ela. — Você mal tocou na comida.

—Ao contrário de você, — ela respondeu, —eu não como como um cavalo.

Ele pegou os dois pratos e se levantou. Ela viu quando ele foi para uma das grandes latas de lixo e jogou os restos dentro. Levantando-se de sua cadeira, ela sorriu para as pessoas à sua mesa.

—Obrigado por terem vindo. É bom vê-los novamente.

Alguns lhe acenaram e continuaram comendo. Ela considerou se deveria tentar conversar mais com eles – talvez um dia pudesse conhecer todos pelo nome – mas decidiu que era melhor não. Ela havia feito progresso hoje. Não havia necessidade de forçar as coisas. Provavelmente era melhor deixá-los conhecê-la lentamente, ao invés de forçar uma amizade.

Afastando-se do grupo, ela foi para Trey, que tinha parado para conversar com um membro do bando que ela realmente conhecia. A súbita onda de alívio lhe permitiu relaxar. Desta vez, ela não teria que manter-se vigilante.

—Olá. — Doc cumprimentou. O médico da Matilha sempre era cordial e educado. —É bom ter

todos juntos. — Ele olhou ao redor até que encontrou Diskant e Ava. —Você conseguiu convencer Ava a relaxar? Ela precisa de mais descanso do que nunca.

—Não muito, — ela admitiu. —Ela é teimosa.

—Dê-lhe mais um mês. Ela vai estar implorando para colocar os pés para cima. — Doc puxou uma garrafa de cerveja do refrigerador ao lado dele. —Eu vou dar uma volta e dizer olá aos outros.

Quando ele foi embora, algo chamou a atenção de Sadie. Havia um membro do bando que ela não tinha visto ainda.

—Onde está Larissa? — perguntou a Trey. — Será que a perna de seu filho curou milagrosamente?

—Essa é uma boa pergunta. — Trey franziu a testa e girado em um círculo, observou todos ao seu redor. —Ela já deveria ter chegado. — Seus ombros ficaram tensos quando ele olhou para ela. —Eu provavelmente deveria telefonar e me certificar de que está tudo bem. Vou pegar o número dela no escritório. — Sua expressão mudou, passando de preocupado a provocador. —Quer vir comigo? Podemos escapar por alguns minutos.

—Hoje não, estou preocupada. — Ficando na ponta dos pés, ela deu um beijo em sua bochecha. Se ela o seguisse até o escritório, eles ficariam por lá mais do que alguns minutos. —Eu vou esperar aqui por você.

Ele ergueu uma sobrancelha e seus lábios se curvaram. Ele olhou para o cooler.

—Você vai ficar servindo cerveja para todos?

—Por que não? — Não era como se ela tivesse mais nada para fazer. Além disso, era um bom local para monitorar a propriedade em torno deles. — Talvez eu seja capaz de conversar com alguns membros da Matilha enquanto faço isso.

—Basta lembrá-los a quem você pertence, caso alguém tenha outras ideias.

Ao invés de se contentar com sua pequena advertência, ele abaixou a cabeça, espalmou o arco das costas dela e puxou-a para si. Ela ficou com um suspiro preso em sua boca quando ele deslizou a língua entre seus lábios. Ela sabia que a Matilha estava assistindo, mas ela não dava a mínima. Ela devolveu o beijo, segurando seus braços. Suas línguas se tocaram, se separaram e voltaram a se

encontrar. Seus corpos pressionados juntos, o membro duro cutucando sua barriga. Seus mamilos endureceram e um jato quente de umidade molhou sua calcinha. Ele resmungou e abaixou a mão para agarrar sua bunda.

Foi então que ela percebeu que ele queria uma audiência.

Ele pretendia que a Matilha os visse juntos.

Quando ele finalmente levantou a cabeça, ela estava sem fôlego.

—Eu voltarei, — disse ele, seu hálito quente contra sua boca. Tudo o que ela podia fazer era acenar com a cabeça, fazendo o seu melhor para manter os joelhos firmes. Seus dedos deslizaram sob o queixo dela e forçaram-na a olhar para ele. —Você não tem ideia de como é linda, toda corada e excitada. — Ele inalou e rosnou. —Você tem um cheiro tão bom, Sadie. Por que você não vem para o escritório? Eu tive o jantar. É hora para a sobremesa.

—Você é incorrigível. — Sua voz tinha mudado, tornando-se profunda e rouca. Se ele não saísse logo ela iria aceitar sua oferta e seria capaz de ir até para o

inferno com ele. —Vá telefonar. Certifique-se que está tudo bem.

—Covarde, — disse ele, brincando com ela. — Fique aqui. Eu não vou demorar.

Ela assentiu com a cabeça e ele deu-lhe um rápido beijo nos lábios. Ela não teve coragem de olhar para ninguém quando ele se afastou, respirando de forma lenta e constante. Ela queria que seu coração parasse de bater tão acelerado em seu peito. Sua calcinha estava tão molhada que ela agradeceu por ter decidido usar suas calças de couro e não um jeans. Caso contrário, sua excitação teria vazado através de sua calcinha de algodão fino e manchado sua calça jeans.

Em um esforço para não parecer afetada pelo beijo de Trey, ela começou a verificar as bebidas. Havia uma grande variedade de bebidas alcoólicas que a Matilha poderia desfrutar, variadas marcas de cerveja nacional e importadas, e também vinho. Ela não estava pensando em beber qualquer coisa, mas ela fingiu estar interessada, estudando algumas das garrafas de cerveja preta. Ela não precisava chamar mais a atenção sobre si mesma.

Já era ruim o suficiente que todos soubessem o quanto ela estava excitada.

Algo esbarrou em sua perna e ela recuou. Quando ela olhou para baixo, encontrou o olhar de Arkin. Ele estava de frente para ela, com a espada na mão.

—Eu comi, como você me disse para fazer, — disse ele, franzindo o nariz.

—Você não gostou da comida? — De alguma forma ela conseguiu não rir. —Você precisa se alimentar bem para crescer forte e saudável.

—Eu já sou saudável, — informou ele. —Você vai me mostrar como usar isso ou não?

—Você não quer ir brincar com seus amigos? — Havia várias crianças da idade dele. —Você pode achar mais divertido ir brincar com eles.

—Não, eles só gostam de brincadeiras bobas. Esta festa está muito chata. — Espetando-a com a espada e olhando em seus olhos, ele perguntou: — Você vai me ensinar a usar a espada ou não?

Porcaria. Ela não queria chatear a mãe do garoto – o que certamente iria acontecer se ela o

ensinasse a lutar. Ela também não queria decepcionar o menino. O que diabos eu faço?

—Bem? — perguntou ele, impaciente. —Você vai me mostrar ou não?

Pensando rápido, ela olhou para o celeiro ao longe.

—Eu tenho uma ideia melhor, — respondeu ela, formando um plano em sua mente. Helen certamente concordaria que essa seria uma excelente maneira para entreter o indisciplinado diabinho. —Você é bom de esconde—esconde?

Ele abaixou o brinquedo e arregalou os olhos para ela.

—Você está brincando? Você soa como as outras crianças. Esse jogo é para bebês!

—Não, não é. — Ela cruzou os braços sobre o peito e tentou parecer intimidante e arrogante. —Eu sou a melhor nesse jogo. Ninguém jamais foi capaz de me encontrar.

—Isso é porque você usa a magia, — ele disse, soando bastante natural. —Você trapaceia.

—Não, senhor. Nenhuma mágica. Eu sou apenas muito boa.

—Eu poderia lhe encontrar. Mesmo se você trapaceasse. — Ele bateu a ponta do nariz com o dedo. —Eu tenho um nariz forte. Mamãe me disse isso.

—Sério? — ela colocou a mão no ombro de Arkin. —Por que não perguntar a sua mãe se podemos brincar disso? Se você for tão bom quanto você diz, então, depois, podemos treinar com a espada. O que acha disso?

—Parece que você está tentando me enganar. — Mesmo parecendo descontente, ele não discutiu. —Se você quer que eu seja a primeira pessoa a descobrir você no esconde-esconde, então eu vou. Mas você tem que prometer que depois que eu encontrar você, vamos fazer o que eu quiser.

Esperando que não fosse se arrepender, ela cedeu.

—Eu prometo.

—Vamos nos apressar. Eu preciso encontrar logo você para que possamos ter algum divertimento real.

Ele decolou na direção de sua mãe. Sadie começou a se movimentar entre as pessoas e ninguém pareceu lhe dar qualquer atenção. Ela havia superado mais uma etapa. Todos estavam à vontade e não se importavam com o fato de ela estar entre eles.

Arkin encontrou sua mãe e lhe contou rapidamente a oferta de Sadie. Helen — parecendo derrotada e sem qualquer vontade de argumentar com a criança — deu-lhe um aceno de cabeça. Ele afastou-se dela, correndo direto para Sadie.

—Ela disse sim! — ele gritou alto o suficiente para que todos pudessem ouvir. —Vamos correr até o celeiro. Quem vencer poderá se esconder primeiro.

Com isso, ele saiu correndo. Ela nem sequer tentou alcançá-lo. Era melhor se ele se escondesse primeiro, assim ela poderia fingir que não conseguia encontrá-lo. Embora Helen não parecesse se importar que eles brincassem de esconde—esconde, Sadie tinha certeza que ela não ficaria feliz se seu filho aprendesse a lutar. Ela decidiu fazer as coisas com

cuidado, esperando poder entreter Arkin até que Trey voltasse.

Ela esperava que o telefonema trouxesse boas notícias. Quanto mais cedo ele voltasse para ela, melhor.

Embora ela amasse as crianças, ela descobriu que estava com medo de seus pais.



Trey andava de um lado para o outro no escritório. Ele ligou diversas vezes para a casa de Larissa, sem resposta. Seu companheiro, Jonathan, não a teria deixado vir à festa sem ele. Talvez eles estivessem apenas atrasados? A perna quebrada de Jay poderia ter dificultado a viagem. Será que eles tiveram problemas com o carro? Mas se fosse isso, porque não entraram em contato com um membro do bando e pediram ajuda?

Pegando novamente o Rolodex³, estudou a ficha com o contato deles. Não havia número de celular, apenas o telefone da casa.

Filho da puta.

Ele tinha que decidir o que fazer. Ele também tinha que avisar a Diskant, mas não podia fazer isso diante de toda a Matilha e deixá-los preocupados. Eles estavam se divertindo bastante. Ele devolveu o telefone para o receptor e puxou o celular do bolso. Uma mensagem de texto para Diskant resolveria a questão. Ninguém desconfiaria porque o Ômega estava sempre falando ao celular ou verificando mensagens de texto.

Ele rapidamente digitou o que Diskant precisava saber e apertou a tecla enviar.

Feito isso, ele saiu do escritório, ansioso para retornar para sua companheira.

Um sorriso apareceu em sua boca.

Sadie pensou que seria suficiente dar-lhe um beijo no rosto, na frente de toda a Matilha, como um



símbolo de seu amor. A mulher não tinha ideia de com quem ela estava lidando. Os machos sempre faziam questão de demonstrar aos outros a quem suas mulheres pertenciam. Era parte da vida com lobisomens — inferno, era parte da vida da maioria dos shifters que viviam em comunidades — proporcionar demonstrações públicas de afeto. Alguns shifters se sentiam tão à vontade que não tinha qualquer problema em fazer sexo nos corredores ou nos banheiros. Eles não se importavam uma merda se estavam sendo observados por um ou por todos os membros da Matilha.

Ele saiu do escritório e seguiu pelo corredor em direção à sala de estar. Assim que ele entrou, ele encontrou Diskant. Deixe que o Ômega fique em alerta constante. Ele riu e se moveu em direção ao homem, quando seu olfato o alertou.

Alarme. Preocupação.

Medo.

—O que há de errado? — ele perguntou imediatamente, sua euforia desaparecendo.

—Ava estava ouvindo os guardas posicionados ao longo dos limites da propriedade. Um deles pegou

um cheiro do lado de fora, — Diskant respondeu, com os olhos virando uma sombra sinistra de verde. —Ele identificou claramente como sangue, e não estava muito longe da cerca. Ele acha que está a menos de um quilômetro de distância. Ele está compartilhando a notícia com os outros guardas enquanto falamos.

Porra.

—Você recebeu minha mensagem?

—Sim, — confirmou Diskant, rosnando. —Eu quero que você vá com eles, antes que alguém perceba o que está acontecendo. Ava está distraindo a todos, falando sobre o bebê. Precisamos descobrir com o que estamos lidando antes que a Matilha perceba que algo está errado.

O pensamento de Trey não estava ocupado com o que eles poderiam estar lidando.

—Onde está Sadie? — Ele só estava pensando em sua companheira. Ele a queria. Agora. Ao lado dele, para que pudesse protegê-la. Ele poderia chamá-la mentalmente, mas ela já estava bastante nervosa por estar reunida com toda a Matilha. Ele não queria pegá-la desprevenida. —Eu a quero comigo.

—Arkin está com ela. Eles estão brincando de esconde-esconde no celeiro. — Diskant olhou para a porta, certificando-se de que ninguém estava perto para ouvir. —Ela está bem. É com a Matilha que você precisa se preocupar. Mexa sua bunda até a cerca e veja o que está acontecendo. Os outros guardas não vão demorar a perceber que algo está acontecendo. Eles vão investigar o cheiro. Quando o fizerem, eles vão abandonar seus postos e deixar áreas não monitoradas em torno da propriedade. Você precisa chegar logo até eles e se certificar de que todos permaneçam em suas posições.

Putá merda.

—Eu quero que você vá atrás de Sadie e diga-lhe para vir para a casa, — disse ele encarando Diskant, com fúria correndo em suas veias. Ele não podia se comunicar com ela através de telepatia. Se ele dissesse a ela o que tinha acontecido, ela provavelmente levaria Arkin de volta para sua mãe e se teletransportaria até Trey. Se alguém a visse fazendo isso, iria suspeitar que algo estava errado. — Eu a quero na casa.

—Ela está bem, vá falar com...

—Não! — Trey rosnou, avançando sobre Diskant. —Eu quero a minha companheira. Aqui. Agora mesmo. Envie alguém até ela, se quiser, mas certifique-se que ela esteja dentro da casa. Eu não vou a lugar nenhum até que eu saiba que ela está devidamente protegida. — Encarando o Ômega nos olhos, ele disse: —Você faria o mesmo se fosse por Ava. Eu não estou negociando. Assim que ela estiver em um lugar seguro, eu vou.

—Tudo bem, — Diskant rosnou, dilatando as narinas. —Mas é melhor você começar a se mexer antes que alguém perceba que tem alguma merda acontecendo. As coisas poderiam ficar muito confusas.

Dirigindo um olhar furioso para seu amigo e Ômega da cidade, Trey saiu da sala. Ele foi até a área de entretenimento e abriu a porta. Seu primeiro destino? Sua companheira. Diskant levaria muito tempo para chegar até ela. Trey teria que encontrá-la em primeiro lugar. Até que ela estivesse com ele, nada mais importava. Ele parou quando viu sua companheiro entregar um Arkin raivoso de volta para sua mãe.

—Você não brincou comigo, — ele gritou e empurrou o peito de sua mãe quando Sadie o entregou. —Isso não é justo! Você disse que brincaria comigo. Você mentiu!

—Sinto muito, — ela disse suavemente, roçando os dedos sobre o cabelo dele. —Prometo brincar com você depois. Venha aqui outro dia e nós vamos passar muito tempo juntos. Eu tenho que fazer algumas coisas agora.

Ela não entrou em detalhes sobre o problema, deixando o menino para trás. O alívio bateu em Trey, tão forte que ele quase tropeçou. Ela parecia alarmada, as sobrancelhas franzidas, olhos azuis um tom mais claro do que o habitual. Ela correu em direção a ele, alcançando em segundos.

—Alguma coisa está errada, — ela sussurrou, quando eles estavam a poucos centímetros um do outro, seu olhar correndo para aqueles que estavam atrás dela no pátio da piscina. —Eu vim assim que Ava me disse que precisava de mim na casa. O que está acontecendo?

Se ele soubesse. —Eu ainda não tenho certeza.

—Ava me disse que eu precisava ir até os portões da propriedade. — Sadie estava em seu modo de guerreira. —Precisamos chegar lá antes que os guardas comecem a se mover.

—Relaxe. — Ele passou o braço em volta da cintura dela. Seria difícil, mas eles tinham que fingir que estava tudo bem. —Nós temos que fazer isso direito.

Ele liderou o caminho, aninhando a cabeça de Sadie em seu ombro. Para todos, eles pareciam um casal recém-acasalado. Eles se moveram passando pelos membros da Matilha. Alguns os observaram, mas a maioria nem ligou. Trey dirigiu seu olhar para Ava. A fêmea olhou para ele de seu lugar na espreguiçadeira. Diskant se juntou a ela, parecendo estar à vontade. Ele colocou a mão na barriga de Ava, falando sobre como ele estava animado para conhecer seu filho. Os membros da Matilha em torno dele começaram a sorrir, perguntando se Diskant já sabia se iria ser uma menina ou um menino.

—*Isto é como deveria ser,* — Trey falou na mente de Sadie. —*Nós não precisamos causar pânico. Diskant precisa parecer relaxado.*

—*Eu sei, mas as coisas não estão bem. Zach está do lado de fora dos limites. Ele encontrou alguma coisa.*

—*Que tipo de coisa?* — Adrenalina inundou o sistema de Trey. —*O que ele encontrou?*

Sadie não parou de caminhar, mas ela olhou para ele antes de responder:

—*Eu não estou totalmente certa, mas estamos prestes a descobrir.*

Eles continuaram em frente, movendo-se além do jardim ao redor da piscina. Eles passaram pelo portão, que tinha sido mantido aberto. Logo eles entraram na área gramada que ficava do lado de fora da casa. Eles esperaram até que estivessem fora de vista para começarem a correr em direção à entrada principal da propriedade.

Um guarda apareceu, correndo diretamente para eles.

—*Depressa,* — ele bufou. —*Venham.*

—*O que você achou?* — Trey o agarrou. —*Conte-nos.*

—Eu não fui informado. Eu só sei onde você pode encontrar o grupo de busca. — O guarda fez um gesto em direção à cerca. —Você vai ter que seguir por mais ou menos meia milha⁴, descendo pela estrada principal. Você vai encontrar Zach lá. Ele disse para você chegar lá o mais rápido que puder. É urgente.

Os guardas já haviam se movido. Merda.

Trey se manteve ao lado de Sadie, as palmas das mãos pegajosas, seu coração trovejando. Ele não era um vampiro ou telepata, mas ele sabia que algo estava muito fodido. Ele podia cheirar o sangue, não muito longe. E quem quer que tivesse sido ferido, também carregava um cheiro forte de medo.

Seria um lobisomem? Ou outro shifter?

E se ele tivesse chegado tarde demais?

—*Calma*, — Sadie falou na mente dele, a palavra soando como uma carícia suave. —Você tem que ter calma. Nós podemos fazer isso. Pense com sua cabeça, e não com suas emoções.

Isso não era bom ... definitivamente.

⁴ Aproximadamente 800 metros (1 milha = 1.609 metros).

—O que você não está me dizendo, companheira? — Ele rosnou para ela, não mais utilizando a sua conexão mental. —O que há lá na frente? Eu tenho o direito de saber.

—Você vai saber, — ela olhou para ele, seus olhos escuros, -logo.

Porra.

—O que você não está me dizendo? — ele rosnou mais alto.

—*Estamos quase lá,* — ela voltou a falar na mente dele. —Você só vai piorar as coisas agindo assim. Escute-me. Não há nada que possamos fazer. Use seu nariz. O cheiro da morte está no ar. Você vai perturbar a mulher que precisa de nós mais do que nunca. Você é um Alfa, então seja um Alfa. Você não pode se dar o luxo de se abalar com o que vai encontrar. Você tem que pensar em todas as outras pessoas que precisam de nós. Isto é o que ela precisa.

—*Quem diabos é 'ela'?* — pensou ele de volta, pronto para estrangular sua companheira. — *Responda-me, porra.*

Em poucos passos, ele teve sua resposta. Ele viu Zach ajoelhado sobre um corpo de formas pequenas. Trey sentiu o cheiro enferrujado de sangue no ar, e viu quando seu Beta segurou a mão da mulher ferida.

—Por favor, — ela ofegou. —Por favor.

—Não se preocupe, — disse Sadie, saindo do lado de Trey e dirigindo sua atenção para a mulher. —Está tudo bem. Nós estamos aqui. Estamos com você.

Seu companheiro se ajoelhou ao lado da mulher e cuidadosamente afastou o cabelo que cobria o rosto sujo de suor e sangue de sua companheira de Matilha. A mulher estava sem a pele em ambos os braços. Um pedaço de carne tinha sido arrancado de seu rosto, que ia desde abaixo de seu olho até a mandíbula. Buracos de bala cobriam seu corpo — incluindo um grande no centro do peito, de onde escorria sangue. Ele congelou quando reconheceu a mulher e compreendeu a gravidade da situação.

Larissa.

Não. Porra. Por favor, não.

Ele hesitou, sentindo como se seu coração tivesse sido arrancado de seu peito.

—*Eu vou vasculhar os pensamentos dela.* — Sadie disse a ele através de sua conexão. —*Ela não tem mais muito tempo neste mundo. Ela está preocupada com seu filho. Ela quer muito nos dizer algo. Eu sinto isso.*

—Eles os pegaram. Eles levaram Jonathan e Jay. — O corpo nu de Larissa sofreu um espasmo e todos os músculos ficaram tensos. —Você tem que encontrá-los. Eles precisam de sua ajuda.

—Eu vou ajudá-los, — Sadie disse com calma. Ela tentou consolar a mulher, acariciando o lado de seu rosto que não estava ferido. Seus dedos cuidadosamente evitavam as áreas onde estavam faltando pele e a carne estava exposta. —Eles vão ser resgatados. Eu vou fazer o que for preciso para trazê-los de volta para casa. Eu sei o que aconteceu. Você me deu todas as informações que eu preciso. Dou-lhe a minha palavra. Vamos trazê-los de volta.

Os olhos de Larissa se abriram e ela olhou diretamente para o rosto de Sadie. —Como?

—Eu li seus pensamentos, — Sadie sussurrou.
—Sinto muito. Era a maneira mais rápida.

Em vez de demonstrar raiva, Larissa pareceu agradecida. —Eu entendo.

Em seguida, segundo a segundo, o brilho em seus olhos desapareceu. Larissa estremeceu, tossiu. Seu corpo sofreu mais espasmos e os dedos se curvaram em garras. Sadie parou de tocá-la e uma lágrima escapou de seu olho, arrastando-se pelo rosto.

Durou apenas alguns segundos, mas pareceram horas.

—Ela se foi. — Sadie murmurou, tirando Trey de seu estupor.

—Diga-me o que você disse a ela. O que ela ouviu de você que a fez se sentir melhor no final? — ele rosnou, com fúria irradiando dele. Sadie não ficou muito tempo ao lado da mulher. Ele não tinha certeza se ela conseguiu ver, no meio das lembranças de Larissa, o que ela precisava saber. Ele não queria parecer agressivo, mas ele estava tão dilacerado e devastado que ele precisava de alguma coisa —

alguém — para suportar o peso de suas emoções instáveis. — Não me diga que você mentiu.

— Eu nunca mentiria. — Sadie levantou a cabeça. — A família dela está na cidade. A última vez que ela os viu eles ainda estavam vivos. — Com o peito arfante, Sadie continuou, as lágrimas banhando suas bochechas. — Eles fizeram o marido e o filho assistir enquanto a machucavam. Eles queriam que eles a vissem sofrer. — Ela virou o rosto para Trey e o encarou com seus olhos azuis, que agora estavam quase brancos. — Chegou a hora, — disse ela, levantando-se. — Eu não vou ficar parada e deixar que isso aconteça de novo. Eu tenho a capacidade de ajudar o seu povo. Você não pode me impedir de ajudá-los.

Os pensamentos dele fervilhavam.

Sadie poderia entrar em contato com Leigh e encontrar o amuleto que iria reforçar os poderes de Ava — mas a que custo? E se ele a perdesse? E se ela morresse?

Seu estômago deu um nó, o seu coração parou uma batida. Ele não podia perdê-la. Não outra vez. Ele não iria sobreviver. Ele passou meses longe dela e

foi como morrer lentamente. Ela não podia pedir isso a ele. Ele não podia permitir isso.

—A Matilha, — disse ela inesperadamente, interrompendo seus pensamentos.

—A Matilha? — ele repetiu entorpecido.

—Eu sei como você se sente, — disse Sadie, limpando as lágrimas do rosto. Ela afastou-se para permitir que Zach cobrisse o corpo de Larissa com seu casaco. Sadie abaixou-se e fechou os olhos de Larissa. —Isto não é sobre nós. É sobre eles. — Agarrando a gola de sua camisa, ela levantou a cabeça, olhou para ele e dirigiu sua atenção para a marca em seu ombro. —Eu jurei proteger o seu povo, e eu vou. — Com um suspiro profundo, ela disse, — Eu o amo, Trey. Que a Deusa me ajude, eu o amo. Mas eu não vou deixar que outros venham a sofrer quando eu posso ajudar. Não me peça isso. — Liberando sua camisa, ela sussurrou com voz rouca: — Por favor. Eu posso ajudar. Não me diga que eu não posso. Não agora.

—Eu não posso lhe perder, — foi uma resposta totalmente honesta — e totalmente egoísta. —Eu não posso.

—Vampiros acreditam que as almas se entrelaçam, — disse ela, começando a se afastar do corpo de Larissa. —É por isso que certas pessoas acasalam. Mesmo se um dos companheiros morre, a conexão nunca é quebrada. Ela é eterna. Eu já ouvi histórias de casais que continuaram se encontrando além do tempo e da morte. Alguns da minha espécie acreditam na reencarnação, outros dizem que é um mito. Eu escolhi acreditar que quando você ama, a outra pessoa é tudo o que importa na sua vida. Mas eu escolhi me tornar uma guardiã. Porque eu queria ajudar os outros. Então você veio e mudou tudo. — Parando diante dele, ela colocou a mão em seu peito, diretamente sobre o coração. —Estas pessoas são o seu povo. Nosso povo. Não me peça para abandoná-los nessa hora de necessidade.

Ruídos surgiram atrás de Trey e ele se virou. Diskant tinha chegado com vários lobisomens. Ele passou pelos guardas indo direto para o corpo de Larissa.

—Voltem para os seus postos. — Diskant ordenou. —Agora.

—Trey, — Sadie disse baixinho, segurando o queixo dele e direcionando seu olhar para ela. — Podemos acabar com isso. Eu posso acabar com isso. Você tem que ter fé em mim. Você tem que confiar em mim.

Os olhos dele se moveram na direção da mulher caída a poucos metros de distância.

Ele queria concordar com ela, mas só conseguia ver o corpo de sua própria companheira morta no chão.

Sadie estava certa. Era seu trabalho — o seu dever — proteger a Matilha.

No entanto, ele colocou Sadie acima de tudo. Ela era sua prioridade. Não havia um único macho ou fêmea acasalado na Matilha, que não teria feito o mesmo. Uma vez que um shifter encontrava a pessoa destinada para eles, toda a sua atenção era direcionada para sua outra metade.

Mesmo ele sendo o Alfa da Matilha, as coisas não funcionavam diferente.

—Se é assim que você quer que as coisas sejam, eu vou com você, — ele rosnou, alimentando seu

desejo de vingança. —Você não vai enfrentar nossos inimigos sozinha.

—É assim que as coisas devem ser. — Sadie permaneceu encarando-o. —Nós vamos decidir sobre isso juntos. Mas você tem que concordar que algo tem que ser feito. Olhe para o que aconteceu. Olhe para o que foi tirado de nós. Isso não vai parar. — Sadie suspirou, outra lágrima apareceu em seus grossos cílios e deslizou pelo seu rosto. Aproximando-se, ela sussurrou na mente dele. —*Confie em mim, por favor. Diskant está aqui. Ele vai perceber se suas emoções continuarem tão instáveis. Não diga nada que possa comprometer nossa situação. Temos de estar unidos. Não podemos deixá-lo pensar, nem por um instante, que não podemos lidar com isso. Faça o que for preciso para manter sua raiva sob controle.*

Com tudo o que estava acontecendo, ele tinha outra opção?

Segurando sua companheira bem próxima a seu corpo, ele encarou o Ômega.

Sua companheira estava certa. Um deslize e Diskant tiraria de Trey seu título e escolheria outro

para fazer o trabalho. Trey precisava permanecer calmo e focado. Histeria não ajudaria nenhum deles.

Permanecer juntos.

Não recuar.

Sadie acariciou seu braço, dando-lhe força. Ele se deleitou com o sentimento, querendo aproveitar ao máximo a sensação. Ela o conhecia melhor do que ninguém. Um leve toque foi o suficiente para acalmar a besta dentro dele. Se ela queria a sua confiança, ele daria a ela.

Ele deu um passo a frente, mantendo a cabeça erguida.

Com Sadie ao seu lado, ele poderia fazer isso.

Confortado pelo apoio dela, ele olhou diretamente para Diskant e preparou-se para o que estava por vir.

Eles cuidariam das coisas da mesma forma que sempre fizeram.

Um passo de cada vez.

CAPÍTULO 5



Sadie tentou manter a calma, ouvindo a discussão em torno dela. Demorou algum tempo até que todos os outros membros da Matilha partissem em seus carros. Depois Diskant chamou os que ficaram para uma reunião na sala de estar. As coisas tinham corrido bem até que Sadie tinha mencionado que poderia viajar mais rápido se fosse sozinha. Trey rejeitou a ideia no mesmo instante e todos resolveram dar sua opinião sobre o assunto.

Eles queriam que ela fosse buscar Leigh e voltasse o mais breve possível.

Trey a queria colada ao seu lado.

—Você me disse que nós iríamos fazer isso juntos, — ele rosnou. —Esse foi o acordo.

Sadie lembrou a si mesma para não perder a paciência. Ela podia sentir a determinação de Trey. Ele nunca a deixaria ir.

—Esta é a nossa família, — ela lembrou a ele mais uma vez. —Você está arriscando sua vida tentando me proteger. Eu não vou deixar você fazer isso.

—Precisamos encontrar Thomas, — Ava disse baixinho, franzindo a testa enquanto olhava para Trey. —Sadie tem tudo que ela precisa. Se ela pode ir até Leigh e conseguir sua ajuda, será muito mais fácil. Nós só precisamos saber onde Thomas está. Com o Zephyr poderemos manter a Matilha a salvo do perigo. Sadie não vai demorar. Pense nisso, Trey.

Sadie tentou não estremecer quando Trey rosnou. Ela não sabia o local exato onde Leigh estava. No entanto, Caden Stone — o único membro humano da Matilha — havia permanecido em estado de espera, aguardando ordens de Diskant. Ela poderia se reunir com Cade e ele a levaria até Leigh. Uma vez que estivessem juntas, Sadie poderia facilmente sincronizar os seus pensamentos com os de sua amiga.

—Leigh trabalha rápido e eu sei que ela vai ajudar, — disse Sadie. —Se eu tiver sorte eu posso estar de volta pela manhã.

Trey rosnou, abraçando-a. Em sua mente, Sadie o ouviu rugir: —*Você me deu sua palavra.*

Ela estava até o pescoço metida em uma grande confusão.

Ela prometeu a Trey que eles trabalhariam juntos, e ela queria muito isso. Mas depois que ela tinha visto Larissa – espancada, ensanguentada e deixada para morrer — ela não tinha certeza se eles seriam capazes de chegar a um acordo. Como companheira de Trey ela queria estar lá quando ele precisasse dela. Esse foi o principal motivo que a fez lhe dar sua palavra sobre levá-lo junto com ela. Mas eles não tinham tempo para arrumar a bagagem, entrar no um carro e fazer uma viagem.

Larissa havia sido brutalmente torturada antes de ter parte de sua pele removida. Sua morte tinha sido lenta e dolorosa. Alguém esteve em sua casa e trouxe artigos de vestuário que pertenciam a seu marido e filho, mas rastreá-los levaria tempo. Isso significava que Sadie teria que se encontrar com

Leigh o quanto antes. Ela não podia permitir que o pai ou o filho morressem simplesmente porque ela tinha sido muito lenta. A verdade era que ela tinha que ir agora, enquanto ainda havia uma chance de que eles estivessem vivos. Ela tinha um objeto que pertencia a Thomas. Se conseguissem recuperar o Zephyr, Ava poderia cuidar do resto.

—Eu não vou lhe deixar, — ela girou para enfrentar Trey. Seu cabelo estava uma bagunça ao redor do rosto, e os olhos se moviam de forma frenética, com preocupação. Colocando uma mão em seu rosto, ela tentou argumentar com ele. —Eu vou voltar. Você sabe que nada poderia me manter longe de você. Esta é a melhor solução para o problema.

—Você não é uma solução, — ele rosnou, colocando a sua grande mão sobre a dela. Ela sentiu o calor de sua pele. O brilho em seus olhos mudou, tornando-se feroz e assustador. —Não me peça para fazer isso. — Ela podia ouvir como ele estava sofrendo. —Ponha-se no meu lugar.

—Não temos outra escolha. Eu não vou fazer nada perigoso, — ela jurou, estudando-o. —Se algo acontecer, eu uso minha magia e volto.

Imediatamente. Eu não vou lutar. Eu não vou me arriscar. Eu lhe dou a minha palavra.

—Por favor, Sadie. — Quando ela encontrou seus olhos, ouviu o tumulto em sua cabeça. —Não me empurre, não me faça ultrapassar os meus limites.

—Eu não estou tentando fazer isso. Eu estou sendo sincera. Se alguma coisa — qualquer coisa — acontecer, eu volto.

—Precisamos tomar uma decisão.—, a voz profunda de Diskant ressoou na sala. —A Matilha sabe que algo está errado. Eles não pararam de fazer perguntas depois que eu voltei e eu disse que tivemos uma emergência. Eles vão querer se encontrar com você na parte da manhã, Trey. Nós vamos ter que explicar porque a festa acabou antes mesmo de começar.

—Cade está esperando. — Zach falou, dando um passo à frente. —Ele está pronto para se encontrar com qualquer um de nós. Agora mesmo. Mas precisamos tomar uma decisão. Aqueles que estão abrigando Leigh só concordaram em recebê-la na casa por pouco tempo. Algo a ver com seus escudos mágicos. Você só poderá se encontrar com Leigh se

partir agora. — Olhando para Diskant pelo canto dos olhos, Zach advertiu: -se você não tomar uma decisão logo, você vai perder a oportunidade. Eles toleram a presença de Nathan porque ele é companheiro de Leigh, mas se descobrirem que outro membro da Matilha está indo para sua casa, eles não vão aceitar. Se eles suspeitarem que Cade tem alguma conexão conosco, eles vão expulsá-lo, junto com Nathan, da propriedade.

—Nathan não vai partir, — disse Ava. —Você sabe que ele não vai.

Isso não poderia acontecer. Leigh precisava ficar escondida. O enclave que tinha oferecido abrigo a Leigh tinha o poder de manter sua localização em segredo. Se Nathan criasse problemas, eles poderiam pedir para Leigh partir. —Eles capturaram um menino e seu pai, — Sadie disse para Trey, olhando diretamente em seus olhos – que estavam brilhantes da cor de uísque. —Se eles ainda estiverem vivos, eu posso ajudá-los. — Respirando, ela repetiu: —Nós podemos ajudá-los. Deixe-me fazer isso.

—Eu não quero que você vá, — Trey sussurrou.

A resposta estava cheia de tanta emoção.

Deusa do caralho.

Sadie tentou manter a cabeça no lugar e lembrar por que ela precisava ir sozinha para se encontrar com Leigh. Fazer uma viagem levaria muito tempo, tempo que Jonathan e seu menino não tinham. Isso tinha que ser feito com pressa. Embora os Pastores estivessem monitorando as Matilhas, ela acreditava que eles não sabiam sobre sua chegada. Isso colocava os filhos da puta em desvantagem. Ela podia encontrar Thomas, pegar o amuleto e entregá-lo a Ava.

Sem barulho, sem confusão.

Espero.

—Eu não quero ir, — ela respondeu, mantendo as palavras tranquilas. —Não pense assim. Você está fazendo parecer que eu quero deixá-lo. Eu não quero. Eu tenho que fazer isso. Ava precisa do amuleto.

Trey rosnou, o som feroz enviando um aviso pela espinha de Sadie. Em um instante Diskant estava em pé, de frente para Trey. Ele puxou os lábios para trás, revelando um toque de seus longos e afiados caninos.

—Você disse que iria fazer o que fosse melhor para a Matilha, mesmo depois de acasalado. Você jurou que iria colocá-los em primeiro lugar. Você não está fazendo isso agora. Você está virando as costas para eles.

—Se Ava estivesse na mesma posição... — Trey rosnou e não recuou, virou a cabeça longe de Sadie para ficar de frente para Diskant — ...você faria o mesmo porra! Diga que você não faria. Diga-me que não iria reagir da mesma forma.

—Eu faria sim. — Diskant rosnou e também não recuou. —Mas nós não estamos falando de Ava. Estamos falando de você e sua companheira. Estamos falando da posição que você aceitou. Estamos falando da promessa que você fez para a Matilha quando a apresentou a eles. Não tente virar essa merda de volta para mim.

—Trey, pare, — Sadie suplicou ao único homem que governava seu mundo, deslizando seus dedos pela bochecha dele. —Esta é a maneira mais fácil de fazer isso. Eu sei que você não gosta disso — nem eu — mas é o melhor.

As íris de Trey mudaram de cor novamente, tornando-se douradas.

Se eu perder você de novo eu vou morrer.

Ele não queria que ela ouvisse o pensamento, mas ela ouviu.

A determinação dela estava drenando as forças dele. Ele estava tão preocupado, tão assustado.

—Você não vai me perder. Dê-me uma certa quantidade de tempo. Eu prometo que vou voltar para você antes que o prazo termine. Eu posso ser o que a Matilha precisa. Deixe-me provar o meu valor. Podemos mantê-los seguros. Eles merecem receber muito mais de nós. Essa tragédia pode ser transformada em outra coisa.

Ele balançou a cabeça, franzindo as sobrancelhas escuras.

—Não me deixe.

—Eu nunca o deixarei. Nunca. — Se dependesse dela, ela ficaria ao seu lado para sempre. —Você sabe como eu me sinto sobre você. Se fosse por mim eu ficaria com você a cada hora de cada dia. Você precisa pensar sobre a mulher que morreu por causa do que

ela era. Pense sobre o pai e o filho que vão morrer se eu não for.

—Cade está pronto, — Diskant disse, a voz soando como um rosnado baixo. —Ela vai ficar aqui? Ou você vai deixá-la ajudar?

—Trey, — Ava interrompeu. —Pense sobre isso. Pense muito bem sobre isso.

Não quero que ela vá. Sadie acariciou o rosto de Trey, dando-lhe tempo para resolver através de suas emoções. Ele não estava compartilhando seus pensamentos com ela de forma consciente, então ela tentou fingir que não os ouvia. *Ela poderia se machucar. Ela poderia ser morta. Então, o que vai ser de mim?* Algo interrompeu seus pensamentos — o lobo dentro dele. *Pense na Matilha. Você prometeu ser o líder deles. Você está falhando com eles agora. Você está sendo fraco. Nossa companheira é forte.*

As duas personalidades estavam em conflito — homem contra besta — e ela não podia suportar.

—*Eu vou voltar,* — ela falou na mente dele, acariciando seu rosto, apelando para o homem. —*Se houver qualquer perigo, de qualquer tipo, eu vou voltar para você.*

—Uma hora. — As palavras soaram como se tivessem sido arrancadas da alma de Trey. —Não mais do que isso. Ela tem uma hora para ajudá-los e, em seguida, eu a quero de volta. Sem negociação. Nada de mudanças de último minuto. Se as coisas não forem exatamente como eu quero, eu estou fora. Você está pedindo mais do que eu tenho para dar. — Seu rosto girou na direção dela – olhos cor de âmbar cheios de carinho. —É isso aí, querida. Isso é tudo que posso fazer. Eu vou dizer não se você pedir mais.

—Não há necessidade. Uma hora é tempo mais que suficiente.

—Jure. — Trey parecia que queria matar alguma coisa.

—Eu dou a minha palavra.

Trey admirou o rosto de sua companheira, maravilhado com suas feições delicadas. Para alguém que podia causar muitos danos, ela parecia tão frágil, tão pequena. Ela também era muito magra. Ele poderia facilmente colocar a mão ao redor de seus bíceps e tocar a ponta do polegar com seu dedo indicador. Ele ergueu a mão e acariciou lhe o braço. Sua pele era suave, seus músculos firmes e definidos.

Ela é tão pequena. Muito pequena.

E se alguma coisa acontecer com ela? Ele nunca iria sobreviver se a perdesse. Ele adoeceria e morreria sozinho – ansiando pela sensação de seu toque, ansiando por um sopro de seu perfume. Ele não queria que ela fosse. Todo o seu ser doía com o pensamento de perdê-la.

—Não me desobedeça, — ele rosnou, desequilibrado pelos pensamentos. —Eu vou enlouquecer se você fizer.

—Eu não vou. Eu voltarei. — Ela faria qualquer coisa para tranquilizá-lo. —Eu nunca o deixarei. Não por vontade própria.

Porra.

Ele tinha que deixá-la ir. Mesmo achando que isso era impossível.

—Sua hora começa agora.

Ela afastou-se, e sua ausência o deixou cego.

Ele já não conseguia sentir o cheiro dela.

O roce suave do cabelo dela contra seu peito.

O conforto de sua presença.

—Depressa, — ele sussurrou, querendo que ela soubesse o quanto ela significava para ele. —Pegue o que precisamos e obtenha sua bunda de volta para mim.

—*Sempre*, — disse ela calmamente em seu pensamento. —*Sempre*.

Diskant se afastou de Ava, ampliando ombros e olhando furioso. —Será que estamos na mesma página?

Ele estava? Trey fez uma pausa, pensando no assunto.

Ele não queria que Sadie partisse. Sua decisão momentânea tinha sido precipitada.

—*Querida*.

O pensamento de Sadie ecoou em seu cérebro. —*Não faça isso*.

—*Eu não vou deixar você ir*. — Foi uma resposta instintiva, dada imediatamente. Ele sentiu seus lábios puxarem para baixo, o rosto transfigurado. —*Eu não posso lhe perder. Você entende? Eu não posso*.

—*Você me prometeu uma hora.* — Ela encontrou seu olhar, as íris mudando de azul—oceano para branco. —*Dê-me.* — Seu olhar se intensificou. Ela se aproximou, o branco de seus olhos era quase ofuscante. —*Uma hora.*

—*Uma hora.* — A concordância saiu de forma rasgada. —*Isso é tudo.*

—Eu preciso do telefone. — Afastando-se dela, Sadie estendeu a mão para Diskant. —Ligue para Cade e passe para mim.

—O que não está me dizendo? — perguntou Diskant, fazendo o que ela disse. Ele entregou o telefone a ela. —O que está errado?

—Eu tenho apenas uma hora, isso é o que há de errado. — Sadie resmungou, pegando o telefone. —Ele está certo. Se fosse com Ava, você nunca permitiria que ela fosse sozinha. Pense nisso antes de tentar mastigar a bunda dele. Não o julgue com dois pesos e duas medidas.

Trey enfrentou o Ômega, mostrando que não estava disposto a recuar.

Sadie escutou o telefone por alguns segundos. Quando atendeu, ela foi direta:

—Diga-me onde você está. Apresse a boca.

Diskant concentrou sua atenção em Trey, seu olhar mudando de raivoso para compreensivo. O Ômega olhou firme, como se estivesse medindo o valor de Trey como Alfa. Após alguns segundos os ombros de Diskant relaxaram.

—Ela vai ficar bem. Pare de agir como... — Diskant não teve chance de terminar.

—Foda-se. — Trey rosnou, olhando diretamente para Ava. —Se as coisas azedarem eu vou pegar minha companheira e cair fora. — Voltando sua atenção para Diskant, ele disse: —Você não faria diferente com sua companheira. Por que eu deveria fazer?

—Você não está vendo as coisas com clareza.

—É claro que estou. — Trey revidaria qualquer argumento – em seu interior, ele estava ansioso para lutar. Ele se moveu em direção a Diskant, furioso e no limite. —Isto é sobre mim e minha companheira. Não é sobre você e a sua.

Raiva sobressaindo. Ânimos exaltados.

Assim que Trey chegou perto do Ômega, Sadie desapareceu.

Caralho.

Ele ficou parado no lugar, os olhos arregalados.

Ela tinha ido. Como ela disse que faria. Ele cerrou os dentes, tentando não perder de vez o controle.

Ela tinha uma hora. Era isso. Com um simples olhar para a parede diante da qual ela tinha estado, ele começou a contar o tempo.

—Uma hora, — ele rosnou. —Isso é tudo. Se ela não voltar, eu caio fora. Acabou. Você pode lutar suas batalhas em seus próprios termos.

—É isso o que os homens fazem quando não conseguem o que querem? — perguntou Ava calmamente. —Recuar e correr?

—Me responda uma coisa? — Trey virou-se e ficou de frente para a fêmea. Seu olhar fixo em sua barriga inchada. —Se fosse seu filho, você iria recuar e correr?

Ava passou a mão sobre a barriga, carrancuda.

—Eu sei como você se sente.

—Não, — ele corrigiu de forma cortante, pronto para a guerra. —Você não faz nenhuma porra de ideia.

—Eu tenho... — começou Ava.

—Um bebê a caminho, — Trey trovejou, ciente do que Ava estava prestes a dizer. —Algo que Sadie e eu não podemos ter. Você tem sorte. Você é humana. Imagine se você se apaixonasse por alguém totalmente fora de sua raça. Não é como você pensa. Sim, você é humana. Mas você não tem ideia. Você não pode sequer compreender como as coisas são para nós. — Tentando ao máximo controlar suas emoções instáveis, ele continuou. —Não me venha com um discurso sobre recuar e correr. — Sacudindo a cabeça em direção a Diskant, ele falou como se estivesse contando a ela um segredo. —Seu companheiro fez os outros agirem assim em várias ocasiões. Essa é a forma como ele trabalha por aqui. Permaneça vivo, desvie-se dos problemas... — fazendo uma pausa para o impacto, ele prosseguiu, — ... ou morra.

—Trey. — Diskant avançou, os lábios abertos em ameaça. —Eu vou arrancar sua cabeça.

Os dois diminuíram a distância entre si.

—*Parem.* — A ordem de Sadie chegou a eles fraca, mas firme. —*Eu vou fazer com que você me acompanhe em tempo real. Eu não queria sair sem um beijo de despedida, mas eu pensei que poderia ser melhor.*

—*Você partiu,* — Trey direcionou seu pensamento para ela imediatamente. —*Você fez isso.*

—*Eu fiz. Eu também estou sã e salva. Vejo Cade. Ele está a caminho,* — Sadie respondeu, caminhando em direção a seu alvo, deixando Trey ver através de seus olhos. Ele observou cada passo, seu coração batendo em sua garganta. —*Isso deve ser rápido.*

—*Sadie.* — O pensamento era instintivo e inevitável. —*Eu não quero que você vá.*

—*Silêncio,* — Sadie o repreendeu. —*Não estamos muito longe. Leigh está escondida, mas temos nos falado. Ela está prestes a deixar a cortina de fumaça que esconde a casa. Uma vez que eu fale com ela, saberei para onde devo ir.*

—*Não me faça esperar mais tempo do que eu dei a você.* — Ele a queria ao seu lado — agora. —*Me desafie e você vai se arrepender,* — ameaçou, ansiando por tê-la de volta. —*Eu vou fazer você sofrer por dias.*

—*Eu gosto de sofrer,* — ela pensou de volta para ele, em tom de ironia, avançando em direção a Cade.

—*Você não vai gostar do tipo de sofrimento que eu tenho em mente.*

—Trey, — as emoções de Sadie tornaram-se pesadas. —*Eu ainda tenho tempo.*

Ele olhou para o relógio. —*Você tem cinquenta e oito minutos, companheira.*

—*Esses minutos são meus.*

Ele uivou sua fúria quando a conexão com o sua companheira foi cortada, querendo arrastar a sua bunda para casa. Quando ela voltasse, ele iria puni-la corretamente. Ela não deveria desobedecê-lo, não pela segunda vez.

Saindo da sala, ele atravessou os outros cômodos da casa.

Assim que chegou ao quarto – seu quarto e da sua companheira — ele desmoronou.

Que Deus a ajudasse.

Ele iria mastigar sua bunda.

CAPÍTULO 6



—Ele não está longe, — Leigh informou, manuseando o clipe de dinheiro que Sadie lhe dera. Ela estava concentrada, rolando o objeto entre os dedos e apertando os olhos. —Eu vejo muitas coisas, mas eu não as reconheço. — Leigh abriu sua mente para Sadie para que as duas se conectassem. —Eu acho que é o México. Olhe para o templo. Você acha que eu estou certa?

—Eu vou tocar em você, — Sadie avisou e se aproximou. A única maneira de conseguir ver as imagens seria mergulhando na mente de Leigh. — Deixe-me ver o que você vê. Eu juro que não vou além disso. Deixe-me apenas ver essas imagens. Isso é tudo que eu quero.

—Você pode entrar e compartilhar das imagens, — Leigh engasgou. —Não mais do que isso.

Sadie tinha conseguido convencer Trey a deixá-la se encontrar sozinha com Leigh, mas apenas sob certas condições. Ela tinha que ser cautelosa. Se ela morresse, a Matilha iria desmoronar. Considerando que Leigh não estava conseguindo uma localização precisa de Thomas – ela só conseguiu saber em que direção o dono do objeto que tinha nas mãos havia seguido — Sadie teria que tentar encontrá-lo utilizando as imagens e os aromas que pudesse sentir.

Era mais fácil falar do que fazer.

—Apenas as imagens. Eu juro.

—Faça.

Sadie mergulhou na mente de Leigh.

Cidade grande. Céu limpo. Pobreza. Lixo. Rostos sujos de terra vermelha. Cães vadios. Carros quebrados com enfeites exagerados. Pessoas de pele escura. Bebida. Estavam festejando. Ricos e pobres. Ela focou, em busca de pequenos detalhes. Clima úmido. Ruas com fedor de suor e urina. Tequila. Limões.

Palavras ditas em espanhol.

—Você está certa. É o México, — ela murmurou, ainda se concentrando nas imagens. —Eu estou certa disso. Eu reconheço o cheiro.

—Ele está usando o Zephyr, — disse Leigh, com os ombros caídos quando Sadie olhou para ela. —Ele está usando-o como um colar. Ele o colocou ao contrário, com o lado sem inscrições para fora. Ele está tentando escondê-lo. Ele acha que está seguro. Você pode sentir isso?

Sadie quis responder, mas não conseguiu, ainda se concentrando nas imagens que inundavam sua mente. Uma igreja. Grande. Vitrais cor de rosa. Muitas pessoas assistindo à missa. Adoração. Amor. Perdão. Imagens com passagens da Bíblia. Cada detalhe era importante. As pessoas estavam naquele lugar em busca de refúgio.

Continue procurando. Você conhece este lugar.

Ela ampliou a conexão, em busca de uma imagem definitiva.

Imagens de pessoas correram em sua cabeça. Alguns ricos, outros mais pobres. Crianças em roupas esfarrapadas e sujas. Toneladas de sujeira e poeira. Alguns homens tocando instrumentos por alguns

trocados. Bares localizados na estrada que levavam a grande igreja.

A imagem de uma estátua passou diante de seus olhos e Sadie prendeu a respiração.

Oh Deusa.

A estátua da Virgem Santa – feita em cimento e depois pintada de branco, pequenas rachaduras espalhadas em toda a superfície — situada em frente a cantina Diablo. Oferendas estavam espalhadas ao longo da base da estátua. Cruzes, imagens, bugigangas, pedras, bijuterias. Nas proximidades, homens e mulheres bebiam em excesso, praticamente se afogando com tequila. Gole após gole, até que mal podiam andar.

Sadie limpou as imagens de sua mente, olhando de boca aberta para Leigh.

—Eu sei onde ele está. — A pequena cidade de *El Angelo*. Ele não estava muito longe. Ele foi lá muitas vezes e bebia em excesso, como outros da localidade. Ela podia cheirar o álcool saindo por seus poros. —Eu posso pegá-lo. Eu estive lá antes. Eu sei onde ele vai.

Leigh afundou, seus joelhos amolecendo. Em um instante Nathan estava lá, segurando-a na posição vertical. Ela deixou-o abraçá-la por um momento, mas depois resistiu.

—Eu estou bem.

—Não, você não está. Eu só estou tentando mantê-la em pé, — ele respondeu com um grunhido pesado. Com um suspiro, ele ficou em pé, mantendo-a equilibrada. —Pare de lutar contra mim.

Sadie os ouvia discutir, mas seus sentidos estavam fixos no ambiente ao seu redor. Algo a tinha deixado alerta desde que chegou. Ela não tinha certeza do que era. Suas narinas constantemente cheiravam o ar. Não havia nenhum som, mas algo estava definitivamente errado.

Leigh bateu com seu cotovelo nas costelas de Nathan.

—Pare de ser um valentão.

—Eu não estou sendo um valentão, — ele rosnou. —Eu estou tentando cuidar de você.

Sadie estudou as figuras encapuzadas que tinham acompanhado Cade, Leigh e Nathan. Ela não

esperava companhia quando Cade a guiou até os arredores da casa protegida por magia onde Leigh tinha sido abrigada. No entanto, por alguma razão, Leigh tinha trazido uma comitiva para a reunião. O olhar de Sadie varreu a área. Não havia ruas ou carros, apenas árvores, grama e grandes manchas de terra vermelha. Cade tinha avisado que a casa havia sido magicamente escondida e, por essa razão, apenas os que eram convidados poderiam encontrá-la e entrar. O feitiço lançado sobre a residência era uma coisa estranha e Sadie queria ter tempo para aprender mais sobre ele.

Ela tentou penetrar na casa com sua magia, esperando poder sentir a residência oculta por trás do escudo mágico. Depois de alguns segundos ela percebeu que não podia. A força por trás da magia era muito forte. Ela voltou sua atenção para os arredores, sacudindo a cabeça. Apesar de só vislumbrar poeira e árvores, ela não conseguiu baixar a guarda.

—Você precisa voltar, — disse Nathan. —Você precisa descansar.

—Não me diga o que fazer, — Leigh respondeu.

Uma das figuras encapuzadas ergueu a cabeça, olhando para eles.

—Cade? — Uma voz feminina sussurrou. — Acabou o tempo. Precisamos ir.

Cade? Sadie franziu a testa, olhando para eles. Por que a mulher se referia a ele por seu apelido? Alguns membros da Matilha o chamavam assim, mas apenas porque eles haviam convivido durante muito tempo. Ele não teve tempo suficiente para fazer amigos no enclave, em Nova Orleans.

—Shhh. — Cade assobiou, acenando com a mão para que se calasse. —Deixe-os conversarem.

Sadie conhecia aquele tom. Trey usava o tempo todo quando ela o irritava.

Que diabos?

Caden?

O homem que tinha perdido sua esposa e filho, não estava irritado? Ele parecia protetor, quase possessivo. O olhar em seu rosto refletia suas palavras, seus olhos de aço estreitados, lábios pressionados em uma linha fina.

A figura encapuzada não falou mais e permaneceu composta, as mãos cruzadas na frente da cintura, os dedos escondido atrás de mangas compridas. Embora o vento fizesse com que a túnica que cobria seu corpo balançasse um pouco, não havia qualquer outro movimento vindo dela.

Sadie virou-se para Leigh, estudando sua amiga. Nathan tinha dado um passo para trás, mas manteve sua fêmea ao alcance do braço. O ex-Beta da Matilha se recusava a sair do lado de sua companheira.

—Eu preciso saber mais, — disse Sadie. —O que se passou aqui? O que eu não sei?

—Eu prefiro falar com você em particular, — disse Leigh e olhou para Nathan. —Esta merda é *top secret*. Eu não posso falar sobre isso em campo aberto.

—Nathan está apenas tentando mantê-la segura, — Sadie lembrou Leigh. —Não é uma coisa ruim. Além disso, ele tem estado com você o tempo todo. Tenho certeza de que ele sabe o que você vai me dizer.

—Como você pode esperar que ele saiba o que está acontecendo? Ele nem sequer me conhece. —

Nesse momento Leigh estava definitivamente irritada. —Ou nós conversamos sozinhas ou não haverá conversa.

—Não fale sobre mim como se eu não estivesse aqui, — Nathan rosnou. —É rude.

Os dois se encararam e nenhum deles desviou o olhar. A eletricidade cortou o ar.

Ao contrário de Sadie — que tinha nascido um vampiro — Leigh tinha sido transformada contra sua vontade. Ainda assim, a chamada do acasalamento era igualmente forte para qualquer shifter. Nathan desejava sua companheira e, goste ou não, Leigh desejava Nathan também. Sadie podia cheirar a excitação de sua amiga. Leigh podia até não amar Nathan, mas ela estava atraída por ele. Qualquer pessoa com um nariz decente seria capaz de dizer como Nathan afetava os hormônios no corpo de Leigh.

Então, em uma fração de segundo, a expressão de Leigh mudou.

Seu rosto adquiriu uma expressão triste, com os lábios e a testa franzidos. O brilho em seus olhos enfraqueceu e seus ombros caíram. Nathan se aproximou e estendeu a mão. Ela não se afastou,

ficou lá, parada. Ele tocou-lhe, seus dedos demorando em seu braço. Leigh baixou a cabeça, um suave suspiro escapou de seus lábios.

Sadie engasgou quando as memórias de Leigh surgiram em sua mente de forma inesperada.

Não eram pensamentos sobre Nathan, mas sim de quando Leigh tinha sido transformada. Ela estava caminhando sozinha em uma tarde – já quase anoitecendo – vestindo roupas simples. Seu namorado Brett tinha dito para que ela o esperasse, mas ela gostava de irritá-lo de vez em quando. Uma de suas atividades favoritas era fazer as pazes com seu namorado. Esses momentos eram de pura luxúria e sedução. Leigh sabia que ele iria puni-la quando ela chegasse em casa.

Infelizmente, ela nunca voltou para o seu amante.

Uma decisão estúpida tinha selado o seu destino.

Ela não sabia o que havia de errado com o homem com estranhos olhos vermelhos brilhantes. Tudo no que podia pensar era que ela deveria tentar ajudá-lo. Ela se aproximou dele com cautela,

perguntando se ele queria que ela chamasse uma ambulância. Então, antes que ela pudesse gritar por socorro, o vampiro agarrou seu braço e puxou-a para um beco. Ele afundou as presas profundamente em sua carne. Ela pensou que estava presa em um pesadelo e disse a si mesma para acordar. O choque foi passando e ela sentiu a dor ardente em seu pescoço. Bebendo um último gole, o estranho puxou suas presas para fora da pele dela.

Apenas para voltar a mordê-la novamente — mais profundo desta vez.

—Não, — Leigh tinha implorado, agarrando o braço de seu agressor. —Por favor, pare.

Ela escutou enojada o som que ele fazia ao engolir seu sangue, desejando que ela pudesse desaparecer. Quando ela começou a se sentir tonta tentou mais uma vez lutar com ele. Ele riu, empurrando os braços dela de lado. Quando ela desistiu ele retornou para sua refeição, bebendo tudo o que ele queria. Ele não foi gentil em nenhum momento, simplesmente enfiou os dentes na pele dela e continuou a beber em grandes goles.

Eu não quero morrer assim, Leigh tinha pensado. Eu só quero ir para casa.

Quando ele acabou, ele apenas jogou-a de lado, deixando-a caída contra a parede do beco. Leigh tinha sido deixada sangrando no chão — uma vítima fácil para qualquer um que quisesse ter abusado dela. Sentindo que estava morrendo, Leigh começou a rastejar pelo beco para pedir ajuda, mas, então, suas forças sumiram.

A imagem desapareceu.

Sadie voltou à realidade, balançando para manter o equilíbrio.

Nathan apareceu, redirecionando os pensamentos de Leigh.

Sadie não teve tempo para se recompor. Ela afundou novamente nos pensamentos que corriam pela mente de Leigh. Por mais que tentasse, era impossível para Sadie se libertar. Ela estava presa em um turbilhão, forçada a experimentar os sentimentos e os anseios de Leigh.

A sensação de horror foi substituída por uma de desejo.

Leigh pensou em como seria se entregar a Nathan. Ele era atraente, forte e poderoso. Ele certamente a faria ter muito prazer. Ela estava certa disso. Ele era mais atraente do que seu ex-amante – o pensamento a fez se sentir culpada, mas ela não podia negar. Não era justo comparar os dois. Brett nem de longe era tão sexy como Nathan. Não havia como um mortal poder competir com um lobisomem. Brett era mais baixo e mais magro, enquanto Nathan era alto e coberto de músculo. Seu amante humano sempre foi suave e doce. Ela apostava que Nathan a levaria duro e exigente.

Os dois homens eram tão diferentes, e essa constatação só a fez desejar Nathan ainda mais.

Pare. Você não deve continuar a fazer isso. Você precisa esquecer o passado.

Sim, você precisa. Este pensamento foi mais forte. Você precisa seguir em frente.

Leigh estava tão excitada com Nathan que chegava a doer. Ela ansiava aliviar o estresse de ambos, ela queria dar ao macho shifter o que ele precisava. Ele a desejava de uma forma que Brett

nunca desejou. Ela poderia viver uma nova vida, uma vida diferente, uma vida mais feliz, com Nathan.

Ela só tinha que deixar Brett ir.

E ela teria que aprender a conviver com sua escolha, não importa o quanto egoísta ela parecesse.

—Leigh. — Sadie murmurou, tentando expulsar os pensamentos de sua amiga, esforçando-se para recuperar sua própria mente. Ela apertou os braços em volta do estômago, tentando manter o equilíbrio. Os pensamentos de Leigh pareciam estar gritando alto em sua cabeça. —Você está projetando imagens para mim. Eu não posso pensar. Pare.

Graças à Deusa Leigh a ouviu e cortou a conexão mental instantaneamente.

—Eu não estava prestando atenção. — Ela esperou que Sadie se recuperasse e rapidamente jogou o clipe de dinheiro para ela, sem coragem de olhar diretamente para a amiga. Seus olhos estavam com um tom de azul escuro e ela parecia mortificada. —Sinto muito.

—Por que você está se desculpando? Você acabou de lhe fazer um favor. — Nathan não deixou

Leigh ir e encarou Sadie. —Que porra você fez com ela?

—Nada, — Sadie respondeu, dando-lhe um encolher de ombros.

—Não tente me enganar. — A besta dentro dele ficou agitada e suas íris se iluminaram. —O que você fez com ela?

—Está tudo bem. Ela não fez nada para mim. — Leigh tentou tranquilizar Nathan, mas não olhou para ele. —Eu não estava protegendo a minha mente. Ela obteve mais informações do que ela precisava. A culpa é minha. Eu estou bem.

—Você está chateada. — As narinas dele dilataram. —Eu posso sentir o cheiro.

—A mesma merda, dia diferente. — Leigh suspirou. —Confie em mim. Eu estou bem.

—*Ele ama você, e você sabe disso.* — Sadie falou na mente de sua amiga. —*Não há nada de errado em aceitar a ajuda dele. Foi para isso que ele veio com você. Você acha que ele não a conhece, mas você está errada. Eu garanto que ele presta atenção em tudo que você faz. E ele faz isso porque ele quer ser capaz de*

fazê-la feliz. Ele sabe que você está sofrendo agora. Ele quer ajudá-la.

—Não, — Leigh sussurrou com voz rouca, os olhos cheios de lágrimas.

Nathan rosnou e puxou Leigh mais perto.

—O que quer que você esteja fazendo, pare.

—Ela não está fazendo nada. — Leigh limpou os olhos e olhou para Nathan. —Sou eu, não ela. Eu estou ferrada.

—Eu não gosto quando você mente para mim.

—Problema seu.

—Ouçam, vocês dois. — Sadie deu um passo em direção a eles. —Vocês podem brincar de gato e rato mais tarde. Os Pastores capturaram uma criança. A Deusa sabe o que estão fazendo a ele. Eles capturaram seu pai também. Eles serão capazes de matá-lo diante de seus olhos.

Leigh piscou, com a frustração desaparecendo de seu rosto.

—Uma criança?

—Sim, — respondeu Sadie. —Um menino.

—Você tem certeza?

Sadie olhou Leigh diretamente nos olhos. —Você acha que eu teria vindo aqui se eu não estivesse certa?

—Não. — Leigh não discutiu. Seu rosto jovem parecia atormentado. —Sinto muito. Eu ainda estou tentando lidar com tudo. Eu aprendi muito nas últimas semanas, mas tem sido difícil. Você não tem ideia.

—Eu quero entender. — E ela queria, realmente. —Diga-me.

—Não é tão simples assim. — O olhar de Leigh voltou a Nathan. —Eu não tenho certeza de que possa.

—Cade, — a figura encapuzada chamou com uma voz suave, mas preocupada, e se aproximou. A longa barra de seu manto deslizou sobre suas botas escuras. Aqueles que estavam em torno dela se afastaram. —Precisamos sair. Agora mesmo. Não discuta. Não é um pedido.

Sadie sentiu uma presença atrás dela e se agachou, rolando para longe de seu agressor. Ela se viu cercada por sons de todos os tipos – gritos, tiros e rosnados. Com um movimento rápido, ela enfrentou o atacante do qual tinha conseguido se livrar. Sua respiração ficou presa na garganta e seu coração afundou. Ela soube de imediato que se tratava de outro vampiro, e não pode deixar de notar o entusiasmo em seus olhos. No entanto, havia algo diferente, algo que a aterrorizava.

Ela também viu a morte naqueles olhos.

Era como olhar para um espelho que refletia as emoções, e ele estava cheio de ódio e miséria.

—Vá embora daqui! — Sadie tirou a espada e enfrentou a ameaça.

—Você está fora do seu território, cadela, — o vampiro respondeu, deslizando para a esquerda. Antes que ele pudesse se mover mais, uma bala atravessou seu rosto, destruindo um dos seus olhos. Ele urrou, estendendo a mão para a cabeça. A ferida começou a curar. —Eu vou matar todos vocês.

Filho da puta.

Sadie olhou ao redor, em busca de Leigh. Esse tiro teria derrubado qualquer vampiro – quer utilizasse magia branca ou negra. Ele não deveria estar se curando tão facilmente. Seu coração batia tão alto que ela podia escutá-lo, sua pele formigava dando-lhe um aviso. Mais vampiros apareceram em torno deles.

Sagrada Deusa, proteja-nos.

Estes não eram apenas vampiros que usavam magia negra. Eles eram outra coisa.

Eles se moviam muito rápido, fazendo com que fosse difícil seguir seus movimentos.

Uma faísca de entendimento floresceu dentro dela, os sinos de alarme soaram alto e claro em sua mente. Ela sabia o que eles eram. Ela estava diante dos Caídos. Eles eram muito mais poderosos do que qualquer vampiro negro que ela já tenha enfrentado no passado. Mais fortes até do que o líder dos vampiros que usavam magia negra.

Como eu pude ter sido tão estúpida?

—Corra! — ela gritou para Leigh. Um dos Caídos estava bem próximo da jovem, certamente ele sabia

sobre os formidáveis poderes que ela possuía. —
Desapareça!

Quando o Caído avançou ainda mais sobre Leigh, Nathan o rasgou com suas garras, jogando-o no chão e mostrando-lhe suas presas.

—Parem todos! — A ordem estridente forçou Sadie a desviar o olhar para longe de Natan.

A mulher encapuzada que estivera falando com Cade avançou sobre os vampiros e o capuz deslizou para fora de seu rosto. Cachos vermelhos caíam sobre seus ombros e suas íris eram roxas, quase ofuscantes. Ela era jovem, apenas vinte e poucos anos, se Sadie adivinhou corretamente. Cade manteve-se perto, sua arma empunhada numa tentativa de manter os vampiros longe da mulher.

—Caramba! Caíam fora daqui. Desapareçam agora, — Cade ordenou, bíceps protuberantes quando seu dedo apertou o gatilho novamente e novamente. —Vão!

Um grito agudo de Leigh chamou a atenção de Sadie novamente.

Nathan arremessou longe o vampiro com quem estivera lutando. Ele pegou o outro que tinha tentado tocar sua companheira, enterrando suas unhas nos ombros do vampiro. Suas presas alongaram completamente para fora de seus lábios. Ele foi para a garganta do filho da puta. O sangue jorrou, cobrindo a boca de Nathan. Sadie desviou sua vista daquela cena e olhou em volta. Havia pelo menos meia dúzia de vampiros. A maioria tinha formado um círculo em torno da mulher de capuz, não fazendo conta das balas que Cade disparava contra eles.

—Leigh! — Sadie gritou. Sua amiga devia aproveitar que estava livre do vampiro e partir. — Desapareça. Vá enquanto você ainda tem tempo.

—Eu não vou a lugar nenhum. — Leigh se aproximou dela. —Nathan precisa da nossa ajuda.

Cade puxou outra arma de um coldre debaixo do braço. O homem era bom atirador e estava puto.

—Destiny! — Ele apertou o gatilho, atingindo um vampiro no peito. Mas ele não caiu. —Cai fora daqui!

Sadie sufocou quando respirou o ar cheio de poeira. A terra começou a tremer. Partículas de poeira

subiram ao seu redor, criando um pequeno redemoinho. Vários pedaços de terra levantaram do chão e se juntaram no ar, formando uma grande bola.

A mulher com capuz “*Destiny*” desviou seu olhar violeta de Cade e encarou os vampiros inimigos. Ela abriu os punhos que até então estiveram fechados e balançou seus dedos. Ela falou em uma língua que Sadie nunca tinha ouvido. Enquanto falava, ela caminhou na direção de Cade. As partículas de poeira em torno de Sadie lentamente se afastaram. A terra rodopiou pelo ar, seguindo *Destiny*. Então, a poeira, os pedaços de grama e as pequenas porções de solo começaram a tomar forma.

—Terra, — *Destiny* gritou. —*Nutus*.

A terra rodopiou e começou a se agrupar, tomando a forma de criaturas que Sadie nunca tinha visto antes. As estranhas criaturas avançaram contra os Caídos, cobrindo seus corpos como uma nuvem de abelhas. Os vampiros começaram a rosnar e golpear as criaturas. Parecia que elas os estavam devorando mais rápido do que seus corpos conseguiam se regenerar. Cade parecia atordoado. Ele parou de

apertar o gatilho. Seu olhar estava fixo em Destiny, confusão estampada em suas íris cinzentas.

—*Nil desperandum*, — Destiny disse, sua voz suave e calma novamente. —Chegou a hora de conhecer o seu criador. Todo começo tem de ter um fim.

Leigh agarrou o braço de Sadie com força.

—Me ajude.

Ela virou-se a tempo de ver outro vampiro atacar Nathan.

Eram três contra um e o lobisomem caiu.

—Nathan! — Leigh gritou, tentando chegar até ele. Sadie apressou-se atrás dela para ajudá-la. Leigh, para espanto de Sadie, corria na direção do lobisomem com os braços abertos. —Nathan!

O Caído olhou para Leigh e sorriu.

—Ele é nosso, puta.

Em uma fração de segundo os três vampiros e Nathan desapareceram.

Leigh abraçou um espaço vazio quando se jogou na direção onde Nathan estava. Sadie correu para sua amiga, determinada a protegê-la. Ela envolveu sua amiga, passando os braços ao redor da cintura de Leigh. Elas tinham que sair dali. Ela não sabia por que os vampiros Caídos tinham levado Nathan e ela não tinha tempo para pensar nisso agora.

—Nathan, — Leigh repetiu. Depois de uma pausa, ela perguntou: —Para onde ele foi?

—Ele se foi, — disse Sadie, movendo-se junto com Leigh em direção ao escudo mágico que protegia a residência dos bruxos. —Precisamos sair daqui. Desapareça e vá para um lugar seguro. Vou entrar em contato com você quando for seguro.

—Ele não pode ter ido embora. — Leigh soava realmente atônita, olhando para o espaço vazio de onde Nathan tinha sido arrancado. —Ele estava bem aqui. Eu o vi. Eu quase o alcancei.

—Ele não está mais aqui. — Com um pequeno puxão no braço de sua amiga, Sadie ordenou: —Teleporte-se para um lugar seguro e não saia. Você pode entrar em contato comigo uma vez que estiver em um lugar seguro. Podemos conversar depois.

—Não.

Sadie sentiu uma onda de magia correr sobre sua pele. A energia que pulsava através de seu corpo era muito forte e poderosa. Ela lutou para expulsá-la e tentar manter seu equilíbrio.

Leigh era uma vampira diferente de qualquer outro vampiro que utilizava magia branca.

Quando ela utilizava a magia que havia dentro dela, ela era uma força a ser temida.

—Vou obrigá-los a trazê-lo de volta. — Leigh girou nos calcanhares, ficando de frente para os vampiros que eles tinham conseguido dominar. —Vou obrigá-los a fazerem o que eu digo. — Sadie sequer teve chance de parar a jovem que tinha acabado de perder aquele que lhe foi reservado pelo destino.

—Como eu digo... — Leigh rosnou e levantou sua mão, — ...assim será.

Ele não se foi.

Uma horrível sensação de esmagamento tomou conta do peito de Leigh. Ela continuava se recusando a se alimentar, então, ela estava muito fraca para

usar plenamente sua magia. Ela só podia contar com sua força de vontade.

Eu não vou perdê-lo.

Ela focou os vampiros que ainda estavam ao redor de Cade e Destiny. A magia dentro dela expandiu, crescendo em força, ganhando vida. Ela se alegrou quando sentiu um zumbido, querendo que ele se tornasse mais forte. Ela precisava de todo seu poder, mais do que nunca. Em vez de combater o que ela se tornou, ela abraçou seu novo ser. A sensação de poder cresceu em seu interior e a aqueceu, como cera líquida.

—De joelhos, — ordenou.

Magia a percorreu, seu corpo inteiro formigava. Os vampiros uivavam em agonia quando seus joelhos dobrados para trás e batem no chão, mas ela não se importava. Eles mereciam o que ela planejava fazer com eles. Se ela tivesse que quebrar cada osso em seus corpos, um por um, até conseguir o que desejava, ela o faria.

Eles sabiam onde Nathan estava. Ela os faria falar.

O homem teimoso sempre a tinha protegido, mesmo que não precisasse. Mesmo quando ela tentou afastá-lo, ele permaneceu firme. Com o tempo ele se tornou sua sombra, mesmo que ela não pudesse vê-lo, ela sabia que ele não estava longe. Mesmo odiando essa mania que ele tinha de vigiá-la, ela não podia negar que ele acabou ganhando seu respeito. Ele fazia tudo para mostrar o quanto ela significava para ele.

Mesmo sem merecer, ela gostava de receber toda devoção que ele dedicava a ela.

Eu tenho que trazê-lo de volta. Ele precisa entender por que eu fui tão cruel.

É hora de dizer-lhe a verdade.

Inicialmente ela o odiava porque ele a fez esquecer seu primeiro amor. Depois, ao longo do tempo, ela passou a se ressentir pelos sentimentos que ele despertou nela. Ela pensou que esses sentimentos – ternura, amor, carinho – tinham morrido há muito tempo. Então ele chegou e mudou tudo. Quando estava com ele, ela sentia uma familiar agitação em seu peito. Seu coração disparava e sua garganta ficava seca toda vez que ela estava sozinha

com ele. Ela tentou se convencer que era simples atração física, mas ela sabia a verdade.

Ela desejava Nathan. Ela o desejava já fazia algum tempo.

Mas ela não poderia tê-lo.

Todos que a tocaram foram amaldiçoados. Por isso ela tentou afastá-lo. Caso contrário, ele iria ser amaldiçoado como ela... estaria vivo, mas não respirando, beberia, mas nunca apreciaria o sabor. Ele ia começar a odiar a sua vida, simplesmente porque ela era uma parte dela. Muitas vezes ela se sentia tão profundamente miserável que tudo o que desejava era se enrolar em uma bola, ir dormir e nunca mais acordar.

Ela não queria isso para ele. Ele merecia uma vida melhor.

Então, ela usou sua dor para mantê-lo à distância. Ela se recusou a falar com ele, esperando que ele finalmente desistisse dela. Mas ele não desistiu. Em vez disso, ele se encarregou de mantê-la segura, ao mesmo tempo em que lhe dava espaço. Seus encontros foram breves, mas ela viu a paixão

nos olhos dele. Seu corpo aquecia cada vez que seus olhares se encontravam, traindo-a uma e outra vez.

—*Euplor*, — Destiny ordenou baixinho, em pé diante dos vampiros que estavam ajoelhados aos seus pés. —*Ashes to Ashes*, do pó ao pó.

Lentamente os vampiros começaram a desaparecer diante dos olhos de todos.

—Pare! — Leigh reorientou seu poder, querendo manter pelo menos um vampiro vivo.

Sem um guia ela não conseguia encontrar Nathan e trazê-lo de volta. Ela nunca se perdoaria se ele morresse. Ela odiava a necessidade que ele tinha criado nela. Ela constantemente repetia para si mesmo que seria capaz de ignorar esse sentimento e o desejo que sentia. Cada minuto que passava perto dele a deixava mais necessitada. Ela tinha a esperança de que ele acabaria desistindo dela. Mas, apesar de saber que ele deveria partir, ela desejava que ele ficasse.

Tudo o que ele pediu foi tempo para conquistá-la e para que eles pudessem se conhecer melhor.

—*Exaudi*, — Destiny disse, com suas íris roxas brilhando. —Eles respondem ao meu comendo.

—Eu disse para parar! — Leigh focou em um vampiro, usando todas as suas forças. Ela enviou a sua vontade através do filho da puta, ordenando-lhe para viver. Os outros continuaram desaparecendo, parte por parte se transformando em pó. O vampiro no qual Leigh estava concentrando seus poderes parou de desaparecer, o espaço em torno dele começou a brilhar. Sua pele escorria sangue, seus olhos selvagens e arregalados.

—Você não vai desaparecer, — Leigh disse, cambaleando quando sua energia diminuiu. —Você vai ficar.

—Leigh. — Destiny falou zangada. —Não interfira. Eles vão nos atacar novamente se tiverem a chance.

—Nathan, — ela suspirou, odiando o enfraquecimento de suas forças. Ela não conhecia muito bem aquela mulher, mas haviam lhe dito que Destiny jamais virava as costas para alguém em perigo. —Eles o levaram. Ele precisa de nós.

Destiny parou de atacar o vampiro, olhou diretamente para Leigh e fez uma careta.

—Você o ama?

Leigh congelou, as sobrancelhas se unindo.

—Eu não sei. — Rapidamente ela acrescentou,
—Eu preciso dele. Por favor, me ajude.

A resposta não foi o suficiente para Destiny.

—Você o ama ou não? Responda-me.

—Eu poderia amá-lo, — Leigh respondeu asperamente, o coração batendo forte. —Dê-me a chance de descobrir.

—Assim seja. — Destiny levantou uma de suas mãos em direção a um vampiro nas proximidades. — Você me deve um enorme favor. Vou cobrar o pagamento quando chegar a hora.

Com exceção do vampiro que Destiny havia apontado, todos os outros voltaram a se contorcer. Seus corpos começaram a cair aos pedaços. Alguns conseguiram se teletransportar, usando as últimas reservas de seus poderes para fugir, enquanto os restantes permaneceram gritando. A terra foi levada

pelo vento, seus corpos literalmente desapareceram no ar.

Leigh não perdeu tempo, correndo para o vampiro que Destiny havia poupado.

—Para onde vocês o levaram? — ela perguntou.
—Onde ele está?

Cade caminhou em direção a Destiny, pisando com força, sua postura visivelmente furiosa.

—O que diabos você está pensando? Vá para casa. Agora. Saia daqui enquanto pode. Não me desobedeça.

—É tarde demais. — Destiny parecia triste quando ela se virou para Cade. —Eles sabem onde estou. Eu não posso ficar. Eu vou ter que arrumar minhas coisas e partir o mais rápido possível.

Leigh viu quando Sadie caminhou em direção ao grupo.

—O que diabos está acontecendo?

Não havia tempo suficiente para conversar. Os Caídos voltariam. O escudo mágico que os mantinham invisíveis logo iria desaparecer. O Enclave

não correria riscos desnecessários. Eles fechariam o acesso à casa para se protegerem. Havia apenas uma opção, tocar Sadie e compartilhar informações com ela. Ela encaminhou-se para a amiga quando Destiny a impediu.

—Eu tenho que ir embora, — Destiny repetiu, a baixa ameaça em sua voz exigindo a atenção de Leigh. —Eu não achei que eles perceberiam a minha presença. Eu pensei que o encontro com a sua amiga seria seguro. Depois de tudo que aconteceu, eu não posso permanecer em campo aberto. Sou como um grande alvo. Eu não estou mais segura.

—Você acha que eles estão atrás de você? — Sadie rosnou, encarando Destiny. —Eu acho que você está mal informada. Você sabe o que Leigh pode fazer? Você tem alguma ideia?

—Você é a única que está mal informada. Estou bem ciente do que sua amiga é capaz de fazer. — Destiny deu um passo para trás e afastou seu olhar de Cade. Ela olhou para baixo, para o vampiro, que agora estava vomitando sangue.

—Ele não tem muito tempo de vida, — informou a Leigh. —Eu poupei sua vida, mas você tem que se

apressar. A terra está determinada a tê-lo. Ele está apodrecendo de dentro para fora. Melhor conseguir suas respostas o mais rápido possível.

—Des, — Cade rosnou, com seus lábios repuxados para trás. —Vá. Para. Um. Lugar. Seguro. Pare de ser uma fodida dor na minha bunda e saia daqui!

—Você não me ouviu? — ela respondeu, voltando a encará-lo. —Não há lugar seguro. Não para mim. Não mais.

—Maldição! — ele rosnou, avançando para ela. —Será que uma única vez você pode me ouvir? Será que é realmente difícil? Abra seus ouvidos e me escute. Você realmente está me irritando.

—Desde que você não está sendo lógico, não, eu não estou lhe ouvindo. E você está sempre com raiva. Não é como se essa sua atitude fosse uma novidade. — Destiny fez uma pausa, olhando ao redor. —Eu falei sério. Eu não posso voltar para o Enclave. Eu tenho que partir. Imediatamente. Eles vão rastrear a minha magia. Eles vão enviar mais para me encontrar.

—Quem vai enviar mais para encontrá-la? — Sadie perguntou. —Do que diabos você está falando? Por que os Caídos estão atrás de você?

—*Eu tenho as respostas para as suas perguntas,* — Leigh falou na mente de Sadie enquanto esticava a mão para segurar a de sua amiga. Seria mais fácil se comunicarem se seus pensamentos estivessem conectados. —*Abre sua mente e eu vou lhe mostrar.*

Quando as peles se tocaram, a magia queimou entre elas.

Leigh compartilhou as poucas imagens que ela tinha de Destiny, as poucas informações que sabia sobre a mulher. Ela era tão poderosa que até mesmo o Enclave a temia. Ela permanecia sozinha a maior parte do tempo, com exceção do guarda que nunca saía do seu lado. Destiny nunca poderia ser deixada sozinha. Ela era muito perigosa se prendesse a sua atenção sobre certas coisas por muito tempo. Seu guarda foi designado para executar uma missão e nunca mais voltou. Foi por isso que Cade tinha ficado para trás. Ele se recusava a deixá-la até que alguém de confiança tomasse o seu lugar.

—*Eu pensei que eu tivesse visto os Caídos antes,*
— Sadie pensou para Leigh. —*Eu estava errada.*

Uma onda de horror bateu no rosto de Leigh. Ela tinha sido cega por tanto tempo.

Puxando sua mão, Sadie enfrentou Destiny. —O que você é?

Destiny não respondeu, apertando as bordas do capuz ao redor de seus ombros.

—Nada que diga respeito a você. Consiga as informações que você precisa do vampiro antes que ele morra. Então você deve ir. Eles vão voltar. Não vai demorar muito agora. Seu rosto desapareceu sob o capuz, mas seus cachos vermelhos eram vibrantes contra sua roupa, suas íris roxas estavam brilhantes.

—Estou indo embora. Eu não posso esperar o retorno de Thorn. Tenho que partir agora. Se ele não está morto, ele vai me encontrar.

—Não tão rápido. — A mão de Cade disparou e ele agarrou o braço de Destiny. —Você não pode partir sem proteção.

O ar mudou, tornando-se pesado. O poder irradiava da mulher que parecia determinada a ficar sob a pele de Cade.

—Eu avisei para não me tocar. Isso tem um preço.

—E eu lhe disse o que eu faria se você não ouvisse as minhas ordens. Você pode pegar esse tal preço do qual você continua falando e beijar minha bunda. Eu não vou lhe deixar sozinha.

—Eu não sou seu brinquedo. — Destiny puxou seu braço para ficar livre. —Não brinque comigo.

—Querida. — Cade rosnou, passando sua mão em volta do braço de Destiny uma segunda vez. —Nós não estamos no campo de jogos, isso não é esconde-esconde. Se eu decidir fazer você meu brinquedo, acredite em mim, você vai saber.

—Estúpido, — ela sussurrou, olhando para ele.

—Eu já ouvi isso antes, — ele respondeu friamente, não recuando.

—Não há tempo para isso, — Sadie informou-os em um silvo irritado. Ela marchou para o vampiro

Caído e passou a mão em torno de sua garganta. — Para onde eles levaram o nosso amigo?

—O que você acha que pode fazer? Matar-me? — O vampiro cuspiu em Sadie, o sangue acertando o braço dela. —Eu já estou morto.

—Você não está morto ainda, — alertou Sadie, apertou a sua garganta com os dedos.

Afastando-se de Cade e Destiny, que continuavam discutindo, Leigh foi para perto de Sadie e caiu de joelhos. Nathan tinha ido embora há poucos minutos. Quanto mais cedo ela o encontrasse, melhor. Ela não queria imaginar o que os vampiros Caídos fariam com ele.

Ela olhou diretamente nos olhos do vampiro moribundo, concentrando-se nas esferas vermelho-sangue.

—Mostre-nos ou eu vou arrancar a resposta da sua cabeça. — Sua magia não estava tão forte agora e sua energia quase havia desaparecido. Mas ela poderia blefar. Ele não sabia o quanto fraca ela estava. —Vou levar sua mente para um passeio e ajustá-la um pouco. Uma vez que eu tiver acabado, sua mente vai processar os segundos tão lentamente

que você vai sentir como se fossem horas. Imagine o que você está sentindo e multiplique por mil. — Ele estava desaparecendo rapidamente. Leigh podia sentir isso. Ela tentou deslizar para dentro de sua cabeça, esperando que sua ameaça tivesse funcionado. —Última chance.

Ele tentou lutar contra ela, mas ele estava tão fraco que ela descobriu que não havia necessidade de tê-lo ameaçado. Ela correu para pegar o que ela precisava, entrando em seus pensamentos.

Imagens, distorcidas e fora de sequência, correram pela mente de Leigh. Elas mudavam tão rapidamente que Leigh não conseguia compreender o que ela estava vendo. Um lugar escuro. Grandes tochas acesas. Homens e mulheres acorrentados. De repente sons começaram a acompanhar as imagens. Gritos de dor. Choros e lamentos. Gritos agudos de crianças acompanhados pelos gritos agonizantes das mulheres.

Não. Não. Não.

Era um lugar usado para tortura. Um abismo infernal, sem esperança.

Bendita Deusa, tenha misericórdia.

A conexão foi cortada e, em seguida, desapareceu.

Leigh voltou à realidade e encontrou Sadie puxando sua mão para trás.

O vampiro começou a desaparecer como os outros fizeram, sua pele e sua carne virando pó. Ele gritou e tentou levantar, mal ergueu-se e voltou a cair, agitando os braços. Em poucos segundos, ele se transformou em uma partícula de terra, viajando através do ar antes de derivar para o chão.

—Os Caídos o levaram para um lugar onde nunca iremos encontrá-lo, — disse Sadie — o horror estampado em seu rosto — e Leigh percebeu que Sadie também tinha penetrado na cabeça do vampiro morto.

Tem que haver uma maneira de encontrá-lo.

—Não diga isso.

—Leigh. — Sadie se ajoelhou na frente dela, segurando seus braços. —Eu os tenho caçado por anos, mas eu realmente nunca vi um até hoje. Isso significa que eles são mais fortes que eu imaginava e

mais espertos também. Você não quer ir atrás deles. Você quer ficar certamente longe.

—Temos de encontrar Nathan. — Leigh se recusou a considerar qualquer outra coisa. —Ele é parte da Matilha. É o seu trabalho cuidar dele.

—Você tem que entender. Ele foi levado para um lugar onde não podemos ir. Mesmo se quiséssemos. — Apertando ainda mais os braços de sua amiga, Sadie disse: —Você tem que aceitar o que aconteceu.

Aceitar o que aconteceu. Leigh odiava essas palavras.

Ela as tinha ouvido muitas e muitas vezes depois que foi transformada.

Ela tentou aceitá-las, porque sabia que eram ditas para o seu bem e porque não tinha outra escolha. Para ela, os dias se arrastavam, cada hora passava vazia e sem sentido. Ao longo do tempo ela encontrou consolo na rotina. Embora ela não tivesse conseguido ser feliz, ela conseguiu encontrar um pouco de satisfação, a sua própria maneira. Mesmo sendo considerada um membro do Coven, ela sempre sentiu que estava sozinha. Como um fantoche, ela

deixou o Coven decidir sua vida, sempre fazendo o que elas queriam.

Não desta vez.

Leigh se afastou de Sadie e ficou firme sobre seus pés.

—Nem que a vaca tussa.

CAPÍTULO 7



Trey respirou aliviado quando Sadie finalmente reapareceu. Ele sentiu-se rasgado em dois quando ela quebrou a conexão mental. Ele caminhou apressado em direção a ela, ansioso por dar-lhe a surra que ela merecia, quando viu a mulher que ela tinha trazido junto.

Que porra é essa?

—Leigh? — ele perguntou, estudando a outra vampira. —Por que você está aqui?

—Não se preocupe com isso. Ainda não, — disse Sadie. —Leigh não é uma ameaça para a casa. Como Aldon não voltou a beber do sangue dela, ele não pode encontrá-la. Eu a trouxe comigo por um motivo. Estamos a salvo. Não se preocupe. — Olhando ao redor da sala, ela avisou: —Eu tenho uma boa notícia e uma má notícia. Qual você quer primeiro?

—A boa, — Ava gritou, saindo do colo de Diskant. Os dois haviam ficado sentados o tempo

todo, esperando por notícias, enquanto Trey cavava um buraco no chão de tanto andar de um lado para outro.

—Nós sabemos onde Thomas está. Podemos obter o amuleto.

—E a má notícia? — Trey rosnou, puxando sua mulher para longe de onde Leigh estava. Com um movimento rápido de seu braço, ele envolveu sua mão ao redor da cintura dela. Ele esperava ver algum desejo em seu olhar – ou amor. Em vez disso, ela parecia nervosa.

—Nathan foi capturado, — respondeu ela, olhando em seus olhos. —A reunião não correu bem. Eu disse que ia sair se as coisas ficassem ruins. Acredite... — ela fez uma pausa, olhando para ele, — ...as coisas ficaram muito ruins.

O estômago de Trey retorceu. Ah Merda.

Diskant entrou na conversa. —Quem capturou Nathan?

—Os Caídos.

Sadie não estava nervosa agora. Ela estava furiosa.

Ela desviou o olhar de Trey e encarou o Ômega.

—Eu pensei que eles estavam atrás de Leigh, mas eu estava errada, — ela afirmou. —Eles estavam atrás da mulher – a feiticeira – a que você pediu para Cade escoltar até Nova Orleans. Eles teriam nos matado se ela não tivesse interferido. Você deveria ter nos falado sobre ela. — Sadie repreendeu o homem com os dentes cerrados. —Temos o direito de saber quando estamos lidando com merdas como essa. Cade a agarrou e fugiu do lugar sem sequer olhar para trás. Eu não sei onde ele foi. Ele ficou puto por você colocar o traseiro deles na linha de fogo.

Porra. Uma feiticeira? O sangue de Trey gelou.

Se os magos eram ruins, feiticeiros eram piores. Eles tinham uma porrada de poder. Eles podiam controlar os elementos e usá-los à sua vontade. Seu estômago deu um nó e ele entrou em alerta máximo. Feiticeiros eram muito cobiçados – não apenas porque eram muito poderosos, mas, principalmente, porque podiam compartilhar seus poderes com aqueles que eles escolhiam como aprendizes. Sadie não deveria ter estado nem mesmo perto de alguém com tais poderes. Ela poderia ter sido gravemente ferida.

—Cade foi com ela? — Diskant não pareceu surpreso.

O filho da puta sabia de alguma coisa, e já era tempo de descobrir o que ele estava escondendo.

—Você não parece preocupado, e isso é muito estranho. Ele é um membro de sua Matilha. Você sabe o que um feiticeiro pode fazer.

—Cade tem seus próprios assuntos para resolver, e isso não diz respeito a Matilha. — Diskant rosnou, estreitando seus brilhantes olhos verdes. — Quando ele estiver interessado nas informações que prometemos, ele virá buscá-las. Ele sabe como entrar em contato. A mulher não é problema nosso. A Matilha não tem qualquer coisa a ver com ela.

—Não tem? — Trey rosnou, querendo rasgar Diskant por ser tão idiota. —Você está brincando, porra? Você sabe o que um feiticeiro pode fazer! O que você está mantendo para si mesmo, filho da puta?

—Eu deveria chutar o seu traseiro, — respondeu Diskant, cerrando os punhos. —Você, seu estúpido filho da puta!

—Então você está escondendo alguma coisa! — Trey conhecia bem Diskant. Ele mesmo manteve os problemas apenas para si para não preocupar o Ômega. Trey lembrou-se do período em que Cade esteve ausente e começou a juntar as informações. — Você o enviou para protegê-la, não é? Você o enviou nessa missão. É por isso que você não reclamou quando ele esteve ausente. Você sabia onde ele estava.

—Trey... — Diskant rosnou seu nome, lentamente se aproximando.

—Parem de discutir. Precisamos recuperar o amuleto, — Leigh interrompeu, ficando entre os dois homens. A mulher que uma vez tinha se encolhido de medo diante dos shifters tinha desaparecido, e foi substituída por uma cadela com uma missão. —Nada disso importa. Temos que trazer Nathan de volta e temos que fazê-lo agora.

—No caso de você não ter ouvido... — Diskant falou para Leigh, —...estamos tendo problemas com os Pastores no momento. Assim como outras merdas. Sente o seu rabo e cale a boca.

—Não vá até lá. — Sadie agarrou os braços de Trey e enrolou seus dedos em torno do bíceps. Ela passou para o lado para olhar para Diskant. —Pare de brigar e preste muita atenção. A feiticeira não é nossa preocupação no momento. E assim que tivermos o amuleto poderemos resolver nosso principal problema. Nós apenas temos que ir buscá-lo.

—E porque você a trouxe aqui? — Diskant acenou para Leigh.

—Eu não teria voltado se não fosse preciso. — Leigh – diferente do que havia sido ordenado que fizesse – não sentou nem calou a boca, embora seu rosto revelasse que ainda se sentia nervosa em torno deles. A última vez que ela esteve na casa, Ava a tinha ameaçado e havia dado alguns momentos infernais a jovem vampira. —Nathan salvou minha vida. Eu não vou deixá-lo apodrecer em alguma espelunca. Não importa o que você diz, ele merece mais do que isso.

É bom ver que ela finalmente deixou de ser uma cadela chorosa, Trey pensou.

Sadie apertou seu braço, com força. —*Não seja um idiota. Eu ouvi isso.*

—E quanto a Cade? — Trey resmungou. Ele parou de se concentrar na feiticeira e passou a se preocupar com seu amigo mortal. —Você não está preocupado com ele? Você pode imaginar a merda que ele está prestes a enfrentar? Ele é humano. Ele não pode protegê-la ou a si mesmo. Ele está fodido.

—Eu não tenho tempo para me preocupar com Cade. Não agora. — Diskant também se levantou do sofá. —Nós temos que eliminar de vez a ameaça que os Pastores representam antes de podermos sequer pensar em Nathan ou Cade. Você precisa obter o amuleto o mais rápido possível. — Leigh abriu a boca para argumentar, mas Diskant falou mais rápido. — Vamos nos preocupar com Nathan na hora certa. Os Pastores capturaram uma de nossas crianças. Nathan iria ficar puto se ele descobrisse que colocamos sua vida na frente da vida de uma de nossas crianças, e Cade iria chutar nossas bolas se ele souber que arriscamos a vida de um inocente. — Com suas sobrancelhas franzidas, Diskant questionou: —Por que os Caídos querem Nathan afinal. Como ele poderia ser útil?

—Informações. — Sadie se aproximou de Trey, recostando-se contra seu peito. —Talvez eles

acreditem que Nathan possa dizer-lhes o paradeiro de Destiny.

—*Quem é Destiny?* — Trey perguntou a Sadie, em sua mente.

— *A feiticeira. Eu acho que há algo entre ela e Cade. Eu nunca o vi agir daquela forma protetora.*

—*Eu sabia que ele estava interessado em uma mulher.* — Trey lembrou-se de uma conversa que teve com Cade. O ser humano definitivamente tinha ficado impressionado com uma fêmea. Trey só não sabia quem ela era. —*O que ele disse?*

—*Não houve oportunidade para conversarmos. Enquanto eu ajudava Leigh, ele pegou Destiny e deu o fora. Eu vim direto para cá. Era muito perigoso continuarmos lá.*

—Quanto tempo vai demorar para conseguirmos o Zephyr? — perguntou Ava, espalhando os dedos sobre seu estômago. —Será que você poderia recuperá-lo sem ferir o meu irmão?

Trey apertou ainda mais os braços em torno de sua companheira.

—Eu quero falar com você sobre isso.

—Não agora. — Ela revirou os olhos para ele e encontrou o olhar de Ava. —Não vai demorar muito e Thomas não será um problema. Nós temos sua localização exata. — Ava tinha mostrado a Sadie uma foto dele, de modo que encontrar o homem, mesmo em meio a uma multidão, não seria difícil. —Nós vamos segui-lo, esperar que ele esteja sozinho e pegar o que precisamos.

—Eu preciso me alimentar antes de partir. — Leigh interrompeu e se aproximou de Sadie. —Eu preciso estar no meu melhor quando formos atrás dele.

—Faça isso rápido. — Diskant ordenou. Trey levantou a cabeça e o Ômega estava olhando diretamente para ele. —Podemos acabar com isso. Agora mesmo. Não seja um idiota. Uma vez que Ava puder ler as mentes dos Pastores eles não mais poderão atacar a cidade. Poderemos encontrar Jonathan e Jay e trazê-los para casa. Então, poderemos nos preocupar com os outros assuntos.

Por mais que Trey quisesse discutir, Diskant estava certo.

—Alimente Leigh. — Trey disse para sua companheira. —Então me encontre no nosso quarto.

Uma vez que Leigh tivesse terminado de se alimentar do sangue de Sadie, ela precisaria dele para reabastecer-se. Durante esse tempo, ele teria uma chance de conversar com sua companheira sozinha. Esta merda o estava fazendo envelhecer rápido demais. Se Ava realmente pudesse defender a cidade depois que eles recuperassem o medalhão, então ele iria exigir ficar algum tempo a sós com Sadie, sem quaisquer problemas interferindo. Uma vez que eles estivessem sozinhos, ele iria inverter os papéis. As habilidades vampiras de Sadie não seriam muito úteis quando ela estivesse amarrada e se contorcendo embaixo dele.

—Vá em frente. — Trey abraçou sua mulher e, em seguida, deu-lhe um empurrão suave em direção a Leigh.

Sadie deu-lhe um olhar de soslaio.

—Como você quiser.

As mulheres começaram a se afastar e ele teve que se esforçar para não segui-las.

Este era o seu trabalho. Aquele era o de Sadie.

Depois dessa missão ela não estaria mais em perigo.

Ele iria fazer qualquer coisa para garantir isso.



Sadie levou Leigh até um dos quartos de hóspedes e fechou a porta.

—Eu quero saber o que você está pensando, — exigiu sua amiga, deixando claro que queria ter uma conversa séria. Leigh tinha dito a Sadie que iria voltar com ela para a casa de Diskant, quer ela gostasse ou não. Ela não se parecia em nada com aquela jovem chorona e assustada, Leigh agora estava mais forte e determinada. —Responda-me ou eu vou procurar Thomas sozinha. Você pode sentar aqui e morrer de fome.

—Eles levaram Nathan porque ele estava me defendendo, — respondeu Leigh, virando-se para encará-la. —Você viu para onde eles o levaram. Só a Deusa sabe o que eles vão lhe fazer. Eu não seria

capaz de viver comigo mesmo se eu não tentasse salvá-lo. Ele merece que eu o ajude.

—Eu pensei que você ficaria feliz por ele ter ido embora. — A insinuação era pura maldade, mas, no entanto, era verdadeira. —Você fez um inferno na vida dele, desde que ele lhe disse que você era sua companheira.

—Ele exigiu muito de mim, e muito rápido. Eu não podia lidar com isso. Tentei dizer a ele que... — Leigh calou-se e estreitou seus olhos azuis escuros. — Eu não estava preparada para o que ele queria. Eu não poderia dar-lhe o que ele precisava.

—E agora, você está?

Leigh fez uma longa pausa. Ela piscou várias vezes, refletindo sobre a pergunta. Seus ombros relaxaram, as sobrancelhas esticaram e a carranca sumiu de sua face. A dureza em seus traços foi se suavizando.

—Eu não tenho certeza. Eu não sei como me sinto. — Suas feições continuaram suaves, e ela sussurrou: —Tudo o que sei é que eu não posso deixá-lo lá.

—se de alguma forma, milagrosamente o encontrarmos, os sentimentos dele em relação a você não terão mudado. — Nathan já tinha sido rejeitado o suficiente, e Sadie estava cansada daquela situação. —Você vai ter que aceitá-lo e parar de ser desagradável com ele. Não é justo para nenhum de vocês.

—Você ama Trey, não é? — Leigh perguntou suavemente e, ao mesmo tempo, enfrentando uma batalha interna. —Se você o perdesse, você seria capaz de ir em frente? Eu não estou falando apenas sobre a necessidade de beber o sangue dele. Eu estou falando sobre enfrentar cada dia sozinha. Pense em como você se sentiria. — Passando os dedos trêmulos pelos cabelos, ela continuou: —Eu amei Brett. Nós nos conhecemos quando éramos adolescentes. Eu pensei que eu iria passar o resto da minha vida com ele. Depois que eu fui transformada, fui direto para casa. Ele não estava lá quando cheguei, mas assim que ele entrou pela porta — assim que senti o cheiro dele — eu só queria afundar meus dentes em sua garganta. Isso me deixou assustada para caralho, então eu corri. Durante vários meses eu me escondi em edifícios abandonados e descobri o que eu havia

me tornado. Fui vê-lo depois que eu aprendi a controlar um pouco minha fome. No início, ele estava devastado. Eu até o vi chorar algumas vezes. Mas um dia eu fui até nossa casa e ele estava se mudando, levando todas as nossas coisas. Essa não foi a pior parte. — Balançando a cabeça, ela baixou os olhos. — Ele tinha uma mulher com ele. O relacionamento deles não era simples amizade. Eu não consegui mais voltar lá depois que os vi se beijando pela primeira vez.

—Ele se mudou? — A fúria que Sadie estava sentindo se transformou em simpatia.

—Sim, ele partiu. — Leigh foi até a cama e sentou na borda. —Eu fiquei com tanta raiva quando descobri. Pensei em ir atrás dele e explicar porque eu tive que desaparecer por todo aquele tempo. Mas então eu percebi o que poderia acontecer com ele se eu o procurasse. Foi muito difícil para mim, aceitar o que eu era. Inferno, eu nem sabia que coisas como nós existiam. Eu não queria arrastá-lo para isso. Eu sabia que era melhor ele seguir em frente.

—Se você sabia disso... — Sadie se calou por um momento, pensando em uma forma de abordar a

questão. Ela esteve na cabeça de Leigh e sabia que a jovem vampira tinha sentimentos por Nathan. —Por que você rejeitou Nathan?

—Por causa das coisas que ele me fez desejar. — Uma lágrima escorreu pelo rosto pálido de Leigh. — Eu estive dormente por tanto tempo. Então ele surgiu na minha vida. Desejar é uma coisa perigosa, Sadie. Se você tem o que você deseja, você se apega. E, quando você perde, você sofre. Eu jurei que nunca iria amar outra vez. Eu me convenci de que era melhor nunca mais dar uma chance ao amor. Tive muita sorte de ter tido o que eu experimentei com Brett. A maioria das pessoas passa a vida inteira sem sentir o que eu senti ao lado dele. Em seguida, veio a culpa. Eu não posso nem começar a descrever o quanto terrível esse sentimento se parece.

Merda. Ela deveria ser honesta ou mentir?

Sadie decidiu que esse não era o momento para falar com Leigh sobre como a Matilha poderia reagir quando descobrissem sobre ela. Não quando Leigh estava focada em Nathan e havia tanto em risco. As grandes coisas — coisas que poderiam devastar o mundo — provavelmente tinham prioridade sobre a

localização de Nathan. Leigh não precisava dessa informação nesse momento. A não ser que a Matilha decidisse que deveriam ir atrás de Destiny também.

—Leigh... — ela olhou para sua amiga preocupada, — ...você precisa entender que, se o encontrarmos, ele pode não ser o mesmo.

Fungando, a vampira que ainda tinha seus olhos marejados, a encarou.

—O que você quer dizer?

—Quero dizer que os Caídos são conhecidos por sua crueldade. Podemos ser capazes de salvar a sua vida, mas isso não significa que poderemos salvar a sua mente ou sua alma. — Embora ela realmente não quisesse lhe contar, ela tinha que fazer. —Eles anseiam por brutalidade e eles prosperam com a miséria dos outros. É uma das razões pelas quais eu não sinto qualquer culpa quando os mato. — E mesmo que sentisse, ela conseguiria superar. —Eles não têm simpatia ou compaixão. Eles só experimentam a alegria ou outra emoção quando eles estão atormentando os outros.

Os olhos de Leigh arregalaram e seu lábio inferior começou a tremer.

—Então, nós precisamos nos apressar.

—Eu vou lhe dar o meu sangue com uma condição. — Sadie tirou a jaqueta fina e mostrou-lhe o pulso. —Se nós conseguirmos trazê-lo de volta, você vai tentar aceitá-lo. Eu não vou salvá-lo apenas para ele enfrentar a sua rejeição. Ele vai ter um tempo difícil se readaptando à Matilha. Ele vai estar diferente. Ele não será tão suave ou doce como costumava ser com você. Você vai ter que ficar ao seu lado e apoiá-lo. — Leigh pegou o braço de Sadie, mas Sadie a deteve. —Você também tem que me dar sua palavra de que você vai oferecer a sua lealdade a Matilha, se você decidir ficar aqui. Eles vão querer que você aceite os mesmos termos que eu aceitei. Se você não cumprir todas as exigências, você pode morrer. E eu não vou poder impedir. Outras pessoas precisam de mim agora. Você vai ter que encontrar o seu próprio caminho e caminhar por ele.

Segundos se passaram. Sadie se perguntou se ela tinha sido severa demais.

—Eu lhe dou minha palavra. — Leigh respondeu suavemente.

Sadie levantou a mão e ofereceu-lhe o pulso. Leigh segurou o antebraço, seus dedos deslizando pela pele. Como sempre, Leigh mordeu cuidadosamente, mas afundando suas presas profundamente na carne de Sadie.

Só que desta vez ela não sorveu apenas um pequeno gole. Ela bebeu com entusiasmo.

Obrigado Deusa. Ela estava finalmente se aceitando.

“Talvez, apenas talvez” — Sadie pensou consigo mesmo — as coisas ficassem bem.



Trey terminou de falar com Ava e Diskant e despediu-se. Ele caminhou sem pressa para o quarto que dividia com Sadie. Uma vez lá dentro, ficou caminhando de um lado para o outro, para frente e para trás, mais e mais. Sadie não poderia continuar fazendo isso com ele. Mesmo que ele ainda tivesse incontáveis anos de vida pela frente, ele sentia como se a cada embate que ela travava, esses anos se consumiam rapidamente. Ele odiava quando ela se

colocava em perigo. Principalmente quando ele nada podia fazer para ajudá-la.

Ele pensou sobre o que Ava tinha dito quando Sadie e Leigh saíram da sala.

—Se o amuleto realmente funcionar, nós nunca seremos pegos de surpresa novamente. Poderemos proteger todos na cidade. Vamos finalmente ser capazes de manter a Matilha segura.

Houve um tempo em que ele alegremente teria sacrificado sua vida por essa oportunidade.

A Matilha sempre tinha sido seu mundo, exigindo toda a sua força e dedicação. Então, uma criatura loira, cativante com muita atitude invadiu sua vida e virou tudo de cabeça para baixo. Um toque — um simples gosto dela — e ele tinha sido condenado. Ele não conseguia parar de pensar nela, dia ou noite. Quando ele estava acordado, ficava excitado somente sentindo o aroma dela. Quando ele dormia, sonhava que estava transando com ela como um animal enlouquecido, determinado a marcá-la com seus dentes, suas garras e seu cheiro.

E se as esperanças de Ava se concretizassem? Eles não precisariam mais morar aqui. Ele poderia

dar a sua mulher a casa que ela sempre quis. Poderiam construir a sua vida fora do Complexo.

Valeria a pena correr tamanho risco para desfrutar de uma vida plena. Eles poderiam, finalmente, ter privacidade. Poderiam ter liberdade em sua própria casa, poderiam ter intimidade sempre que quisessem. Lá não haveria olhares curiosos ou ouvidos afiados para ouvi-los.

Não haveria mais Pastores em Nova York.

Não haveria mais perigo.

Seus pensamentos se voltaram para Nathan e o lobo dentro dele rosnou. Eles não seriam capazes de ter um ‘felizes para sempre’, a menos que encontrassem o homem. Diskant tinha sido bastante claro sobre esse assunto. Ava iria descobrir quanto poderoso era o amuleto e usá-lo, com a ajuda de Leigh, para que pudessem resgatar o Beta. Ele merecia isso. Várias vezes, ao longo dos anos, Nathan sacrificou sua vida pela Matilha.

Sem mencionar que ele era um puta de um amigo.

A porta se abriu e ele parou de se mover. Sadie entrou no quarto, sua pele pálida, os lábios quase roxos. Ela tremia quando fechou a porta e deixou cair o casaco que trazia na mão. Ele se apressou para ela antes que ela desmaiasse, e ficou furioso quando viu o ferimento em seu pulso.

—Que porra é essa que ela fez com você? — perguntou ele, pegando-a em seus braços. Leigh tinha bebido o sangue de Sadie antes, mas Sadie nunca havia ficado tão debilitada com isso.

—Algo que eu pensei que jamais veria. — A cabeça loira de sua companheira escorregou para trás e ele ficou chocado ao ver um pequeno sorriso em seu rosto. —Ela se alimentou, Trey. Pela primeira vez, ela realmente se alimentou. A aparência dela está diferente. Eu nem tinha ideia do quanto ela estava negando sua fome de sangue.

Ele a ergueu com cuidado, levou-a para cama e a deitou sobre os lençóis. Ele puxou a camisa sobre a cabeça e foi até ela, colocando um joelho ao seu lado e ficando com um pé apoiado no chão. Ele tinha a intenção de falar com ela, mas ela precisava de uma grande quantidade de sangue para se recuperar.

Sabendo disso, ele inclinou a cabeça para o lado e aproximou o pescoço em direção a sua boca. Ela colocou a mão em seu peito, impedindo-o de se aproximar mais. Ele jogou a cabeça para trás e olhou para baixo, confuso com a recusa dela.

—Temos cinco ou dez minutos, — ela murmurou, lambendo os lábios, mostrando-lhe um vislumbre de suas pequenas presas. —Tire o jeans. Eu quero sentir você antes de partir. Eu quero lembrar do porquê eu tenho que voltar para casa.

Filha de uma puta. Ele examinou a roupa dela. A maioria das camisas e calças de couro que ela usava pareciam iguais.

—Você gosta dessa roupa?

—Nem um pouco.

Ela vai ser a minha morte.

—Fique quieta.

Sem qualquer aviso, ele estendeu suas garras e rasgou a roupa, tomando cuidado apenas para não arranhar sua pele de porcelana. Uma vez que ela estava gloriosamente nua, com os seios subindo e descendo enquanto ela ofegava, ele fez o mesmo com

sua própria calça jeans. Demorou menos de trinta segundos, mas ainda pareceu um tempo muito longo. Seu pênis tinha ficado instantaneamente duro, suas bolas inchadas.

—Eu não vou conseguir tomar você de modo suave.

Ele mal esperou que ela absorvesse o aviso, segurou suas pernas e separou as coxas esbeltas. Ele situou-se entre elas, rosnando quando viu que suas dobras estavam inchadas e rosa. Segurando seu pênis na base, ele guiou a ponta para a entrada da fenda. Ela estava molhada, o que significa que ele não precisaria esperar. Com um impulso, ele empurrou toda a extensão do seu pau – da cabeça ao punho – dentro dela.

Contorcendo seus quadris, ela gemeu.

—Trey.

—Assim, querida. — Lentamente, ele retirou-se, sentindo-a lisa, as paredes da sua vagina flexionando e apertando ao redor de seu pênis. —Você queria lembrar o porquê de voltar para casa? Eu vou me certificar de que você não vá esquecer. Esta boceta é toda minha. — Ele ergueu os quadris e empurrou

contra ela, com força e rápido, levantando a bunda dela em suas mãos para penetrá-la mais profundamente. —Você vai parar de discutir comigo e começar a ouvir, companheira. É hora de você aceitar quem fica por baixo e quem fica por cima, nessa relação.

O lobo a montou selvagememente, uivando em sua cabeça. Ele sentiu seus caninos alongando, sentiu as pontas afiadas. Ela precisava se alimentar. Mesmo agora, ela mal era capaz de suportar seus impulsos. Mas o animal dentro dele queria mais. Seus olhos se fixaram no ombro dela, especificamente no tecido cicatrizado de uma mordida anterior – a mordida com a qual ele havia proclamado sua dominação sobre ela. Soltando sua bunda, ele abaixou o corpo e agarrou um punhado de cabelo louro na sua nuca. Ele forçou a cabeça dela para o lado, levantando seu ombro que não estava marcado.

Ela gritou quando ele a mordeu, ainda enterrado em sua boceta.

Um jorro de sangue espirrou contra a língua dele. Suas paredes vaginais apertaram ainda mais o pau dele e seu corpo começou a tremer embaixo do

dele. Mesmo sabendo que a ferida iria curar quando ela se alimentasse, seu lobo se deleitou com a cicatriz, querendo restabelecer sua posse. Colocando sua mão livre entre eles, ele encontrou e esfregou seu clitóris. A fim de permanecer na posição em que estavam, ele virou a cabeça para o lado, dando a ela espaço para furar sua pele e beber seu sangue.

—*Alimente-se de mim, querida,* — ele ordenou mentalmente, penetrando-a mais fundo.

Sua vagina apertou ao redor dele, seus músculos flexionaram e suas presas perfuraram a garganta. Ele gozou com um rugido — o som silenciado pela carne contra seus lábios. Ela gozou em seguida, arranhando seu peito, sua vagina apertando ainda mais. Enquanto ela bebia, ela o levou ao limite novamente. Seu pau pulsava, suas bolas latejavam quando ele gozou uma segunda vez. Sua vagina ordenhou seu pênis, drenando cada gota de seu sêmen.

—Esta é a última vez que você me deixa, — ele informou, bombeando os quadris, desejando que o momento durasse para sempre. —Jure.

Ela gemeu, a vibração enviou um raio de calor através de seu corpo.

—Eu juro.

Foi um grande esforço para ele afastar a boca da pele dela e forçar seus caninos a voltarem ao normal. Ele cuidou do pedaço de pele ferida com sua língua, diminuindo seus movimentos, dando-lhe tempo para se alimentar como precisava. Se ela tinha que partir para mais uma missão, ele a queria com sua força máxima. Como seu companheiro, ele deveria provê-la de tudo que ela precisasse.

Agora, sangue era tudo o que ele podia lhe dar.

E ele se ressentia para caralho por causa disso.

CAPÍTULO 8



Aí está você, seu pequeno filho da puta.

Sadie permaneceu exatamente como esteve pela última hora — sentada em uma mesa obscura com Leigh, na esperança de um vislumbre do irmão de Ava. Ela chegou a se preocupar que ele não aparecesse e tivesse que voltar no dia seguinte. Obrigada Deusa que isso não foi um problema.

—Ele está aqui, — ela disse para Leigh, fingindo saborear uma margerita.

—Qual deles?

—Alto, bronzeado e magro. Parece que ele precisa de um banho.

—Isso não quer dizer muito. — Leigh colocou o copo sobre a mesa. —A maioria dos homens que vimos até agora parecem que estão infestados com piolhos e doentes.

—Olhe bem de perto. Ele tem o nariz de Ava.

Depois de um momento Leigh respondeu:

—Estou vendo.

Seis instintos ficaram em alerta quando Thomas se sentou em frente de outro homem. Este — ao contrário do irmão de Ava — estava bem vestido, usando um terno muito caro. Ele tinha dinheiro, estava claro pelas roupas, o cabelo loiro era bem cortado e as abotoaduras de ouro. Ela examinou o macho, farejando o ar. Ele cheirava como um vampiro, mas não era um. Por baixo havia um cheiro mais peculiar. Ele devia estar usando uma grande quantidade de magia para mascarar esse outro cheiro.

—Ava disse que ele estava tentando encontrar um comprador para o Zephyr. Provavelmente sua companhia está aqui para comprar a relíquia. Isto pode não ser tão fácil como pensávamos.

Ela tentou formular uma nova estratégia. Originalmente, ela e Leigh tinham decidido seguir Thomas, encurralá-lo, pegar o amuleto e deixar o homem com uma forte advertência. Agora, ela não tinha certeza de que poderiam fazer dessa forma.

Uma sensação de culpa começou a se apossar dela. Tinha prometido a Trey que se manteria segura, mas ela não estava saindo sem o Zephyr. Havia muita coisa em jogo.

—Devemos sair e esperá-lo lá fora. — Sadie deslizou dinheiro sobre a mesa e olhou para Leigh. — Eu não posso ler a mente do homem que está com Thomas. Ele está me impedindo. Se ele pode fazer isso, certamente ele pode fazer muito mais. — Ela fez uma pausa, avaliando a ameaça potencial. —Há uma chance de que ele saiba que estamos aqui e o porquê. Você precisa partir.

Leigh olhou para os homens pelo canto do olho.

—Eu vou ao banheiro.

Ela levantou-se e pegou a bolsa que tinha trazido. Leigh tinha escolhido bem a roupa para a ocasião, optando por uma saia rodada e uma blusa decotada. Sadie ainda não podia acreditar o quanto diferente a vampira parecia. Leigh não estava mais magra ou abatida. Sua forma minúscula tinha ganhado curvas arredondadas — onde antes se podia ver sua estrutura óssea, agora havia quadris e seios fartos. Seu cabelo escuro também estava

gloriosamente brilhante. Seu rosto estava mais redondo, coberto por sua pele radiante e suave.

—*Espere um minuto ou dois e siga-me.* — Leigh pensou enquanto desfilava em direção a parte de trás do bar, seus quadris balançando provocativamente. —*Vamos nos transportar para fora daqui juntas.*

—*Dê-me cinco,* — pensou Sadie, afastando suas preocupações sobre Leigh. —*Eu não posso ler os pensamentos do outro homem, mas eu posso ler Thomas. Eu quero saber o que ele está planejando.*

Leigh se afastou, tomando seu tempo.

Determinada a obter as informações de que precisava, Sadie fingiu que estava gostando de saborear sua tequila e se concentrou em Thomas. Ela não ficou chocada ao descobrir que ele estava embriagado, obviamente havia bebido em algum outro lugar antes de vir a esse encontro. Portanto, seus pensamentos não eram claros.

Por favor, que ele tenha trazido todo o dinheiro. Eu preciso disso. Eu não posso aguentar muito mais tempo.

Então, ele estava tentando vender o Zephyr, caramba.

Não havia nenhuma maneira que ela pudesse sair. Ela tinha que mantê-lo à vista em todos os momentos. Se o colar saísse das mãos de Thomas e passasse para o estranho, ele poderia estar perdido para sempre.

Como se ela não tivesse o suficiente com que se preocupar.

—*Leigh,* — ela se comunicou imediatamente com sua amiga. —*Não espere por mim. Saia agora. Eu tenho que ficar aqui. Ele está tentando vender o Zephyr. Se o estranho colocar suas mãos na joia, eu vou ter de intervir, mesmo que todos no local me vejam.*

—*Você tem certeza que é uma boa ideia?* — Leigh não parecia convencida.

—*Não, mas é tudo o que podemos fazer agora.*

Ela baixou a bebida e olhou por cima do ombro.

Thomas tinha se inclinado sobre a mesa, conversando em voz baixa. O outro homem apenas ouvia, assentindo aqui e ali. Quando uma garçonete foi até a mesa, Thomas acenou a dispensando e

esperou até que ela estivesse fora do alcance de sua voz, antes de retomar a conversa. O homem com ele deu um aceno de cabeça e colocou a mão dentro de sua jaqueta. Ele tirou um pedaço de papel e deslizou-o em direção a Thomas.

Merda. Seu plano estava definitivamente indo pelo ralo.

—Eu estou do lado de fora, — a voz de Leigh ecoou na mente de Sadie. —Eu vou esperar do outro lado da rua. A única outra saída fica na parte de trás.

Eles teriam que passar por ela para sair. *—Eu vou ficar vigiando.*

Sadie focou novamente nos pensamentos de Tomás. Mais uma vez ela só conseguiu pegar pensamentos soltos. O homem com quem estava se encontrando se chamava Deason. O homem tinha marcado o encontro através de um contato e manifestou interesse no Zephyr. Thomas estava quase sem dinheiro. Ele também estava com medo de manter o colar em seu poder por mais tempo. Por essa razão, ele estava disposto a baixar o preço para conseguir vendê-lo mais rápido.

Mais uma vez ela tentou ler Deason, mas só conseguiu um grande vazio.

Caramba.

Alguém se sentou ao lado dela e ela ouviu uma voz masculina arrastada:

—Você não parece ser daqui. — O cheiro do perfume que ele usava chegou as suas narinas, era muito forte e quase a sufocou. Ela nem se deu ao trabalho de olhar para ver como seria a aparência do paquerador. —Posso lhe pagar uma bebida?

—Eu já tenho uma, — ela respondeu friamente, apontando para seu copo, sempre mantendo os olhos em Thomas. —FYI⁵, eu estou em minha lua de mel. Meu marido foi ao banheiro, mas ele estará de volta a qualquer minuto. Eu sairia daqui o mais rápido possível.

O homem saiu sem dizer uma palavra e ela fez uma oração para a Deusa. Apesar de ser muito bom ser apreciada como mulher, ela não estava no clima para ser paquerada. O sujeito a estava atrapalhando enquanto ela estava em uma missão.

⁵ Abreviatura de Fou Your Information (para sua informação).

—*O que está acontecendo?* — a voz de Leigh deslizou por sua cabeça.

—*Eles ainda estão falando.* — Embora ela tenha notado que Thomas parecia satisfeito com alguma coisa. Um pesado sentimento de mau presságio correu através dela. O sorriso no rosto dele só poderia significar uma coisa. —*Eu acho que eles fecharam o negócio.*

Os homens ficaram em pé ao mesmo tempo. O Senhor Engomadinho arrumou as lapelas de seu paletó enquanto Thomas tentava alisar sua camisa suja. Sim, eles definitivamente chegaram a um acordo. Sadie permaneceu onde estava, dando-lhes tempo para finalizar a conversa. Eles se prepararam para sair e Sadie deu a Leigh um aviso.

—*Eles estão saindo. Não os perca de vista.*

—*Considere-o feito.*

Ela permaneceu sentada enquanto eles saíam. Quando sentiu que era seguro, ela deslizou de seu assento e os seguiu. A adrenalina estava afetando seus nervos e fazendo suas mãos suarem. Thomas não seria um problema, mas o seu novo amigo poderia ser. Ela não conseguia penetrar sua mente ou

saber com certeza o que ele era, o que significa que ela teria que proceder com extrema cautela.

—*Sadie*, — Leigh parecia preocupada. —*Há um grande carro preto esperando por eles. Eles estão indo para ele. O que você quer que eu faça?*

Merda dupla.

Apressando-se para a saída, ela decidiu que não daria para fazer isso do modo fácil.

—*Pare-os. Não os deixe partir.*

—*Deixa comigo.*

Ela precisou empurrar algumas pessoas que estavam em seu caminho. Apenas alguns passos estavam entre ela e a porta, então, ela correu para fora. Seu olhar voou para o Cadillac do outro lado da rua. Então ela notou Leigh em pé entre os homens e o carro — os olhos azuis como safira brilhando mais que o normal — impedindo-os de sair.

—Saia do meu caminho, — Deason ordenou, franzindo o cenho para Leigh. Até mesmo a vários metros de distância Sadie podia sentir sua vibração mágica. Ele era um adversário mortal. Elas

precisavam pegar o colar e sair. —Eu não vou dizer novamente.

As portas do Escalade⁶ se abriram e dois homens saíram. Uma brisa soprou na direção dela carregando seus cheiros diretamente para ela. Ela respirou fundo e congelou, incapaz de se mover.

Ela soube então com o que ela estava lidando. O homem que tinha se encontrado com Thomas foi capaz de mascarar sua natureza, mas os outros não o fizeram. Seu estômago retorceu e seu coração apertou. A situação não era simplesmente perigosa. Ela tinha o potencial para se tornar mortal.

Quais eram as chances? Duas vezes no mesmo dia?

Os Caídos.

—Prepare-se para usar sua magia, — Sadie instruiu Leigh. —Assim que eu pegar o Zephyr nós damos o fora daqui.

Havia pessoas transitando pela estrada poeirenta, mas Sadie não lhes deu qualquer atenção e caminhou direto para Thomas. Ela desapareceu,

⁶  Cadillac Escalade

apareceu atrás dele, agarrou sua garganta e puxou o cordão de couro em volta do seu pescoço. Com um puxão rápido ela pegou o Zephyr em sua mão. Ela tropeçou quando uma onda de poder se chocou contra ela, o impacto da magia forte demais para suportar. Sua distração deu ao vampiro que estava fazendo negócio com Thomas tempo suficiente para se mover, o rosto contorcido de raiva indo direto para ela.

—Vocês não podem se mover, — Leigh ordenou, magia irradiando dela, arrepios de energia correndo pela pele de Sadie. O olhar de Sadie disparou para os vampiros que tinham saído do carro. Era evidente que eles estavam tentando combater o feitiço de Leigh. Seus olhos se estreitaram, os lábios puxaram para trás e revelaram suas presas. Eles se contorciam e tentavam ir para o outro vampiro, na esperança de que ele pudesse neutralizar o feitiço.

—Vocês não vão se mover. — Leigh falou com mais firmeza, aumentando sua magia e fazendo sua voz soar mais baixa. —Como eu ordenar, deve ser feito.

Antes de Sadie poder dar um suspiro de alívio, ela sentiu a pressão de uma mão envolvendo em torno de sua garganta. Ela agarrou o pulso de seu agressor e apertou firmemente seus ossos. O colar que estava na sua outra mão brilhou e enviou uma enorme onda de força através dela. Antes que ela percebesse o que estava fazendo, o pulso sob seus dedos rachou e os ossos esmigalharam. Ela sabia que não tinha aplicado pressão suficiente para fazer isso. Na verdade, ela tinha planejado girar o pulso de seu agressor e tentar ficar livre, mas, então, Deason começou a uivar em agonia.

Putá merda.

—Desapareça, — ela ordenou a Leigh. —Eu vou encontrá-la em casa.

—E quanto a Thomas?

A pergunta pegou Sadie desprevenida e a fez hesitar. Se ela simplesmente abandonasse o humano imbecil, os vampiros Caídos iriam matá-lo. Isso ou então eles torturariam Thomas na tentativa de conseguir quaisquer respostas que eles achassem que o humano poderia fornecer. Isso levaria os Caídos direito à porta de Ava e Diskant.

Sadie soltou Deason e o chutou com força no rosto. Assim que ele caiu no chão, ela agarrou Thomas pelo braço. Não havia muito tempo. Ela tinha que fazer isso rápido.

Encarando-o nos olhos, ela começou a vasculhar em sua cabeça. Era hora de remover alguns arquivos de seu armário mental. Era perigoso demais permitir que ele se lembrasse do que havia acontecido. Ela fez questão de limpar todas as memórias que ele tinha de Ava, incluindo seu breve encontro com Diskant e a Matilha. Uma vez feito isso, ela teve o cuidado de remover também suas memórias sobre o amuleto, sua viagem até aquele lugar, sua intenção de vendê-lo e qualquer outra coisa que estivesse relacionada a joia ou a sua irmã.

—Você vai entrar no carro e dirigir. Depois de cinco minutos você vai abandoná-lo, vai voltar para onde está hospedado, arrumar suas coisas e partir. Você não tem família. Você não tem ninguém. Você veio para o México para relaxar, mas agora é hora de você ir para casa. — Se Thomas seguisse suas instruções, ele iria voltar para Nova York. Ava poderia lidar com o rato bastardo então. Ela precisou trabalhar rápido, mas estava confiante de que ela

tinha alterado os seus pensamentos bem o suficiente para proteger a Matilha. Empurrando-o em direção ao carro, ela ordenou: —Vá em frente. Dirija.

Ele entrou e fechou as portas. Quando o carro partiu, ela olhou para Leigh e acenou a cabeça.

—Vamos sair daqui.

Leigh desapareceu e os vampiros sob seu controle tentaram agarrar Sadie.

Ela fechou os olhos e se imaginou em casa.

Era hora de partir.



O homem de casaco escuro passeava na frente da gaiola, caminhando para trás e para frente. O couro do casaco que usava fazia um som de arranhar cada vez que esfregava contra a calça jeans do homem, e isso provocava arrepios em Jay. Ele repetia para si mesmo que não devia se mover, pois isso só lhe traria dor. Sua perna tinha sido quebrada de novo, só que desta vez foi muito pior. O osso não tinha perfurado sua pele, mas ele podia ver a forma como estava pressionando contra sua carne.

Seus olhos foram na direção da gaiola em frente a sua e ele encontrou o olhar de seu pai.

Até agora, os homens tinham lançado sua raiva apenas sobre seu pai. Jay tinha assistido, horrorizado, como seu pai havia tentado mudar para a forma de lobo apenas para ser espancado até perder os sentidos. Ele não sabia o que tinha acontecido a sua mãe — ele apenas a viu de relance antes de ser golpeado na cabeça com o cabo de uma espingarda — mas ele esperava que ela tivesse conseguido fugir.

Se ela pudesse chegar até a Matilha, um grupo seria mandado para resgatá-los.

O homem continuou andando pela sala, e Jay manteve a cabeça baixa. Seus pais costumavam conversar em segredo sobre os Pastores, mas ele tinha ouvido algumas das histórias. Ele sabia que esses homens matavam shifters. Quando percebeu que eles gostavam de ouvi-lo chorar — insultando-o e dizendo-lhe que ele seria o próximo — ele decidiu permanecer quieto e silencioso.

Era a única coisa que podia fazer para se vingar deles, considerando a situação.

Passos se aproximaram, descendo as escadas para o quarto onde Jay e seu pai estavam presos. Ele conseguia reconhecer seus agressores por suas botas. Este era o único do grupo que usava botas negras. Um arrepio subiu por seu pescoço e sua respiração começou a falhar. Esse era o único de quem ele sabia o nome. Os outros homens tratavam-no como um chefe, mostrando-lhe o maior respeito.

Nathaniel, também chamado de Anthony.

—Eles receberam a nossa mensagem, — disse Anthony calmamente, parando a vários metros de distância. —É hora de negociar. Se eles querem estes dois de volta, eles vão ter que entregá-la.

—Você tem certeza de que eles não a mandaram para outro lugar? — perguntou o outro homem.

—Eu mesmo a vi há poucas horas. — A voz de Anthony mudou, fervendo de raiva. —Aparentemente a pequena Mary acha que se ela permanecer junto deles, ela estará segura.

Mary. Jay sabia quem era. A companheira de Emory.

A Matilha não queria aceitá-la, mas Diskant os convenceu a dar-lhe uma chance. Jay ouviu falar sobre a discussão dentro da Matilha, mas seus pais nunca lhe explicavam tudo quando ele perguntava a respeito.

—O que você pretende fazer?

—O que nós viemos aqui para fazer. — Anthony caminhou até a gaiola de Jay. —Eu joguei a isca, Mesmo que eles não a entreguem, nós os teremos em campo aberto. Mary conhece a punição para quem vira as costas para a família. Assim que o contato for estabelecido e as coisas estiverem prestes a acontecer, você pode se livrar de nosso convidado aqui. — Anthony agachou, tornando impossível para Jay não vê-lo. —Você tem sorte, rapaz. Nós decidimos salvar sua alma.

Salvar a minha alma?

—Como assim? — ele perguntou em voz baixa.

—Uma vez que expulsarmos o demônio de dentro de você, você vai ser livre. Eu posso sentir a salvação ao seu redor. Sua morte será rápida e indolor. Você vai fazer a passagem em paz. —

Anthony olhou por cima do ombro, encarando o pai de Jay. —Eu não posso dizer o mesmo sobre ele.

Antes que ele pudesse dizer outra palavra Anthony tinha ido embora. Outros homens apareceram, em torno de gaiola de seu pai. Ele sabia o que aquilo significava. Eles iriam tentar forçar seu pai a implorar por misericórdia, implorar pelo perdão de Deus. Ele fechou os olhos, apertando-os firme, e tentou ficar em silêncio, mas não foi fácil. Ouvir o horrível som de carne sendo açoitada, ele finalmente compreendeu o que estava prestes a acontecer. A Matilha nunca iria encontrá-los a tempo. Os homens iam matar seu pai. Em seguida, eles fariam o mesmo com ele.

Eles iam morrer nesse lugar horrível.

Sua bexiga esvaziou, sujando suas já imundas calças.

O cheiro de seu terror era tão forte que ele teve que prender a respiração, caso contrário iria cobrir sua camisa esfarrapada com vômito também.

Por que isso está acontecendo comigo?

O que eu faço?

Ele não obteve resposta. Ele estava preso, incapaz de mudar e correr.

Tudo o que ele podia fazer era esperar e rezar para que alguém viesse salvá-los.

CAPÍTULO 9



Sadie sentia como se ainda estivesse flutuando quando apareceu na sala de Diskant, sua mão apertando firmemente o amuleto. Mary estava sentada no sofá, lendo um livro. A fêmea saltou e ficou em pé, sua postura e seu rosto deixando evidentes que ela estava assustada. Leigh apareceu a apenas alguns metros de distância. Sacudiu a cabeça para tentar se concentrar e olhou para Sadie, como se estivesse insegura.

—Emory! — Mary gritou, os olhos arregalados como pires, encarando Sadie.

—Relaxe, — disse Sadie, tentando livrar-se do poder que estava percorrendo todo seu corpo. Ela sabia de uma coisa – assim que Ava terminasse de usar o amuleto para conseguir as informações que precisavam, eles deveriam providenciar uma forma de armazená-lo em segurança. O artefato era muito

poderoso para que alguém o segurasse por muito tempo. Ela já sentia a diferença em si mesma, seus instintos estavam mais aguçados e seu poder só aumentava, Levantando a mão no ar, ela informou para a mulher em pânico: —Nós temos isso. O plano funcionou.

—Putá merda, — disse Mary, dando um passo para trás.

De repente, a sala passou de vazia para lotada. Trey apareceu, correndo em direção a Sadie. Diskant surgiu com Emory em seus calcanhares. Ava não era tão rápida, mas ela apareceu junto com Zach.

—Eu não tenho certeza do que está acontecendo aqui, mas é melhor você agir rápido. — Sadie contornou os braços abertos de Trey e entregou o amuleto para Ava. —Os Caídos sabem sobre o Zephyr. Aldon não vai ser a nossa principal preocupação por muito tempo. Precisamos encontrar os Pastores e neutralizá-los antes que as coisas fujam ao nosso controle.

—Os Caídos? — Diskant perguntou em um rosnado baixo. —Mais uma vez?

—Seu irmão desenhou um alvo em sua própria cabeça, — Sadie informou a Ava, sentindo uma pontada de compaixão. —Eu limpei seus pensamentos e disse—lhe para recuperar suas coisas e voltar para casa. Se ele não encontrar resistência ao longo do caminho, ele talvez consiga.

—Talvez? — perguntou Ava, sua voz era um sussurro, de medo.

—Eu não poderia ficar com ele, mesmo que eu quisesse. — Sadie sentiu os braços de Trey prendendo-a pela cintura. Ela acolheu o seu calor, derretendo em seus braços. —Havia muitos deles. Leigh os paralisou do lado de fora do restaurante onde estávamos, mas seria apenas uma questão de tempo antes que eles se soltassem e atacassem. Tive tempo suficiente para manipular a mente de Thomas e fazê-lo sair de lá em um carro. O resto é com ele.

—Eu... — Ava balançou, olhando para sua mão. —Está tudo bem. Não é culpa sua.

—Pinkie? — Diskant estava ao lado de sua companheira em um instante. Segurou-a firme, com preocupação irradiando dele. —O que está errado?

—Oh Deus. — Ava sussurrou com horror. —Há tantas vozes. Eu posso ouvi-los, gritando uns com os outros.

—Pegue isso dela. — Sadie olhou para Diskant enquanto ordenava. —Ela vai ter que aprender a controlar o poder. É muito poderoso.

Diskant não fez perguntas e pegou a pequena bugiganga da mão de Ava. Imediatamente ele suspirou, balançando a cabeça, todo o seu corpo tremia.

—Que porra é essa merda?

—Seu pior pesadelo. — Sadie disse, aliviada por ter conseguido o que eles precisavam para finalmente começarem a formular um plano sólido de ataque. — Ele me bateu com força assim que eu o toquei. Deixe que Ava descanse por alguns minutos e depois lhe devolva a joia. Ela vai precisar tocá-la constantemente para se adaptar ao poder. Não tem como ela controlar tanto poder de uma só vez.

—O que aconteceu? — Trey perguntou, com sua respiração acariciando o ouvido dela.

—Thomas chegou como nós previmos que ele faria. — Ela se calou por um momento e, simplesmente, relaxou contra o calor e o conforto do abraço de seu companheiro. Ela sabia que estava sendo egoísta, mas ela fez mesmo assim. Depois de alguns segundos, ela continuou: —Ele se encontrou com um homem cuja mente eu não conseguia penetrar. Apenas quando saí do restaurante, eu descobri o porquê. — Seus olhos se fixaram em Ava. Não havia nenhuma maneira fácil de dizer isso, então ela decidiu ser sincera. —Ele estava negociando a venda do Zephyr com os Caídos. Eles já tinham fechado o negócio. Mas eu tenho a impressão de que eles não pretendiam pagá-lo. Pelo menos não da maneira que ele esperava. Tenho quase certeza de que assim que colocassem as mãos na joia, eles o teriam matado. Ele teve sorte porque manteve o medalhão escondido. Eu tenho que dar-lhe crédito por isso. Eu pensei que ele fosse mais estúpido.

Diskant olhou para o objeto em sua mão.

Sadie também tinha ficado chocada quando o viu. O amuleto estava pendurado em um cordão de couro e parecia mais com algo que um surfista usaria. Não era exatamente o que ela esperava. Não

havia nada de tão especial sobre ele, Sadie poderia tê-lo confundido com uma simples bijuteria. Como ele mudava de cor, poderia ser feito de qualquer pedra preciosa – alexandrita, safira, ou mesmo um topázio.

—Ela costumava ficar no centro de um medalhão de ouro, — Ava murmurou, estudando o Zephyr. —Agora ele parece tão pequeno. Eu me lembro como ele brilhava quando estava preso no medalhão da mamãe. Eu adorava olhar para ele. Mesmo eu sendo muito pequena, ele sempre chamou minha atenção.

—O tamanho não importa. É a magia dentro dele que conta. — Sadie se recompôs e voltou a sua postura normal. Ela não se afastou de Trey, mas ela estava feliz por seus joelhos não estarem mais tão fracos. —O que você tem em sua posse é poderoso que só a porra. Com ele você vai ser capaz de ampliar sua telepatia e ouvir qualquer um. Pode haver um limite de alcance, mas eu imagino que ele vai ser bem grande. Você só tem que aprender a controlá-lo.

—Será possível impedir um ataque? — Diskant soou cauteloso, mas esperançoso. —Será que ela vai

ser capaz de ver o que nossos inimigos estão planejando?

—Vê-los? Não. — Não da maneira que Diskant esperava. —Vai ser melhor. Ela vai ser capaz de ouvi-los. Ela vai saber o que eles estão pensando.

—E o bebê? — Em uma fração de segundo o Ômega passou de curioso para desconfiado. —Eu não vou permitir que nosso filho seja ferido.

—Isso não vai machucar o bebê. — Sadie entendia sua preocupação e se apressou para aliviar suas dúvidas. —É um objeto perigoso, mas não para Ava. Se ele está em sua família por gerações, há uma razão. O mais certo é que ele vá proteger o seu bebê. É o seu legado. A base para o futuro.

—Eu quero tentar. — Ava, tendo recuperado suas forças, estendeu a mão para a joia. —Temos que encontrar Jonathan e Jay. Eu preciso entender esta coisa. Eu não tenho tempo para esperar.

Sadie pegou o olhar de relance que Zach — o Beta da Matilha — deu a Diskant. Ela também observou a maneira como Mary franziu a testa e deu um passo para trás. Emory enroscou o braço em volta da cintura de sua companheira, com uma carranca

furiosa no rosto. Seu estômago deu um nó, um aviso interior dizendo a ela que algo estava muito errado. Ela falou na mente de Trey, necessitando saber o que ela tinha perdido.

—O que aconteceu?

—Recebemos um telefonema anônimo. — Trey, geralmente confiante e arrogante, parecia derrotado. —Os Pastores nos ameaçaram caso não entregássemos Mary. Eles marcaram um encontro. Disseram que vão matar Jonathan e seu filho se nós não concordássemos em ir até esse local. Temos um dia para dar-lhes uma resposta.

—Filhos da puta.

—Sadie e eu podemos ajudá-la a utilizar a magia, — Leigh ofereceu. —Com nós três trabalhando juntas, isso não vai demorar muito. Um par de dias no máximo.

—Considerando que são as vidas de Jonathan e Jay que estão em jogo, não podemos esperar um par de dias, — Zach disse a Leigh, balançando a cabeça. —Os Pastores fizeram contato. Querem que entreguemos Mary em troca de nossos companheiros de Matilha. Eles deixaram claro que não estão abertos

a negociações. Nos deram um prazo apertado. Eles esperam que nós a entreguemos nas próximas 24 horas.

—Isso nunca vai acontecer, — Emory rosnou, puxando Mary perto. —Nunca, caralho.

Sadie sentiu como se tivesse sido jogada de um penhasco e estivesse em queda livre. Situações assim nunca eram resolvidas facilmente. Ava precisava de tempo para se acostumar com a magia do amuleto antes de usá-lo para tentar encontrar pai e filho. Mesmo que elas tivessem alguns dias para treinar, seria difícil controlar o poder. Sua mente afundou, inundada de incerteza. Ela tinha jurado proteger a Matilha e falhou.

—Onde está Mitchell? — perguntou Sadie, esperando que o homem que tinha sido enviado para pegar as coisas de Jonathan e Jay já tivesse voltado. —Nós não temos que usar o amuleto. Leigh pode encontrá-los facilmente.

—A casa foi destruída, — Zach informou. —Foi tudo incendiado. Mitchell acredita que a família estava sendo vigiada muito antes de serem atacados. A polícia está por toda a área. O nosso pessoal dentro

do departamento pode encobrir o que aconteceu, mas até que os seres humanos partam, Mitch não pode sequer se aproximar do local.

Sadie sentiu o sangue sumir de seu rosto.

—Não.

—Eu posso fazer isso, — Ava gritou, seus olhos mudaram de cor. —Ninguém pode me machucar. Eu só tenho que entender o que eu estou ouvindo. Eu já fiz isso antes. — Olhando para cima, ela estudou Diskant. —Você queria uma companheira? Aqui estou. Este é o meu trabalho, tanto quanto é seu. Eu posso descobrir isso. Quanto mais cedo, melhor.

—Minha Ava, — Diskant advertiu em um rosnado baixo. —Não mesmo.

—Esta é a minha família, tanto quanto é sua. — Ava afastou-se um pouco de seu companheiro e bateu-lhe no braço. —Não me venha com essa merda de macho alfa. Isto é o que eu tenho que fazer. Precisávamos do amuleto e agora o temos. Eu quero trabalhar com Sadie e Leigh para resolver esse problema. — Quando ele tentou puxá-la para perto, ela o empurrou. —Não tente me intimidar. Não desta vez. Eu estou dizendo a você: eu não vou deixar que o

homem e menino morram porque você está com medo do que vai acontecer comigo. E se fosse o nosso filho?

—E eu já lhe disse antes. — Implacável, Diskant segurou Ava pelo braço e puxou-a para si, de modo que sua barriga saliente pressionasse contra seu corpo. —Nada significa mais para mim do que você. Nada.

—Eu sugiro que nós deixemos essa conversa de lado por alguns minutos e tentemos nos acalmar, — disse Zach com calma. —Os Pastores não farão qualquer movimento até amanhã. As opções são limitadas, mas há uma possibilidade de que possamos passar por isso. Além disso... — dando a Leigh um olhar desagradável, ele continuou, — ...nós ainda temos que nos preocupar com os Caídos. É hora de mantermos a calma.

—É fácil para você dizer, — Emory rosnou, estreitando os olhos para Zach. —Não é a vida da sua companheira que está em risco.

Um silêncio tomou conta da sala.

A raiva de Emory desapareceu, uma enorme quantidade de remorso substituiu sua fúria. Ele fechou a boca apertado e abaixou a cabeça. Ao

mesmo tempo Diskant parou de discutir, seus olhos voando sobre a sala como se tivesse acabado de se lembrar de algo importante. Zach parou de falar, com os olhos abertos, mas não vendo nada. Seus ombros abaixaram e o poder que irradiava do macho desapareceu.

—Você está certo, não é, — Zach respondeu, sua voz um sussurro raso. O macho parou de discutir, e assumiu uma postura sombria. —Minha companheira está morta. Eu nunca vou vê-la novamente. Você está sentindo o gosto do medo de perder sua companheira, mas você não tem ideia de como é o gosto de realmente tê-la perdido.

—Zach... — Emory tentou se desculpar, mas já era tarde demais.

—Eu vou falar com os guardas. — Zach se endireitou. Ele balançou a cabeça, respirando fundo. Evitando os olhares de todos, ele sussurrou: —Façam o que quiserem.

Zach saiu da sala. Diskant esperou até ouvir Zach sair da casa antes de se virar para Emory.

—Que porra foi essa, seu fodido da cabeça?

—Eu não deveria ter dito isso. — Para crédito de Emory, ele parecia arrependido. —As coisas têm estado tão tensas e...

—E é hora de trabalhar, — disse Ava. —Não há tempo a perder.

—Eu quero falar com você, Pinkie. — Diskant recusou-se a dar-lhe o amuleto. —Eu quero discutir isso em primeiro lugar.

—Tudo bem, eu vou lhe ver na cozinha, — ela retrucou. Ela levantou a cabeça, olhando para Sadie e Leigh. —Em 30 minutos eu quero que vocês me encontrem aqui. Nós vamos descobrir como fazer essa coisa funcionar.

O casal partiu e Sadie olhou para Emory e Mary.

Mary tinha colocado as mãos nos braços de Emory, acariciando sua pele.

—Vamos para o nosso quarto, — ela sugeriu suavemente. —Todo mundo precisa de algum espaço agora. — Ela encontrou os olhos de Sadie. —Se você precisar de mim, me avise. Eu vou fazer o que puder para ajudar.

Leigh estava obviamente frustrada, olhando para Sadie.

—Você sabe que não temos tempo para isso.

Não, eles não tinham. Mas, pelo amor de Deus, eles precisavam de um tempo para se recuperar. Ava estava com Diskant e, pelos próximos 30 minutos, tudo que ela e Leigh podiam fazer era esperar.

—Fique aqui, — disse Sadie, agarrando a mão de Trey. —Nós voltamos logo.

Ela não se preocupou em ver como a ordem impactou Leigh. Por mais que ela amasse sua irmã de magia, Trey precisava dela agora. Inferno, a Matilha inteira precisava dela. Como Alfa, Trey estava no comando e Sadie podia sentir que ele estava quase surtando. Eles precisavam conversar sem serem interrompidos.

Aceitando a sugestão, Trey segurou os dedos de Sadie e liderou o caminho. Ela não discutiu, apenas andou ao lado dele. As coisas não iam ser fáceis. As decisões que eles estavam prestes a tomar poderiam salvar ou destruir vidas.

Quando ela saiu da sala, ela fez uma oração para a Deusa.

Ela precisava de calma.

Ela precisava de foco.

Trey poderia dar-lhe tudo isso.

Trey não disse uma palavra enquanto guiava sua companheira em direção ao seu quarto, apesar de estar com vontade de arrancar a cabeça de alguém. Ao mesmo tempo em que estava preocupado pela segurança da sua mulher, ele não podia deixar de se solidarizar com a dor de Zach. Katie — companheira de Zach — tinha morrido. Eles nunca completaram todas as fases do laço de sangue, ou seja, a vinculação entre eles não era permanente. Entretanto, o macho havia sofrido mais do que poderiam imaginar, e continuava sofrendo.

Emory era um pedaço de merda por ter dito aquelas coisas.

Ao mesmo tempo, Trey entendia a fúria de seu irmão.

Mary era uma Pastora. Todos sabiam que sua família, mais cedo ou mais tarde, voltaria para acabar

com sua vida. Era o que eles faziam. Era como eles eram. Por isso, era compreensível que Emory estivesse no limite. Era seu trabalho, como companheiro, protegê-la. Sem dúvida, ele poderia ter sido mais cauteloso ao abordar o assunto com Zach, mas, com certeza, o lobo dentro dele não estava se sentindo generoso.

Ele chegou a porta do seu quarto e empurrou Sadie para dentro.

Seu coração batia em sua garganta, seu estômago estava enjoado.

Se os papéis estivessem invertidos, ele estaria tão irritado quanto seu irmão. Shifters — especialmente os do tipo lobisomem — sempre colocavam seus companheiros em primeiro lugar. Não havia nada mais importante. Houve um tempo em que ele tinha negado isso e tentado afastar Sadie de sua vida. Agora, ele entendia o quanto importante ela era para ele, uma parte vital de sua vida.

Ele nunca seria capaz de existir sem ela.

—Trey, — Sadie não se afastou, inclinando seu corpo esguio contra o dele. —Toda essa merda que

está acontecendo é muito perigosa. Eu não tenho certeza do que é, mas eu não gosto disso.

Ele queria levá-la para a cama, seu lobo queria marcá-la mais uma vez. Ele lutou contra o impulso, sabendo que agora não era o momento. —Diga-me o que você está pensando.

—Aldon veio atrás de Leigh porque ele queria encontrar o amuleto. — Ela suspirou, inclinando-se mais perto, sua doce fragrância chegando ao nariz dele. —Agora eu sei que outros Caídos sabem a respeito dele também. Isso significa que vamos ter o dobro de trabalho. Eles nunca vão desistir de consegui-lo. Eu tentei apagar todas as memórias de Thomas sobre Ava e o medalhão, mas algo pode vazar. Não podemos correr esse risco. Temos que descobrir o que fazer a partir daqui.

—O que você está pensando, querida? — Ele deslizou a mão ao longo de sua cabeça, deixando os dedos passearem através de seus cachos acetinados. —O que está atormentando essa sua linda cabeça?

—Em 30 minutos eu vou ter que ensinar Ava como usar o amuleto para se concentrar em pensamentos e impressões. É mais fácil dizer do que

fazer. Eu senti quão forte o Zephyr é. Ela vai ter uma merda de muito trabalho.

—Mas? — Ele sentiu sua pausa, poderia dizer que ela tinha tomado uma respiração profunda.

—Não importa se ela vai conseguir ou não controlar os Caídos, — admitiu ela, aproximando-se dele, seus lábios roçando por cima do ombro. —Ela vai ser capaz de sentir se eles se aproximarem. Ela também será capaz de mascarar a presença do Zephyr com a minha ajuda. Um pouco de magia pode funcionar. Não vai ser difícil. — Ela se afastou, encontrando seus olhos. —Há algo mais também.

Ele não gostou do jeito que ela olhou para ele. — O quê?

—Há um membro dos Caídos que nos atacou antes. Se Ava puder invadir seus pensamentos, nós vamos ter uma carta na manga. Poderemos ser capazes de usá-lo para encontrar Nathan.

Ele sabia de quem ela estava falando – Aldon Frost.

Seu coração começou a bater em sua garganta.

O vampiro já tinha machucado sua mulher, e o filho da puta era perigoso. Não fazia muito tempo desde que Trey teve que resgatar Sadie de Aldon. O próprio Trey quase teve seu traseiro chutado. Ele não queria sua companheira em qualquer lugar perto do filho da puta, que era poderoso o suficiente para derrubar dois lobisomens de uma só vez. Seria como tentar desafiar o próprio diabo.

—Eu não acho que seja uma boa ideia.

—Ele pode nos ajudar a encontrar Nathan, — Sadie repetiu calmamente. —O Zephyr é forte o suficiente. Se Ava conseguir entrar nos pensamentos de Aldon ele poderá ser capaz de nos ajudar. Nós não podemos ir em busca de Nathan sozinhos.

Ele estava entre a cruz e a espada.

Nathan tinha sido o Beta de Trey por tanto tempo, que ele se sentia obrigado a salvar o homem. No entanto, ele não podia deixar de se preocupar com sua companheira — a mulher que estava disposta a se colocar no caminho do perigo. E se a magia desse errado? Ele tinha ouvido histórias sobre isso acontecendo no passado. Não havia qualquer garantia de que as coisas sairiam conforme eles planejassem.

—Nós nos concentramos em Jonathan e Jay, — disse ele, segurando seus braços. Seus dedos cavando na pele dela, seu medo por ela era palpável. —Nós podemos pensar no resto depois.

—Trey. — O rosto de Sadie, em vez de raiva e contradição, demonstrava suavidade. —Você sabe que nós nunca estaremos seguros. Não com a ameaça dos Pastores e, certamente, não com a ameaça dos Caídos.

—Nós temos sobrevivido por séculos, lutar contra nossos inimigos não é algo novo. — Era a pura verdade. Desde que Diskant havia se tornado o Ômega de Nova York — pelo menos até antes de Diskant Black conhecer Ava Brisbane — as coisas tinham ficado bem. —Você não sabe se o amuleto vai funcionar. Pode piorar as coisas.

—Como? — Ela acariciou seu rosto com as pontas dos dedos. —Aldon não terá qualquer ideia de que Ava está em sua mente. Isso é o quanto forte o amuleto é. Se eu quisesse, também poderia utilizar seu poder em meu favor. Por essa razão ele também é tão perigoso. Temos sorte de não ter caído em mãos erradas.

Capturando a mão dela com a dele, ele disse:

—Você continua me pedindo para se arriscar. Você tem alguma ideia do que isso faz comigo? Como você se sentiria se as coisas se invertessem? Seria tão fácil para você?

Ele estava cansado de se sentir fraco. De não ter poderes no mesmo nível dos que sua companheira possuía.

—Claro que não. — Seus dedos apertaram os dele, seus olhos azuis eram ferozes. —Eu estou lhe dizendo, nós podemos fazer isso. Nós temos o que precisamos. Mesmo que Thomas volte a Nova York ele não será uma ameaça. Nossos inimigos não poderão obter qualquer informação com ele. Este pode ser o começo do fim dos nossos problemas. A Matilha estaria protegida, assim como nós. Isto é pelo que você trabalhou. Nós podemos fazer isso acontecer. — Inclinando-se para frente, ela deslizou os lábios nos dele. —Você e eu.

—Mata-me cada vez que você parte. — Ele sentia como se estivesse perdendo um pedaço de si mesmo a cada momento. —Eu tenho que protegê-la.

E me enfurece o fato de que você não permitir que eu o faça. Estou cansado de ser deixado no escuro.

—Isso é bom, — ela sussurrou, a doçura de sua respiração acariciando seus lábios. —Porque se eu estiver certa, não terei mais que partir. Eu estarei ao seu lado sempre. Nada ficará entre nós. Seremos apenas nós dois.

—Pare de me pedir para tomar decisões como esta. — Ele tinha sido justo até agora, mas ele estava cansado de ceder. —Se eu concordar em deixar você ajudar Ava, eu quero que você me dê sua palavra de que vai fazer isso daqui. Já chega. Você já conseguiu o que precisávamos. Eu não vou lhe ver partir de novo. A Matilha não significa nada para mim sem você.

—Eu nunca vou deixar você de novo, a menos que seja preciso. Nós demos nossa palavra a Matilha. Eu não posso virar as costas para isso. Eu entendo a sua posição, no seu lugar eu agiria da mesma forma, mas eu estou preparada para lutar. Isto é o que eu faço. — Ela se contorceu mais perto e roçou seu peito contra o dele. —E se você pensar sobre isso, você também. É por isso que nós estamos destinados a

ficar juntos. Não importa a situação. Queremos cuidar de quem pedir proteção. Eu sei que você nunca viraria suas costas para aqueles que você ama.

—É por isso que esta situação é tão difícil. — A admissão foi arrancada de sua garganta. —Eu não quero perder você.

—Estou feliz em ouvir isso, porque você está preso comigo. — Ela deixou-o ir e caiu de joelhos, tentando alcançar suas calças. -Ava disse trinta minutos. Isso nos dá vinte e cinco minutos, mais ou menos. Eu estou disposta, se você também estiver.

Suas unhas correram sobre o abdômen dele e ele assobiou. Ele queria isso tanto quanto ela. Ele podia cheirar sua excitação, afogar-se na doçura que impregnava o ar. Era o aroma mais delicioso que ele já tinha experimentado, indo direto de seu nariz para seu pênis.

Deixando seus pensamentos divagarem, ele se esqueceu sobre o que estavam discutindo.

Se o fim chegasse agora, ele não conseguia pensar em uma maneira melhor para partir.

CAPÍTULO 10



Sadie sabia que o tempo era curto. Ela puxou as calças jeans de Trey, levantou a mão e colocou os dedos ao redor da base de seu pênis. Ela pressionou e uma pérola de sêmen apareceu na fenda na ponta. Ela chegou mais perto, separando seus lábios. Ela o levou em sua boca e chupou, trabalhando a mão sobre o seu comprimento. O gosto dele explodiu em sua língua e ela gemeu. Sabendo como agradá-lo, ela levantou a mão livre e agarrou suas bolas.

Fechando os dedos nos cabelos dela, ele balançou os quadris.

—Isso é tão bom, querida.

—*Aproveite enquanto pode,* — ela lançou seu pensamento para ele, balançando a cabeça para cima e para baixo.

—Mais, — ele exigiu. —Mais forte.

Ela arqueou o pescoço e fez como que ele disse, engolindo mais do seu comprimento. Ela engoliu em seco quando ele bateu no fundo de sua garganta, e o sugou com mais força. O rugido que ele soltou a deixou mais excitada, fazendo sua calcinha úmida. Ela continuou balançando a cabeça, chupando seu grande membro. Ela adorava como ele cheirava — almiscarado, masculino e puro. Ela nunca se cansaria desse homem. Se ela pudesse, ela o devoraria inteiro.

—Assim, — ele rosnou, empurrando seus quadris. —Droga. Isso é tão bom para caralho.

—*Você tem um gosto tão bom para caralho, — ela sussurrou em sua mente, sugando mais forte. —Eu quero que você goze na minha boca. Eu quero lhe provar quando você gozar.*

—*Eu quero fodê-la mais.*

Ela ignorou a resposta que ele enviou para sua mente e se moveu mais rápido. Ela aumentou a sucção, esvaziando as suas bochechas. Suas presas queriam descer, mas ela controlou sua necessidade, determinada a fazê-lo gozar. Ela iria se alimentar e reestabelecer suas forças depois que ele gozasse.

Somente depois que ele tivesse seu prazer. Essa era a beleza de seu relacionamento.

Dar e receber, uma e outra vez.

Para seu espanto, ele não gozou, continuou firme apreciando sua boca, fodendo seu rosto. Ela deixou-o tomar o controle, sabendo que ele precisava. Ele tinha passado por tanta coisa. Esta era a sua maneira de reclamá-la. Marcá-la como sua. Ela queria ser a mulher que ele desejava e precisava, não importando o preço.

—Chega, — Trey retrucou, puxando a cabeça dela. Quando ela não se afastou, ele rosnou e forçou sua boca para longe de seu pênis. —Eu disse que é suficiente, companheira.

Relutante, ela o soltou.

Ele soltou o cabelo dela e a pegou pela cintura. Levantando-a, ele disse:

—Eu espero que você esteja pronta. — Ela engasgou quando ele a levantou como se ela pesasse igual a um bebê. As costas dela encontraram o colchão da cama e ele se colocou por cima, seu rosto a centímetros do dela. —Você fica comigo. Não é

negociável. Discuta comigo e eu não vou deixá-la gozar.

Ele colocou a mão entre seus corpos e agarrou seu pênis. Esfregou a cabeça para cima e para baixo em sua fenda, deixando-a molhada e lisa. Ela queria que ele a penetrasse, seu corpo estava em chamas. Seu pulso estava acelerado e seus músculos formigavam. Trey tinha a capacidade de fazê-la perder qualquer pensamento racional.

—Não me provoque. — Ela quis dizer isso como uma ordem, mas as palavras saíram suavemente, como a carícia do vento sobre um campo aberto. Determinada a ser forte, ela disse a ele: —Eu preciso de você.

—Você me tem.

Ele não parou de atormentá-la, esfregando a cabeça de seu pênis para cima e para baixo em sua entrada. Ela assobiou quando ele fez contato com o clitóris. Se ele continuasse assim ela não seria capaz de manter a calma. Ela não estava mentindo. Ela precisava dele.

Assim.

Exatamente assim.

—Por favor. — Ela não se importou com o fato de que odiava suplicar. Quando ela estava com Trey não tinha vergonha. —Eu quero sentir você. Eu preciso de você dentro de mim.

—Eu sei que você precisa, — ele murmurou, olhando para o rosto dela. Seus olhos tinham mudado de cor, indo do claro ao escuro. —Não se preocupe, eu vou dar isso a você.

A cabeça larga forçou suas paredes vaginais a se abrirem. Ela engasgou, precisando de mais. Não importa quantas vezes eles fizessem isso, ela sempre se sentia ansiosa. Ansiosa para senti-los conectados. Ele empurrou uma pequena parte do seu comprimento dentro dela, mas não era o suficiente.

—Temos cerca de 20 minutos, — queixou-se ela, arqueando-se. —Melhor fazer mais rápido.

—Você está me dando ordens. — Trey não se moveu, deixando-a mais necessitada. —Você sabe como eu me sinto sobre isso.

—Então me castigue.

O rugido que ele soltou fez todo o corpo dela arrepiar.

—Você pediu por isso.

O primeiro impulso pareceu marcar sua alma, o pênis penetrou-a com força e profundamente. Ela engasgou, empurrando a cabeça para trás. Ele queria mais e deslizou os dedos sobre sua bunda. Ele arrastou as mãos até as coxas e as desceu em direção aos joelhos. Sentiu-o agarrar seus tornozelos, segurando um em cada mão. Sem parar de empurrar, ele levantou as pernas dela para cima e apoiou os pés sobre os ombros.

—Oh Deusa! — ela murmurou, apertando sua vagina em torno do pênis dele.

—Não, — ele corrigiu, inclinando-se para olhá-la nos olhos. —Trey.

Ela gritou quando ele a montou como se não houvesse amanhã, mantendo a pressão em seus tornozelos. Seu cabelo espalhado por todo o seu rosto, seu olhar cheio de luxúria e determinação. O balanço da cama abafou seus gemidos, a cabeceira batendo firme na parede, e alto o suficiente para toda a casa poder ouvir. Não que ela se importasse. Todo

mundo sabia o que eles estavam fazendo. Quando se tratava de shifters, eles faziam sexo com muita frequência. Muitas vezes os casais eram bastante barulhentos. Ela já tinha ouvido Diskant e Ava — e Emory e Mary — gritando de prazer em mais de uma ocasião. Se a mulher fosse sortuda — e bastante desinibida — ela poderia ter tudo o que quisesse e muito mais.

—Trey.

Afundando-se mais, ele rosnou:

—Isso mesmo.

Suas gengivas coçaram e ela sentiu suas presas descerem. A ponta afiada de uma delas perfurou seu lábio, deixando escapar uma pequena gota de sangue. Ela começou a lambe o pequeno furo, sabendo que iria desaparecer tão rapidamente como havia aparecido. Trey a impediu, liberando seus tornozelos e curvando-se. Sua língua lambeu o sangue e, em seguida, invadiu a sua boca.

O beijo começou doce, mas não durou muito.

Em segundos, ele assumiu o controle, deslizando sua língua sobre a dela, alegando a posse

de sua boca. Quando ele fez isso, as presas dela arranharam a língua dele e ela provou um gostinho de sangue. O sangue de Trey tinha gosto de céu. Ela seria capaz de reconhecê-lo em qualquer lugar. Gemendo, ela saboreou o gosto metálico, deixando-o afundar em sua língua.

—*Você quer mais, não é?* — a pergunta de Trey ecoou em sua mente. —*Se você me pedir com jeito, eu vou deixá-la ter o que quer.*

Ela tentou tomar o controle do beijo.

—Quando se trata de você, eu quero tudo.

—Isso não é o que eu tinha em mente. — Seu rugido profundo foi abafado pela boca dela. Ele capturou-lhe os pulsos e forçou os braços sobre sua cabeça, dirigindo seu pênis dentro dela, rolando os quadris para que ela sentisse cada centímetro dele dentro dela. Seu eixo esfregou o ponto G, fazendo-a se contorcer. —E você sabe disso.

Ele gostava quando ela implorava. O que era bom, porque ela gostava de implorar.

—Por favor.

—*Isso é tudo que você tem a dizer?* — ela ouviu a diversão em sua cabeça. —*Eu achei que você ia ser mais criativa.*

—Por favor, dê-me mais. — Um formigamento quente e bem-vindo começou a se formar na barriga dela, a promessa de um clímax sendo construído. Se eles tivessem mais tempo, ela teria apreciado prolongar a sensação. Mas como não podia ser, ela disse a ele a verdade. —Eu quero beber de você enquanto você goza. Seu sangue tem um gosto tão bom quando você está gozando. Por favor, deixe-me fazê-lo Eu preciso disso.

—Bem... — Mesmo que ele tentasse esconder suas intenções, ela sabia o que ele estava prestes a fazer. Ela gostava de beber dele enquanto ele gozava, e ela sabia que ele também gostava da experiência. — Isso não está nem perto do pedido que eu queria ouvir, mas eu vou fazer uma exceção.

Apesar dele ter soltado os pulsos dela, ela manteve os braços sobre a cabeça. Seu grande corpo se movia sobre o dela, seus quadris impulsionando em um ritmo constante. Ela esperou que ele aproximasse mais o pescoço, passando a língua sobre

o lábio inferior. O cheiro dele chegou até suas narinas, picante e doce. A batida frenética do seu coração era música para ela.

Arqueando a cabeça para o lado, ele ofereceu sua garganta.

—Tudo por você.

De alguma forma, o fato de ele ter oferecido seu sangue livremente fez o momento mais íntimo. Ela foi cuidadosa, lambendo seu pescoço com atenção. Ele gemeu, seu pênis martelando dentro e fora de sua boceta. Quando a pele dele estava pronta, macia e molhada de sua língua, ela puxou abriu os lábios e pressionou os dentes contra a veia pulsante.

Ela vai ser a minha morte.

Trey empurrou mais forte em sua fêmea e rangeu os dentes. Suas bolas endureceram quando bateram contra o traseiro dela, e a pequena boceta o sugava profundamente. Ele fez questão de arquear as costas e esfregar o peito sobre os mamilos duros. Nas raras noites quando eles tinham tempo para si mesmos, ele gostava de levar comida para o quarto deles e mantê-la trancada por horas, possuindo seu

corpo sem descanso, fazendo-os gozarem vezes seguidas.

Ele sentiu um frio no estômago e um arrepio subir por sua coluna, tudo em antecipação ao que iria acontecer.

Assim que essas pequenas presas sensuais perfurassem seu pescoço, ele seria um caso perdido.

—Você tem um cheiro tão bom. — Sadie raspou os dentes sobre a carne dele e apertou seu sexo, flexionando os músculos em torno dele. —Tão, tão bom.

Tempo para lembrá-la a quem ela estava acasalada.

—Lembra-se da última vez que você brincou comigo? Eu pensei que você tinha aprendido a lição.

Ele estava se referindo a uma vez em que ela o empurrou além dos limites, provocando-o sem piedade. Seu lobo não tinha gostado nada disso. Embora brincalhão, ele queria que ela se entregasse totalmente. Ela não tinha pensado que ele ia colocar um fim ao seu jogo de sedução para lhe ensinar uma lição, mas foi exatamente isso que ele fez. Ele a puniu

da única maneira que sabia que ela iria realmente sentir. Tinha sido a primeira vez, desde que eles estavam acasalados, que ele a fez se sentir sexualmente frustrada. Ele inverteu os papéis, forçando-a a suportar horas de tortura por via oral antes de finalmente penetrá-la e deixá-la gozar.

—Jamais poderia esquecer isso. — Ela o mordeu, suas intenções se fazendo bastante claras.

Suas bolas quase explodiram e seu pau pareceu engrossar quando dor e prazer se juntaram. Sua respiração ficou presa na garganta, um grito de satisfação foi silenciado enquanto tentava respirar. O fogo correu por suas veias e sua semente jorrou dele, banhando o ventre de sua mulher. Sentiu-a responder, gozando junto com ele, enquanto sugava fortemente sua garganta.

—*É tão bom,* — ela repetiu em sua mente.

—Porra, é sim.

Recuperando o controle de seu corpo, ele retomou seu empurrão firme, querendo fazer seu orgasmo durar mais tempo para que seu sangue tivesse um gosto melhor para ela. Ele mudou o ângulo de seu corpo para que a base de seu pênis

acariciasse o clitóris, dando-lhe o atrito suficiente para aumentar seu prazer. Ela mexeu os quadris, ritmando seus movimentos com os dele.

—Caralho, você é muito gostosa. — Seu companheiro não tinha vergonha quando se tratava de sexo e ele amava demonstrar isso a ela. —Eu nunca vou me cansar de você.

—*Bom,* — a resposta veio como um ronronar em sua cabeça, e enviou uma onda emoção através dele. —*Eu me sinto da mesma maneira.*

Ela retirou as presas da carne dele e ele empurrou mais rápido, sabendo o que estava por vir, ou melhor, sabendo que iria gozar novamente. No instante em que ela as enterrou novamente no pescoço dele, todo o seu corpo ficou tenso, os músculos flexionaram e ele lutou para manter o ritmo, enquanto um rastro de fogo corria embaixo de sua pele, anunciando outro orgasmo. Ele não silenciou o seu grito de êxtase, o som ensurdecido preenchendo todo o quarto. Esta mulher o completava de todas as maneiras. Ela lhe dava tudo de bom que ela tinha, sempre satisfazendo suas necessidades.

A vagina dela apertou seu pau com mais força e ele sentiu que ela estava perto.

—Essa é minha garota, — ele rosnou, aquecendo-se no calor daquela união, movendo os dedos para seu clitóris. —Goze para mim novamente. Goze forte, Sadie.

Então, ela gozou junto com ele, montando onda após onda de prazer. Ele teve que forçar a cabeça para permanecer parada, mas não foi fácil. Sem dúvida, lendo sua mente, ela tirou os dentes de sua garganta, lambeu as pequenas feridas e virou-se para ele. Suas bocas se encontraram e se uniram, assim como seus corpos estavam unidos, cada impulso tão agradável como o duelo travado por suas línguas.

Ela tinha os dedos curvados em torno dos bíceps dele, as unhas arranhando suavemente sobre sua pele. Quando ela gozou, ela segurou firme nele, as unhas fincaram nos músculos. Seu peito levantou e os seios fartos pressionaram contra seu torso escorregadio de suor. Apesar de não querer que esse momento tivesse fim, ele finalmente abrandou seus impulsos, mergulhando suavemente em seu sexo, mudando seu estado de espírito.

—*Dê-me sua palavra de que só vai sair daqui se não houver alternativa.* — Porra, ele odiava o quanto esse pensamento o deixava desesperado. —*Eu quero que você prometa que você não vai a lugar nenhum, a menos que nós dois discutamos o assunto primeiro e cheguemos a um acordo sobre isso. Ava já tem o amuleto. Seu lugar é aqui.*

Sentimentos de felicidade, alegria e amor aqueceram o coração dela e se espalharam por seu corpo.

Sentimentos que Sadie propositadamente compartilhou com ele.

—*Eu prometo.*

Ela terminou o beijo, afastando seus lábios dos dele. Seus olhos azuis estavam dilatados, o prateado de suas íris estava pouco visível. A mão dela subiu pelo braço dele, até que seus dedos alcançassem e comesçassem a acariciar sua mandíbula. Ele fechou os olhos, desfrutando de seu toque. Às vezes, isso era tudo o que precisava para acalmar a besta selvagem e furiosa dentro dele.

—Eu sei que as nossas circunstâncias não são ideais, mas tenho o pressentimento de que as coisas

estão prestes a mudar para melhor, — ela sussurrou, acariciando seu rosto. —Há, finalmente, um pouco de luz brilhando sobre nós. Se fizermos as escolhas certas, ela vai continuar brilhando.

—Eu vou acreditar nisso quando acontecer.

—Não seja tão pessimista.

—Então, não seja tão esperançosa. — Capturando a mão dela na sua, ele inclinou a cabeça e beijou-lhe a palma da mão. —Quando se trata de você, um pressentimento não é suficiente. Eu tenho que ter certeza. Você tem certeza?

—Mais do que certeza. — Ele levantou a cabeça e ela deu-lhe um sorriso que ele mataria para conservar. —Eu tenho fé.

CAPÍTULO 11



—Abra! — Uma forte batida soou na porta de entrada da casa de Aldon Frost. —Ou eu vou derrubar essa porta.

Ele reprimiu um rosnado e caminhou em direção ao barulho. O momento não era bom. Sua mulher estava quase se deixando seduzir, mas, antes que ele pudesse alcançar seu objetivo, ela jogou água fria em seus planos. Agora ela estava trancada em seu quarto e se recusava a deixá-lo entrar. Ele estava tentando acalmar as coisas — tentando convencê-la — quando a irritante pancadaria começou na porta.

Era melhor que fosse algo importante.

Havia apenas duas pessoas que sabiam sobre a sua residência particular, e nenhum deles se atreveria a aparecer, a menos que tivessem negócios importantes a discutir.

Quando ele abriu a porta, Aldon cumprimentou seu convidado inesperado.

—Olá, Wren. Eu aprecio você ter avisado que viria. — Ele torceu o nariz quando deu uma olhada nas roupas do outro homem, sabendo que não importava o quanto tentasse, ele jamais entenderia o amor de Wren por camisetas de algodão, jeans surrados, jaquetas de couro e botas. Pelo menos ele finalmente cortou o cabelo. Os longos fios loiros agora caíam na altura do queixo. —É sempre um prazer.

—E você me chama de melodramático? — Wren entrou na sala como se fosse dono do lugar. Felizmente essa atitude já era esperada. Aldon vinha aturando a presença de seu irmão por séculos. Se havia certa verdade no universo era que os dois viviam para incomodar um ao outro. —Não, eu sequer prestei atenção no que você falou. Como eu já disse antes, o seu rosto é muito expressivo. Nunca jogue pôquer.

Respirando fundo, Aldon lembrou a si mesmo que ele não via o seu irmão muitas vezes — especialmente quando não havia uma situação calamitosa que precisasse ser resolvida. Se Wren

decidiu aparecer, sem dúvida, Valen não demoraria a chegar. Era sempre assim – quando um irmão aparecia, em questão de dias, ou até de horas, o outro chegava também.

—Podemos sentar? — Ele esperou para ver o que Wren faria. Dos três irmãos, ele era o mais descontraído. Se conseguisse que Wren afundasse sua bunda no sofá de couro, talvez Aldon pudesse descobrir o que ele planejava.

—Não há nenhuma necessidade de escondê-la.
— Wren se sentou e afundou-se, descansando a mão sobre o topo das almofadas. —Nós já sabemos.

Malditos sejam. Eu não deveria estar surpreso.

Não havia sentido em negar. —É por isso que você veio?

—Na verdade, não. — Wren não parecia estar chateado com a perspectiva de Aldon acasalar. Estranho, considerando que agora Aldon teria uma noiva para cuidar. Isso mudaria vários aspectos de sua vida, incluindo sua disponibilidade para ajudar seus irmãos quando eles precisassem de sua ajuda. —Eu parei por causa de um certo problema que surgiu.

—Vá direto ao ponto.

—Alguns dos nossos alvos estão mortos.

—Como? — As pessoas que eles matavam – os Caídos – não eram fáceis de serem destruídos.

—Eles decidiram foder com a feiticeira. Ela foi encontrada.

Não era bom. —Merda.

—Eu soube da situação algumas horas atrás. Alguns deles conseguiram escapar antes que ela pudesse matá-los. A história está se espalhando rapidamente. E isso não é a pior parte. — Wren passou de lúdico para sombrio. —Ela não aceitou um tutor. Seus poderes não estão diminuindo. Na verdade, pelo que eu ouvi, eles ficaram mais fortes. Eu não tenho certeza de onde ela se escondeu por tanto tempo, mas agora todo mundo sabe que ela é virgem. Todos os que querem usá-la estão planejando localizá-la. Você sabe o que isso significa.

—Eles vão forçá-la a se relacionar com um deles.

—Mmm-hmm. — O som saiu como um grunhido, em vez de um ruído peculiar. —Temos duas

opções — encontrá-la e matá-la ou encontrá-la e obrigá-la a escolher um guardião. Se um dos Caídos colocar suas mãos sobre ela, não seremos capazes de controlar os danos.

—Onde está ela agora? — Aldon não queria pensar sobre o que aconteceria se um dos caídos conseguisse se aproveitar dos poderes da feiticeira. — Você tem alguma ideia?

—É por isso que eu vim para vê-lo, na verdade. — Wren se inclinou para frente, apoiando os cotovelos sobre os joelhos, cruzando os dedos. —Quando ela foi atacada, ela não estava sozinha. Lobisomens estavam com ela. E isso não é tudo. Sadie Dumas estava lá também.

Sadie Dumas — uma vampira que usava magia branca e com quem Aldon não queria lidar.

—Ela poderia saber onde podemos encontrar a menina, — disse Wren. —Você deve entrar em contato com ela e obter todas as informações que puder.

—Você esqueceu o que aconteceu entre nós? — Ele quase matou a mulher por interferir em seus planos. Felizmente ela tinha acasalado com Trey Veznor, um lobisomem alfa de uma Matilha. Aldon

acreditava que não teria mais que se preocupar com ela. O que era uma coisa boa, pois a vampira não tinha ideia de com quem ela estaria lidando. — Provavelmente ela ia tentar me atacar e eu teria que colocá-la em seu lugar.

—É aí que você está errado. — Wren sorriu, revelando um toque de suas presas. —Eu disse que alguns dos Caídos conseguiram escapar. Acontece que eles levaram alguém com eles. — Encontrando o olhar de Aldon, ele informou-lhe: —Eles capturaram o Beta da Matilha. Agora ele está trancado em um calabouço. Ele não está falando, mas não vai demorar muito tempo para que seus captores obtenham as informações de que necessitam. Você sabe como isso funciona.

Infelizmente, sim. Ele sabia exatamente como os Caídos agiam.

Como ele havia ficado recluso por bastante tempo cuidando de sua noiva, ele não sabia muito sobre o que estava acontecendo fora de suas paredes. Ele não tinha visitado qualquer um dos clubes ou casas que seus inimigos gostavam de frequentar.

—Para onde que eles o levaram? Para qual local?

—Você não vai gostar.

—Eu repito... — Aldon retrucou, dando um passo em direção a seu irmão, — ... onde eles estão mantendo o Beta?

—Palácio Aurora.

Filho da puta.

O Beta não iria durar muito. Não mesmo.

Aqueles que visitaram o Palácio eram sádicos da pesada. Eles gostavam de humilhar e torturar seus escravos humanos. Cada vez que Aldon visitava o lugar, sua pele se arrepiava. Na sua idade, ele já tinha visto um monte de coisas ruins. No entanto, a primeira vez que ele visitou aquele inferno ele ficou mortificado. Algumas das coisas que os vampiros faziam com seus escravos o deixaram doente.

—Você sabe onde Sadie está. — Wren deu a Aldon um olhar duro. —É a maneira mais fácil de obter mais informações. Precisamos saber onde a feiticeira está escondida. Temos que chegar a ela antes que outros o façam.

A porta se abriu e Valen entrou na sala. —Eu vejo que cheguei na hora certa.

Ao contrário de Wren — que preferia calças jeans e camisas de algodão — Valen parecia um modelo de capa de revista. Ele gostava de casacos de couro e ternos caros. Ele mantinha seu cabelo cor de mel sempre com o corte da moda. Com seus olhos azuis escuros, corpo musculoso e enorme carisma, as mulheres não podiam obter o suficiente dele.

—Eu já contei a ele as partes importantes. — Wren levantou de seu assento. —Nós não temos tempo para conversa fiada. — Olhando para Aldon por cima do ombro, ele disse: —Você precisa procurar Sadie e descobrir o que você puder. Quanto mais cedo, melhor.

—Eu não posso sair. — Sua noiva ainda estava trancada no quarto. —Eu não vou deixar Olivia sem proteção.

—Então esse é o nome dela? — Wren sorriu. — Onde ela está, a propósito? Ela não deveria vir cumprimentar sua família?

—Vamos apenas dizer que ainda estamos começando a conhecer um ao outro. — De jeito

nenhum ele compartilharia que estava tendo problemas com sua mulher. —Ela é tímida.

—Não se preocupe com isso, — interrompeu Valen. —Nós vamos ficar enquanto você vai. Vamos mantê-la segura. Não deve demorar muito tempo para obter a informação que precisamos. Ofereça a Sadie algo que ela não possa recusar. Ofereça-lhe uma troca. Informações por informações. Precisamos saber onde a feiticeira está. Ela precisa saber onde ela pode encontrar um tutor.

—E se ela se recusar?

—Adoce o acordo, — Wren sugeriu. —Diga a ela que você vai ficar longe da Matilha e deixá-los em paz, se ela concordar em falar com você. Como ela estava lá quando o ataque aconteceu, ela tem consciência do tipo de perigo que a feiticeira representa.

—Eu ainda não acho que é uma boa ideia. — Era verdade que ele podia se teletransportar para onde Sadie estava. Mas os lobisomens não iam gostar disso. Na última vez ele tinha sido forçado a ameaçar a companheira grávida do Ômega para obter a sua atenção. Ele não estava interessado em fazê-lo novamente.

—Boa ideia ou não, é tudo o que temos. — Wren parecia irritado. —Vá se despedir da sua fêmea e prepare-se para ir. Não temos tempo para discutir.

Aldon lutou contra a vontade de jogar algo do outro lado da sala. Seus irmãos estavam certos, não havia tempo para discutir. Se a feiticeira fosse capturada pelas pessoas erradas, haveria um inferno para lidar. Ao longo dos últimos séculos, ele e seus irmãos tinham fingido serem membros dos Caídos, usando a magia negra que tinham herdado por nascimento, para aumentar a credibilidade da mentira.

—E se ela não souber de nada? — Era uma possibilidade.

—Então nós fazemos o que fazemos melhor. — A ameaça na voz de Valen fez suas intenções muito claras. —Nós vamos sair e obter nossas respostas em outro lugar.

Outra ideia que não deixava Aldon feliz. Ele precisaria fingir que era um idiota que gostava da miséria dos outros. Quando finalmente conseguiu se infiltrar, ele e seus irmãos começaram a matar os vampiros que utilizavam magia negra – e ele havia se

tornado insensível ao que acontecia quando ele participava do banho de sangue. Agora, ele se sentia diferente sobre o seu trabalho.

Afinal de contas, a primeira vez que ele viu Olivia foi no Palácio Aurora.

—Eu vou falar com ela. — Ele não tinha muitas opções. Sadie lhe daria o inferno, mas ele podia suportar o que quer que ela tivesse para ele. —Mas eu tenho regras que vocês terão que obedecer enquanto eu estiver fora.

Wren riu e fez uma careta para Valen.

—Não cheguem perto da minha noiva, — Aldon avisou, um rosnado subindo por sua garganta. — Tudo é novo para ela. Ela quer espaço. Mantenham suas bundas nesta sala e não se atrevam a ir procurá-la. Quando ela quiser conhecê-los ela vai deixar vocês saberem. Essa é a minha condição.

—Ela já tem você dominado. — Wren riu. —A velha bola com corrente.

—Deixe ele em paz. — Valen lançou um olhar na direção de Wren. —Cale a boca.

Sabendo que ele não tinha um minuto a perder, Aldon se virou para sair da sala. Olivia não tinha estado bem nas últimas semanas. Apesar de estar doente e precisando de seu sangue, ela se recusava a deixar que ele a curasse. Quando ele tentou argumentar, ela o mandou se calar. Foi a coisa mais estranha. A mulher tinha sido uma escrava de sangue uma vez. Ela sabia como as coisas funcionavam com os vampiros.

Ela era a mais estranha submissa que ele já tinha conhecido.

Às vezes, ele se perguntava se ela era realmente submissa.

Para garantir que ela vivesse, ele começou a colocar gotas de seu sangue no vinho servido com suas refeições. Felizmente isso estava dando resultado. Sua pele não estava mais tão pálida e ela não estava mais tão magra quanto antes. Suas íris violetas recuperaram o brilho e seu cabelo encaracolado — que ela tinha cortado curto — tinha começado a crescer novamente.

Caminhando pelo corredor, ele tentou obter algum controle sobre suas emoções. Ele não iria usar seus poderes para manipulá-la.

Tudo o que ele precisava era de tempo. Eventualmente ela viria para ele por vontade própria.

Ela não tinha outra escolha.

Olivia Mitchell pressionou o ouvido na porta. Ela podia ouvir passos.

Merda. Ele estava vindo para o quarto.

Depois que Aldon foi procurá-la em seu trabalho e a levou para longe de tudo e de todos que ela conhecia, ela tinha ficado muito nervosa, mas também excitada. Lembrava-se muito bem do vampiro sexy. Quando ela era escrava de sangue de Conrad, Aldon tinha tentado se aproximar de seu mestre numa tentativa de conseguir algum tempo a sós com ela.

Conrad — protetor como sempre — tinha dito que não.

Os dois tinham um acordo, um que os beneficiava igualmente.

Conrad, tão bonito como ele era, não tinha interesse em encontrar uma amante. Ele preferia aventuras sexuais que não implicavam amarras. Ela, por sua vez, — doente e moribunda por causa de um tumor na cabeça — era a escrava perfeita para ele. Ao contrário de outros vampiros, o relacionamento deles envolvia muita conversa e companheirismo. Ele até disse a ela que ele a considerava uma amiga. As lembranças que ela tinha dele eram algumas das mais preciosas na vida dela.

Em seguida, ele tinha morrido e tudo tinha mudado.

Aldon achava que ela era algo que ela não era — uma escrava de sangue usada para o único prazer de seu mestre. Ela descobriu o quanto dominante Aldon poderia ser quando ele instruiu-a a tirar a roupa e se ajoelhar aos seus pés. Ele continuou dizendo que ela era sua agora, e por isso a trouxe para sua casa. Por ter vivido tanto tempo em torno de outros escravos de sangue, ela sabia que era comum que os mestres seduzissem seus escravos.

Eles guardavam seus lados obscuros para mais tarde – após conseguirem prender definitivamente seus escravos humanos.

Eles iniciavam o vínculo com uma simples mordida.

Um gosto do sangue e o vampiro era capaz de sempre localizar seus escravo, mesmo se ele tentasse fugir. O que não era algo inteligente para se fazer. Uma vez que um escravo fugitivo era encontrado, ele era punido de maneiras terríveis. Outros escravos eram obrigados a assistir. A tortura e a degradação funcionavam como aviso. Havia inclusive algumas ocasiões onde os escravos fugitivos eram mortos, para transmitir a mensagem de modo mais firme para todos na casa.

Ela já tinha pensado se Aldon valia o risco. Ela estava morrendo, depois de tudo. Ele tinha sido gentil – gentil de verdade — e ela esperava que ela pudesse buscar refúgio com o vampiro. Então, ele tinha lhe dado uma ordem e seu sangue gelou em suas veias. Ela reconheceu o tom e se estremeceu. Nesse momento ela soube que Aldon não era diferente dos outros Caídos. Ele pretendia seduzi-la para, em

seguida, fazê-la sua e forçá-la a fazer coisas que ela não queria. Ela seria sua propriedade. E como tal – como um objeto – ela não teria qualquer valor.

Conrad não tinha sido como os outros. Claro que, para manter as aparências, ela teve que lhe dar alguns boquetes ou deixá-lo fazer sexo oral nela – em público — mas foi só isso. Ele deixou claro que ela era sua companheira. Ele ouvia suas opiniões e não a empurrava para além de seus limites. Ele a incluía em suas conversas e a fazia se sentir como se estivesse livre – mesmo sendo uma escrava.

Não havia nenhuma razão para temer seu mestre anterior.

Apesar das muitas ofertas que recebeu, Conrad sempre deixou bastante claro que sua boceta e seu traseiro eram apenas dele.

Ele sabia quais eram os limites dela e nunca tentou ultrapassá-los. Ele nunca exigiu sexo com ela, mesmo que algumas vezes ela tenha se perguntado por quê. Em vez disso, ele perguntava sobre sua vida, queria saber sua opinião sobre determinados assuntos. Suas conversas sempre foram cheias de risos e brincadeiras. Na maioria das vezes, quando

não estavam no Palácio, eles se divertiam e brincavam. Se ela não estivesse lendo para ele, ela estava fazendo outras coisas para distraí-lo.

Eles jogavam xadrez, falavam sobre fatos históricos ou apenas sobre o tempo.

Eles brincavam muito um com o outro.

Ela o amara muito.

Se Aldon a transformasse em uma verdadeira escrava de sangue ela seria forçada a ter relações sexuais com vários parceiros, tanto homens, quanto mulheres. Não haveria brincadeiras ou jogos bobos. Ela seria forçada a participar de orgias que, eventualmente, se transformavam em eventos sádicos. Vampiros apreciavam usar facas. Eles também adoravam fazer coisas como forçar uma escrava a fazer sexo oral em homens estranhos ou a ter sexo anal. Eles gostavam de assistir atos sexuais sangrentos e imundos.

E isso era apenas a ponta do iceberg.

Um arrepio correu-lhe pela espinha.

As coisas que ela tinha visto... ela nunca iria esquecer.

—Luvena⁷, — Aldon chamou do outro lado da porta. —Eu estou entrando.

Embora ela tivesse trancado a porta, ela o ouviu girar o trinco. Um clique disse—lhe que ele tinha usado uma chave. Ela não estava pronta para enfrentá-lo, não depois que ela ouviu a pessoa que tinha chegado falar o nome Palácio Aurora. Ouvindo a conversa, ela logo percebeu que os visitantes eram seus irmãos.

Se Aldon conseguisse convertê-la em uma escrava de sangue, será que ele a forçaria a dar prazer a eles?

Ele entrou no quarto e de repente ficou difícil respirar.

O homem era todo sexo, tão malditamente lindo que fez suas entranhas derreterem. Ela sempre pensou que ele era atraente. Seu cabelo loiro comprido caia até os ombros, seus intensos olhos azuis vibrantes e marcantes. Suas feições eram na proporção perfeita — olhos grandes, nariz fino, queixo quadrado, lábios carnudos. Seu corpo era igualmente

⁷ Querida.

pecaminoso. Ele era muito mais alto do que ela, seus ombros largos e seus braços musculosos.

A excitação cresceu em sua barriga e sua boceta ficou molhada.

Ela sufocou seu desejo, dizendo a si mesma que ele poderia cheirar sua excitação. Quando ela se afastou dele, ele estreitou os olhos. Ela podia sentir sua frustração. Tensão encheu o pequeno espaço, pesando em seus ombros.

—Eu não gosto quando você olha para mim desse jeito, — disse ele, fechando a porta. —Eu já disse que não há nenhuma razão para me temer.

—E eu já disse que não vou ser uma escrava de sangue. — Ele deu um passo em direção a ela e ela moveu-se para tão longe quanto possível, apoiando-se na parede. —Eu não vou viver essa vida de novo.

—Você não é uma escrava de sangue. — Ele já havia lhe dito isso antes, mas ela não acreditou nele. Vampiros gostavam de mentir para os seres humanos. —Você é minha noiva, Olivia. A única mulher que significa algo para mim. Há uma grande diferença.

Diferença, minha bunda.

—Eu não vou ser como você, então, economize a conversa doce. — Ela tinha sido amigável com os escravos que tinham sido transformados. Uma vez que suas naturezas bestiais assumiam, eles também gostavam de torturar os outros. —Eu nunca vou ser como você. Eu prefiro morrer.

—Não é o que você pensa, — disse ele com uma carranca. —Se você parasse de me afastar e me desse a chance de explicar. As coisas não são o que parecem.

—Eu espero que você saiba que eu já ouvi essa conversa antes, — ela retrucou. Ele continuou a sua abordagem, chegando mais perto. Ela desejou que pudesse atravessar a parede e desaparecer. —Eu não sou estúpida, — ela continuou. —Eu vi o que acontece quando os vampiros transformam seus escravos. Se isso é o que você quer, pode esquecer. Isso nunca vai acontecer.

Aproximando-se dela, ele deslizou a mão em torno de seu pescoço.

—Como eu disse... — ele abaixou a cabeça, colocando os lábios em seu ouvido: —...você não é uma escrava. Você é muito mais do que isso.

Arrepios percorreram sua pele, começando no pescoço e se espalhando pelo seu corpo. Ele cheirava incrível como sempre, seus lábios pousaram contra sua garganta. Ele lambeu a concha da orelha dela e soprou um fluxo constante de ar sobre a carne úmida. Sua vagina apertou, seus mamilos endureceram. Ela sentiu a umidade em sua calcinha, estava consciente de cada centímetro do corpo dele, que estava a apenas alguns centímetros do dela.

—Por que você está fazendo isso? — era por isso que ela ficava longe dele e trancava-se no quarto todo dia. Ele era muita tentação. —Por que você não me deixar ir?

—Por que... — se aproximando, ele segurou sua bunda e puxou-a contra ele, deixando-a sentir o contorno duro de seu pênis. —...você pertence a mim.

Ele deu um beijo rápido em sua orelha, soltou-a e recuou.

—Tem algo importante que eu preciso fazer. Eu queria pedir a você para ficar no nosso quarto. Não

saia. Meus irmãos estão aqui e vão ficar lá embaixo. Assim que eu puder eu vou voltar para você. Espere por mim.

—Por quê? — Ela não esperava uma resposta, mas ela queria saber.

Seus olhos azul-gelo a devoraram quando seus olhares se encontraram.

—Eu não quero você perto deles se eu não estiver por perto.

Seu coração falhou uma batida. Será que eles a machucariam ou algo assim?

—Por quê?

—Porque eu sou um filho da puta ciumento, — ele sussurrou, olhando para seus lábios. —Eu vou matá-los se eles chegarem muito perto. — Ele se afastou, estudando-a. —Não deixe o quarto. Eu não vou demorar.

Havia tantas coisas que ela queria dizer, mas ela não teve a oportunidade. Ele girou sobre os calcanhares e voltou para a porta. Ele desapareceu no corredor, a porta se fechou e ela ouviu a trava clicar

no lugar. Ela deslizou pela parede até ficar sentada no chão.

Aldon a confundia e a assustava.

A maneira como ele olhava para ela a fazia sentir que pertencia a ele.

Ela estava começando a se perguntar se, talvez, ele estivesse sendo honesto.

O difícil era decidir se ela estava disposta a acreditar e dar-lhe uma chance.

CAPÍTULO 12



—Há muitos pensamentos. — Ava franziu a testa, os olhos apertados. —Eu não posso identificar a quem eles pertencem.

—Pense em Jay. Imagine seu rosto. Tente encontrar sua voz. — Sadie disse a si mesma para ser paciente. Mesmo sendo tão poderosa, Ava estava recebendo vários pensamentos ao mesmo tempo e isso era, realmente, muito confuso. Ela ajoelhou-se ao lado do sofá e se aproximou. —Se você não puder encontrá-lo, tente se concentrar em Jonathan. Mesmo se eles estiverem dormindo, você deverá ser capaz de identificar seus pensamentos. Você pode fazer isso. Respire fundo. Você já chegou tão longe.

Apesar das preocupações de Diskant, Ava tinha conseguido convencer o Ômega a deixá-la usar o amuleto. As primeiras tentativas foram horríveis. Como Ava tinha perdido o fôlego em seu primeiro

contato com a magia do Zephyr, o rosto de Diskant tinha adquirido um tom vermelho—fúria. Ava conseguiu se recompor e se concentrou nas instruções de Sadie. Depois de algum tempo, e com muito esforço, Ava conseguiu ouvir os pensamentos de Thomas, mesmo ele estando a milhares de quilômetros de distância.

Um movimento chamou a atenção de Sadie. Leigh tinha entrado na sala e ficou encostada em uma parede assistindo. Era muito fácil sentir a tensão e a ansiedade que irradiava da mulher. Sadie tinha decidido deixá-la entrar na sala, porque, querendo ou não, a Matilha precisava dela. No momento em que Ava encontrasse a família que eles estavam procurando, Sadie e Leigh poderiam entrar em seus pensamentos e obter as informações que precisavam. Uma vez feito isso, a Matilha poderia sair e encontrar pai e filho, que estavam condenados a ter uma morte horrível.

—Eu só estive com ele uma vez. — Ava lembrou.

—Isso é tudo o que você precisa.

—Maldição, — Ava estalou depois de alguns segundos. —Parece que todo garoto que mora em

Nova York só pensa em sexo. — Fechando suas pequeninas mãos em punhos, ela voltou ao trabalho, concentrando-se.

—Você precisa evitar os pensamentos felizes. Procure pensamentos de dor.

—Que tal você recuar e dar-lhe espaço? — Diskant entrou em cena, elevando-se sobre elas.

—Que tal você ir encontrar outra coisa para fazer? — Ava repreendeu seu companheiro. —Você está me deixando mais nervosa do que qualquer outra pessoa. Vá lavar os pratos ou algo assim.

—Ava...

—Dane-se. — Ava não mediu palavras. —Vá dobrar as toalhas.

Diskant rosnou, avançando em direção a elas, mas Sadie concentrou-se em Ava. Em sua raiva Ava tinha encontrado alguma coisa. Sadie sabia que ela tinha. Ela podia ver a forma como as sobrancelhas de Ava tinham relaxado e seus dedos se abriram. Um olhar de admiração apareceu em seu rosto.

—Eu o estou ouvindo, — disse Ava suavemente. —Eu não posso acreditar nisso. Estou ouvindo Jay.

Porra sim.

—Você tem certeza?

—Tenho certeza. Sua voz está fraca, mas é definitivamente ele. Ele está pensando sobre o que vai acontecer. Ele já viu tanta coisa que ele não sabe o que esperar. Ele é apenas uma criança. — O temor foi rapidamente substituído por preocupação. — Eles machucaram Jonathan. Ele está com medo.

—Você o encontrou. — Não foi fácil manter a calma, não quando eles estavam tão perto. —Agora você precisa entrar em seus pensamentos. Ele está acordado?

Ava hesitou antes de responder.

—Sim.

—Então você pode encontrá-lo. Vasculhe suas memórias. O que você vê?

Ava não respondeu, seus olhos permanecendo fechados. Segundos se passaram e se transformaram em minutos. Mesmo que a única vontade de Sadie fosse pressioná-la para ser mais rápida, ela permaneceu em silêncio. Ava poderia fazer isso. Ela só precisava de um pouco mais de tempo. Verdade

seja dita, Sadie não tinha pensado que iriam encontrar Jonathan ou Jay tão rapidamente. Ela acreditava que demorariam um ou dois dias. Possivelmente mais.

—Filho da puta. — Os olhos de Ava se abriram e Sadie ficou chocada com o ódio que reluzia no olhar da mulher. —Eu sei exatamente onde ele está. — A voz de Ava ficou mais grave quando ela olhou para Diskant. Suas íris mudou de cor. —Eles estão em West Village. Eles os levaram para o Dougan. Eles estão presos no porão.

Não era de admirar que Ava estivesse tão chateada.

Os Pastores foram os responsáveis pela bomba que destruiu o bar. Muitas pessoas tinham morrido, muitos lobisomens. Claro que os Pastores considerariam que o local era mais que apropriado para se esconder. Shifters evitavam se aproximar do que sobrou do edifício queimado, porque lhes traziam muitas lembranças amargas. Era o lugar mais seguro do mundo para os Pastores.

Por um momento, Sadie pensou em se teletransportar para o local. Ela o conhecia bem

devido as muitas vezes em que se aventurou no local para obter um vislumbre de Trey, antes de ele saber que ela existia. Pensando melhor ela decidiu esperar. Ela levantou-se do lado de Ava e foi até ele, desejando que pudesse tirar a angústia de seu rosto.

—Eles estão mortos. — Zach falou pela primeira vez desde que haviam se reunido, com a voz baixa, seu rosnado era aterrorizante. —Vou reunir os homens e dizer-lhes para ficarem prontos.

—Faça isso, — Diskant não discutiu, seu desprezo e raiva eram aparentes em sua postura e tom de voz. Ele manteve seu olhar sobre Ava quando Zach passou pela sua esquerda, observando-a de perto. —Você pode me dizer quantos são, Pinkie? Nós não queremos deixar ninguém para trás.

—Ele contou treze pessoas.

—O nosso número de sorte. — A voz de Emory soou tão gutural e perigosa quanto a de Diskant. Deslizando o braço da cintura de Mary, ele se moveu para ficar na frente dela. —É hora de acertar as contas.

—Sadie, — Diskant rompeu o contato visual com Ava e olhou para Trey. —Eu quero que você e

Leigh fiquem aqui para cuidar de Ava e Mary. Vou deixar alguns guardas nos portões mas eu me sentiria mais seguro se vocês fossem para o quarto seguro e ficasse lá dentro até nós voltarmos.

—O quê? — No começo ela pensou que tinha ouvido mal. —Isso não faz nenhum sentido. Eu posso ler seus pensamentos... — Ela se calou no momento em que ouviu o que tinha acabado de falar.

Diskant não precisava dela. Através de sua conexão com Ava ele teria uma linha direta para as mentes de todos que estivessem no interior do edifício. Seus olhos procuraram os de Trey e ela percebeu que ele não estava disposto a falar por ela. As fêmeas da casa precisavam de sua proteção e não era como se ela estivesse em posição de discutir. Não importava o quanto isso a machucasse, não importava o quanto ela ficasse horrorizada pelo fato de Trey estar se preparando para entrar em um covil cheio de perigo, ela tinha recebido uma ordem direta.

Então é assim que ele se sente cada vez que eu o deixo para trás.

Ela sentiu como se tivesse levado um soco diretamente no queixo.

—Emory, — Diskant não desviou o olhar de Sadie, pronto para o caso dela querer discutir essa merda. —Faça as chamadas necessárias. Eu quero a Matilha reunida nos próximos 30 minutos. Nenhum deles deve escapar. Nós temos que ter certeza que vamos colocar nossas garras em cada um.

—Considere feito. — Emory girou e encarou Mary. Ele passou a mão na lateral do seu rosto. Quando ela começou a falar ele a impediu colocando um beijo em seus lábios. Então, tão rapidamente quanto ele a tinha beijado, ele saiu da sala.

—Trey, cubra a retaguarda. Pegue o que você precisar e esteja pronto para sair. — Diskant foi até Ava. Deixando-se cair em um dos joelhos, ele encontrou os olhos de sua fêmea e descansou a mão em seu estômago. —Vá para o quarto seguro e espere por mim. Vou precisar da sua ajuda. Se eu não tiver a certeza que você está segura, eu não vou ser capaz de me concentrar.

—Eu sei, — ela sussurrou, acariciando seu rosto. —Eu vou agora.

Sadie olhou para Trey quando ele se aproximou. Seu coração ficou preso em sua garganta, seu

estômago revirou. Ela não se sentia tão ansiosa ou nervosa há muito tempo.

—Eu tenho que ir, — ele disse suavemente, colocando as mãos nos quadris dela. —Eu estarei de volta. Mantenha-as seguras enquanto estivermos fora.

Dizer-lhe que ela estava aterrorizada por sua segurança não ajudaria em nada, então, ela manteve o pensamento para si mesma. Ficando na ponta dos pés, ela colocou os braços em volta do pescoço dele. Ela colocou o nariz no oco de sua garganta e aspirou seu cheiro. O calvário estava quase no fim, mas ela não queria deixá-lo ir.

—Eu o amo. — Mesmo que ele já soubesse disso, ela queria que ele ouvisse as palavras.

—Eu também a amo, querida. — Ele empurrou-a para longe e olhou em seus olhos. —Não se preocupe comigo. Nossos inimigos não vão saber o que os atingiu.

Espero que ele esteja certo.

Ele empurrou seus lábios contra os dela e a beijou com muita intensidade. Ela arranhou suas

costas, querendo se aproximar. Suas línguas se tocaram e ele gemeu, seus dedos se enterrando na carne dos quadris dela. De repente, ele a soltou. Ela estudou-o, tendo respirações rasas.

—Vejo você em breve.

Em vez de focar em seu coração dolorido ela ergueu os ombros e foi na direção de Ava. Elas iriam para o quarto seguro e esperariam por notícias. Com a Matilha em movimento não levaria muito tempo para chegar até onde estavam os Pastores e acabar com todos.



Ava tentou ficar confortável na grande poltrona que tinha sido colocada no quarto seguro. O espaço foi construído no subsolo da casa. Nele havia um sistema de entretenimento, uma pequena cozinha e um banheiro. Embora o quarto não fosse enorme, era confortável e poderia facilmente acomodar uma dúzia de pessoas.

Mais uma vez o amuleto começou a brilhar e ela podia ouvir os pensamentos de todos.

Mary estava apavorada por Emory.

Leigh queria que a Matilha se apressasse para que ela pudesse se concentrar em Nathan.

Sadie queria se conectar mentalmente com Trey, mas estava resistindo.

Não foi fácil bloqueá-los e se ligar mentalmente apenas a Diskant – mas ela conseguiu depois de algum esforço. Antes eles compartilhavam pensamentos, agora ela quase podia sentir o cheiro dos perfumes em torno dele e estava ciente de suas emoções de uma forma mais profunda. A Matilha já estava posicionada.

Logo eles entrariam em ação.

Ela sintonizou seus pensamentos com os de Jay.

Em segundos ela ouviu seus pensamentos. A criança permanecia aterrorizada, seu medo era palpável. Seu pai havia sido espancado e jogado de volta dentro de uma gaiola. Os homens haviam avisado que aquela foi sua última chance para renunciar ao demônio que vivia dentro dele e, assim, encontrar a paz em sua vida após a morte.

—*Ava*, — a voz de Diskant chegou até a mente dela.

—*Eu estou aqui*, — pensou ela de volta. —*O que está acontecendo?*

—*O prédio está cercado. Já cuidamos de neutralizar os guardas ao redor do perímetro. Eu preciso saber quantas pessoas estão com Jonathan e Jay.*

Ela pensou que fosse ser difícil manter sua conexão mental com Diskant enquanto estivesse na cabeça de Jay, mas descobriu que era mais fácil do que tinha previsto. Ela prestou atenção aos pensamentos do garoto e tentou manipulá-los. Por incrível que pareça, funcionou. Ele contou as pessoas na sala. Em seguida, ela o fez se concentrar nos passos no andar de cima.

—*Cinco pessoas estão com ele agora*, — ela informou a Diskant. —*Há outros no primeiro andar.*

—*Nós conseguimos capturar cinco. Se ele estiver certo e houver treze ao todo, vamos precisar capturar mais oito.* — O humor de Diskant mudou, sua expectativa e necessidade de vingança fluíam através

dele. —*Estamos prestes a fazer isso. Aguarde um pouco mais, querida. Isso vai acabar logo.*

Ela nunca quis saber os detalhes de como Diskant lidava com os Pastores, então, ela apenas não pensava sobre isso. Agora, com sua capacidade de sentir todas as emoções dele, ela sabia que ia acabar em um lugar escuro. Diskant era tudo o que ela queria em um homem — leal, amoroso e devotado — mas ele também era um Ômega. Ele havia perdido amigos por culpa dos Pastores. Ele quase a perdeu por culpa deles, também.

Quando ele colocasse suas mãos sobre os desgraçados, ele lhes daria uma morte horrível.

Ela olhou para a outra mulher que estava sentada no sofá. A espera não tinha sido fácil para nenhuma das duas. A última hora pareceu uma eternidade. —Eles estão prestes a entrar em ação.

Sadie levantou-se e começou a andar pela sala. Leigh ficou apenas olhando, não se juntando a ela. Mary juntou as mãos, o rosto pálido, angustiado. Seu cachorro

— Rocky — choramingou de dentro do seu cercado colocado ao lado do sofá e olhou para ela.

—Shh. — Ela se aproximou e enfiou os dedos através das grades. —Está tudo bem.

—Eu não posso suportar isso. — Sadie parecia e soava nervosa. Ela caminhou até a área que era uma cozinha e depois voltou para o sofá. —Eu vou enlouquecer.

—Trey se sentiu da mesma maneira todas as vezes que você partiu, — Ava lembrou-a. —Você não estava aqui para vê-lo, mas eu estava. Ele se rasgava por dentro.

—Eu sei. — Correndo os dedos pelos cabelos, Sadie suspirou. —Eu não tenho o direito de reclamar. É só que...

—Angustiante, — disse Mary.

Os minutos passavam rastejando.

Sadie não conseguia aquietar sua mente, sentando-se apenas para se levantar em seguida. Ava não olhou para o relógio, mas ela ouvia o tique-taque constante que vinha dele. Ela esperava que isso não durasse muito mais tempo. Ela queria entrar na mente de Diskant, mas desistiu. Provavelmente ela

veria coisas que nunca esqueceria. Ela descansou a mão sobre a barriga e sentiu um chute forte.

Ava franziu a testa quando o Zephyr, que estava em sua outra mão, começou a aquecer.

O amuleto parecia que estava eletrificado.

O calor correu da palma da mão por todo seu braço. Ela chiou devido a sensação de queimadura e se perguntou o que diabos estava acontecendo. O bebê chutou novamente — mais forte desta vez. Sadie olhou para cima, as sobrancelhas franzidas. Leigh apressou-se a ficar em pé, lançando seu olhar ao redor da sala. Rocky continuou em seu cercado, mas começou a rosnar.

—Você sente isso? — perguntou Leigh.

—Sentir o quê? — perguntou Mary, visivelmente confusa.

—Temos companhia. O filho da puta já está dentro da casa. — Sadie correu para pegar sua espada que ela havia deixado em cima do balcão. — Deusa, não deixe que isso aconteça justo agora.

Então, em um piscar de olhos, o invasor apareceu.

Aldon Frost.

Merda.

O enorme vampiro ficou entre o sofá e a passagem para a cozinha, bloqueando o caminho de Sadie. Ava prendeu a respiração, igualmente aterrorizada e furiosa. A última vez que tinha visto o vampiro, ele ameaçou matá-la. Ela sentiu seus animais interiores escavando através da sua pele, todos querendo sair. Mesmo que não pudesse mudar de forma, ela continha uma parte de cada animal que havia em Diskant. Ela possuía uma parte de todas as raças shifter devido ao seu acasalamento com o Ômega.

—Não se movam, — Aldon comandou, sua voz estranhamente calma. Seu olhar se desviou para Sadie, em seguida, mudou-se para Leigh. —Eu não estou aqui para machucá-las. — Ele deu a Ava um olhar de soslaio. —Estou aqui para trocar informações.

—Você está de miolo mole? Por que diabos nós diríamos alguma coisa a você? — Sadie permaneceu na frente dele, com as mãos fechadas em punhos apertados. Sua voz falhou. Com os animais dentro

dela subindo à superfície, Ava podia cheirar o medo que vinha da mulher. —Você não é bem vindo aqui.

—Eu sei para onde eles levaram seu Beta. — Aldon não se mexeu um centímetro, olhando Sadie diretamente nos olhos. —Eu vou lhe dizer onde você pode encontrá-lo, mas primeiro, eu espero que você me diga tudo o que sabe sobre a feiticeira. Eu quero saber onde ela está.

—Foda-se! — Sadie rosnou.

—Onde ele está? — Leigh se moveu, caminhando em direção a Aldon, ignorando a explosão de Sadie. —Diga-me onde encontrá-lo. Diga-me agora. — Ava sentiu quando a magia da vampira começou a irradiar de sua pele. —Como eu digo, assim será.

—Oh não, não será. — A magia de Aldon correu pela sala, roubando o fôlego de Ava. Ele acenou com a mão e Leigh estendeu a mão para sua garganta. Sua boca abria e fechava, mas ela não emitia nenhum som. —Fique em silêncio. Nem mais uma palavra.

—Seu filho da puta! — Sadie avançou para ele, seu punho pronto para atacar.

Aldon deu um passo para o lado, escapando do ataque. Sadie recuperou-se e voltou a atacar. Mary tinha saído do sofá para ficar entre Ava e a luta. Leigh continuou movendo os lábios, seu rosto ficando vermelho-sangue. Rocky latia e rosnava, arranhando as grades de metal de seu cercado com as patas.

Mulher estúpida. Nunca pensa antes de atacar.

Ava demorou um momento para perceber que o pensamento não era dela.

Que diabos?

Ela seguiu a conexão mental e encontrou a fonte.

Eu não tenho tempo para isso. Mulheres ignorantes.

Ela congelou, identificando a voz de Aldon.

Putá merda. Ela podia ouvir os pensamentos dele.

Sadie investiu contra Aldon, confiando em seus instintos. Ele manteve-se atento, pronto para seu próximo movimento. Curiosamente ele não usava sua magia ou habilidades de luta, apenas desviava dos

golpes, usando sua velocidade e sua agilidade contra ela.

Eu vou matar o filho da puta.

Determinada a derrubá-lo, ela o atacou novamente. Foi uma decisão perigosa. Geralmente ela não permanecia na ofensiva, costumava ficar prestando atenção no momento do ataque para revidar. Entretanto, Ava precisava dela para protegê-la, e ela estava determinada a defender a mulher a todo custo. Diskant mastigaria sua bunda se alguma coisa acontecesse com sua companheira.

—*Ele está blefando,* — a voz de Ava soou em sua mente, parecendo bastante surpresa. —*E ele não está mentindo. Ele está dizendo a verdade.* — Sadie mudou de posição, ficando na defensiva. —*O bastardo esteve mentindo para nós todo esse tempo.*

—*Mentindo?* — Sadie fingiu que ia dar um soco no queixo do Aldon. Teria sido bastante fácil. Ele continuava apenas desviando dos golpes antes que eles o acertassem. —*O que você quer dizer?*

—*Eu estou em sua cabeça.* — A surpresa na voz de Ava foi substituída por confiança e determinação. —*Ele está aqui porque ele precisa obter uma*

informação, assim como ele disse. Ele está atendendo um pedido de seus irmãos. Ele está preocupado com uma mulher. Sua noiva.

—*Sua noiva?* — Sadie quase tropeçou, em choque. —*Isso não é possível.*

—*Oh, sim, é.* — Ava levantou-se quando ela respondeu, ficando em pé, com a mão sobre a barriga. —*Ele não é o que parece. Ele nunca foi. Ele esteve nos enganando o tempo todo. Foi tudo uma farsa.*

Sadie tinha puxado o seu punho para trás quando Ava gritou:

—Pare!

Sadie continuou atacando o vampiro. Ava poderia estar errada. Ela não tinha muita prática em utilizar o amuleto. Havia uma boa chance de que ele estivesse manipulando a mente dela.

—Eu disse... — Ava rugiu, sua voz extremamente alta, —...pare!

Sadie deu um passo para trás. Aldon congelou, olhando para ela. Ela queria dar um soco no filho da puta, mas fez como Ava disse. Apesar de obedecer ao comando, ela permaneceu em uma postura protetora,

preparada para oferecer a sua vida em troca da vida da mulher atrás dela.

Esse era o seu trabalho.

Obedecer. Proteger.

Defender.

—Aldon. — Ava não soava segura – ela soava confiante como a merda. —Você acha que nós não iríamos entender os seus motivos? — Sadie olhou por cima do ombro e viu Ava sorrindo. —Tenho certeza que você pensou isso. Afinal, ninguém entendeu. Em todos esses séculos.

Desviando seu olhar para Aldon, Sadie esperou.

Ele não disse uma palavra, mas Sadie notou que ele hesitou.

—Não me cause problemas. Não vai ser bom para você.

—Problemas? — Ava riu, aproximando-se, sem medo. —Você não tem ideia do que eu sei, não é? — Parando bem atrás de Sadie, ela disse, —Eu sei tudo, Aldon. Bastou uma olhada rápida dentro da sua cabeça e eu soube.

As narinas de Aldon queimaram, suas pupilas dilataram. Seus olhos se estreitaram e ficaram fixos em Ava. Impossível.

—Tem certeza? — perguntou Ava. Sadie notou que a mulher ergueu a mão direita, onde estava o Zephyr, mantendo-o à vista. —Você está disposto a arriscar tudo por capricho? Você prejudicaria Olivia por causa de seu orgulho?

Aldon — tão poderoso como ele era — mostrou um vislumbre de fraqueza.

A onda de energia que emanava dele tirou o fôlego de Sadie. Magia negra escorria dele, fazendo a pele dela coçar. Ele deu um passo para trás, seus olhos se estreitaram.

—Não se atreva a me ameaçar ou a minha noiva.

—Isso não é uma ameaça, — Ava respondeu, avançando em direção ao vampiro—mago. —Isso é uma promessa.

—Onde está Nathan? — Leigh repetiu, seu poder se espalhando pelo quarto. Fortalecida pelo sangue de

Sadie, suas habilidades estavam ampliadas. —Diga-me ou eu vou lhe matar.

—Me matar? — a surpresa e a indignação que Aldon sentia desapareceram. —Então, você nunca vai conseguir o que você quer. — Ele direcionou seu olhar de volta para a mão de Ava e Sadie soube que o gato estava fora do saco. Ele conhecia o artefato que estava em posse de Ava. —Você pode ter o Zephyr, mas você nunca vai obter respostas de mim, a menos que eu as queira dar a você. Ameace-me o tanto que queira, você nunca vai conseguir nada. — Levantando uma mão, ele sussurrou um feitiço. Mesmo que não fosse visível, Sadie sentiu a formação do escudo que ele ergueu em torno de si. —Eu poderia demolir esta sala e matar todos dentro dela enquanto eu permaneceria são e salvo.

—Eu já estive dentro de sua mente, — Ava retrucou, falando entredentes. —Não adianta tentar jogar esse jogo. Você não vai ferir qualquer uma de nós.

—Não tenha tanta certeza disso. Você pode ter acessado algumas de minhas memórias quando minhas defesas estavam enfraquecidas, mas isso é

tudo que você vai ter, mais nada. Você não sabe nada sobre mim. — Aldon concluiu seu escudo, seus olhos indo do azul ao preto como a noite. —Eu sugiro que você fique fora da minha cabeça. Entre aqui de novo e eu vou ter certeza de que você nunca sairá.

Sadie sentiu a magia na sala crescer. Aldon não estava jogando.

—*Ava.* — O coração de Sadie batia acelerado quando ela falou mentalmente com a outra mulher, seu entendimento sobre a situação afundando em sua cabeça. —*Ele não está fazendo uma ameaça vã. Ele vai fazer exatamente o que ele diz. Não provoque. Fique com o que você já descobriu, mas pelo amor de Deus não o provoque. Pense no seu bebê. Pense no que você vai perder. Ele já teria nos matado se isso fosse realmente o que ele queria.*

Ava podia ter o amuleto, mas Aldon — tão antigo e poderoso como ele era — poderia combater Ava com facilidade. Sadie sabia que, com certeza, poderia fazer a mulher sofrer horrores ao entrar em sua mente. Ele esmagaria Ava em um piscar de olhos, prendendo-a em qualquer inferno que ele imaginasse.

Sadie já tinha sido vítima dos poderes de Aldon. Ela sabia o quanto longe ele poderia ir.

—Nathan está no Palácio Aurora. — Ava abandonou o tom vingativo e se acalmou. —Eu já consegui a informação que você tinha para negociar. Por que devemos dizer alguma coisa sobre a feiticeira? Você não tem mais nada que precisamos.

—Ela representa a morte. — Aldon não parou, oferecendo a resposta prontamente. —Ela não foi reivindicada, seu poder é ilimitado. Ela não tem um tutor para estabilizá-la. Ela pode destruir tudo, — Aldon apontou para a barriga de Ava. —Incluindo o seu filho. E o Palácio está escondido por magia. Apenas aqueles que possuem magia negra podem entrar. Vocês nunca irão encontrá-lo.

Ava começou a avançar, os olhos apertados.

Sadie enviou um pensamento direto para ela.

—*Não.* — Ava era nova no mundo do sobrenatural, ela não tinha ideia do que Destiny poderia fazer com seus poderes. —*A mulher que Cade está protegendo não tem ninguém para filtrar seu poder. Sem um tutor, ela é instável. Ele não está mentindo. Destiny pode e poderia destruir a todos nós.*

Eu vi o que ela pode fazer. Não perca a calma. — Sadie se sentiu horrorizada. Ela não podia acreditar que estava defendendo Aldon. —Ela poderia acabar com o mundo se ela quisesse. Ela é muito perigosa.

—Que porra é uma feiticeira? Eu pensei que isso significasse apenas que ela era uma bruxa poderosa, — Ava respondeu de volta mentalmente e Sadie sentiu as muitas perguntas que corriam por sua cabeça. —O que Diskant não me disse? Quanto ruim é essa merda?

—Ela pode controlar os elementos. Ela pode fazer desastres naturais acontecerem. Ela é uma anomalia, uma aberração para os bruxos. Ninguém sabe quando eles vão nascer. Eles têm o poder de destruir a humanidade. Ela tem que escolher um tutor para protegê-la, protegê-la e absorver uma parcela de seu poder. Se ela não o fizer, o mundo está ferrado. Os feiticeiros são sempre mortos ao nascer. Eu não tenho nenhuma ideia de como ela sobreviveu.

—Ao nascer? — a voz de Ava, mesmo na mente de Sadie, soou horrorizada.

—Sim. — Bruxos e magos nunca corriam riscos. —Eles são afogados em um rio no momento do

nascimento. Eles acreditam que essa é a única maneira de salvar suas almas para que eles possam voltar imaculados pela magia que carregam.

—Nós não sabemos onde ela está, — disse Ava imediatamente, seu olhar fixo no de Aldon. —Ela está com um dos nossos, mas não temos feito contato.

—É preciso contatá-lo, — Aldon rosnou, puxando seus lábios de volta para mostrar suas presas. —Agora.

—Nós não temos tempo, merda, — Ava estalou.

Sadie não sabia o que fazer. Aldon era um vampiro que utilizava magia negra.

Ele era o inimigo.

Ele poderia — e iria — matar a todos eles.

—*É tudo mentira,* — Ava informou mentalmente. —*Foi tudo uma mentira. Ele usa suas habilidades e poderes contra outros de sua espécie. Ele está enganando a todos. Ele não é o que parece.*

—O quê? — Sadie encarou Aldon, surpresa. Ele podia não ter matado ninguém ainda, mas ele era um maldito vampiro que utilizava magia negra. Nenhum

deles poderia ser confiável. —*Ele matou muitos que cruzaram seu caminho. Porque ele estaria fingindo? Ele está nos usando, por algum motivo.*

—*Porque é sua vocação. É o que sua família faz,*
— Ava respondeu. —*Eu não sei por que. Eu não consegui essa informação. Ele me expulsou de sua mente antes que eu pudesse saber.*

—*Isso não faz sentido.*

Vampiros que usavam magia negra eram deploráveis e do mal. Era por isso que a maioria se tornava um Caído. Quando o mal corrompia toda a decência neles, eles se transformavam. Eles pegavam o que queriam, quando eles queriam.

Por que Aldon iria contra sua natureza? Qual a motivação para que ele fizesse isso?

—Você está aqui por causa de sua noiva? — Sadie perguntou, desconfiada. Talvez fosse isso. Havia uma chance – embora mínima – de que Aldon quisesse utilizar os poderes da feiticeira em proveito próprio. —Você acha que podemos ajudá-lo por causa dela?

—Definitivamente... — Aldon ficou com raiva, —
...isso não é da sua conta.

—Na verdade... — Ava brincou, —...é da nossa
conta.

—*a feiticeira é a noiva dele?* — Sadie pensou
rapidamente para Ava. —*É isso?*

—*Não pode ser,* — respondeu Ava. —*A noiva
dele está em sua casa agora.*

Sadie sentiu tanto alívio que seus joelhos
chegaram a tremer.

Pelo menos o interesse de Aldon não era
pessoal.

—Como é que vamos chegar a Nathan? Onde
fica o lugar que eles o estão mantendo? — Leigh
interrompeu a conversa mais uma vez. —Conte-nos
como chegar lá. Nós precisamos saber.

Um brilho impiedoso fluiu através do olhar de
Aldon.

—Eu aposto que você precisa.

Uma onda de energia se espalhou no ar quando
os poderes de Leigh e Aldon se chocaram.

—Eu vou lhe matar, — Leigh rosnou. —Eu vou estraçalhar você.

—Basta! — Sadie empurrou Leigh de lado e enfrentou Aldon. Por mais que ela não confiasse no vampiro, ela sabia que precisavam dele. Ele poderia lhes dar um ponto de partida. -Ava não está mentindo. Nós não sabemos onde a feiticeira está. Ela está com um ser humano que é membro da Matilha. Mas nós não temos mantido contato com ele. — Ela não tinha certeza se daria ao vampiro a informação, mesmo que ela a tivesse.

Quem sabia o que ele ia fazer com a mulher?

—*Ele não quer fazer mal a ela.* — Ava disse a Sadie. —*Eu posso sentir isso nele. Ele está preocupado com os danos que ela pode causar, mas ele sente que ela é uma pessoa inocente. Acho que ele está tentando protegê-la. Ele quer mantê-la fora do alcance dos outros.*

—*Você está me dizendo que ele está tentando salvar sua vida?* — Isso não fazia sentido.

—*Isso é exatamente o que eu estou dizendo a você. Eu não entendo todos os seus pensamentos, mas suas emoções são claras. Ele não queria estar aqui.*

Sua mente está voltada para a noiva que ficou em sua casa. Ele quer voltar para ela o mais rápido possível.

Dando a Ava um olhar de lado e esperando que a mulher estivesse certa, Sadie voltou seu olhar para Aldon. Talvez pudessem negociar. Mesmo que Ava tivesse conseguido descobrir o nome do local onde Nathan estava preso, ela não sabia onde ficava. — Ofereço uma troca. Podemos dar-lhe a informação que você precisa quando a conseguirmos, contanto que você faça o mesmo. Você tem minha palavra de que vamos compartilhar a informação com você. Coce nossas costas que coçamos a sua.

—Por que eu deveria acreditar em você? — Aldon perguntou com voz amigável, embora seu olhar fosse sombrio.

—Eu não gosto da ideia de uma feiticeira solta por aí mais do que você. Ela é um perigo para todos nós. Como a Lupina da Matilha, eu tenho o dever de protegê-los. — Sadie não estava mentindo. Ela conheceu apenas um feiticeiro em sua vida, e não foi um encontro agradável. Felizmente, o homem tinha encontrado um tutor e conseguiu controlar seus poderes. Se não encontrarem o equilíbrio, eles se

tornam completamente instáveis. —Eu só descobri sobre ela recentemente. Eu sei o que ela pode fazer.

Aldon pareceu ponderar suas palavras. Seus olhos eram azuis escurecidos, seus ombros estavam tensos. Ele desviou o olhar para Ava, depois para Leigh.

—Sou capaz de ler cada um de seus pensamentos. Eu sei de tudo o que há para saber sobre todas vocês. Dentro e fora. Conheço seus mais profundos segredos e medos. — Ele bateu em sua cabeça com o dedo e olhou para Leigh. —Você tem mais a perder neste momento. Você é inteligente por se preocupar com o lobisomem que está em poder dos Caídos. Eles vão forçá-lo a fazer coisas que o farão desejar estar morto. Você está disposta a confiar nessas duas? Eu não recomendo. Elas não sabem o que estarão enfrentando. Eu sei.

—Sadie pode...

—Fazer nada. Ela viveu sua vida baseada em mentiras. A líder de seu Coven é uma prova disso. Ao longo do tempo ela se deixou usar. Se ela tivesse sido esperta, teria percebido exatamente em nome de quem estava lutando. Ela teria visto claramente que

estava cometendo um engano em segui-la. Ela não é poderosa o suficiente para derrotar os Caídos. Como ela poderia ser? Ela não é poderosa o suficiente nem para lidar comigo. — Ele inclinou a cabeça. —Você não tem que ficar com elas, você sabe. Você tem outra opção.

—Eu tenho? — Leigh parecia chocada. —O que você quer dizer?

—Venha comigo. Nós vamos obter um objeto que pertenceu a feiticeira e então poderemos localizá-la. Eu sei os lugares que ela esteve. Não vai ser difícil. Mostre-me onde ela está e eu vou levá-la para o Palácio.

—Confie em nós, por favor, — Sadie implorou a Leigh imediatamente. Embora ela não se virasse, sua atenção permaneceu presa em sua irmã de magia. — Eu nunca iria mentir para você. Podemos encontrar Nathan, mas temos que fazer isso direito. Mesmo que você vá com Aldon, você não será capaz de entrar no Palácio. Eles saberão o que você é. Você vai ter sorte se eles a matarem antes de torturá-la. Vamos precisar de alguém de dentro para ajudar.

—É Nathan. — Ela sentiu a frustração de Leigh. A vampira queria destruir todo o cômodo. —Ele poderia morrer.

—Ele vai morrer se você não me ouvir. O mesmo acontecerá com você.

Leigh fez uma pausa.

—Eu não vou partir, — ela sussurrou, baixando os olhos. —Meu lugar é aqui.

—Quando você me der informações sobre a feiticeira, eu vou dar-lhe a localização precisa do Palácio. Até então, você não tem nada. — Sadie sentiu uma onda de magia fluindo de Aldon e seus olhos se tornarem brilhantes. —Quando estiver pronta, invoque-me e eu vou responder. Mas eu sugiro que você se apresse. Se a feiticeira está com um ser humano, ele não vai sobreviver por muito tempo. E o lobisomem não tem muito tempo também. Se os Caídos descobrirem que ele não tem qualquer informação útil, eles vão usá-lo para seu prazer. Ele vai sentir as horas como se fossem dias, e vai desejar estar morto.

Assim como Aldon tinha aparecido, ele desapareceu. Foi apenas um piscar de olhos.

—Eu pensei que ele não poderia entrar aqui, — Ava rosnou, colocando a mão em sua barriga. —Você mentiu para mim.

—Eu não menti para você. — Sadie queria gritar, mas tentou manter a calma. —Ele sempre poderá me encontrar sem um feitiço, eu só não sabia que ele era tão poderoso a ponto de quebrar meus escudos. Se a magia do sangue não foi forte para detê-lo, nada mais é. Nenhum vampiro nunca fez isso. Mas ele é a menor de nossas preocupações. Acredite em mim. — Sadie hesitou. Provavelmente era hora de se mudarem. —Eu vou falar com Trey. Não podemos ficar aqui.

—Muito tarde para isso, — Ava murmurou. — Diskant sabe o que aconteceu aqui. Eu tentei bloquear meus pensamentos, mas ele encontrou um jeito de entrar. Ele estará aqui em breve e ele vai expulsá-los e dizer-lhes para se foder assim que ele chegar. Eu não tenho certeza se eu posso ajudar. Ele está completamente chateado.

—Preocupe-se com a questão da casa mais tarde, — disse Sadie. Ela virou-se, olhando para Ava. Diskant tinha dinheiro suficiente para estabelecer-se

com Ava em qualquer lugar. —Temos que pensar que porra vamos fazer sobre isso? Você pode entrar em contato com Cade? Podemos descobrir onde a feiticeira está?

—Eu não sei. — Ava voltou para a cadeira e se deixou afundar. —Mas é melhor descobrir isso. — Sadie franziu a testa e Ava informou: —Diskant esteve o tempo todo em minha cabeça. Ele sentiu meu medo e pânico quando Aldon apareceu. Ele sabe sobre a merda que aconteceu aqui e deixou as coisas sob o comando de Zach. Ele deixou o bar e está voltando para cá. Ele chegará em breve.

Nesse momento, um dos guardas que Diskant havia deixado na propriedade para cuidar da segurança, começou a bater na porta.

—Abram essa porra! — ele rosnou. —Agora mesmo!

Caramba.

Em poucos minutos o vento mudou de direção. Tanto esforço para nada.

Ela teria que acalmar a besta selvagem.

Mais uma vez.

CAPÍTULO 13



Diskant parou de bater no Pastor que havia capturado. Seu estômago afundou, um sentimento sinistro e escuro dominou seus instintos. Num piscar de olhos ele soube o que estava sentindo. Algo estava errado com Ava. Sua companheira estava em perigo. Um golpe mais duro e o adversário de Diskant caiu inconsciente.

—*Pinkie*, — ele gritou em seu pensamento. —*O que está errado?*

—*Realmente não posso falar agora*. — Ele esperava que ela soasse assustada, mas ela não estava. Sua mulher parecia brava, zangada – e extremamente confiante. —*Dê-me um minuto*.

—*Foda-se*.

Ele levantou-se acima de sua vítima, com o peito arfando. Os animais dentro dele rugiam e uivavam, querendo sair de sua pele. Ele forçou-os de volta,

mantendo o controle. Aqueles em torno dele — muitos haviam mudado para sua forma de lobisomem — matavam as pessoas que encontravam, mas eles não o faziam rapidamente. Eles levavam o tempo suficiente para aplacar sua raiva. Ele observou Zach, que tinha interesse em um homem em particular.

O líder do grupo. Anthony Shepherd.

Com a ajuda de Jay, Diskant tinha sido capaz de matar aqueles que não interessavam a Matilha. Este, no entanto, seria levado para um local escondido. No futuro, ele poderia ser um recurso útil. O macho olhou para ele, não recuando um centímetro. Ele e seus homens não tiveram tempo de reagir quando a Matilha atacou.

O olhar de Diskant se voltou para Jonathan. O homem havia sido espancado até ser deixado em uma poça de sangue. Seu rosto estava machucado e surrado, os olhos fechados de tão inchados. Mas o homem iria sobreviver. Jay tinha ido imediatamente para o lado de seu pai, envolvendo os braços ao redor de sua cintura. Emory os levou para perto das escadas e os cobriu com um cobertor que tinha encontrado nas proximidades. Diskant tinha

respirado aliviado quando constatou que o menino não tinha sido tocado.

Eles estão seguros. Volte para Ava.

—Zach! — Diskant rosnou, virando-se para o seu Beta. —Diga para a Matilha mudar de volta, limpem a bagunça e levem este filho da puta... — em apenas três passos Diskant se aproximou de Anthony e o agarrou pela garganta, —...a sua nova casa. Peça a Doc que o apague com alguma merda antes de sair. Eu sei que você quer matá-lo, mas não faça. Você vai conseguir o que deseja em breve. Você tem a minha palavra. — Diskant podia sentir a necessidade de matar em Zach. O macho queria rasgar Anthony em pedaços. Apontando para os membros da Matilha em torno dele, ele disse: —Comecem a se mexer. Recolham os mortos. Precisamos dar o fora daqui.

—O que há, D? — Trey perguntou, seus dedos cobertos de sangue. O Alfa deu um forte chute nas costelas do Pastor caído aos seus pés e encarou Diskant. Assim que seus olhares se encontraram, as feições de Trey mudaram de enfurecida para preocupada. —O que está acontecendo?

—Chame Emory. — Diskant sabia que se Trey saísse com ele, Emory iria segui-los. O macho saberia que algum problema estava acontecendo na casa. — Temos que voltar.

—*Nós temos tudo sob controle,* — a voz de Ava apareceu em sua cabeça. —*Não se preocupe.*

—*Eu não penso assim.* — Diskant nem sequer se incomodou em perguntar o que estava acontecendo. —*Nós estamos a caminho.*

Ele puxou o celular do bolso de trás. Apertando apenas uma tecla, ele entrou em contato com o responsável pela segurança de sua casa. —*Fique dentro da casa. Algo está acontecendo,* — ele ordenou, mas manteve a voz baixa. —*Faça isso agora.*

—*Diskant...* — Ava implorou. —*Está tudo bem. Confie em mim. Eu só preciso saber onde a feiticeira está.*

A feiticeira?

—*Por quê?*

—*Ela pode nos ajudar a encontrar Nathan.*

—*Eu não dou a mínima para Nathan. Eu estou preocupado com você. O que está acontecendo? Não esconda as coisas de mim.*

—*Eu não estou escondendo coisas de você. Eu...*

—*Nós vamos discutir isso quando eu chegar aí,*
— respondeu ele quando Emory apareceu, em pé ao lado de Trey. —*Não se mova. Nós estaremos aí em breve. Os guardas estão indo para a casa. Quando eles chegarem, deixe—os entrar. Você precisa de proteção.*

—*Maldição.* — A blasfêmia de Ava ecoou na sua mente.

Ele não respondeu. Sua companheira podia ler seus pensamentos com bastante facilidade. Ela sabia que ele estava a caminho e que não pensaria em mais nada a não ser voltar para o seu lado. Girando, ele se dirigiu para as escadas. Trey e Emory o seguiram. Ele parou quando chegou perto de Jonathan e Jay.

—Doc vai levá-lo para casa e cuidar de seus ferimentos, — disse a Jonathan. —Eu vou vê-lo em breve. Aguarde firme. Nós vamos acomodá-los em um lugar seguro.

Jonathan assentiu com a cabeça, depois a baixou.

Pobre coitado. Ele perdeu sua esposa, tinha sido espancado e quase morreu.

E tudo isso diante de seu filho.

—Cuide do seu pai. — Diskant suavizou seu tom de voz quando falou com Jay. Ele colocou a mão em cima da cabeça do menino. —Vai ficar tudo bem. De agora em diante nada de ruim vai acontecer.

—Ok. — Jay sussurrou, encostando-se mais em seu pai.

Eles só tinham ficado fora por algumas horas. Uma vez que eles chegaram ao local onde os Pastores estavam escondidos, o ataque tinha sido fácil. Eles conseguiram pegá-los desprevenidos e os superavam, e muito, em quantidade. Mas, durante esse tempo, algo tinha acontecido. Diskant não tinha certeza do que era, mas ele sentiu quando a sensação de medo correu por todo o corpo de Ava.

—O que foi? — Emory ofegava enquanto eles corriam para o piso superior.

—Alguma coisa aconteceu na casa. Ava disse que está tudo bem, mas temos de voltar logo. — Antes que Trey perguntasse qualquer coisa, Diskant olhou para o Alfa e disse: —Ligue para Cade. Eu preciso saber onde ele escondeu aquela bunda gorda.

—Cade? — Trey parecia intrigado. —Eu pensei que você não dava a mínima para onde ele tinha ido. Você disse que ele entraria em contato quando estivesse pronto.

—Apenas faça o que eu disse. — Diskant não se virou, movendo-se em direção a uma saída lateral. O edifício estava bastante danificado, mas não tinha sido totalmente destruído. Ele arrastou um pouco de entulho que estava na frente da porta e conseguiu sair. Seu carro estava a apenas alguns metros de distância, estacionado discretamente no beco.

—Prazer em falar com você também, Cade. — Trey segurava o celular junto a seu ouvido e suas íris adquiriram um tom dourado. Ele ficou em silêncio enquanto ouvia a pessoa do outro lado da linha. — Não me venha com merda. Onde você está? — Ele ouviu novamente por um par de segundos. —Não, não venha com essa de me ligar de volta. Responda a

pergunta. — Trey rosnou. —Onde está você? — Outra pausa e ele avisou: —Não ouse desligar.

Diskant estudou o rosto de Trey quando se aproximaram do veículo. Ele rosnou, agarrando o telefone em um punho fechado, e baixou o braço.

—Ele disse que não tinha tempo para conversar, — Trey deu o recado. —Ele disse que ligaria de volta.

—É bom que ele o faça, — disse Diskant. —Ou eu vou ter Leigh rastreando sua bunda. — Dando uma olhada para ambos os lados da rua, ele disse aos irmãos: —Eu posso chegar em casa mais rápido se eu mudar. Vocês dois me sigam. Eu vou cuidar de nossas meninas.

Trey assentiu e deslizou para o banco do motorista. Emory rapidamente entrou no carro.

Diskant tirou suas roupas e jogou-as na parte de trás do veículo. Com um simples pensamento ele invocou seus animais. Um em particular vibrou dentro dele, pronto para se libertar de sua pele. Ele deixou o falcão peregrino assumir, baixando seu corpo enquanto suas mãos se tornaram garras.

Assim que a mudança se completou, ele ganhou o céu.



—Coloque suas coisas no banheiro. — Cade apontou para o fundo do quarto, sentindo-se como se estivesse no limite de sua paciência. Ele estudou a mulher que estava na porta, frustrado quando ela não obedeceu. —Pô, me escute!

—Já que eu não sou surda — infelizmente — eu tenho que ouvi-lo. — Destiny rosnou.

Ela não se virou para ele, acenando com a mão, formando um arco na frente da porta. Ele a tinha visto fazer isso antes. Quando ele perguntou o que ela estava fazendo, ela respondeu que ela estava trabalhando com runas. Era isso, nenhuma outra explicação foi dada. O capuz sobre sua cabeça escorregou, permitindo-lhe ver seu lindo rosto. Suas sobrancelhas se juntaram em concentração.

—Ballista. — ela disse suavemente, seu traseiro inclinado para o ar. Ela puxou uma faca de seu cinto, cortou o dedo e desenhou um símbolo na porta do

quarto do hotel com seu sangue. —Factorem, visibilium omnium et invisibilium.

—O que você está fazendo? Afaste-se da porta.
— Ele odiava como ela o mantinha à margem, recusando-se a explicar suas ações. Ele também odiava quando ela se cortava para fazer um feitiço. — Pegue suas coisas e vá para a parte de trás do quarto. Eu não posso protegê-la se eu estiver em pé atrás de você.

—Eu... — ela levantou-se e virou-se, —...estou nos protegendo, estúpido.

Ele prendeu a respiração, seu corpo totalmente consciente dela.

Putá que pariu. Nenhuma mulher deveria ser tão perfeita.

Ele tinha conseguido apenas um breve vislumbre de Destiny quando se conheceram, mas a primeira vez que a viu totalmente, sem seu manto, ele tinha sido um caso perdido. Ela era magra e cheia em todos os lugares certos. Coxas esbeltas, uma barriga lisa, mas os seios mais gostosos e uma bunda que era a perdição de qualquer homem. Ele ficou parecendo

um idiota com a boca aberta quando a viu. Na época, ele não tinha percebido que reagira assim.

Até que ele tinha sido chutado na bunda.

Os guardas responsáveis pela segurança dela fizeram questão de avisá-lo que ela estava fora dos limites. Eles o deixaram acompanhá-los de longe, mas nunca permitiram que ele chegasse muito perto dela.

Mesmo assim, ele não conseguia parar de pensar nela.

Constantemente ele sonhava com ela.

Seu humor azedou e ele sentiu um sabor amargo em sua garganta. Esta mulher não era Andréa. Mesmo as mulheres que tinham o mesmo nome de sua esposa — como a cadela que era membro da Matilha de Diskant — não chegavam aos pés do seu amor que havia sido assassinado. Andréa era sedutora e divertida, gostava de utilizar seu jeito frágil para seduzi-lo. Ela gostava de rir, zombar dele e mantê-lo totalmente envolvido. Quando eles estavam juntos ele queria beijá-la e mimá-la, mantê-la protegida como um bibelô.

Esta mulher o fazia querer outras coisas – perversas e indecentes.

Mesmo que ela fosse jovem demais para ele.

Sempre que ficava muito tempo perto dela ele queria agarrá-la. Queria fazê-la implorar. Ele queria ouvir seus apelos para que ele a deixasse gozar, ouvir a luxúria em sua voz rouca. Eles não perderiam muito tempo com carinhos. Eles fariam amor, mas eles também iriam foder selvagem e rápido até que nenhum dos dois conseguisse respirar.

Ele odiava aquela voz em sua cabeça que lhe dizia que Destiny era especial.

A voz o fazia lembrar de suas perdas, pensar naqueles cuja perda ele ainda lamentava.

Ela é muito jovem e você é muito estúpido.

Pare de pensar nisso. Isso nunca vai acontecer.

—Caso você não tenha notado... — ele colocou o seu desejo para baixo, estudando a sala: —...eu sou o que deveria estar protegendo você. Eu não posso fazer isso se vamos continuar a bater nossas cabeças.

—Você não poderia me proteger, mesmo se você tentasse.

Ela começou a remover sua capa para revelar seu corpo. Ele teve que se virar. Não havia um único centímetro de sua pele que ele não desejasse provar e saborear. Ele queria passar a língua em todo seu corpo.

—Tanto faz. — Havia uma pia na parte de trás do quarto. Ele precisava de água fria — agora — para limpar seus pensamentos. —Coloque suas coisas onde você possa pegá-las rápido no caso de precisarmos sair daqui às pressas. Temos que sair de manhã.

—Diga-me algo que eu não saiba.

Ela não tinha a menor ideia do que apenas o som da sua voz fazia com o corpo dele. Ele sentiu sua calça formar uma tenda enquanto seu pênis pulsava. Não deveria ser assim, não com ela. Nem com ninguém. Ele amava outra pessoa, alguém que havia sido tirado dele há muito tempo. Ele ligou a água e jogou-a sobre o rosto, desejando que estivesse fria o suficiente para apagar o calor que inundava seu corpo.

Mas não foi o que aconteceu.

Seu celular vibrou no bolso. Irritado e sem paciência, ele puxou-o e olhou para a tela. Droga. Era Trey. Seus lábios se contorceram em uma carranca. Ele sabia que esta chamada viria eventualmente.

—Que porra você quer? — ele atendeu.

—Prazer em falar com você também, Cade.

—Eu repito. — Cade cerrou seus olhos, tentando não olhar para Destiny. —Que porra você quer?

—Não me venha com merda. Onde você está?

—Realmente não posso dizer agora. — Destiny havia deixado claro que ninguém poderia saber onde eles estavam. —Eu vou ligar de volta para você.

—Não, não venha com essa de me ligar de volta. Responda a pergunta, — Trey rosnou. —Onde está você? Não ouse desligar.

—Esta não é uma boa hora e eu não posso lhe dizer onde estou. Agora eu estou em movimento. — Ele tentou fazer a coisa certa, mas ele teve um vislumbre de Destiny no espelho. Ela estava olhando

para ele enquanto ele falava. —Eu vou entrar em contato.

Ele terminou a chamada e sabia que tinha de enfrentá-la. Quando o fez, ela questionou: —Quem era?

—Negócios da Matilha. — Era melhor manter suas respostas curtas e simples. —Eu vou chamá-los quando decidirmos o nosso próximo passo.

—Nosso próximo passo deve ser você partir, — disse ela suavemente, suas íris roxas escurecendo. — Não é seguro para você. Você não deveria estar aqui ou em qualquer outro lugar perto de mim.

—Eu dei a minha palavra ao Enclave que eu iria protegê-la. — Tinha sido mais fácil fazer a promessa do que ele tinha pensado. Destiny não apenas o deixava com um puta tesão, ela também trouxe de volta seus instintos protetores. Ele mataria qualquer um que tentasse tocá-la. Puxando a arma na parte de trás de sua calça jeans, ele disse: —Você não fica longe de mim.

Ela fixou seu olhar roxo na arma. —Isso não vai detê-los. As pessoas que estão me caçando vão rir na

sua cara, se você acha que pode me proteger com uma arma.

Dando de ombros, ele verificou o tambor da arma se certificando que sua GLOCK⁸ estava totalmente carregada. Sua primeira providência logo pela manhã seria providenciar armamento adequado. Satisfeito, ele foi para a cama mais próxima da porta.

—Temos apenas algumas horas para dormir. — Ele não tirou sua roupa, mas tratou de ficar confortável, enquanto descansava a cabeça contra o travesseiro. Felizmente sua ereção acalmou, ele não queria que ela o visse nesse estado – excitado e duro como uma rocha. Ele manteve a arma em sua mão quando ele fechou os olhos. —Eu sugiro que você use o tempo com sabedoria.

Ele soube o instante que ela começou a se mover. Ela cheirava incrível, como um buquê de flores recém—cortadas. —Eu não sou um bebê, você sabe, — ela bufou, irritada. —Eu posso decidir quando quero ir dormir.

—Você é um bebê comparada a mim. — Ele tinha pelo menos 15 anos a mais que ela. Sentia-se

⁸ Arma do tipo pistola, leve e bastante precisa.

como um velho sujo apenas por pensar em fazer coisas com ela. —Pare de discutir e descanse. Você vai precisar.

Ele ouviu o colchão de molas ranger quando ela sentou na cama ao lado da dele. —Você não tem que fazer isso, — disse ela, o simples sussurro de sua voz fazendo seu membro voltar à vida novamente. —Eu vou encontrar um porto seguro. Eu só preciso de um pouco de tempo.

—Não se incomode em mentir para mim. — A mansão do Enclave tinha sido o único lugar seguro para ela. Agora, ela não tinha nenhum lugar. Ela conhecia muitas pessoas, mas poderia colocá-las em sérios apuros se fosse procurá-las. Por isso tinha que ser ele a usar suas conexões como membro da Matilha. Ele tinha certeza que Diskant poderia ajudar. —Vai demorar mais do que um pouco de tempo e você não tem os recursos necessários para obter a ajuda que precisa. Eu faço. Então, novamente... — abrindo os olhos ele virou a cabeça no travesseiro e olhou para ela, —...descanse um pouco.

Ela mordiscou o lábio inferior e ele teve que reprimir um gemido. Ele virou seu corpo ligeiramente, sabendo que se ele permanecesse de costas ela veria o quanto ela o afetava.

—Você não tem medo de mim? — ela pousou o olhar sobre ele. —Eu não assusto você?

Putá que pariu. Seu pênis pulsou mais forte e desejos obscuros tomaram conta dele.

—Como você poderia? — ele perguntou com cautela. A última vez que ele tocou no assunto ela afastou-se dele. —Você não me disse qualquer coisa sobre você. Eu tive que ver o que você pode fazer com os meus próprios olhos hoje. — Na verdade, além de saber que ela tinha grandes poderes, ele não fazia ideia de porque as pessoas a estavam caçando. Essa era a informação que ele queria e que ninguém tinha lhe dado ainda. —Você finalmente vai me explicar com o que estamos lidando?

—Você disse que nós vamos para um chalé amanhã?

Ela trocou seu peso e o movimento fez seus seios lutarem contra sua camisa. Ele teve que se concentrar na pergunta dela e não nos montes que

ele queria por nas palmas de suas mãos. Ava tinha um chalé que ele tinha visitado antes, ficava em um lugar afastado no Tennessee. Uma vez lá, Destiny poderia levantar todos os escudos mágicos que quisesse e ele poderia montar armadilhas. Seria um local seguro para se esconderem durante alguns dias, pelo menos.

—Nós temos que parar para comprar mantimentos primeiro. — Eles teriam que viajar durante todo o dia. Ele esperava que chegassem ao chalé no início da tarde. —Mas nós teremos tempo para fazer isso quando chegarmos à cidade, se nós sairmos cedo.

—Então eu vou lhe dizer o que você precisa saber quando chegarmos lá.

Destiny parecia mais velha do que seus vinte e poucos anos. Cade desejava abraçá-la, acariciar os dedos ao longo de sua bochecha. A única razão pela qual ele não fez qualquer movimento em direção a ela foi o aviso que ela constantemente lhe dava — nenhum contato pele a pele. Nunca. Ele a tocava quando havia roupa entre eles, mas ele nunca tinha sentido a suavidade de qualquer parte de seu corpo.

—Soa como um plano, boneca. — Sua resposta apagou qualquer preocupação ou dúvida que ela tivesse. Ela apertou os lábios, desgostosa com ele novamente. Bom. Isso era melhor do que vê-la chateada. —Agora, se apresse e vá para cama. — Só para provocá-la, ele acrescentou: —Durma bem. Espero que os percevejos não a mordam.

—Estúpido, — ela murmurou, mas fez o que ele disse, deslizando sob o edredom.

—Já me chamaram disso antes, — ele respondeu, como de costume.

Minutos se passaram, mas ele não dormia. Ele esperou, deixando passar o tempo. Só quando a ouviu respirar de modo suave ele se deixou relaxar. Ele queria ter certeza de que ela estava dormindo antes de ele mesmo adormecer. Ela tentou parecer forte e disposta, mas ele tinha visto como ela estava cansada. Em vários momentos da viagem ela tinha deixado seus ombros e suas pálpebras caírem.

Quando estava quase adormecido, ele a imaginou debaixo dele. Suave e disposta. Aqueles olhos violeta vibrantes e cheios de paixão e luxúria. Ele iria lambe seus mamilos, acariciar seu clitóris e

enchê-la com seu pênis. Ele iria lambê-la toda. E uma vez que ele terminasse, ele iria começar tudo de novo. Ele queria que ela o arranhasse com suas unhas afiadas, queria ouvi-la gemer enquanto a fodia forte e rápido.

Ele sabia que ela não era para ele, mas ele não podia fazer nada em relação a isso.

Todo homem tinha o direito de sonhar.

CAPÍTULO 14



Sadie sabia que não deveria sequer pensar em se afastar de Trey. Ele estava muito chateado. Ela sabia que ele ficaria puto ter bloqueado o contato mental entre eles. Ela podia sentir a raiva vindo dele, além da força que ele estava usando para apertar sua cintura.

Estou tão fodida.

—Eu quero que você pegue suas coisas, Pinkie,
— Diskant ordenou. —Nós estamos partindo.

No instante em que Diskant pisou na casa, as mulheres foram colocadas sob vigilância constante. Ele caminhou direto para Ava e a examinou de alto a baixo. Somente depois de se certificar que ela não estava ferida, ele perguntou o que havia acontecido.

O Ômega tinha explodido toda sua raiva quando ele descobriu sobre Aldon.

Durante os últimos 30 minutos Ava estava tentando explicar a situação. Mais uma vez, ela começou:

—Nós não vamos a lugar nenhum. Você precisa se acalmar. — Ela estendeu a mão para Diskant, mas ele não a segurou, passando-a pelo cabelo. —Se Aldon quisesse ter nos machucado, ele o teria feito. Ele nem sequer tentou.

—Ele pode nos dizer onde Nathan está, — interrompeu Leigh. —Precisamos encontrá-lo. Esta pode ser a nossa melhor chance.

—Cale a boca ou saia da minha casa, — Diskant gritou para Leigh. —Nós não vamos fazer qualquer acordo com aquele filho da puta. — Diskant caiu de joelhos na frente de sua companheira, sua grande mão aberta sobre o estômago dela de forma protetora. —Agora que resolvemos o problema com os Pastores, podemos nos mudar. Você precisa ter o bebê em um lugar seguro. Não vou mais confiar em magia. Vou ligar para os meus pais. Nós vamos para a casa deles. É remoto e seguro. Ninguém poderá se aproximar a quilômetros da propriedade sem que eles saibam.

—É seguro aqui, — Ava respondeu. —Você está exagerando.

Diskant se levantou, seu corpo tremendo.

—O inferno que eu estou! Aquele desgraçado entrou em nossa casa! — Girando o corpo ele enfrentou Sadie e rosnou: —Você disse que ele não iria encontrar Leigh. Você jurou que não iria acontecer.

Ah merda.

—Tecnicamente, ele não o fez, — disse ela, agradecida por Trey estar situado em suas costas. Diskant não ia gostar dessa parte também. —Ele veio procurar por mim. Ele sabia que eu estava com a feiticeira quando os Caídos atacaram. Ele veio me procurar para saber onde ela está.

—Trey, — Diskant não pestanejou. —Você acabou de comprar uma casa nova. Traga toda a sua merda para cá e assuma os pagamentos da propriedade. Eu estou me mudando hoje à noite com Ava. — Dando a Ava um olhar de canto de olho, ele continuou: —Com ou sem a permissão dela. Se você ou a sua companheira aparecerem em nossa casa, eu vou matar os dois.

Trey rosnou, seu peito vibrando contra as costas de Sadie.

—Cuidado, D. Vou matá-lo para proteger minha companheira tão rapidamente como você tentaria me matar para proteger a sua.

—Todos vocês... — Emory gritou e todos olharam para ele, —...acalmem-se.

Embora Emory sempre fosse gentil com Mary, no instante em que entrou na sala, ele pressionou-a contra a parede. Ele não tinha simplesmente a beijado, ele literalmente fodeu a boca dela na frente de todos eles. Então ele a inspecionou da cabeça aos pés. Toda sua atenção — até então — tinha estado em sua fêmea.

—A situação não é tão ruim, — Emory disse, ignorando o olhar de Diskant. -Ava esteve na mente de Aldon, certo? — Ele olhou para Ava e ela balançou a cabeça. —Diskant, ela está tentando lhe dizer o que ela conseguiu descobrir. Ouça-a — sem interromper — e então vamos decidir o que fazer. Esta porcaria de bate—boca é um desperdício de tempo e energia. Pense com sua cabeça, e não com o seu coração.

Sadie sentiu um zumbido emanando de Trey.

—Você está perdendo o controle, D. — Trey alertou. —Obtenha o controle de seus animais. Você está deixando que eles assumam.

Quando Diskant virou a cabeça em sua direção, ele notou que seus olhos estavam constantemente mudando de cor. Suas presas desceram e seus dedos se transformaram em garras. —Não me diga o que fazer. Minha companheira – a minha filha — poderiam ter morrido.

—É isso mesmo, — Emory disse calmamente. — Mas elas não morreram. Você sabe o que ele pode fazer. Ele poderia facilmente ter matado Ava e Leigh, e ter ferido Sadie, mas ele não o fez.

—Ele sabia que eu tinha estado dentro de sua cabeça. — Ava aproveitou que o temperamento de Diskant estava mais contido. —Ele não fez nada quando ele descobriu. Eu consegui ver coisas que poderiam colocar sua companheira em perigo. — Diskant parecia ponderar sobre o assunto enquanto olhava para Ava. —Eu sei que ele mataria por ela. Em um segundo. Ele me bloqueou, mas eu sei que ele ficou receoso quando descobriu que eu tinha conseguido penetrar em seus pensamentos. Há coisas

que ele guarda e não confia contá-las a ninguém. Há uma razão para que ele não quisesse nos matar.

—Qual é? — Diskant rosnou.

—Ele precisa de nós, — Ava respondeu simplesmente. —Eu tive um vislumbre de sua real natureza. Ele não é do mal, mesmo que ele finja ser. Por alguma razão, é importante que ele demonstre ter uma natureza escura. Ele é um mago negro vampiro, mas ele também parece ter magia branca nele. É quase como se fosse um disfarce de algum tipo. Algo a ver com os seus irmãos.

Nesse momento, Sadie soube do que se tratava.

Existiu uma linhagem de magos negros vampiros que, há muito tempo, tinham se convertido. De alguma forma, eles conseguiram obter o controle de seu lado mais sombrio e abraçaram a luz. A lenda dizia que eles juraram destruir seus irmãos do mal e fizeram disso sua missão de vida. Sadie nunca encontrou qualquer um desses vampiros, mas ela ouviu muitas lendas sobre eles. Se a metade dos rumores fosse verdadeira, eles eram os vampiros mais poderosos do mundo.

Seria possível? Aldon seria um deles?

Será que o filho da puta realmente confiou a Ava essa informação?

—Ele é um dos Predestinados. — Sadie deixou escapar, juntando tudo. —Não é de admirar que ele não nos matou.

Seus pensamentos voltaram para suas batalhas físicas com Aldon. Ele poderia tê-la facilmente esmagado. Para um observador de fora da luta, ele tinha. Mas ele tinha tomado cuidado para não matá-la. Havia uma razão para que ele não tivesse rasgado ela em pedaços.

Isso ia contra suas regras de nunca matar um inocente.

—O que diabos você está falando? — Diskant rosnou.

—Aldon não é um vampiro mago negro ou um vampiro mago branco, — Sadie informou, atordoada com o conhecimento da verdadeira natureza de Aldon. —Ele é parte de uma linhagem que possui ambos os lados. Ele pode controlar magia branca e magia escura.

—Isso não faz nenhum sentido porra! — Diskant, que tinha se acalmado um pouco, voltou a se enfurecer – estava prestes a explodir. —Ele nos atacou. Ele tentou matar você. Ele ia matar a minha companheira!

—Foi tudo planejado. — Cuidadosamente planejado e executado. —Diskant, você é um Ômega. Você pode controlar os animais em qualquer shifter. Se você quisesse matar um shifter, você lhe daria alguma oportunidade para revidar seu ataque? Será que você deixaria qualquer brecha para que ele tivesse a oportunidade de escapar e voltar para se vingar?

—O que você está falando?

Ava — obviamente cansada de ouvir seu companheiro argumentar — levantou-se. Ela colocou os braços em torno das costas dele, a barriga encostada em sua bunda.

—Ouça-a, querido. Por Favor. Por mim. Acalme-se.

—Ele nos atacou e pareceu que tinha me matado, — disse Sadie, apertando o braço de Trey, consciente da tensão de seu companheiro. —Mas isso

é porque ele sabia do que eu sou capaz. É por isso que ele me manteve dormindo e não me matou depois que ele me capturou. Ele não precisava de mim para encontrar Leigh. Ele poderia facilmente ter seguido o Coven. Ele me usou para atraí-la porque, se ele tivesse confrontado o Coven, havia uma boa chance de que ele tivesse que matar alguém para colocar as mãos sobre ela. Ele estava tentando diminuir as chances disso acontecer. Ele sabia o que estava fazendo.

—Ele jogou-a no celeiro, — a observação de Trey, embora suave, saiu como um grunhido enfurecido. —Você poderia não ter sobrevivido.

—Ele fez isso porque sabia como eu iria reagir. Eu tive treinamento. Eu sabia o que fazer. Ele bebeu meu sangue. Ele conhece a minha maneira de lutar. — Seu pai tinha lhe ensinado o truque de se teletransportar no ar há muito tempo. —Uma vez que eu estava no ar, era mais seguro desaparecer e reaparecer em outro lugar.

—Mas seus ferimentos... — Trey não estava convencido.

—Superficiais. — Era verdade. Quando Aldon rasgou seu peito com suas garras, ele lhe causou feridas profundas e horríveis. Mas Aldon sabia que ela iria curar uma vez que bebesse o sangue de Trey. Tudo o que ela precisava era do sangue dele para se recuperar. —As lesões me enfraqueceram, mas elas não iriam me matar.

—Ele tentou machucar Ava, — Diskant estalou, seus olhos verdes fixos em Sadie.

—Outra mentira, — disse Sadie. —Ele não teria prejudicado um fio de cabelo na cabeça dela. Ele estava blefando. Ele sabia que, por causa da condição dela, nós nunca iríamos arriscar atacá-lo.

—Ele tentou matar Trey e Nathan, — Emory lembrou.

—Ele poderia tê-los matado facilmente, mas ele não o fez. Ele fez questão de não machucá-los muito gravemente, mesmo que isso significasse que ele não colocaria as mãos em Leigh. — Sadie não podia acreditar. Aldon — o vampiro que seu antigo Coven mandou que ela seguisse e destruísse — era um dos Predestinados. —Ele não pode prejudicar um inocente. Não importa o que aconteça. A única vez

que exceções são feitas é quando uma morte pode salvar milhares de vidas.

—Ele queria o Zephyr, — Ava estava do lado de Sadie, mas Sadie sabia que a fêmea estava confusa. —Há uma razão?

—É claro que há uma razão, — Sadie não poderia explicar isso a eles sem se vincular mentalmente a todos eles, o que ela não estava a fim de fazer. Diskant estava muito tenso e iria explodir seu cérebro. —Ele tem a capacidade de causar catástrofes. Ele sabe disso. Felizmente nós conseguimos encontrar Thomas na hora certa. Tenho que perguntar a Aldon para ter certeza, mas eu imagino que ele queria Leigh porque ela teria tornado sua busca mais fácil. Quando ele soube que nós também o estávamos procurando, ele não tentou nos impedir porque sabia que não iríamos usá-lo para o mal.

—Seus pensamentos não eram mal— intencionados, — Ava murmurou, acariciando o peito de Diskant, inclinando-se contra suas costas. — Quando eu estava na cabeça dele ele nunca pensou em nos matar.

—Porque ele não pode. — Sadie suspirou as palavras. —Isso muda tudo.

—Explique, — Diskant estalou, os braços cruzados sobre o peito enorme.

—Nós podemos usar Aldon para ajudar a encontrar Nathan. Ele pode transitar em ambos os mundos. Ele pode encontrar Nathan, levar—nos onde ele está e nos ajudar a tirá-lo de lá.

—Você espera que eu acredite nisso?

—Eu espero. — Havia outra questão. —Ele está preocupado com a feiticeira porque ele quer ajudá-la. Se nós fizermos um acordo com ele e deixarmos claro que, só lhe daremos qualquer informação se ele prometer nos ajudar a resolver a questão de forma a não haver mortes, ele não poderá se recusar a nos ajudar. Ele vai ter que encontrar uma maneira de cumprir o acordo. — Sadie queria sorrir, mas não o fez, não querendo enfurecer Diskant. —Essa é outra lei dos Predestinados — eles não podem dizer não, se alguém lhes pede ajuda. Não quando se trata de assuntos vitais como este.

Pelo menos foi isso que ela sempre ouviu sobre eles.

—É melhor você saber o que diabos você está falando, companheira. — A voz de Trey soou em sua cabeça e ela percebeu que ele esteve ouvindo seus pensamentos todo o tempo. No início de seu acasalamento ele não tinha sido capaz de fazer isso tão facilmente. Com a prática ele tinha encontrado uma maneira de seguir a sua linha de pensamento. — É isso mesmo, eu estive seguindo seus pensamentos. Eu acredito em você, mas D não acredita. Ele não está brincando. Ele quer sair hoje à noite. Ele se recusa a colocar Ava em perigo novamente. Vamos precisar de mais para convencê-lo.

—Então nós vamos fazer um acordo, — ela pensou de volta imediatamente. —Diga a Diskant para partir com Ava. Nós dois podemos negociar com Aldon. Se acontecer alguma coisa, ela não correrá qualquer risco.

—D, que tal isso? — Trey não argumentou, pois confiava totalmente nela. Ela queria beijá-lo. —Sadie e eu vamos falar com Aldon. Cade não entrou em contato ainda, mas ele o fará. Se você quer partir com Ava para um lugar seguro, vá. Eu ligo para você depois que conseguir mais alguma informação.

—Você esqueceu dos Pastores que nós capturamos? — Diskant não estava entusiasmado com a ideia. —Precisamos descobrir todas as suas conexões. É importante saber onde eles estão se escondendo. Esse é o seu trabalho, Alfa. Você deveria lidar com eles.

—E eu vou, — Trey respondeu. —Assim que eu voltar.

—Quem disse que você pode sair? — Diskant rebateu.

—Eu confio na minha companheira. Eu confio em seus instintos. E já que você tem que começar a embalar suas coisas, vou me certificar de que a visita seja rápida. Estarei de volta antes de você partir.

—*Obrigada*, — ela voltou a falar na mente dele. Ela não queria mais beijar Trey, ela queria ficar de joelhos e adorá-lo.

—*Lembre-se que eu ainda estou chateado com você por ter me bloqueado de seus pensamentos mais cedo. Você tem uma grande dívida comigo*, — ele sussurrou na mente dela.

—*E eu vou pagar, de bom grado.* — Se o que ele queria era que ela se submetesse e implorasse que ele a perdoasse, ela estava totalmente pronta para fazê-lo. —*Eu não estou errada. Aldon está brincando de gato e rato. Vocês se relacionaram no passado. Você costumava conversar com ele. Lembra quando você foi até ele para pedir ajuda com os Pastores? Ele não se recusou a ajudar, não foi? Ele concordou em ajudar.*

—Deixe—os ir até ele, — Ava pediu a Diskant, sua voz saindo abafada atrás de suas costas. —Eu não vou sair da minha casa. Eu vou ficar aqui mesmo.

—Nós temos que lidar com os Pastores em primeiro lugar. Nathan iria querer isso.

—Eu concordo, — Ava murmurou. —Mas nós temos que negociar com Aldon.

—Quanto mais cedo melhor, — disse Sadie. — Quanto mais tempo Nathan ficar à mercê dos Caídos, menos de sua alma haverá para ser salva. — Para poupar Leigh, ela não mencionou que os Caídos, provavelmente, já deveriam ter começado a trabalhar para quebrar Nathan.

—Jonathan e Jay estão seguros. Eu só preciso entrar... — Ava fez uma pausa, estudando Diskant como se estivesse lendo sua mente. —Eu preciso entrar na cabeça de Anthony. Então nós vamos poder nos preparar. Assim que eu tiver imagens, nomes e rostos nós poderemos proteger a nossa casa e resgatar Nathan.

—Ava... — Diskant virou e olhou para sua companheira. Suas mãos eram gentis quando segurou seu rosto. —Não faça isso comigo.

—Nós prometemos que faríamos tudo para protegê-la. — Ava tomou as mãos de Diskant e as colocou sobre sua barriga. —Se Sadie tiver razão e Aldon estiver do nosso lado, vamos ser mais fortes.

—Eu não posso acreditar que estamos tendo essa conversa. — Apesar do grunhido em sua voz, Diskant a manteve suave quando falou com a única mulher que significava algo para ele. —Você não lembra o que Aldon Frost fez? — Seu desprezo ao pronunciar o nome era evidente. —Você não se importa?

—É claro que eu me importo. — Inclinando-se para frente, ela beijou seu peito. —Mas eu tenho

certeza disso. Se eu acreditasse que nosso bebê estava correndo perigo, eu estaria em um carro com você agora. — Levantando a cabeça, ela olhou para cima. — Por que não vamos para nosso quarto e conversamos sobre isso por alguns minutos? Nós podemos voltar e nos encontrar com os outros em trinta minutos. Até lá, eu vou tê-lo convencido.

Sadie sentiu o cheiro da excitação de Diskant.

— Não me suborne.

— Não é um suborno. — Indo para os dedos dos pés, ela arrastou os lábios sobre sua mandíbula. — Só quero ter alguma privacidade com você por alguns minutos. Ou você prefere... — ela começou a escorregar sua mão e parou diretamente sobre a crescente protuberância em suas calças, — ...que eu o convença aqui mesmo, na frente de todo mundo?

— Você está me matando, — ele resmungou, sua raiva desaparecendo.

— Não, ainda não. — Ava sorriu e puxou-o para um beijo rápido na boca. Ele resmungou e ela acariciou seu rosto, olhando ao redor da sala. — Descansassem um pouco. Eu preciso ter uma

discussão séria com esse cara. Quando voltarmos vamos decidir o que fazer.

Sadie gritou quando Trey a levantou.

Seus lábios roçaram a orelha dela, sua ameaça era dura. —Eu vou dar-lhe o inferno pelo que você fez. Você nunca, nunca, me deixe fora de sua cabeça novamente.

Ela tinha feito isso para seu próprio bem e ela não se arrependia.

—Por favor, — ela sussurrou. —Você tem que entender.

—Oh, eu entendo, — ele murmurou na concha da sua orelha. —Eu lhe disse quais eram as regras. Você sabia o que aconteceria. É hora de pagar, querida. Agora mesmo.

Em seguida, ela soube que estava em apuros.

Merda.

Trey movia-se rápido, levando sua companheira pelo corredor.

Quando ela o colocou para fora de sua mente, o coração dele quase explodiu em seu peito. Ele soube

imediatamente — apesar da advertência de Diskant — que algo estava muito errado. Durante o trajeto de volta para casa ele se manteve tentando contato com ela, mas nunca obteve resposta. Ele não sabia o motivo pelo qual ela o mantinha fora de sua mente.

E isso o chateou pra caralho.

Ele não se incomodou em chegar até o quarto deles. Em vez disso, ele escolheu a primeira porta aberta que encontrou e a levou para dentro.

—Eu estou no limite do meu controle agora, — ele rosnou, querendo que ela soubesse o que a esperava, seu lobo determinado a dominar sua fêmea e lembrá-la de seu lugar. Colocando a mão em seu ombro, ele a virou e a imprensou contra a parede mais próxima.

—Você não tem ideia de como eu me sinto chateado agora. Você nunca vai fazer isso comigo de novo. — Deixando-o de fora, preocupando-o até a morte. —Nunca, Sadie.

—Me desculpe, eu não tive outra escolha. — Ela não olhou para ele, seus olhos estavam para baixo. — Eu sabia que você ia surtar e voltar. Eu sabia que

você estava lutando e não queria que você se machucasse.

—Se algo acontecer com você eu vou morrer, — lembrou ele, sem se importar com a dureza em sua voz. —Eu não posso viver sem você. Você sabe disso.

Ela exalou suavemente, mantendo a cabeça baixa. —Eu sei. Eu estava focada em tudo o que estava acontecendo. Eu sabia que você ia sentir minha ansiedade. Eu tinha que enfrentar Aldon sem distrações. Eu não sabia o que ele faria.

—Você não me sentiu tentando chegar até você?

—Não. Eu sabia que você iria ouvir meus pensamentos, — confessou. —Então eu blindei minha mente assim que Aldon apareceu.

Filha de uma puta. Um grunhido rastejou de sua garganta.

—Eu deveria esfolar seu traseiro.

—Eu realmente espero que você faça isso. — Na verdade, ela esperava que ele fizesse muito mais do que dar-lhe uma surra. —Eu disse que sinto muito e eu estou sendo sincera. Você tem que entender como

é ficar preocupada com alguém que você ama. Eu não queria que nada de mal acontecesse com você.

—Eu entendo exatamente como ele se sente, e é por isso que eu estou tão irritado agora.

Não havia como argumentar. Ele estava se sentindo traído e ela não o culpava.

—Você pode fazer o que quiser para provar seu ponto depois que acabarmos com isso. É importante que você saiba com o que estamos lidando.

—Os Predestinados?

Pelo menos ele parecia mais calmo.

—Sim. Eles são mais poderosos do que a maioria das criaturas sobrenaturais. Na verdade, alguns pensam que eles são uma lenda. Eu nunca acreditei, para ser honesta. Até esta noite.

—Você tem certeza que Aldon é um deles? — a pergunta soou cheia de dúvidas. —Isso não parece possível. O bastardo tentou matar muitas pessoas. — Levantando seu queixo, ele a forçou a encontrar seu olhar furioso. —Seu Coven a enviou para matá-lo. Você tentou matá-lo. Pense bem nisso. Você precisa

entender o que está arriscando se estiver se baseando apenas em um palpite.

Ela tinha visto o que os Caídos podiam fazer. Isso a fez abrir os olhos.

—Quanto mais eu penso sobre isso, mais certa eu estou.

A primeira vez que ela tinha enfrentado Aldon ela estava fraca como um recém-nascido. Desde que Trey era a única pessoa de quem ela poderia beber — e ela estava determinada a não pedir-lhe ajuda — ela tinha sido um alvo fácil. No entanto, Aldon não a prejudicou. Ele não a atacou. Em vez disso, ele a levou para sua casa. Embora fosse verdade que ele a estava usando como isca, ele poderia tê-la machucado seriamente. Em vez disso, ele a colocou em um sono profundo.

E isso não fazia qualquer sentido.

Mudando de assunto, ela perguntou:

—Quantos Pastores vocês capturaram vivos? Quanto tempo até conseguirmos o que precisamos deles?

—Diskant decidiu manter três com vida.

—Onde eles estão?

—Com Zach. Ele os levou para um prédio que possuímos fora da cidade. — Outro rosnado veio dele, um estrondo em seu peito. —Você está mudando de assunto?

—Não, eu estou pensando no futuro. — Ava seria capaz de ler suas mentes com bastante facilidade com o Zephyr. Provavelmente, seria necessário menos de 30 minutos para conseguir invadir seus pensamentos. —Nós vamos ter que ir imediatamente. Nathan não tem muito tempo. Eu ficaria surpresa se ele ainda estivesse vivo.

—Ele está vivo. — As íris de Trey iluminaram e ficaram com um tom dourado. —Eu sentiria, se ele estivesse morto.

—Ava poderia ouvir os pensamentos de Nathan. Ela poderia...

—Não. — Ele a cortou. Diskant já estava em seu limite. —Diskant está por um fio em sua paciência. Eu estou dizendo a você que a partir de agora ela não vai mais trabalhar com o Zephyr até o bebê nascer.

—Então nós temos que negociar com Aldon. — Suspirando e apoiando os dedos em seu peito, ela disse: —Eu não quis falar nada na frente de Leigh, mas tenho certeza que já estão torturando Nathan. Acredito que eles pensam que ele sabe onde a feiticeira está. Eles vão fazer o que for preciso para fazê-lo falar, mesmo que ele não tenha as respostas que procuram.

—Nathan é forte, — Trey passou os dedos em torno de sua mão. —Eles não vão quebrá-lo tão facilmente.

Merda. Ela deveria dizer a ele o quanto estava errado?

—Pastores esfolam seus reféns, não é?

Hesitando, ele respondeu:

—Às vezes.

—Os Caídos fazem a mesma coisa, só que eles usam magia para fazer a pele nascer novamente. Eles gostam de repetir o processo, especialmente durante os primeiros estágios da cura. A dor é muito pior. Os nervos são mais fáceis de acertar. E isso é só o começo.

As sobancelhas de Trey franziram, estragando a beleza de sua face.

—Quantas vezes eles fazem isso?

—Tantas quantas eles quiserem. Normalmente, as vítimas enlouquecem. É quando eles os destroem. Eles não sentem prazer se eles sabem que não estão infringindo dor ou se a vítima já não está ciente do que está acontecendo.

—Eles os matam.

—Sim, eles matam.

—Se o que você está dizendo já começou a acontecer... — Trey inalou pelo nariz, os lábios em uma linha apertada. Ele abaixou a cabeça, olhando para os seus dedos entrelaçados. —Ele vai ficar louco e seu lobo vai assumir o controle. Uma vez que isso acontecer — mesmo que consigamos resgatá-lo — provavelmente vamos ter que matá-lo nós mesmos. Shifters instáveis têm de ser destruídos. Eles não são seguros.

—Ele vai ter Leigh. — Sadie tinha toda a intenção de fazer Leigh cumprir sua palavra. —Ela poderá ajudá-lo a manter o controle.

Ele já pode estar perdido.

Trey não tinha a intenção de compartilhar o pensamento. Mas Sadie o ouviu alto e claro. Agora seu amante orgulhoso e corajoso não sabia o que pensar. Nathan era um de seus amigos mais próximos. A ideia de ter que matá-lo quebrou algo dentro dele.

Ele não queria pensar nisso.

—Nós vamos ter que arriscar. — Inclinando-se para frente, ela apertou mais seus dedos. —Nós não saberemos o que vai acontecer até que nós tentemos.

—Eu vou dizer a Diskant que precisamos apressar as coisas. Depois que Ava terminar de vasculhar as mentes deles, nós vamos levar os Pastores para um local diferente. O edifício onde estão é seguro, mas não é uma prisão de longo prazo. — Ela o sentiu tremer de raiva. —Eu vou pedir a Emory para entrar em contato com Kinsley. Ele tem muitos lugares que podem ser usados para esconder pessoas indesejáveis.

—Trey... — por mais que ela detestasse ser a portadora de más notícias, ela sabia que não tinha outra escolha. —Resgatar Nathan não vai ser fácil.

Lobisomens não pode entrar em um ninho de vampiros. Eu também não posso. É por isso que Aldon tem de fazê-lo. Se eles sentirem uma ameaça, vão mudá-lo para outro lugar. Se isso acontecer, há uma boa chance de que nunca mais nós seremos capazes de encontrá-lo.

—Talvez devêssemos dar-lhes o que eles querem. — A derrota em sua voz apertou o coração dela. —Nós poderíamos rastrear Cade e encontrar a mulher que eles querem.

—Você pode muito bem matar todos nós, se você fizer isso. — Uma feiticeira sob o comando de um dos Caídos significa uma sentença de morte para todos os inocentes do mundo. —Só há uma maneira de fazer isso. Se não conseguirmos, vamos machucar todos que nós amamos. Nós podemos fazer qualquer coisa, desde que estamos juntos.

—Você não está deixando o meu lado novamente. Nunca.

—Não, eu não estou.

Ela não era estúpida. Ela sabia que poderia acontecer alguma coisa que a faria ter que comer essas palavras. Mas até que isso acontecesse, ela se

recusava a se separar dele. Quando ela partia em missão sem Trey, ela sentia que podia lidar com qualquer coisa que aparecesse no caminho dela. Somente depois que Trey saiu em missão e ela ficou, ela conseguiu, finalmente, entender qual era a sensação de se preocupar com quem se ama. Ela não estaria fazendo-o passar por isso novamente.

Os lábios dele deslizaram por sua bochecha.

—Você está pronta para isso?

Enquanto ele estivesse ao seu lado, ela estaria pronta para qualquer coisa.

—Sim.

—Então, prepare-se, — ele a beijou suavemente, seus lábios esfregando suavemente. Quando ele se afastou, ele advertiu: —Você está prestes a ver a forma como lidamos com os Pastores. Nós não esfolamos os nossos inimigos, mas nós os fazemos sofrer.

Considerando tudo o que os bastardos já tinham feito para a Matilha, ela não devia se preocupar. Depois de ver o corpo de Larissa, de saber que a mulher tinha sido morta de forma tão cruel, ela não

teria qualquer escrúpulo em torturar os responsáveis. Ela não tinha qualquer compaixão com assassinos de mulheres e crianças, nenhum remorso em torturá-los.

—Eles merecem tudo o que acontecer a eles.

—Lembre-se disso, — ele sussurrou, dando um passo para trás.

Ele a levou para fora do quarto e pegou a mão dela na sua. Enquanto caminhavam pelo corredor, um arrepio frio correu pelo corpo dela. Na idade dela, ela tinha visto muitas coisas. Mas havia algo no comportamento de Trey que a deixou inquieta. Ela tinha ouvido histórias de que os shifters não eram gentis quando se tratava de Pastores, e ela compreendia tanta animosidade contra esses fanáticos.

A Matilha tinha regras quando se tratava de vingança. Aquele que foi mais ferido tinha prioridade sobre sua presa. Zach tinha perdido sua companheira e filho, então, ele seria um dos primeiros da fila. Ela conhecia bem o macho. Ela sentiu sua dor e sua fúria. Ele se mantinha no controle na maior parte do tempo, mas uma vez que as comportas se abrissem,

ele despejaria o inferno sobre os prisioneiros. Infelizmente, eles eram mortais e só podiam aguentar uma pequena parcela de sofrimento.

Diskant queria mantê-los vivos.

A Matilha sabia que Sadie tinha a capacidade de curar usando seu sangue e sua magia.

Não é de admirar que Trey tivesse perguntado se ela estava pronta para enfrentar essa batalha.

Bendita Deusa, isso não ia ser agradável.

CAPÍTULO 15



—Nós vamos matá-lo, — Zach rosnou, acertando um golpe no rosto machucado de Anthony Shepherd. —Mas não imediatamente. Nós vamos prolongar seu sofrimento.

Anthony cuspiu sangue de sua boca, a cabeça balançando em seus ombros.

—Cria do inferno.

Zach acertou mais um golpe no rosto de Anthony. O nariz do Pastor já estava quebrado e seus lábios cortados em vários lugares. O sangue escorria pelo rosto, manchando sua camisa. Seu cabelo estava encharcado de suor, os olhos inchados, quase fechados. Como Trey e Sadie planejavam ir visitar Aldon depois de terminarem o interrogatório dos Pastores, Ava e Diskant estavam se dirigindo para o local em outro carro. Ele desejava que eles se apressassem e chegassem logo.

Ele não tinha certeza de quanto tempo mais Sadie poderia suportar a tensão.

Zach parou o espancamento, os nós dos dedos manchados de vermelho e o peito arfante.

—Cure-o.

Sadie soltou a mão de Trey e caminhou até o Pastor. Até agora, as lesões sofridas por Anthony não tinham sido fatais e ela não precisou derramar seu sangue sobre elas, apenas usar sua magia para curá-las. Cada vez que ela o fez, Trey podia sentir como isso minava suas forças e corroía sua moralidade. Ela tinha sido treinada para ajudar as pessoas, não para ajudar na sua tortura. Ele sabia que ela não era uma santa e que já tinha feito coisas horríveis no passado, mas ele podia ver a forma como sua mão tremia quando ela sussurrou um canto e levou a mão ao rosto de Anthony. Segundos se passaram e os cortes foram se remendado lentamente. O rosto inchado de Anthony voltou — quase — para um estado normal.

—*Eu não sei quanto tempo mais eu posso fazer isso, — ela disse a Trey mentalmente. —Eu sei que este homem fez coisas horríveis, mas eu não gosto de ser uma parte disso. É muito degradante.*

—Isso é o suficiente, — Trey rosnou. Sadie faria qualquer coisa para ajudar a matilha, e foi por isso que ela concordou em participar, mas já era o suficiente. Zach levantou a cabeça e olhou para Trey. —Diskant terá sua bunda se ele morrer antes de Ava chegar aqui. Você já teve o seu tempo. Acalme-se.

Zach queria discutir. Isso era óbvio. O macho se endireitou e caminhou para Anthony. Com um rosnado profundo cuspiu no rosto do homem. —Não pense que você está seguro. Eu quis dizer o que eu disse. Você vai morrer. Quando chegar a hora, você vai sofrer.

Os membros da Matilha fizeram um círculo em volta deles, com decepção gravada em seus rostos. Seus olhos brilhavam e Trey pôde sentir o cheiro de sua sede de sangue. Cada um deles queria rasgar os Pastores que se encontravam amarrados em cadeiras presas no chão. Trey evocou seu lobo, deixando o espírito do animal assumir. Ele sentiu a mudança em seu corpo, sabia que o poder de sua besta escorria dele.

—Eu sou o Alfa! — alertou a todos. —Obedeçam.

A porta do quarto se abriu e Ava apareceu. Diskant segurava a mão dela, mantendo-a perto. Seus olhos voaram para os Pastores e ela empalideceu. Zach tinha causado alguns danos nos outros, mas seus ferimentos não eram tão graves. Ele tinha quebrado seus narizes e, provavelmente, alguns dentes também. Anthony, por outro lado, tinha sido bem e verdadeiramente espancado.

O interesse de Zach, compreensivelmente, permaneceu em Anthony.

Outro conjunto de passos chamou a atenção de Trey.

Jonathan caminhava logo atrás Diskant com Emory e Mary. Suas feridas tinham começado a curar, o rosto e os braços ainda estavam machucados, mas não tanto como estavam antes do resgate. Trey olhou por cima do ombro, para o homem, e ficou aliviado ao descobrir que Jay não estava com eles. O menino já tinha visto dor o suficiente. Ele não precisava ver isso.

O grupo parou ao lado de Trey e Sadie. Mary permaneceu atrás de Emory, com o rosto enterrado em suas costas, mantendo seu companheiro entre ela

e os parentes que queriam vê-la morta. Jonathan continuou, movendo-se na direção do homem à esquerda de Anthony. Ele parou na frente dele, olhando para baixo. Em seguida, ele formou um punho e bateu com ele na boca do homem. Sangue jorrou e a cabeça do Pastor, ela balançou de um lado para outro.

—Ele foi a pessoa que atirou na minha Larissa,
— disse Jonathan. —Ele foi quem a cortou.

Diskant apontou para Zach.

—Desamarre-o e leve-o para o outro quarto. Ele agora pertence a Jonathan.

Zach fez o que lhe foi dito, forçando o Pastor a ficar em pé. Ele arrastou o homem para o outro quarto. Zach parou em frente a Diskant.

—Lembre-se do que você me prometeu.

—Confie em mim, — Diskant rosnou, seus olhos ficando verdes. —Não esqueço minhas promessas.

Zach saiu da sala arrastando o Pastor e Jonathan o seguiu de perto. A porta se fechou, deixando a Matilha sozinha com os dois homens que ainda estavam amarrados em suas cadeiras.

Trey puxou Sadie em seus braços e virou seu rosto para que ela o descansasse contra seu peito. Ela podia lidar com o que estava prestes a acontecer, mas isso não significava que ele não podia consolá-la. Com um olhar de lado, ele notou que Emory tinha feito o mesmo. As paredes que separavam os cômodos eram grossas, mas ele tinha certeza que a Matilha iria ouvir – e sentir muito prazer – com os gritos do Pastor quando Jonathan vingasse sua esposa.

—Muito em breve... — Diskant disse calmamente, estudando Anthony, —...você vai ouvir o que acontecerá com o seu colega. Não vai ser limpo, também não vai ser rápido.

—Isso não importa. — Anthony, apesar de ter passado os últimos 15 minutos sendo espancado, não parecia se importar. —Eu irei ao encontro d’Ele. Meu Pai e Salvador estará esperando por mim. Eu sigo a Sua vontade.

—Se você acredita nisso, — respondeu Diskant com um encolher de ombros. O Ômega se curvou e sussurrou algo no ouvido de Ava. Ela deu-lhe um aceno de cabeça e soltou sua mão. —Você está prestes a trair todos que você conhece e ama, —

Diskant anunciou com um sorriso malicioso. — Estamos prestes a descobrir cada segredo que você já tentou esconder.

—Filho de Satan, — Anthony estalou. Seu olhar se desviou para Ava. —Prostituta do demônio.

Diskant começou a avançar, um sorriso de escárnio no rosto. Ava o impediu de se aproximar do outro homem, descansando a mão em seu ombro. — Não deixe que ele o provoque. Ele quer matá-lo. — Girando, Ava enfrentou Anthony. —Eu não tenho sequer que tocá-lo. Posso ouvi-lo claro como um sino.

—Seu nome não é Anthony, é Nathaniel. Ele é filho de Elijah Shepherd.

Um gemido veio de Mary. Emory acariciou suas costas e murmurou em seu ouvido. Trey podia ver que a mulher estava muito abalada. Seu coração estava com ela. Elijah havia deixado Mary com muitas cicatrizes físicas e emocionais. Ela tinha tido a sorte de sobreviver apesar da ira do homem.

Ava continuou, mantendo seu foco em Nathaniel.

—Há pequenas comunidades em Idaho e Flórida. Eles enviaram vários de seus membros para fora do país por uma questão de segurança. Alguns estão no México. O restante está no Canadá.

Anthony empalideceu. Então, a indignação atravessou seu rosto.

—Você está mentindo vadia!

—Ah, mas eu não acabei, — disse Ava, imperturbável. —Havia alguns em Essex, mas o nosso amigo aqui conseguiu dar-lhes um telefonema antes de ser capturado. Agora eles estão correndo para o Canadá.

—Trey, — Diskant disse calmamente. —Dê os telefonemas.

Embora ele não quisesse deixar Sadie, Trey a soltou e pegou seu telefone. Todas as Matilhas e Orgulhos de shifters mantinham membros patrulhando as fronteiras, assim poderiam controlar e interceptar as pessoas que tentavam atravessá-las. Ele ligou para cada um dos seus contatos. Tudo que precisava dizer era *‘pastores estão a caminho’*.

Todos saberiam do que ele estava falando.

Assim que as chamadas foram feitas ele voltou e passou seu braço em torno da cintura de Sadie. Ela se inclinou para trás, descansando contra ele. Ele colocou o nariz no topo de sua cabeça, respirando. Ela cheirava tão doce e ficava tão bem em seus braços. Ele adorava quando ela confiava nele, como estava fazendo neste momento, baixando sua guarda.

—As Matilhas e os Orgulhos conseguiram desestruturá-los como nós sabíamos que aconteceria. O mapa que Mary nos entregou realmente ajudou. — Ava descansou a mão em seu estômago. —Seus seguidores foram reduzidos a metade. Os que sobraram são em sua maioria mulheres e crianças. — Ela virou a cabeça e olhou para o Pastor ao lado de Anthony. —Nathaniel não tinha o apoio de todas as comunidades. Muitos queriam que ele esperasse. Eles sabiam que precisavam aumentar seu contingente. Ele recrutou os poucos que estavam dispostos a ir com ele e veio aqui para terminar o que seu pai começou. Ele pensou que seria capaz de colocar as mãos em Mary.

Mary começou a chorar e Emory rosnou.

—Saia da minha cabeça, prostituta, — Anthony gritou. —Você está condenada. A criança que você carrega é maldita. Você nunca verá a luz do céu.

—Considerando que eu vou viver para sempre... — Ava olhou por cima do ombro para Diskant e deu ao Ômega um pequeno sorriso. Então ela olhou para Anthony. —...eu não estou realmente muito preocupada com isso.

—O que mais precisamos saber, querida? — perguntou Diskant.

—Provavelmente existem comunidades que ele não conhece. Algumas famílias se dispersaram. Eles não são uma ameaça. Pelo menos ainda não. Não há um número suficiente deles para causar qualquer dano. Eles estão se escondendo e tentando se misturar com os moradores locais. Alguns dos membros não eram tão fanáticos e decidiram sair para sempre. Eles estavam muito preocupados com a segurança de suas esposas e filhos.

—Existe mais algum deles na minha cidade?

—Não, — respondeu Ava. —Por enquanto a Matilha está segura.

—O que devemos fazer com eles, Pinkie? — desta vez Diskant não conteve o sarcasmo ao fazer a pergunta. Parecia que ele queria um sabor de sua própria vingança. —Devemos matá-los ou mantê-los vivos?

—Desde que eles querem morrer, eu diria para mantê-los vivos.

—Alguém tem que pagar. — Diskant lembrou a ela, sua voz saindo calma e amorosa dessa vez. —A Matilha quer sangue. Nós devemos isso a eles.

—Você só precisa de Anthony. — Ava sugeriu. — O outro não sabe muito. Ele é um seguidor. Ele recebe ordens. Ele sequer tem contato com os líderes das comunidades.

—Você e seu bebê vão queimar no inferno. — Anthony a encarou. Mesmo amarrado e indefeso ele soava superior como sempre. —Deus vai lhe mandar direto para o inferno. Nunca haverá salvação. O demônio dentro de você irá selar o seu destino. Você está condenada a sofrer.

—Você primeiro, idiota. — Ava respondeu e se afastou de Diskant, indo ficar junto de Trey, Sadie, Emory e Mary. —Eu descobri exatamente onde eles

estão, mas, eu sugiro que você converse com os líderes das Matilhas e dos Orgulhos nas áreas antes de lhes dar a ordem para atacar. Eles encontrarão muitos inocentes e você não vai querer matá-los.

—Não é assim que agimos. Nós não somos monstros.

—Você disse que alguns deles queriam esperar até estarem reestruturados. — Diskant fez uma pausa antes de perguntar: —Eles estão esperando seus filhos crescerem, não estão? Eles estão esperando que, quando eles se tornarem adultos, eles tenham o contingente que eles precisam para voltar a nos atacar.

—Sim. — Ava acariciou sua barriga, visivelmente abalada. —Mas eles são crianças. Não podemos deixar que as Matilhas e os Orgulhos matem crianças inocentes.

A sala ficou em silêncio, os membros do bando estudando o Ômega e sua companheira. O olhar de Trey correu sobre aqueles que confiavam nele para protegê-los. Ele jurou destruir qualquer coisa que os ameaçasse. Mas ele não poderia prejudicar uma criança e ele sabia que Sadie se recusaria a ajudá-lo

se a Matilha decidisse que o melhor seria erradicar de vez a linhagem dos Pastores.

—Eles começam a ensiná-los desde cedo, — Mary explicou suavemente. Ela ergueu o rosto do peito de Emory, seus olhos marejados e vermelhos. — É possível salvar os bebês e as crianças menores, mas as crianças a partir de cinco ou seis anos já começaram a ser ensinadas sobre o que nasceram para fazer. Alguns deles levam mais tempo para compreender e aprender. Mas, depois dos dez anos de idade, nada do que você fizer ou disser vai ter importância. Eles acreditam que estão cumprindo a vontade do Senhor. Eles estarão dispostos a sacrificar suas vidas.

—E quanto as mulheres? Elas não se preocupam com seus filhos? — perguntou Ava.

O semblante de Mary passou de triste a furioso. —as mulheres são as piores.

—Eu vou compartilhar todas as informações, e eu quero dizer todas elas... — disse Diskant, olhando diretamente para Ava, —...com os líderes da outras Matilhas e dos Orgulhos. Eles tem o direito de saber que há Pastores em seus territórios. Mas eu vou

alertá-los que a maioria dos moradores dessas comunidades são mulheres e crianças. E que alguns ainda não se transformaram em monstros fanáticos. Vou me certificar de que nenhum dos inocentes seja prejudicado.

Ava assentiu e Diskant decidiu que era o momento de se dirigir aos membros do bando, que estavam todos ao redor dos dois Pastores capturados. Ele caminhou em direção ao grupo e parou no centro da sala.

—A ameaça aqui desapareceu. Voltem para suas famílias e avisem-nos que eles estão seguros. Precisamos voltar a nos conectar. A Matilha precisa de unificação. Prepare-se para uma caçada. Vamos fazê-lo em minha propriedade. Marcaremos uma data e hora e vamos nos certificar de que a notícia se espalhe para que todos possam participar. — Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Os machos em torno dele pareciam muito animados. A tensão que pesava no ar desapareceu. Diskant, parecendo satisfeito com a reação de todos, deu a seu bando um sorriso. —Vocês vão ter o sangue que tanto desejam em breve. Considerem como algo pelo qual vai valer à pena esperar.

—*Uma caçada?* — a pergunta de Sadie ecoou pela mente de Trey.

—Diskant vai entregar ao bando o Pastor que Ava disse não ter qualquer informação útil para nós. A Matilha vai se reunir na propriedade de Diskant e mudar para sua forma de lobo. Em seguida, o Pastor vai ser posto em liberdade. Eles vão caçá-lo e destruí-lo.

Ela não fez qualquer comentário, não que ele esperasse que ela o fizesse.

Naquele momento Trey sentiu-se horrível por forçar Sadie em seu mundo.

Caçá-lo e destruí-lo.

Soou como algo que os Caídos fariam.

Sadie manteve sua compostura. A Matilha tinha sofrido numerosas perdas. Eles mereciam compensação. Seus olhos desviaram-se para o homem que foi condenado a morrer. Ele a encarou e, em seu olhar, ela só podia ver um brilho de ódio. Qualquer sentimento de compaixão que ela teve desapareceu. Mesmo agora, sabendo que ele ia morrer, o filho da puta era presunçoso.

—*Quanto tempo mais teremos que esperar?* — a pergunta de Leigh assustou Sadie. Ela tinha esquecido da vampira que ficou esperando do lado de fora, no carro. —*Vocês já terminaram? Precisamos ir.*

—*Eu acho que estamos prestes a sair. Dê—nos mais alguns minutos.*

Desviando seu olhar do homem, Sadie olhou na direção do grupo. Ava estava olhando para ela, seus olhos azuis revelando que tinha ouvido o pensamento de Leigh também.

—Diskant. — Ava gritou, chamando a atenção do Ômega. —Cuidamos dos detalhes depois. É hora de lidar com outros assuntos.

A expressão exultante de Diskant tornou-se sombria. Com um aceno de cabeça em direção ao bando ele voltou para o lado de Ava. As vozes dentro da sala tornaram-se mais altas, dando a Diskant o motivo que precisava para sair sem chamar a atenção de todos.

—Vamos sair.

Eles saíram da sala enorme, deixando todos para trás. Diskant fez com que o pequeno grupo o

seguisse até uma porta que ele abriu e acenou para que todos entrassem, trancando-a em seguida.

—Você só terá uma chance de fazer isso. — Diskant disse para Trey. —Nathan é da família, mas não podemos arriscar a segurança de todo o bando. Ele não iria querer que fizéssemos isso. — Ele enfiou a mão no bolso e pegou um telefone. —Nós não voltaremos para casa até sabermos se sua companheira está certa ou errada sobre Aldon. Ligue para o número gravado na discagem rápida quando souber com certeza. Se nós não tivermos notícias suas saberemos que as coisas deram errado. Lembre-se das regras. Eu estou lhe dando uma hora.

Sadie olhou para o pequeno dispositivo — um celular descartável. Merda.

O recado de Diskant estava claro. Se não conseguissem cumprir a missão, ou se estivessem errados sobre Aldon, ou se Nathan fosse um caso sem salvação, eles estariam por conta própria. O Ômega encontraria outro Alfa para substituir Trey e a Matilha seguiria com seus negócios. Sadie e Trey ainda poderiam oferecer ajuda para localizar Cade e a

feiticeira, mas, tudo o mais que tivesse relacionado com a Matilha estaria totalmente fora dos limites.

—Nós precisamos encontrá-lo em um lugar onde possamos conversar com calma. — Sadie informou a todos. Mesmo que pudessem ir a qualquer lugar no planeta para se encontrarem com o vampiro, seria melhor fazê-lo em campo aberto. E como Trey não podia se teletransportar como ela, eles teriam que viajar de carro. —Estou pensando no Central Park.

—Duas horas. — Diskant respondeu. —Nem mais um minuto.

—Não deve demorar muito tempo. — Não era uma mentira total. Se Aldon fosse quem ela achava que ele era, seria fácil negociar. Se ele não fosse tão mau como ele queria fazer parecer, ele não iria matá-los no local.

—O nome de sua noiva é Olivia. — disse Ava. — Algo está errado com ela. Ele me forçou a sair de sua cabeça antes que eu pudesse ver o que é. Talvez essa informação seja útil.

—Tenha cuidado. — Emory afastou-se de Mary e abraçou Trey. Ele bateu nas costas de seu irmão. —

Não corra riscos desnecessários. Se você sentir que tem de cair fora, faça.

—Não se preocupe, — disse Trey, apertando seu irmão. —Eu terei cuidado.

Os homens se separaram e Trey foi para sua companheira. Sua mão correu pelo comprimento do braço de Sadie, seus dedos deslizando sobre a pele, fazendo seu baixo ventre aquecer. Sadie uniu sua mão a dele, aquecendo-se com o calor que irradiava de seu corpo. Ela tentou não pensar sobre o que poderia acontecer.

Aldon era perigoso, mas ela e Trey estariam enfrentando o vampiro juntos.

—Estaremos em contato. — Dando a todos – o que ela esperava que fosse — um sorriso confiante, ela começou a liderar Trey para fora. O edifício era velho, as paredes precisavam de pintura. Ela entendeu por que Diskant tinha trazido os Pastores para o velho edifício. A área estava abandonada e o prédio era tão escuro e frio no interior que ninguém iria considerar usá-lo como um abrigo temporário.

—Se algo acontecer, eu quero...

Sadie não deixou Trey terminar de falar, girando em direção a ele. Ela soltou sua mão e se agarrou a seus ombros, aproximando sua boca da dele. Seus lábios se tocaram. Ela sentiu seu lobo a acolhendo. Ela deu a ele o que ele queria, enterrando os dedos em seu casaco, enfiando a língua em sua boca enquanto ela gemia.

—*Se algo acontecer com você, isso acontece comigo,* — ela falou para ele em pensamento, segurando-o forte. —*Nós não podemos viver um sem o outro. Isso significa que nós estamos fazendo isso juntos.*

—Eu a quero tanto. — Ele segurou o traseiro dela, uma bochecha em cada uma de suas grandes mãos. Com um impulso de seus quadris ele pressionou seu pênis contra ela. —Se eu pudesse eu a foderia contra a parede agora mesmo.

—se nós não estivéssemos com pressa, eu o deixaria fazer.

Ela odiou afastar seus lábios dos dele, querendo saboreá-lo para sempre.

—É melhor a gente ir, — ela ofegava, e sua buceta estava encharcada, os seios pesados e os

mamilos sensíveis. —Se nós não sairmos agora, eu não vou ser capaz de dizer não. Não uma segunda vez.

Com um grunhido, ele a trouxe de volta para ele. Seus pensamentos inundando a mente dela.

Ela viu as imagens que ele estava lhe enviando — os dois transando contra a parede, seus músculos se contraindo toda vez que ele empurrava contra ela. Os braços dela estavam levantados sobre a cabeça, ele os mantinha presos segurando os pulsos com uma das mãos. A outra mão ele usava para mantê-la equilibrada, com os dedos agarrados firmemente na bunda dela. Os joelhos dele estavam ligeiramente dobrados, de modo que, a cada impulso, ele a penetrava cada vez mais fundo.

Deusa.

Ele a beijou de modo dominante, esfregando virilha contra ela. Seu clitóris pulsava, e uma onda de excitação encharcou a sua roupa de baixo. Se ela levantasse as pernas e as envolvesse em torno da cintura dele, ela sentiria cada centímetro duro de seu comprimento esfregando contra ela. Não demoraria

muito para que ela gozasse. Esse homem a enlouquecia.

Desta vez, foi ele a colocar um fim as coisas.

Ela olhou-o nos olhos, com o coração disparado.

—Por que você parou?

—Porque você está certa. — Ele a soltou, respirando com dificuldade. —Se eu a tocar mais uma vez eu não vou ser capaz de dizer não.

Ela sentia suas pernas como gelatina enquanto o seguia descendo as escadas. Mesmo quando tentou se recompor, ela sentiu a umidade no ápice de suas coxas. Seu clitóris continuava pulsando, por que sua calcinha raspava no feixe de nervos a cada degrau que ela descia. Ela não teve que olhar para Trey para saber que ele estava igualmente excitado. Ela podia sentir o desejo dele, era quase capaz de prová-lo.

Apenas um beijo e eles perderam todo o senso da razão.

Esse homem era sua criptonita

CAPÍTULO 16



—Você só pode estar brincando. — Valen encarou Aldon com um olhar perplexo. —Você vai fazer um acordo com eles? Você perdeu sua mente, irmão?

—Eu disse a eles os meus termos. Eles têm mais a perder do que eu. — Aldon respondeu, tentando acalmar o ceticismo de Valen. —O Beta deles é o companheiro da fêmea que lhe falei, o único vampiro que pode localizar pessoas utilizando objetos. Se alguém pode nos levar até a feiticeira, é ela.

Ele não entrou em detalhes sobre os outros poderes da fêmea.

Em algum lugar de sua árvore genealógica a amiga de Sadie teve um ancestral Predestinado. Possivelmente alguém que não nasceu vampiro. Ele deve ter sido fruto do acasalamento entre um humano e um vampiro. Na maioria das vezes os pais

transformavam seus filhos quando consideravam que era o momento certo. Aparentemente, o ancestral de Leigh nunca chegou a ser transformado e nunca chegou a desenvolver seus poderes.

—Você está mordendo mais do que você pode mastigar, — disse Wren. —Todo mundo está procurando pela feiticeira. Não há um único vampiro ou bruxo no mundo que deixaria passar a chance de encontrá-la.

—Há outra coisa. — Aldon informou. Ele não podia dizer ao certo se seus instintos estavam corretos, mas ele tinha uma suspeita de que ele estava no caminho certo. —Ela está com um membro humano da Matilha. Ele é o único que a está protegendo.

—Um ser humano? — Valen riu. —Você está falando sério?

—Não julgue. Eu já o vi antes. Ele não tem medo de morrer. Ele alegremente vai colocar sua vida em risco. Ele não se importa. Ouvi dizer que ele perdeu sua esposa e está procurando os responsáveis por sua morte. Esse tipo de determinação não é fácil de ser vencida.

—A menos que ele esteja com tesão pela mulher em questão, — Wren entrou na conversa.

—Exatamente. — Aldon acenou e caminhou até a lareira. —se ela se sentir da mesma forma por ele, este assunto não vai ser tão perigoso de resolver, afinal. Talvez tenhamos sorte. Talvez ela já tenha se decidido sobre quem será seu tutor.

—Você conversou sobre isso com seus novos amigos? — o humor de Valen havia mudado completamente. Seus olhos, normalmente azul escuro, estavam acinzentados. —Você acha que eles podem ser capazes de acelerar as coisas?

—Eles disseram que iriam entrar em contato com seu companheiro de Matilha. Eu não tenho certeza se isso é possível. Provavelmente ele está ciente do perigo que correrão se forem localizados. Ele vai colocá-la em algum lugar que considere seguro e esperar as coisas se acalmarem.

—Ele não pode se esconder para sempre.

—Não, ele não pode. — Ninguém poderia fugir dos Caídos. Eventualmente, a sorte do ser humano iria acabar. —Mas ela sabe que tem pouco tempo antes de ser obrigada a escolher um tutor.

Provavelmente ela vai iniciar um vínculo com ele. Isso mudaria o jogo. Ultimamente tem acontecido muitas coisas estranhas.

Aldon sentiu uma mudança no ar. Imediatamente ele sentiu uma explosão de medo vindo de Olivia.

Ele saiu da sala sem dar qualquer explicação.

Desde seu retorno, ele ainda não tinha estado com Olivia. Isso não o surpreendeu, afinal, ela parecia determinada a evitá-lo. Mais de uma vez ele tinha considerado quebrar sua própria regra e invadir a mente dela. Pelo menos, ele saberia por que ela o temia. Ele seria capaz de compreendê-la.

Ele abriu a porta do quarto e o cheiro de sangue invadiu suas narinas. Ele correu para o dentro do quarto e parou diante da cama. Ele seguiu o cheiro e foi em direção ao banheiro. Olivia estava caída no chão. Grossos filetes de sangue derramavam de suas narinas. Ela estava tentando conter o fluxo, segurando um punhado de papel higiênico contra seu nariz.

—O que aconteceu?

Seu queixo se ergueu e seus olhos se abriram, quando ela olhou para ele.

—Oh Deus, — ela sussurrou, limpando o sangue. Ela parecia estar envergonhada. —O que você está fazendo aqui?

—Esta é a minha casa, lembra?

Lentamente, para que ela não se assustasse, ele se aproximou. Ela não recuou e ele tomou isso como um bom sinal. Ajoelhando ao lado dela, ele colocou a mão sobre a dela. Ele estudou seu rosto e franziu a testa. Ela não tinha nenhum hematoma de queda em seu rosto. A hemorragia nasal tinha vindo de forma natural.

—Você já pode pegar seu casaco e chapéu. Boa noite e adeus. Deveria ter sido divertido, mas, realmente, não foi, — ela murmurou e fungou. — Disseram-me para esperar por isso. Uma vez que comesse, meu tempo teria acabado.

—Uma vez que comesse? — ele parou, incapaz de respirar. Ele sabia que Olivia estava morrendo quando ele a encontrou, mas ele vinha administrando pequenas doses de seu sangue no vinho dela e esperava que fosse o suficiente para que ela

começasse o processo de cura. —Diga-me o que há de errado com você. — Ela se recusou a responder a pergunta antes. Agora, ele não estava disposto a dar-lhe uma escolha. Mesmo que ele tivesse que ameaçá-la. —Não ouse mais evitar o assunto. Dê-me uma resposta ou eu vou arrancá-la de você.

—Estou surpresa que você já não tenha feito isso. — Ela estendeu a mão para pegar mais papel higiênico. Ele observou que a mão dela tremia, seus dedos lutaram para remover o papel fino do rolo. Ela parecia mais fraca. —Eu tenho um tumor na minha cabeça. Ele não pode ser removido e não vai parar de crescer. Aparentemente, o meu tempo acabou.

—Você não vai morrer.

—Não se eu deixar você me transformar, — ela levantou os olhos e o encarou. —O que, aliás, eu não quero. Então, não há muita coisa que você possa fazer para impedir.

—Quanto tempo? — ele queria respostas, e queria que ela as desse livremente. Sua paciência estava no limite. Tudo dentro dele exigia que ele a envolvesse em seus braços, colocasse os lábios em sua garganta e a transformasse para salvá-la.

—Há quanto tempo eu estou doente? — ele balançou a cabeça e ela disse: —Um pouco mais de dez anos.

Dez anos. Ela esteve com Conrad durante esse tempo. Ela tinha se alimentado do sangue do outro homem. Aldon não sabia por que Conrad não a tinha mordido e transformado. Teria sido a forma mais segura de garantir o seu futuro. A única coisa que ele sabia ao certo é que ela havia aceitado ser alimentada e curada por outro homem.

—Você bebeu de outro para se manter saudável, — seus olhos estavam vermelhos de fúria. —No entanto, você se recusa a beber de mim.

—Não comece. — Se ela notou que ele estava furioso, ela não deixou transparecer. —Você não sabe nada sobre o meu relacionamento com Con. Você não tem a menor ideia. Podemos fazer isso mais tarde? — a pergunta foi abafada pelo papel higiênico. —No momento estou ocupada tentando estancar um sangramento.

—Não, nós não podemos fazer isso mais tarde. Minha paciência não vai durar tanto.

—Não é problema meu.

—*Aldon. Estamos prontos,* — a voz de Sadie ricocheteou em sua cabeça. —*Venha a nós.*

Finalmente a sorte estava do seu lado! Ele tinha que ir, mas ele se recusava a sair até ter certeza que Olivia estava bem. Ele abriu sua abotoadura, desabotoou o punho de sua camisa e, com um puxão, arregaçou o tecido. Ele mordeu seu próprio braço. O sangue começou a escorrer, derramando em torno de seu pulso.

—Beba e não discuta. — Ele puxou o papel das mãos dela, um frio subindo por seu estômago quando ele aproximou o braço ensanguentado do seu nariz e boca. Ela estava sofrendo. Ela deveria ter pedido a ajuda dele. —Eu tenho colocado gotas do meu sangue no seu vinho. Você já vem bebendo de mim.

—Você o quê?

Ela tentou se levantar, mas ele a impediu, segurando seu braço.

—Eu soube que você estava doente no momento em que a vi novamente. Eu esperava que você me dissesse o que estava errado por vontade própria. Eu esperei por respostas que você se recusou a me dar.

Quando você não me deixou escolha eu tive que intervir.

Depois de tudo o que disse, ele esperava que ela gritasse ou o agredisse.

Em vez disso, ela deslizou para o chão. Ela não olhou em direção ao pulso dele, mantendo os olhos baixos. Ela fechou os olhos e soltou uma respiração suave através de seus lábios. Foi a primeira vez que ele tinha chegado perto o suficiente para sentir o aroma do fôlego dela. Era tão doce quanto ela própria, apesar do cheiro da morte que a rodeava.

—Deixe-me mostrar-lhe que não há nada a temer. — Levantando o braço, ele ofereceu-lhe o pulso. O fluxo tinha diminuído, mas ainda seria o suficiente para mantê-la bem até que ele voltasse. — Eu não vou lhe machucar, Luvena.

—*Aldon.* — Sadie parecia impaciente. —*Onde você está?*

—Por favor, beba. — Ele ofereceu seu sangue novamente. Ele não se importava de implorar quando se tratava do bem estar da sua noiva. —Mata-me vê-la assim. Você não tem que continuar doente.

—Eu preciso de tempo para pensar. — Como se nada tivesse acontecido, ela pegou mais papel higiênico e pressionou contra seu rosto. —Dê-me espaço.

Se ao menos ele pudesse.

—Você sabe que não tem tempo.

Quando ela não respondeu, caída no chão como uma boneca, na frente dele, ele deslizou a manga da camisa para baixo de seu braço e se preparou para sair. Depois que ele falasse com Sadie, ele trataria com Olivia novamente, e teria certeza que ela entendesse o que estava acontecendo. Até agora ele tinha sido cauteloso, querendo dar-lhe tempo. Afinal, uma ligação ao longo da vida não era para ser imposta.

Ele recolocou a abotoadura no punho da camisa sem se importar que seu sangue estava manchando tudo.

Fechando os olhos, ele procurou a localização de Sadie e sentiu a mudança no ambiente ao seu redor quando ele começou a se teletransportar. No último segundo, assim que ele desapareceu, algo se agarrou a ele, tirando seu equilíbrio. Ele não podia

interromper o teletransporte, então ele segurou o peso extra e visualizou Sadie, sabendo que ele apareceria onde ela estava.

Somente quando chegou ao seu destino, ele viu que Olivia tinha vindo junto com ele. Ele estava deitado no chão, por cima dela, que lhe batia com seus pequenos punhos e balançava a cabeça de um lado para o outro. Quando ele levantou o olhar, viu Sadie e Trey que o olhavam fixamente em confusão.

Olivia não parou de atacá-lo, querendo de alguma forma liberar sua dor e frustração. Aldon tinha enganado ela. Tinha dado a ela seu sangue. E ela estava começando a querer acreditar e confiar nele. Ela estava começando a sentir desejo por ele também. Seu corpo a estava traindo, embora sua mente soubesse que devia ficar longe dele. Muitas vezes o desejo tinha nublando seu raciocínio. Ela disse a si mesma que não era culpa dela. Não são muitas as mulheres capazes de resistir a um homem tão lindo como Aldon.

Estúpida.

—Você é um cretino! — ela rosnou, batendo em seu rosto.

—Acalme-se, — ele disse firme, segurando suas mãos.

—Deixe-a ir! — uma voz feminina rosnou.

Aldon passou os dedos em torno dos pulsos de Olivia, impedindo-a de continuar batendo nele. Em um movimento suave, ele mudou suas posições, levantando-a do chão. Ele levantou-se com ela em seus braços, mantendo-a apertada contra ele. Ela levantou a cabeça, seu olhar selvagem enquanto observava a paisagem.

Eles não estavam no quarto.

Eles estavam rodeados por árvores de longos ramos que pairavam sobre suas cabeças. Ela respirou fundo. Não era uma ilusão que ele havia criado na mente dela. Ela podia sentir o cheiro da terra e das folhas.

—O que você está fazendo com ela? — gritou uma mulher.

Olivia se virou na direção da voz e viu uma criatura pálida, de cabelos louros, em pé ao lado de um homem enorme, musculoso e de cabelos escuros. A mulher estava zangada e o macho ao lado dela

também não estava feliz. Logo atrás deles estava outra mulher, com a boca aberta e os olhos bastante arregalados.

—Trey! — Aldon rosnou, dirigindo-se ao outro macho e apertando seu abraço em torno dela. — Tenho certeza que você sabe tudo sobre briguinhas entre amantes. Por favor, mantenha sua mulher sob controle. Se não o fizer eu vou partir e você só vai me ver quando eu decidir.

—O rosto dela está coberto de sangue. — Trey questionou, olhando para Olivia. —Não parece briguinha entre amantes para mim.

—Você está acasalado a um vampiro. — Aldon rebateu. —as coisas podem ficar muito intensas quando nos alimentamos ou compartilhamos sangue. Pense sobre isso.

O macho intimidante levou um momento observando-os. Olivia limpou a boca com as costas da mão, horrorizada com a forma como ela provavelmente parecia. Trey a encarou, com seu olhar intenso. Ele colocou seu braço em volta da cintura da mulher pálida.

—Sadie, querida, acalme-se.

—Ele a está machucando, — dizendo isso, a mulher chamada Sadie puxou seus lábios para trás e Olivia viu suas presas. —Ela está lutando contra ele.

Imediatamente Olívia deixou de se agitar.

A fêmea era um vampiro, não havia dúvida. Mas o homem, obviamente, não era. Sua pele era muito escura, e seu corpo era muito musculoso. Ele parecia um ser humano que gastava seu tempo entre a praia e a academia. Então, por que a mulher — a porra de um vampiro — deixava que ele falasse com ela desse jeito? Os vampiros não eram fracos, ao contrário. Apesar do tamanho do homem, a mulher poderia facilmente dar-lhe uma surra.

—O que diabos está acontecendo? — ela perguntou, confusa.

—Quando eu chegar em casa... — Aldon sussurrou em seu ouvido. —...vamos ter uma conversa muito, muito séria. Até que isso aconteça, não diga uma palavra.

Ele não a soltou, mas a colocou no chão sobre seus pés. Mesmo assim, ela estava completamente consciente dele, sentindo cada centímetro de seu corpo pressionado contra o dela. Aldon era o vampiro

mais poderoso que ela já conheceu. Conrad não tinha sequer chegado perto de ser tão poderoso. Ela lembrou o quanto vulnerável ela se sentiu a primeira vez que o viu. Se fosse preciso, ele poderia rasgar um adversário com as próprias mãos.

—Você poderia me dizer o que está acontecendo? — perguntou Sadie, permitindo que o macho a segurasse. —Esta situação não era o que eu esperava.

—Circunstâncias atenuantes. — Aldon respondeu friamente. —Você me chamou. Agora eu estou aqui. O que você sabe?

—Nós ainda não sabemos onde a feiticeira está, mas estamos dispostos a negociar, — o homem por trás de Sadie respondeu. —Precisamos de ajuda para conseguir libertar Nathan. Saber a localização de onde ele está é inútil se não tivermos ajuda. Nós dois sabemos o que vai acontecer no instante em que entrarmos no local. — O homem puxou a mulher mais perto, seu cabelo escuro contrastando com as longas mechas loiras que caíam em cascata abaixo dos ombros dela. —Eles vão nos matar. Você sabe que eles vão.

—Isso não é problema meu. — Olivia soltou um suspiro quando o braço de Aldon apertou ainda mais ao redor dela. —Nós tínhamos um acordo. Vocês me diriam onde a feiticeira está e eu lhes diria onde está seu Beta.

Feiticeira? O que é um Beta?

—O que está acontecendo? — ela sussurrou, fora de seu elemento, apavorada, mas com necessidade de saber o que estava acontecendo. — Onde estamos?

—É chamado de Central Park, querida, — respondeu Sadie tocando em sua orelha. —Não se preocupe em sussurrar. Eu posso ouvir.

—É rude bisbilhotar, — as palavras saíram da boca de Olivia antes que ela pudesse detê-las.

—Também é rude deixar as pessoas esperando e ainda trazer desconhecidos não convidados para um encontro, — Sadie rebateu. O macho atrás dela rosnou e ela deu-lhe um olhar inocente. —O quê? É verdade.

—Não comece uma discussão, — respondeu o homem. —Seja educada.

—Trey... — Sadie revirou os olhos quando ele não recuou. —Tudo bem, vou me comportar.

Ele bateu na bunda dela, rosnando novamente.

—Essa é a minha garota.

Como isso era possível? A mulher vampiro não estava castigando o homem, sequer estava chateada por ter sido repreendida. No Palácio, se ela tivesse ofendido qualquer um dos vampiros, certamente ela teria levado um bom tapa na cara. Aldon não tinha criticado o seu comportamento e, até agora, todos pareciam estar tranquilos. Ela estudou o macho ao lado da mulher vampiro.

Sem coleira, portanto, ele não era um escravo.

—Se você quiser nossa ajuda... — disse Trey, — ...você vai ter que nos oferecer mais do que um endereço. Você vai ter que colocar mais doces no pote. Precisamos de você para libertar Nathan.

—Eu vou repetir... — Aldon respondeu. —...isso não é problema meu.

—Mas vai ser, — a mulher que estava em pé atrás do casal se colocou à frente deles. —Eu vou ter certeza disso.

—Leigh, volte aqui, — Sadie ordenou. —Lembre-se do que combinamos.

A mulher não se intimidou. —Imagine o que aconteceria se comesçassem a falar sobre você. Como você acha que os Caídos reagiriam se soubessem que você os vem fazendo de bobos todos esses séculos?

—Faça isso e eu vou ter certeza que eles descubram onde está o Zephyr. — Olivia sentiu Aldon tenso, seu braço apertando mais em torno dela. Ela mesma estava nervosa. A mulher que o enfrentava era um vampiro também. Provavelmente ela faria coisas terríveis para conseguir o que queria. —Isso não vai ser bom para a Matilha. Sem mencionar... — ele fez uma pausa e a pressionou contra seus quadris, permitindo-lhe sentir o comprimento do pênis entre o vinco de seu traseiro. Este foi o contato mais íntimo que tiveram desde que ele a levou para sua casa. Aparentemente, ele apreciava tocá-la intimamente. — Você tem outras coisas com que se preocupar. Seu ex-Coven acabará por se tornar um problema para você. Geneva é uma criatura com sede de poder. Mais cedo ou mais tarde ela vai construir uma reputação na cidade.

—Como assim? — perguntou Sadie desconfiada.

—Ela pretende unir vários Covens e comandá-los. Então, ela vai finalmente se tornar um problema para a Matilha, visto que ela pretende utilizar magia para controlar principalmente os lobisomens. Ela encontrou um antigo livro de feitiços muito poderosos e pretende usá-los para comandá-los. É verdade que sua arrogância vai terminar por matá-la. Mas, quando isso acontecer, ela já terá feito um grande estrago.

As íris de Sadie ficaram branco-azuladas.

—Besteira. Ela tem medo de lobisomens.

—É por isso que ela quer usá-los. Se puder controlá-los, sua espécie será a mais forte, não é mesmo? Você pode ver onde eu estou querendo chegar?

A vampira loira empalideceu ainda mais.

—Ela não é tão estúpida.

—Não? Você acha mesmo que não? — Aldon perguntou ironicamente. —Pense nisso por um minuto. Você honestamente acha que um pouco de medo vai impedi-la de conseguir o que ela quer?

Imagine o que ela poderá fazer quando tiver conseguido controlar alguns Covens.

—Eu posso lidar com Geneva. — Sadie tentou parecer decidida, embora sua voz tremesse. —A cadela não vai saber o que a atingiu.

—Eu não tenho nenhuma dúvida.

—Não mude de assunto. — Leigh se intrometeu. —Você vai nos ajudar ou não?

—Isso depende. — Aldon respondeu.

—Você pode até querer dar uma de idiota... — ela revidou, —...mas nós dois sabemos que você não é um. Nós estamos pedindo a sua ajuda. — Ela hesitou por um momento e prosseguiu: —Eu estou pedindo sua ajuda.

—O que eu ganho em troca? — Aldon parecia calmo, mas Olivia sabia que ele não estava. Tensão corria através do corpo dele, o seu poder zumbia como um sussurro sobre sua pele. —Se eu tiver que colocar mais doces no pote, vocês também terão que fazê-lo.

—Eu vou encontrar a feiticeira, — respondeu a mulher. —Você sabe que eu posso fazer isso. Não vai

demorar muito. A melhor parte é que você não terá que fazer coisa alguma.

—E quando você encontrá-la, o que você vai fazer? Tão forte quanto você pensa que é, você nunca vai matá-la. Ela pode esmagá-lo num piscar de olhos.

—Eu não quero matá-la. — O ar ficou impregnado com magia que emanava da vampira e Olivia engasgou. —Eu quero ajudá-la. Não será fácil, eu sei disso. Mas se essa é a única chance que tenho de trazer Nathan de volta, eu vou dar um jeito. Eu posso encontrá-la e dizer a você onde ela está. Juntos, nós poderemos mantê-la segura.

—Vocês estão de acordo com isso? — Aldon perguntou a Trey e Sadie. —É isso que vocês querem?

—Na verdade... — Trey parecia e soava irritado, —...isso é novidade para mim.

—Leigh. — Sadie disse calmamente. —Pense sobre o que você está oferecendo. Se você partir, não seremos capazes de protegê-la. Você conhece as regras. A Matilha não poderá se envolver. Não neste assunto. Você sabe o que Diskant pensa sobre isso.

Matilha? Um arrepio de frio percorreu Olivia. Ela realmente olhou para Trey.

Bronzeado. Musculoso. Grande.

Putá merda. Um lobisomem.

Seu corpo tremia, seu coração estava acelerado. Ela queria fugir. Ela queria se esconder. Ela sabia que vampiros eram maus. Seriam os lobisomens piores? Trey parecia ter Sadie sob seu controle.

Talvez ela devesse ter mais medo dele.

—Calma, Luvena. — Aldon murmurou em seu ouvido. —Eu disse que nem tudo é como parece. O mundo é maior do que você jamais imaginou. Talvez agora possamos ter aquela conversa e você concorde em ouvir o que eu tenho para dizer.

Oh sim, ela iria ouvi-lo. —Tudo bem, — respondeu ela, com a voz embargada.

—Eu tenho pensado sobre isso, — Leigh disse para Sadie, em seguida ela olhou para Aldon. —Eu posso fazer isso.

—Poder fazer não significa que você deve fazer, — Sadie não tinha tanta certeza.

—Você escolhe, — disse Trey. —Mas saiba que a Matilha é nossa prioridade. — Seus olhos mudaram para um tom dourado e ele olhou diretamente para Aldon. —Só mais uma coisa. Você não é bem—vindo na casa de Diskant. Você nunca volte lá novamente. Se você fizer isso, vamos reunir todas as Matilhas e avisá-los sobre você. Assim que descobrirem o que você tentou fazer para a companheira de Diskant, haverá uma recompensa por sua cabeça.

—Você está disposto a dizer-lhes que sua companheira é uma vampira? — Aldon perguntou. — Eles não vão aceitar isso muito bem. Parece que você tem mais a perder do que eu.

—Se for preciso, ele vai dizer sim, — disse Sadie.

—Não tenho nenhum interesse em prejudicar sua Matilha ou você. — Aldon falou para Sadie. —Eu nunca tive. Se não fosse pelas intrigas de Geneva, é bastante provável que nossos caminhos nunca tivessem se cruzado. Você me rastreou, lembra? Tudo o que aconteceu é por culpa do seu Coven. Pense sobre isso.

—Temos um acordo, ou não? — Leigh interrompeu a conversa.

—Você vai ter que selá-lo com sangue, — disse Aldon. Olivia estremeceu quando ele a soltou. Ele afastou-se, movendo-se diante dela. Mas não ficou longe. Ele ficou polegadas de distância, suas costas quase tocando o peito dela. —Eu tenho que saber onde você está. Assim poderei encontrá-la sempre que eu quiser. Se você receber qualquer informação, você deve me encontrar e compartilhar o que você sabe. Isso não é negociável.

—Leigh. — Sadie disse, obviamente horrorizada. —Não.

—Eu já tomei minha decisão. — Leigh respondeu e se afastou de Sadie. Ela sacudiu os ombros, retirando sua jaqueta. A peça caiu no chão e ela continuou caminhando. —A Matilha está segura. Você pode ir para casa e cuidar deles. Você não pode me convencer a mudar de ideia. — Ela parou a centímetros do Aldon. —Se isso é preciso, eu vou deixar você ter o meu sangue. Mas eu tenho uma condição, — disse ela, oferecendo-lhe o pulso. —Você começa a planejar uma forma de libertar Nathan a partir de agora. Eu o quero de volta à Matilha o mais rápido possível.

—Feito.

Quando Aldon tocou a vampira um flash de ciúme colidiu com Olivia. Ela não gostou de vê-lo envolvendo sua mão em volta do braço da mulher, e odiou a forma como os dedos dele tocaram seu cotovelo e punho. Uma parte dela queria puxá-lo para trás e dizer para a outra mulher ir se foder. Mas isso não fazia nenhum sentido.

Por que ela deveria ficar com ciúmes? Ele não pertencia a ela.

Ele a mordeu, seus dentes penetraram a pele e a mulher chiou.

Olivia teve que se virar, não querendo ver o êxtase no rosto da mulher. Tendo vivido em torno de vampiros que se alimentavam de humanos, ela sabia que a punção inicial era dolorida, mas era imediatamente seguida de prazer. Ela tinha visto escravos serem mordidos uma e outra vez, de modo que ela estava ciente do que esperar. Certamente deveria ser a mesma coisa quando vampiros se alimentavam um do outro. Ela esperou para ouvir o som do gemido de prazer da mulher. Não importava o

quanto fosse difícil, ela não iria deixá-los saber como ela se sentia.

Inveja. Ciúme. Raiva.

Nenhum gemido de prazer ou suspiro sensual encheu a noite. Só o silêncio. Em segundos Aldon levantou a cabeça e deu um passo para trás. Olivia olhou para a mulher. Não havia um pinga de felicidade em suas feições. Na verdade, ela parecia estar aliviada que tinha acabado.

—Eu vou manter contato, — disse Aldon, virando as costas para todos. Olivia engasgou quando ele colocou os braços na cintura dela e a puxou para si. Baixando a voz, ele disse a ela: — Feche os olhos. Nós estamos indo para casa.

Um sopro de magia os rodeou, um borrão de luz azul e preto. O mundo mudou, desaparecendo sem deixar vestígios. Quando ela abriu os olhos, eles estavam de volta ao quarto.

—O que aconteceu? — uma parte de sua mente acreditava que tudo tivesse sido apenas um sonho.

—Eu só acabei de fazer um acordo que poderá significar minha morte, — respondeu ele, com uma

ponta de ternura na voz. Seus dedos vagaram sobre o braço dela, seus olhos azuis fixos em seu rosto. —A menos que você esteja disposta a me ajudar. Você está disposta a me ajudar, Olivia?

—Como? — ela perguntou, encontrando dificuldades para respirar com ele tão perto.

—Deixando—me curá-la. Eu não posso enfrentar meus inimigos se eu não tiver certeza que você está segura e saudável. — Ele levantou sua mão, beijou a palma e colocou-a contra seu rosto. —Eu preciso saber que você estará me esperando em casa.

—Você não é como os outros. — Antes ela achava que ele estava tentando enganá-la, agora ela sabia que ele tinha sido sincero nessas últimas semanas. Vampiros pegavam o que eles queriam, quando eles queriam. No entanto, ele não tinha feito isso. Ele tinha lhe dado espaço, respeitado suas escolhas e não a obrigou a fazer qualquer coisa. Em nenhum momento ele a insultou ou a desrespeitou. Se ele quisesse, ele poderia tê-la feito sua escrava ou a transformado quando eles chegaram na casa dele. Em vez disso, ele tinha feito o oposto, dando-lhe tempo. —Você é diferente.

Os pensamentos dela estavam ainda mais confusos.

Havia tantas coisas que não faziam sentido.

—Eu não entendo, — e ela não entendia mesmo. Pelo menos não tudo. —Este não é o jeito que deveria ser.

Antes que pudessem continuar a conversa, a porta do quarto se abriu e dois vampiros apareceram. Olivia apertou-se mais contra Aldon, seu desejo se transformando em medo. Os homens se pareciam muito com Aldon – o mesmo cabelo loiro, os mesmos olhos azuis. Ele disse a ela que seus irmãos estavam na casa. Aparentemente, eles estavam esperando para serem apresentados. Os dois homens olharam para ela e ficaram esperando. O que estava vestindo jeans deu-lhe um sorriso malicioso.

—Não é à toa que você a mantinha escondida. — Caminhando em direção a ela, o homem pegou sua mão que estava no rosto de Aldon. —Eu sou Wren, — ele falou pausadamente. —O grandalhão parado diante da porta é Valen.

Ele tentou beijar os nós dos dedos dela, mas Aldon a afastou.

—Nem sequer pense nisso.

—Tão egoísta, — disse Wren e olhou por cima do ombro para Valen.

—Ele sempre foi, desde que era criança, — Valen respondeu e olhou para Aldon. —Nós não queríamos invadir seu quarto, mas temos um problema.

Aldon respirou fundo e olhou para ela. —Eu preciso falar com eles. Por que você não descansa um pouco até que eu volte?

Descansar? Ela não queria descansar. Ela queria respostas.

—Você tem que ir agora? — Justo quando ela estava, finalmente, prestes a descobrir as coisas, ele estava partindo. Isso não era apenas frustrante, era também irritante. —Eles não podem se virar sozinhos?

—Oh, eu gosto dela, — Wren riu e piscou para ela. —Desculpe, querida. Nós não iríamos levá-lo se nós não precisássemos muito dele. Não se preocupe. Vamos devolvê-lo para você o mais rapidamente possível.

Aldon partiu e ela imediatamente odiou a sua ausência, querendo chamá-lo de volta. Ela o observou enquanto ele caminhava até a porta, esperando que, talvez, ele olhasse para ela por cima do ombro. Ele não o fez, saindo para o corredor na frente de seus irmãos. Wren esperou até Valen sair da sala antes de puxar a maçaneta da porta.

—Foi bom conhecer você, Olivia.

E assim, eles se foram. Ela não se moveu na direção da cama, permanecendo onde Aldon a tinha deixado. Vampiros, lobisomens, perigos, acordos, barganhas — e tudo isso em menos de uma hora.

Ela mal podia acreditar.

Ela entrou oficialmente no mundo Além da Imaginação⁹.

⁹ *The Twilight Zone*, série americana que apresentava histórias de ficção científica, suspense, fantasia e terror.

CAPÍTULO 17



Sadie suspirou, sentou no sofá, se inclinou para trás e fechou os olhos.

Ela podia ouvir Trey no corredor falando com Diskant. Eles estiveram conversando ao telefone desde que voltaram do encontro com Aldon. Algumas vezes Sadie conseguiu ouvir Ava reclamando através da linha, ordenando a Diskant para levá-la para casa. Emory tinha tentado acalmá-la, mas ele tinha Mary para se preocupar e ela estava igualmente irritada. Uma vez que as mulheres sabiam ser insistentes e persuasivas, não demoraria muito até que todos voltassem para casa.

A almofada do sofá ao lado dela afundou e ela abriu os olhos, vendo que Leigh tinha decidido se juntar a ela. A mulher estava estranhamente calma. Ela não parecia chateada por ter praticamente dado a Aldon uma passagem livre para a vida dela. Um mês

atrás, a mulher teria quebrado nozes com os dentes só de pensar numa coisa dessas.

Era incrível como as circunstâncias certas podiam mudar o comportamento de alguém.

Leigh esfregou as mãos sobre as coxas.

—Eu preciso de algo que pertence ao Cade.

Sadie sentou-se. Ela pensou que Leigh iria ficar por aqui por mais um tempo.

—Você não está saindo agora, está?

—Eu não vou voltar aqui até encontrar Nathan. Eu tenho sido educada com Ava, mas eu sinceramente não gosto de estar perto dela. Ela sabe disso. É melhor se eu ficar longe por um tempo.

—Você realmente o quer de volta, não é?

—Eu não quero que ele se machuque mais do que eu já o machuquei. Tenho vergonha das coisas que eu fiz. Deusa, eu gostaria de poder apagar algumas das coisas que eu disse. Se eu pudesse voltar atrás... — ela respirou fundo e suspirou. — Deixe para lá. O que está feito está feito. Eu não sou a

mesma garota. Eu só posso seguir em frente. É hora de parar de viver no passado.

—Aonde você vai? Você tem um lugar para ficar?

—Na verdade, não. — Leigh admitiu. —Eu pensei em usar alguns dos seus apartamentos, a menos que você tenha um problema com isso.

—Você sabe que não tem problema. — Ao longo dos anos Sadie tinha comprado alguns apartamentos em condomínios para usar quando precisasse de uma pausa dos problemas do Coven. Eles eram completamente seguros. As únicas pessoas que tinham conhecimento de sua existência eram corretores de imóveis e Leigh. —Qual deles você quer?

—Depende. Eu poderia precisar usar mais de um. Eu não sei para onde eu vou ter que viajar. Acho que vou traçar um roteiro a medida que as coisas forem acontecendo.

—Como você vai encontrar os edifícios? — Sadie quase se deu um tapa quando terminou de fazer a pergunta. Com um objeto que pertencia a ela, Leigh poderia encontrar cada lugar em que Sadie já esteve. —Não importa, não importa. — Inclinando-se para frente, ela tirou o casaco e o entregou. —Você precisa

de algo meu, certo? Tenho certeza que isso será suficiente.

—Sim. — Leigh sussurrou, correndo os dedos sobre o couro. —Isso vai servir.

Sadie ouviu Trey terminar sua ligação e Leigh se levantou do sofá.

—Vou entrar em contato com você quando eu puder. Se você tiver notícias de Cade eu preciso saber. Destiny é extremamente forte. Ela vai protegê-los com magia. Eu provavelmente vou estar um passo atrás deles a maior parte do tempo. Eventualmente, ela vai escorregar e eu vou encontrá-los. — Seus olhos se voltaram para Trey. —Se você souber algo sobre Nathan eu quero saber. Vou me certificar de que Aldon mantenha sua parte no acordo.

—Como exatamente você vai fazer isso? — perguntou Trey.

—Com isto. — Leigh levantou a mão e abriu, revelando um item de brilhante. —Eu peguei de Aldon quando ele estava bebendo meu sangue. Se ele não fizer o que ele prometeu, eu vou ter que fazer-lhe uma visita.

—Você pegou sua abotoadura? — Sadie sorriu. Leigh conseguiu surpreendê-la mais uma vez. —Você acha que ele não percebeu.

—Ele estava muito preocupado com sua noiva. — Leigh agarrou seus dedos ao redor do pequeno pedaço de joia. —Parece que os vampiros e lobisomens não são diferentes nesse aspecto. Estou pensando em lembrá-lo disso. — Enfiando o objeto em seu bolso, ela disse: — Eu preciso de algo que pertença a Cade.

—Vamos. — Sadie se levantou e foi para Trey. — Dê-nos um minuto.

—Todo mundo vai estar aqui em breve. Eles vão querer falar conosco. — Ele passou o braço em torno dela e roçou os lábios nos dela. —Faça isso rápido.

—Eu vou. — Um pequeno toque e um beijo doce e ela se sentia como geleia.

Ele deslizou o braço na cintura dela e ela respirou fundo. Por enquanto, ela tinha que providenciar o que Leigh precisava. Depois eles falariam com Diskant e o resto da família, somente então ela teria, finalmente, Trey para si mesmo.

O pensamento fez suas entranhas formigarem.

Leigh seguiu Sadie até a lavanderia. Cade tinha deixado para trás um par de camisetas. Ava as tinha dobrado e colocado na prateleira. Sadie entrou na lavanderia e pegou uma delas. Leigh rapidamente tomou a roupa de suas mãos e, antes que Sadie pudesse avisá-la das imagens que ela veria, a jovem fechou seus olhos.

Em segundos, Leigh engasgou e soltou a camisa.

—Meu Deus!

—Eu tentei avisá-la, mas você não me deu tempo.

—Certo. — Leigh disse com voz rouca. —Eu sabia o que tinha acontecido. Eu só não esperava ver a cena. Não é de admirar a determinação de Cade. — Inclinando-se para recuperar a camisa do chão, ela perguntou: — Você se importa se eu me alimentar antes de ir? Eu sei que você já me alimentou há pouco tempo, mas isso iria repor a energia que eu gastei. Eu não quero beber de outra fonte até que seja realmente necessário.

Leigh estava com medo de beber dos mortais, pensando que ela poderia transformá-los. Sadie tinha mostrado como tirar sangue com segurança, mas Leigh permanecia cautelosa e resistente com a ideia. Como ela já tinha tirado o casaco para dá-lo a Leigh, ela só precisou arregaçar a manga da camisa que usava. Assim que ela estivesse sozinha com Trey ela poderia saciar sua própria fome. Ela queria ter certeza que Leigh estivesse em sua melhor forma.

—Tire o máximo que você puder.

Sadie permaneceu completamente imóvel quando Leigh afundou as presas em seu pulso. Assim como ela tinha feito antes, Leigh sugou profundamente. Sadie fechou os olhos enquanto esperava sua amiga terminar. Um minuto se passou, os segundos correndo tão lentamente. Ela sentiu seu corpo balançar e se perguntou se Leigh levaria mais do que ela tinha para dar. Felizmente Leigh retirou as presas, passando a língua sobre os furos.

Assim que ela levantou a cabeça e encontrou o olhar de Sadie, ela franziu a testa.

—Eu sinto muito, — disse ela, lambendo o sangue de seus lábios.

—Eu vou ficar bem. — Depois de quase morrer de fome, não muito tempo atrás, Sadie sabia que ela ia se recuperar da perda. —Trey cuidará de mim depois que falar com Diskant e Ava. — Seus dedos tremiam quando ela puxou a manga da camisa para baixo. —Você tem certeza que não quer ficar e falar com eles?

—Eu acho que eles vão se sentir mais seguros com a minha partida. — Leigh dobrou a camiseta e o casaco debaixo do braço e se inclinou para frente para dar um abraço em Sadie. —Eu vou ficar em contato. Mantenha a mente aberta. Quando as coisas acontecerem, você será a primeira a saber.

—Eu estou preocupada com você. — A ideia de deixar Leigh – que estava sempre com medo de tudo, inclusive dela mesmo — não agradava Sadie. —Você tem certeza que quer fazer isso?

—Eu tenho certeza. — Com uma risada suave, ela disse: — Está na hora de assumir as rédeas da minha vida.

—Lembre-se do que eu disse sobre suas habilidades. — Dando-lhe um abraço mais apertado, ela sussurrou: — Uma vez que você consiga entendê-

las, você poderá fazer o que quiser. Você vai ser mais forte do que jamais foi. Você precisa praticar e aprender a se concentrar completamente. Não tenha pressa. Trabalhe nisso todos os dias. Não fique frustrada no início. Leva tempo.

—Eu vou fazer isso. — Leigh se afastou, dando um passo para trás. —Obrigada.

—Por quê?

—Por ser minha amiga, mesmo quando eu não merecia isso.

—Você não se dá o devido valor.

—Talvez. — Leigh pareceu refletir sobre o que a amiga disse. —Talvez não.

Leigh desapareceu antes que Sadie pudesse responder.

Deusa, proteja-a. Dá-lhe forças.

O que tiver que ser, será. Não havia nada que pudesse fazer para ajudar Leigh.

Não mais.



Trey descansou seus lábios sobre a parte superior da cabeça de Sadie, o cabelo dela era tão macio que parecia seda contra seu rosto. Ela suspirou e se aconchegou mais a ele, puxando os joelhos para cima. Ela tinha estado nessa posição nos últimos 30 minutos, enrolada em uma bola no colo dele. Ele pegou-a no minuto que ela voltou para a sala de estar e levou-a para a cadeira. Ela estava pálida, seus lábios rosa em vez de vermelho. Ele não teve coragem de perguntar por que ela decidiu alimentar Leigh novamente. Não quando ele tinha visto a fadiga gravada em todo o rosto de Sadie.

—Eu ainda não gosto disso, — disse Diskant, espinhoso como sempre. —Eu não confio nele.

—Eu também não. — Trey respondeu. Mesmo que as mulheres sentissem que Aldon não era uma ameaça, ele não estava convencido. —Mas é a única maneira de conseguir libertar Nathan e trazê-lo de volta. Se ele tentar alguma coisa, Sadie poderá localizá-lo através de Leigh. Assim que descobrir que nós podemos encontrá-lo em qualquer lugar, ele vai

andar na linha. Ele não vai arriscar a segurança de sua fêmea. — Ele estava prestes a discutir o que Aldon disse sobre o Coven quando a voz de Sadie sussurrou através de sua cabeça.

—Não. Nós cuidaremos de Geneva.

—Eles têm o direito de saber.

—Normalmente, eu concordaria, mas este é um negócio de Covens, — ela acariciou o peito dele, os dedos deslizando sobre sua camisa. —Eu deveria ter cuidado disso há muito tempo atrás. É minha responsabilidade consertar as coisas.

—Como você planeja fazer isso?

—Fazendo meu trabalho. É hora de acabar com a ameaça.

—E o nosso problema com os Pastores? — perguntou Zach, visivelmente inquieto. Trey sabia que o Beta não estava feliz porque ainda iria demorar em conseguir sua vingança. —Quando você vai tomar uma decisão sobre a forma como lidaremos com o restante deles?

—Depois que eu falar com os Alfas de cada região. — Diskant estava reclinado no sofá, com o

braço sobre as costas das almofadas. Ava estava recostada nele. —Temos muito a considerar. Existem várias possibilidades. Temos de fazer vários planejamentos antes de agirmos. Cada Matilha deverá atacar uma comunidade e todas ao mesmo tempo. Nós temos que estar unidos e chegar a um acordo sobre a forma de lidar com as coisas.

—O que há para resolver? — Zach parou de se mover, olhando para o Ômega. —Eu digo que devemos entrar e matar todos eles. Exterminar o problema e esquecê-lo como se jamais tivesse existido. Nós não precisamos mais viver com medo. Não temos mais que perder as pessoas que amamos.

—Há mulheres e crianças entre eles.

—Você ouviu o que Mary disse. — Zach parecia pronto para brigar. —as mulheres vão apoiar os seus homens e elas ensinam seus filhos a fazer o mesmo. Eles vão tentar nos matar novamente se não os pararmos.

—Nem todos eles. Considere a fonte das nossas informações, — Diskant retrucou, —Mary é totalmente diferente dos seus parentes. Provavelmente algumas das mulheres continuam nas

comunidades porque tem medo de serem caçadas e mortas. Quanto as crianças... — Diskant franziu a testa, incomodado com o pensamento, —...os inocentes merecem uma chance.

—E se você tiver que separar uma criança inocente de sua mãe fanática? — perguntou Zach. — Nunca pensou nisso antes? Seria mais gentil matá-lo rapidamente junto com aqueles que ele ama do que condená-lo a viver como órfão.

Ava sentou-se, visivelmente furiosa com Zach. Diskant falou antes que ela pudesse dizer qualquer coisa.

—Há casais em várias Matilhas que ficariam muito felizes em adotá-los. Nem todo mundo tem a sorte de ter filhos. — Trey não considerou um comentário pessoal quando Diskant olhou para ele e Sadie. Como um casal de vampiro e lobisomem, havia uma chance de que nunca teriam um filho. —Talvez possamos reverter essa situação, torná-la alguma coisa boa. Não podemos condenar crianças pelo que suas famílias fizeram para nós.

—Por que deveríamos ser tão misericordiosos? Eles não tiveram a mesma cortesia com Katie.

Trey estreitou os olhos para o Beta. Ele tinha o direito de estar com raiva, mas ele estava passando dos limites. —Se agirmos como eles fizeram estaremos sendo hipócritas. — Trey rosnou.

—Nós não matamos pessoas inocentes, Zach.

—Eu sei que você está chateado. — Ava acrescentou, suavizando seu tom de voz para Zach, como uma oferta de paz. — Mas isso é algo que os Alfas precisam considerar. Considerando tudo o que eu vi, eu sei que temos tempo. Não há necessidade de pressa. Nós não somos como os Pastores. Nós nunca seremos. Acabar com uma vida — especialmente as vidas de mulheres e crianças — não é algo a ser feito de forma leviana.

—Eu sei que você quer sua vingança, — Diskant rosnou, olhando para o Beta. —Você vai tê-la durante a caçada. Todo mundo vai ter o sangue que eu prometi.

Zach abaixou a cabeça e olhou para o chão.

—Onde é que nosso convidado está sendo mantido?

—Anthony Shepherd está sendo vigiado e não vai fugir, — disse Diskant. —Ele já não é assunto seu.

Trey esperou que Zach explodisse. Emory deve ter tido a mesma sensação. Ele calmamente se afastou de Mary e se aproximou de Zach. Trey concordava com a decisão de Diskant. Não havia nenhuma garantia que Zach não mataria Anthony. Uma noite, se sua fúria ganhasse de seu controle, o Beta poderia escapar, encontrar Anthony e rasgar o homem em pedaços.

—Você o escondeu, — Zach rosnou. —Você o está escondendo de mim.

—É melhor assim. — Diskant respondeu, com sua voz profunda e ameaçadora. —Você não precisa saber onde ele está sendo mantido. Agora não. Se a situação mudar, eu mesmo vou informá-lo.

Trey sentiu o lobo de Zach se aproximando da superfície, o animal estava enlouquecido e pronto para destruir o lugar. Sadie ficou tensa, seu corpo inteiro enrijeceu. Trey sentiu sua apreensão, sabendo que, se fosse preciso, ela iria sair do seu colo para enfrentar Zach. Emory deu mais um passo para perto do Beta, pronto para derrubar o macho. Às vezes, o

animal — quando empurrado longe demais — assumia o controle, mesmo que um shifter não desejasse que fossem assim.

Outra onda de energia correu pelo lugar.

Diskant.

Ele usou sua habilidade como um Ômega, chamando em seu lobo. Como Trey esperava que acontecesse, Ava fundiu sua habilidade com a de Diskant. A pequena mulher fechou os olhos e usou seu poder mental para dominar a raiva de Zach. Sadie estremeceu quando suas energias unidas arderam em cima de todo mundo perto do casal. Trey segurou-a mais perto, forçando seu lobo a se acalmar quando sentiu o apelo do Ômega. Não havia nada como a sensação provocada pelo casal quando eles trabalhavam juntos. Ele a conhecia bem, uma vez que tinham usado essa ligação para acalmar seu temperamento no passado.

—Acalme-se. — Diskant ordenou.

Os lobos guerrearam

— Beta contra Ômega — mas era uma batalha perdida.

Zach lutou, tentando manter sua conexão com seu lobo. Durante vários segundos, ele rosnou, mãos em punhos apertados, os lábios puxados para trás para revelar seus caninos alongados. Em poucos segundos, no entanto, o homem reassumiu e seus ombros caíram.

Trey quase sentiu pena do outro macho.

—*Ele fez isso a si mesmo.* — Sadie disse a ele, usando sua conexão. —*Ele tem que abandonar essa raiva. Ela vai corroê-lo de dentro para fora, se já não o fez.*

—*Você seria capaz de deixar para lá?* — Trey perguntou, acariciando lhe o braço. —*Se eu morresse e você tivesse em suas mãos a pessoa responsável, você seria capaz de se controlar?*

Depois de um momento, ela pensou,

—*De jeito nenhum.*

—Emory, — a voz de Diskant perdeu o tom de autoridade, tornando-se mais baixa e suave. —Leve Zach lá fora. Ele precisa de um pouco de ar fresco.

Emory olhou para Mary, seus olhos dourados demonstrando amor como sempre faziam quando olhavam para ela.

Ela lhe deu um pequeno sorriso e sussurrou: — Eu vou esperar por você no quarto.

Emory agarrou o braço de Zach e o levou para fora.

Mary estudou Ava por um momento.

—Você parece exausta. Por que não vem comigo para que você possa descansar um pouco?

—Eu estou bem. — Ava respondeu, mas, apesar da afirmação, ela parecia cansada.

—Vá descansar, Ava. — Diskant saiu do sofá e a levantou do assento. Seus pés tocaram o chão e ela começou a discutir. Ele colocou um dedo sobre os lábios dela. —É hora de relaxar e cuidar da nossa menina. — Ele estendeu os dedos sobre o estômago de Ava e um enorme sorriso apareceu em seu rosto. —Seus chutes estão mais fortes a cada dia. Vamos mantê-los assim.

—Eu acho que todas as nossas companheiras devem descansar. — disse Trey e repetiu o que

Diskant tinha feito. Levantou-se da cadeira, mantendo Sadie em seus braços. Em seguida, ele cuidadosamente a desceu para que ela pudesse colocar os pés no chão. Seus olhos se encontraram, as íris dela eram tão azuis que pareciam quase preto. —Por que você não toma um bom banho quente? Diskant e eu ainda temos um assunto para tratar. Eu estarei com você em breve.

Sua mulher — geralmente mal—humorada — não discutiu. —Um banho soa como o céu, na verdade.

—Então vá em frente. — Ele a girou para colocá-la de frente para as outras mulheres e deu-lhe um tapa na bunda. —Vejo você em breve.

Seus olhos permaneceram nela, até que ela desapareceu com as outras mulheres pelo corredor. Sabendo que precisava ser cauteloso, ele esperou até que já não podia ouvir os seus passos e olhou para Diskant.

—Onde é que você decidiu esconder o Pastor?

—Eu o mandei para Kinsley. Ele disse que providenciaria para que ele fosse levado a uma de suas pequenas ilhas. Mesmo que o filho da puta

consiga correr, ele não poderá fugir. Ele estará cercado por quilômetros de oceano.

—Será que ele disse quando estaria de volta? — eles precisavam de Kinsley mais do que nunca, mas o shifter pantera tinha partido, sem qualquer indicação de quando ele poderia voltar. —seus shifters já estão ficando preguiçosos. Isso só vai piorar.

—Mas não vai ser um grande problema, não é? — perguntou Diskant. —Os Pastores não são mais uma ameaça, pelo menos não por agora. Eu disse a Kinsley que nós Alfas precisávamos nos reunir para planejar o que fazer com as comunidades restantes, mas ele disse que estava ocupado e que eu não deveria perturbá-lo novamente, a menos que fosse uma emergência.

Mesmo que Trey nunca tivesse gostado muito de Kinsley, o shifter sempre foi confiável.

—Eu gostaria de saber o que está acontecendo com ele.

—Você e eu.

—Escute. — Trey sentia-se mal por trair a confiança de Sadie, mas ele sabia que Diskant tinha o

direito de saber sobre os planos do Coven. — Aparentemente, a líder do antigo Coven de Sadie é mais perigosa do que se pensava inicialmente. No momento não é um grande problema para a Matilha, mas pode vir a se tornar um.

—Era só o que nos faltava. — Diskant rosnou, suas íris ficando verde.

—Sadie quer lidar com isso. Acho que devemos deixá-la fazê-lo.

—Quando é que ela pretende lidar com isso? — Diskant não estava satisfeito, mas Trey estava aliviado porque o homem não estava discutindo. —Eu prefiro que seja logo.

—Eu vou falar com ela. Ela conhece melhor sua espécie do que nós. A líder do Coven é o único alvo. Tenho a sensação de que ela vai acabar perdendo um parafuso ou dois depois que Sadie terminar com ela.

—Mantenha-me informado. As coisas estão finalmente começando a se ajustar e eu não quero que nada nos atrapalhe. A Matilha já teve problemas suficientes. Amanhã eu vou conversar com os Alfas sobre a situação do Pastor que capturamos. Mande

uma mensagem para vários deles. Nós faremos uma videoconferência.

—Parece bom. — Trey estalou o pescoço, a sensação de cansaço chegando sobre ele. —E quanto a Jonathan e Jay? Nós vamos ter que encontrar-lhes um novo lugar. Eles também precisam de coisas novas.

—Ava está cuidando disso. — Diskant sorriu, balançando a cabeça. —amanhã pela manhã ela vai encomendar os móveis e falar com nosso corretor de imóveis. Nós vamos ter certeza que eles terão um lugar aconchegante onde possam se curar. — O sorriso desapareceu e ele olhou diretamente nos olhos de Trey. —Diga a verdade. O que seu instinto lhe disse sobre Aldon quando você se encontrou com ele? Devo me preocupar?

—Pelo que pude perceber, ele está mais preocupado com sua companheira. — Trey ainda se perguntava por que a mulher estava lutando contra o vampiro e também por que seu rosto estava coberto de sangue. —Ele não nos ameaçou. Na verdade, ele estava com muita pressa de dar o fora de lá. Assim que ele fez o acordo com Leigh, ele partiu.

—Você acha que ele vai manter sua palavra sobre Nathan?

Essa era uma pergunta complicada. —Eu acredito que ele foi sincero quando ele disse que nos ajudaria, mas eu poderia dizer que ele estava nervoso sobre isso. Acho que ele está preocupado que ele possa ser exposto.

—Mas ele vai nos ajudar?

—Ele não tem escolha. Leigh roubou um objeto que pertencia a ele. Ela pode localizá-lo sempre que ela quiser. Como eu disse, ele está tendo problemas com sua mulher. Ele provavelmente quer encontrar Nathan o mais rápido possível para que ele possa se livrar de todos nós.

—Você honestamente acha que ela mudou de ideia sobre Nathan? — Trey não culpava Diskant por ser cínico. Leigh tinha rejeitado Nathan várias vezes e ambos sabiam disso. —Confiar em Aldon é uma coisa. Acreditar que ela quer realmente ajudar Nathan, é outra.

—Ela deixou que Aldon bebesse dela. Eu diria que é muito, muito sério.

—Ela não parecia a mesma menina assustada. Sem lágrimas. Sem lamentações. Se eu não a conhecesse, eu diria que ela é uma mulher diferente.

—Esse tempo longe parece ter ajudado. Talvez isso fosse tudo que ela precisava.

—Seja como for, se tivermos sorte o suficiente de resgatá-lo inteiro, eu não vou permitir que ela trate-o como merda. Não uma segunda vez. Não é meu direito intervir entre companheiros, mas ela tem que entender o que sua rejeição faz para ele. Seu lobo provavelmente está perto de um ponto de ruptura.

Trey tinha tentado não pensar sobre como Nathan estaria se, e quando, Aldon o encontrasse. Quanto mais tempo ele permanecesse na companhia daqueles vampiros psicopatas, menor a probabilidade do macho se recuperar das atrocidades que estava sofrendo.

—Sadie fez Leigh dar sua palavra que ela o trataria diferente. Só o tempo irá dizer se vai dar certo.

Diskant considerou as informações. Em seguida, ele assentiu.

—Continue tentando entrar em contato com Cade. Eu quero saber onde o filho da puta está. Se descobrirmos, será mais uma ferramenta de barganha. Se Aldon quer a feiticeira, ele vai precisar mais do que dar socos para se defender.

—Vou providenciar.

—Eu vou terminar de fazer as ligações. — Diskant esfregou a mão sobre o rosto. —Não vai ser fácil convencer todos os Alfas a não atacarem as comunidades. A maioria vai querer invadir e destruir todos eles.

—Provavelmente. — Quando se tratava de Pastores, shifters não tinham muita simpatia. —Eu estarei lá para apoiá-lo. Eu acho que nós vamos ser capazes de chegar a um acordo que agrade a todos.

—Você vai precisar falar com os guardas amanhã. Eles vão precisar vigiar toda a propriedade para garantir que não haja problemas durante a caçada. Eu duvido que a nossa presa vá chegar muito longe, mas nunca se sabe.

Não havia nenhuma maneira de o Pastor escapar. A Matilha provavelmente o capturaria em segundos. Trey manteve esse pensamento para si

mesmo. —Eu vou repassar o esquema da segurança com eles de manhã cedo. A última vez que verifiquei, a cerca elétrica e os alarmes estavam funcionando perfeitamente.

—Trey. — Diskant segurou a parte de trás do seu pescoço, massageando os músculos. Ele parecia tenso quando seus olhos encontraram os de Trey. — Eu não quero que pense que estou expulsando você da minha casa, mas eu acho que seria melhor se você e Sadie se mudassem para o quartel. Se você quiser comprá-lo, eu posso lhe fazer um preço camarada. Eu ainda amo o lugar, mas ele não é mais minha casa. — Diskant olhou ao redor, um pequeno sorriso puxando seus lábios. —Eu não sou mais um solteirão. Este é o lugar onde eu devo estar. — O sorriso desapareceu e Diskant voltou a falar de negócios. —A localização é perfeita para você e Sadie. Há muito espaço e, da maneira como as coisas estão indo, é um local bastante seguro. A Matilha vai gostar de saber que você estará por perto caso eles precisem de você na cidade. Por isso eu toquei no assunto.

—Eu estava realmente querendo falar com você sobre isso. — Com a maioria de seus inimigos eliminados, Trey estava ansioso para ter um lugar

onde pudesse ficar a sós com sua companheira. Ele queria, finalmente, começar a sua vida juntos, sem quaisquer intromissões entre eles. Eles poderiam relaxar um pouco e passar mais tempo de qualidade um com o outro. O quartel dos bombeiros seria uma casa perfeita. Havia muito espaço e Diskant tinha feito uma excelente reforma, garantindo que houvesse toneladas de comodidades. É claro que, primeiro, ele teria que consultar Sadie e saber se ela aprovava. — Eu tinha planejado começar a procurar casas com a minha companheira, mas eu ficaria feliz em perguntar a opinião dela sobre a sua antiga casa. Nós podemos dar o fora daqui em poucos dias.

—O ano passado foi um inferno, mas valeu à pena.

Um eufemismo, se ele podia classificar assim.

—Com certeza.

—Vá para sua companheira. — Diskant puxou o celular do bolso. —Assim que eu terminar de mandar algumas mensagens de texto para o pessoal do Kinsley, eu vou para a minha.

—Boa noite, D., — o Ômega não teve que dizer duas vezes. —Vejo você pela manhã.

Diskant balançou a cabeça, seu olhar fixo no telefone enquanto começava a digitar as mensagens de texto.

Trey não correu na direção do quarto, mas seus passos estavam bastante apressados enquanto ele caminhava pelo corredor. Ele prometeu espancar o traseiro de Sadie, mas agora, com tudo finalmente sob controle, ele decidiu que iria tomar seu tempo com ela.

Assim que chegou ao quarto ele entrou e fechou a porta.

O cheiro de seu banho de espuma — baunilha com uma pitada de canela — bateu em seu nariz e seu corpo respondeu. Seu pênis inchou, sua boca salivou só de pensar em lambar a pele dela. Cacete, ele amava aquele cheiro. Era perfeito para sua companheira. Ele ouviu um suspiro, seguido pelo som constante de água em movimento. Agora ela provavelmente estava descansando a cabeça na parte de trás da banheira, seu belo corpo descoberto e pronto para seu toque.

Ele parou em frente a cama e tirou suas roupas, sem qualquer cuidado, movendo-se tão rápido quanto

possível. Qualquer traço de fadiga ou cansaço havia sumido e só restou a luxúria em seu lugar. A mulher tinha a capacidade de transformá-lo de um amante apaixonado para um voraz viciado em sexo. Embora Sadie provavelmente estivesse cansada, o sono teria que esperar.

Hoje à noite — sem os problemas e preocupações que normalmente enfrentavam — ele poderia amá-la direito.

Nada de fodê-la às pressas.

Ele tinha a intenção de mantê-la ocupada até o amanhecer.

E ele jurou a si mesmo que faria de um modo que ela amaria cada minuto disso

CAPÍTULO 18



Sadie fechou os olhos, aproveitando a água quente que rodeava suas costas e aliviava a tensão de seus músculos. Ela tinha ouvido Trey entrar no quarto e seu coração tinha pulado de antecipação. O último par de dias tinham sido horríveis para ele, então ela não tinha muita certeza de como estava o seu humor. Ele poderia ser rude ou carinhoso, fodê-la rápido e com força ou amá-la lento e suave.

Qual o caminho que ele iria escolher?

Com um suspiro, ela abriu os olhos.

Não importava. Ela amava estar com ele de qualquer maneira.

Ele apareceu na porta, completamente nu. Ela teve tempo para apreciar o visual, começando por seus pés, passando para suas coxas musculosas. Quando ela chegou ao volumoso pênis, ela fez uma pausa. Ele estava duro e esticado em direção ao

umbigo, a cabeça inchada e rosa. Não foi fácil desviar o olhar e terminar de apreciar o belo corpo, mas ela o fez. Seus olhos continuaram a subir, passado pela linha firme onde seus ossos do quadril encontravam os músculos abdominais, formando um V perfeito. Ela olhou mais para cima, para seu peitoral, depois para seus braços onde havia uma tatuagem que cobria todo o lado esquerdo e uma tribal menor circulando o direito.

—Você gosta do que vê? — ele perguntou, com a voz rouca.

—Inferno, sim, eu gosto, — ela sussurrou e encontrando seu olhar. Suas pupilas estavam dilatadas, deixando apenas uma pequena parte da sua íris cor de âmbar. —Você parece bom o suficiente para comer.

—Se você for uma boa menina... — ele começou a caminhar em direção a banheira com passos muito suaves, — ...eu posso até deixar. — Parando ao seu lado, ele inclinou a cabeça e arqueou as sobrancelhas. —Você acha que você tem espaço suficiente para mim aí dentro?

—Que pergunta boba. — Erguendo, ela revelou seus seios e sentou ajoelhada sobre suas pernas. Bolhas rapidamente cercado de sua cintura. —Você sabe que sempre tem.

—Agora você é a única que parece boa suficiente para comer.

Ele entrou na banheira, com um pé de cada vez. Agarrando a borda da banheira, ela se preparou para ficar entre seus joelhos. Ela só precisava se mover alguns centímetros para conseguir colocar a boca em torno da cabeça de seu pênis. Ele deixou que ela levantasse e se aproximasse, mas deslizou uma mão atrás de sua cabeça. Seus dedos enrolaram-se nos cabelos dela, segurando-a no lugar.

—Não desta vez, querida.

Ela teve de virar a cabeça para cima para olhar para ele. Centímetro a centímetro, ele abaixou seu corpo para a água. Suas pernas deslizaram entre as dela, seus pés sustentando sua bunda. Quando ele se afundou nas bolhas a água ondulou ao longo da borda da banheira e uma quantidade razoável derramou no chão. Ele puxou-a para frente, encostando seus lábios nos dela. Envolvendo os

braços em volta do pescoço dele, ela se aproximou, serpenteando as pernas ao redor de sua cintura.

Suas bocas se encontraram, os lábios foram pressionados juntos.

—Estou ficando sonolenta, — ela murmurou, relaxando nos braços dele.

—Hmm? — ele não se afastou, olhando-a nos olhos.

Às vezes, sem nenhum motivo, ela se pegava pensando no quanto ela se importava com esse homem. Ele entrou em sua vida e, mesmo que no início ela pensasse diferente, ele a mudou para melhor. Tudo o que eles tinham enfrentado – as coisas boas e as ruins – fizeram com que eles chegassem até esse momento. Eles nasceram para ser um casal que viveria ou morreria juntos.

—Não importa, — ela conseguiu dizer, levantando-se apenas o suficiente para colocar sua mão entre eles e agarrar seu pênis. Seus dedos envolveram o grande membro e ela sentiu que ele estava aumentando. Ela manteve contato com os olhos dele, não querendo quebrar a sua conexão tão íntima, e também querendo ver suas íris mudarem de

cor quando ele perdesse o controle. —Eu quero você dentro de mim.

—Bom. — Ele encostou seus lábios nos dela. — Eu quero estar dentro de você.

A grande cabeça deslizou contra seus lábios vaginais, em seguida, estancou na entrada de sua vagina. Ela deslizou para baixo, gemendo quando ele apertou os dedos no cabelo dela. A dor combinou perfeitamente com o prazer que ela estava sentindo e sua vagina se abriu ainda mais. Ele ergueu os quadris e suas íris mudaram, tornando-se amarelas. Ela entendeu o recado, espalhando seus joelhos e arqueando as costas. Ela tomou o restante de seu pênis, parando apenas quando sua bunda descansou contra as coxas dele.

Querendo aproveitar o momento, ela começou a fechar os olhos. Um puxão em seu cabelo a impediu de continuar. Ela encontrou o olhar cheio de luxúria de Trey e sua vagina contraiu.

—Quem a ama, querida? — perguntou ele, as palavras saindo profundas e roucas.

E havia alguma dúvida?

—Você.

—É isso mesmo. Eu a amo. Mais do que qualquer fodida coisa. — Ele revirou os quadris e balançou a água ao seu redor. —Quem você ama?

—Um bárbaro bruto, — ela suspirou e fingiu estar irritada. —Um maravilhoso, delicioso, cabeça—dura, teimoso homem das cavernas.

—Mmm, — seus quadris pararam de se mexer e ela gemeu. —Conte-me sobre ele.

—Bem... — seu amante podia ser capaz de parar a festa, mas ela sabia como recomeçar a diversão. — Ele tem um corpo de morrer, ele é sexy como o inferno. Mas ele sabe disso e, então, seu ego é tão grande que mal cabe nesse planeta. — Soltando seu pescoço, ela apoiou as mãos em seus ombros e utilizou os joelhos para se mover. —Ele também é mandão como o inferno, ele adora dar ordens. Ele não leva desaforo de ninguém.

Os olhos de Trey nunca desviaram dela.

—O que mais?

—Vamos ver, — apertando seus músculos internos, ela começou a elevar o corpo, sentindo seu

pênis esfregando todos os lugares dentro dela. —Ele pode ser doce, mas apenas quando acha que as outras pessoas não estão olhando. Ele também é um sabichão. Ele gosta de se exhibir para as pessoas. — Ela continuou, deslizando ao longo de seu comprimento. —Mas, no fundo, ele é um ursinho de pelúcia. O papel de ‘grande fodido macho alfa’ é principalmente para impressionar. Claro, ele tem que ser assim. Ele defende um monte de gente. Mas uma vez que você o conhece bem, você vai desejar estar no meu lugar. Sou uma mulher de muita sorte.

—É verdade?

Apenas a ponta do grande e inchado membro permaneceu dentro dela. Ela pensou que ela poderia gritar em antecipação. Ela queria deslizar de volta para baixo e mantê-lo apertado dentro dela para sempre.

—Acredite em mim, eu vejo o jeito que as cadelas no cio ficam em torno dele. Elas praticamente o fodem com os olhos e ficam imaginando o quanto bom ele deve ser na cama. Eu não as culpo, mas ainda assim me irrita. Todas adorariam foder com ele. Mas elas não podem tê-lo, porque ele é meu. — Foi

difícil falar, mas ela estava determinada a terminar. Colocando um leve beijo em sua boca, ela disse: — Todo meu.

Ele rosnou e soltou as mãos do cabelo dela, cravando os dedos em seus quadris, segurando a carne, apertado. Ele a trouxe para baixo enquanto empurrava seu pênis profundamente. Foi uma coisa boa que ela estava segurando nos ombros dele, caso contrário, ela provavelmente teria caído de volta na água.

—Porra, sim, eu sou. — Ele encostou sua testa na dela. Ele não estava olhando para ela. Parecia que ele estava marcando uma parte de si mesmo em sua alma. —Assim como você é minha, Sadie. Você sempre será minha.

A medida que seus corpos se uniam mais água escapava da banheira e caía no chão. Ela montou as ondas, puxando-o para perto, choramingando quando ele recuava. Suas presas desceram e sua gengiva formigava. Ela lutou contra a necessidade de beber o sangue dele, sabendo que ela iria conseguir o que queria em breve. Ela podia sentir a presença de seu lobo, sabia que, enquanto Trey a estava fodendo, a

besta dentro dele estava se deleitando com o prazer dessa união.

A marca em seu ombro formigava, lembrando-a de seu compromisso com o homem e com o seu animal. Normalmente, ela era a única a morder durante o ato de amor, mas esta noite ela queria sentir os dentes dele enterrados em sua pele. Jogando a cabeça para trás, ela empurrou o rosto para o lado. Seu cabelo escorregou para trás, em suas costas, deixando seu ombro e pescoço descobertos.

Ela não precisou pedir. Ele sabia o que ela queria.

Ele a mordeu de imediato, afundando as presas em sua pele.

Ela lembrou da noite em que se entregou completamente a ele, deixando que a marca dos dentes dele permanecesse em seu corpo. Ela tinha escolhido ficar com ele, mas por razões bem diferentes naquela época. Ela aceitou carregar sua marca porque ela queria pertencer aquele homem, mesmo não tendo certeza se ele pertencia por completo a ela. Ela se entregou de cabeça ao destino, esperando que ele se sentisse da mesma forma.

Agora, ele tinha transformado suas esperanças e temores em devoção e confiança.

Ela sussurrou o mesmo encanto que tinha usado naquele dia, que agora parecia tão distante. Sua pele começou a formigar e coçar, efeito da magia correndo sobre ela. Então ela sentiu a mudança em seu corpo. A mordida de Trey estava queimando. Os dedos dele fincados em seus quadris eram dolorosos. Durante a próxima hora ela estaria frágil e poderia se machucar. Seu corpo não suportaria um ferimento muito grave. Ela continuaria forte, mas seria mortal como um humano, podendo ser facilmente morta por um golpe mais forte.

Ela poderia se machucar. Ela poderia se ferir.

O mais importante, seus ferimentos deixariam cicatrizes.

Ele deve ter percebido a mudança na natureza imortal dela, porque desacelerou seus movimentos.

—*Sadie?*

—*A primeira marca representou uma promessa.*

— De um futuro. Um futuro juntos. De possibilidades

infinitas. —*Esta representa outra coisa. Todo mundo vai vê-la e saber o que você significa para mim.*

—*Eu não mereço você,* — parecia impossível, mas ele sentiu seu pênis ficar mais duro e mais inchado dentro dela. Ele continuou mordendo-a, mas teve o cuidado de não apertar muito os dentes. Ele impulsionou seu pênis dentro e fora dela, em movimentos suaves. —*Mas eu sou um filho da puta egoísta e eu não vou deixar você ir, então você está presa comigo.*

—*Eu desejei estar com você por tanto tempo.* — Por meses ela fantasiou com ele, se perguntando como seria estar com ele. Sua natureza os manteve afastados. Ela tinha muito medo de se aproximar dele, sabendo qual seria o resultado. —*Às vezes, tudo isso parece um sonho.*

Ele tentou disfarçar sua hesitação, mas ela sentiu.

—*Você quer acordar?*

—Claro que não, — respondeu ela em voz alta, pressionando as unhas em sua pele. Apesar da picada em seu ombro, ela revirou os quadris e ficou na posição certa. Então ela começou a montá-lo,

estabelecendo um ritmo constante, certificando-se de que havia atrito contra seu clitóris. Calor espalhou-se pelo seu ventre, correntes de fogo correram por suas veias. —Eu quero que isso dure para sempre.

Eu quero que isso dure para sempre.

Porra, ele queria a mesma coisa.

Cuidadosamente — certificando-se de não rasgar a pele mais do que ele já tinha feito — ele soltou suas presas do ombro dela. Seu lado possessivo o obrigou a olhar para baixo, o lobo dentro querendo ver a sua marca. Ele não enfiou seus caninos sobre a antiga mordida. Ele queria que ela exibisse sua pele com duas mordidas diferentes.

Mesmo que isso fizesse dele um idiota, ele adorava ver o resultado.

Essas marcas avisariam a todos que ela era dele. Que ela era especial.

Que ela estava fora do limite.

Esfregando sua língua, ele lambeu o sangue ao redor da mordida. Em seguida, ele levantou a cabeça, querendo ver o rosto de Sadie. Suas bochechas estavam rosadas, os lábios pareciam macios como

marshmallows. O cabelo molhado se agarrava ao seu braço, alguns fios caídos para os lados. Ela se inclinou para frente e passou a língua pelos lábios, retirando quaisquer vestígios de seu sangue.

—Se isto for um sonho... — ela perguntou em voz baixa, —...você quer acordar?

Na vez anterior em que ela ficou fragilizada, por ter usado a magia que permitiria que sua mordida ficasse gravada na pele dela, ele tinha ficado com ela em seus braços o tempo todo. Ele a ergueu cuidadosamente pelos quadris e empurrou seu pênis dentro da sua boceta quente e confortável.

será que parece que eu quero acordar? — ele a levantou novamente, puxou os quadris para trás e repetiu o movimento, mais forte desta vez. —Você acha que eu não a desejo tanto quanto você me deseja?

—O que eu posso dizer? — ela era atrevida e estava brincando com ele. Ele gostava disso. —Uma garota gosta de ouvir essas coisas de vez em quando. Nós gostamos de nos sentir desejadas. Elogios são um bônus.

—Tudo bem. Não existe nada que eu queira mais do que ficar assim. Com o meu pau enterrado em você. Eu vou lhe foder tão forte, e tantas vezes, que você nunca vai esquecer a quem você pertence.

Minha. Toda minha.

Por ela ele teria sido capaz de renegar tudo e todos que ele conhecia. Ele teria ido embora e não olharia para trás. Ele quase a perdeu uma vez. O ataque de Aldon tinha aberto seus olhos. Tomar uma decisão foi mais fácil do que ele pensava. Quando ele a viu ferida, com sangue manchando todo seu peito, ele sabia o que decidir. Ele queria protegê-la, mantê-la segura e fazê-la feliz.

Sem ela, a vida não significava nada.

—Não faça isso, — ela parou de montar seu pau e começou a balançar a pélvis, se esfregando contra ele. Suas mãos em concha seguraram o rosto dele, seus olhos azul-claros brilhavam com adoração enquanto ela olhava para ele. —Você está aqui, comigo. Não olhe para trás. — Arrastando os dedos pela sua mandíbula ela sussurrou: —Nunca olhe para trás.

Seu pênis estremeceu, suas bolas pareciam que iam explodir.

Agora não, ainda não.

—Com você aqui, como eu posso olhar? — Sabendo o que ela precisava, ele levou sua mão para o centro de seus corpos. Ele encontrou seu clitóris, inchado e duro, e começou a acariciá-lo. —Você é tão linda que me deixa duro como aço.

A respiração dela se tornou irregular, seus pequenos dentes pressionavam seu lábio inferior. Ela queria beber dele, mas ele a estava segurando com a mão em sua nuca, puxando seu cabelo, querendo olhar para seu rosto enquanto ela gozasse. Ele sentiu os músculos da sua boceta apertando seu pênis. Ela sentiu seu ventre aquecer e agarrou os ombros dele. Então, suas pálpebras baixaram, seus cílios tremeram e ela soltou um grito de êxtase.

Ele não afastou os olhos dela, observando suas sobrancelhas franzirem e depois relaxarem. Porra, sim, assim era exatamente como ele a queria. Seus lábios franzidos, formando um pequeno coração no centro. Ela não parou de movimentar seus estreitos quadris, empurrando-se contra ele, pressionando o

clitóris contra seu dedo. Ele continuou se movendo também, querendo fazer o prazer dela durar. Quando ele sentiu que estava quase gozando, ele apertou os dentes.

Desta vez, seria tudo para ela.

Quando ela acalmou, sua respiração menos irregular, ele afastou seu cabelo e colocou a mão nas costas dela, trazendo-a mais perto. Ele inclinou a cabeça, oferecendo-lhe a garganta. Ela suspirou, se aproximando. Sua língua lambeu a carne, fazendo a sua pele formigar. Seu estômago se contraiu de antecipação, seu pulso estava acelerado.

—Vá em frente, querida. — Foi por isso que ele esperou para gozar.

Uma mordida e ele era um caso perdido.

Ela afundou os dentes na garganta dele e a pressão em sua coluna desapareceu, descendo para suas bolas, correndo até seu pênis. Ele jorrou dentro dela, gemendo enquanto derramava sua semente. Ele sentiu-se tonto, como se estivesse mergulhando em águas profundas. O prazer foi elevado à milionésima potência, ou mais, levando o que ele tinha para dar e um pouco mais.

Ela sugou e seu pau jorrou novamente.

Porra.

Ele queria que ela bebesse até secá-lo, levando tudo o que ele tinha. Ele estava esperando por isso. Ele queria esse momento, ele queria dar tudo o que ela precisasse. Não havia nenhuma sensação como essa. Ele adorava quando sua boceta o apertava, e ele estava ansioso para sentir os lábios dela contra sua pele.

—Isso mesmo, — ele murmurou. —É tudo para você. Eu amo a sensação de ter você bebendo de mim. Eu amo saber que eu sou a única pessoa que pode cuidar de você.

A língua dela acariciou a carne machucada. Como um anjo alegando uma alma perdida. Ela levou o seu tempo, alternando entre beber e arrastar a língua em torno dos furos. Ele viu como ela ficou pálida depois de alimentar Leigh. Ele sabia que ela devia estar se sentindo fraca e muito cansada. Ela precisava disso, mais do que nunca. Ele avisou Diskant sobre a ameaça de seu antigo Coven, mas ela mesma queria cuidar da ameaça.

Certifique-se de que ela recupere suas forças.

A ajude a ficar mais forte.

Ela continuou bebendo, usando a língua e a boca, seus lábios mantendo a pressão sobre a pele dele. Sadie era sempre cautelosa quando bebia dele, tomando apenas o suficiente para se recuperar. Ele tinha certeza que dessa vez ela seria cuidadosa também, e ele adorava a sensação da sua boca contra sua pele. Ela precisava disso, e apenas ele poderia lhe dar. Nenhum outro tinha esse poder. Somente seu sangue alimentava o poder dela. Sem ele, ela morreria.

Pensar nisso fez seu pênis inchar mais uma vez.

Ela pertence a mim. Eu nunca vou deixá-la ir. Ela nunca vai ser capaz de me deixar.

Ela retirou os dentes afiados da pele dele e deslizou sua língua sobre a carne. Ele apreciou a queimadura no lugar da mordida, querendo que durasse para sempre. A sensação era perfeita. Ele queria alimentá-la para sempre, cuidar dela para sempre.

Amá-la para sempre.

Ele não a soltou, mantendo-se profundamente dentro dela. Esta noite ela pertencia a ele. As coisas entre eles estavam – finalmente – entrando nos trilhos.

—Trey? — ela parecia curiosa e ansiosa, olhando para ele. —O que está fazendo?

—Não acabou, querida, — respondeu ele. —Nem mesmo estamos perto de acabar.

Ele jogou-a na cama, deitando sobre ela em seguida. Seu pênis estava duro como uma vara e ele estava determinado a gozar dentro dela sem que ela o morderse. Mesmo quando ela estivesse saciada – depois que eles tivessem dormido um pouco — ele pretendia acordá-la a cada hora e fodê-la de novo e de novo. Eles estariam exaustos pela manhã, mas valeria à pena.

—Graças à Deusa, — ela suspirou. —Eu pensei que você não fosse me deixar relaxar. Eu esperava que talvez você pudesse ir mais lento.

—Você está quase certa, — ele empurrou seu pênis duro dentro dela novamente. —Eu estou começando lento e suave, mas não vai demorar muito para mudar o jogo.

—Então, vá em frente. — Ela separou as coxas e enterrou os tornozelos na bunda dele. —Mude logo o jogo. Eu não posso esperar.

Caralho, a mulher alterava sua mente mais rápido do que uísque.

—Sadie, — ele sussurrou, baixando-a para o colchão. —Você é o melhor de mim.

—Não, você está errado. — Ela curvou os lábios e deu-lhe o sorriso que ele tanto adorava. —Nós somos o melhor um do outro. Mas só quando estamos juntos. Assim como agora, sem nada para nos separar.

Quando ela dizia coisas como essas, ele queria se enterrar em sua boceta, empurrar-se todo dentro dela em um só golpe. Ele não queria ser agradável ou suave. Ele queria reclamá-la, lembrá-la do quanto ele era possessivo com ela. Ele nunca tinha sido tão possessivo com alguém ou alguma coisa, mas ele não estava pedindo desculpas por ser assim.

—É bom saber que você pensa assim. — Caso contrário ele iria castigar sua pequena bunda perfeita.

—Oh sim. Com certeza. — Ela empurrou seus quadris para cima, sua boceta engolindo seu pênis. — Eu sei. Eu sempre soube. Você é a pessoa certa para mim. — Ela balançou contra ele, fechando os olhos. —Eu sempre pertencerei a você. Com você eu estou em casa.

A mulher o deixou sem palavras. Quem diabos era ele para discutir?

Entregando-se, ele mergulhou no calor úmido de sua vagina, respirando o cheiro dela. Era um cheiro doce, e o aroma de sua excitação a tornava ainda mais deliciosa. O destino tinha lhe dado um presente especial para toda vida, e ele quase o tinha jogado fora. Ele estava pronto para começar a viver. Dia após dia, com ela ao seu lado. Ele se preocupava com a Matilha, com as ameaças de Geneva, com coisas que ele sequer entendia. No entanto, ele confiava em sua companheira. Ela sabia e conhecia o que estava por vir. Ela sabia o que tinha que fazer.

Ele ficaria ao lado dela.

Proporcionando-lhe conforto.

Ela faria a coisa certa.

No final, ela sempre sobrevivia.

Certo ou errado, ela acreditava.

Isso era o suficiente para ele.

CAPÍTULO 19



Leigh largou a mochila que estava em sua mão em cima da cama de Sadie. Ela decidiu que era melhor ficar em Nova York, por isso estava em um dos apartamentos que Sadie usava para emergências. Ela queria explorar, mas decidiu que era melhor não. Empurrando as mãos no bolso, ela pegou a abotoadura.

No início, ela pensou em usá-la como uma ferramenta de barganha. Agora, depois de descobrir pouco ou nada sobre o paradeiro de Cade, ela sabia que tinha que fazer a bola rolar. Ela fechou os olhos e repassou várias imagens em sua cabeça. Ela se concentrou no rosto da mulher que ela tinha visto no parque.

Era para onde ela precisava ir.

Em segundos ela encontrou o que estava procurando.

—Esta é provavelmente uma das coisas mais estúpidas que você já fez, — ela disse para si mesma, estudando a abotoadura. —Você provavelmente vai se matar.

Devolvendo o objeto para seu bolso, ela fechou os olhos e imaginou o domicílio onde deveria ir, imaginou até mesmo a lareira à lenha. O chão desapareceu de seus pés, o mundo girou em torno dela. Ela perdeu o fôlego do jeito que ela sempre fazia quando se teletransportava. Assim que ela sentiu que havia algo sólido embaixo de seus pés, ela abriu os olhos.

Puta merda!

Aldon vivia em grande estilo. Sua mobília era cara, o interior de sua casa estava muito limpo e arrumado. A estante em frente a ela não tinha qualquer vestígio de poeira. Na verdade, ela não podia sentir o cheiro de nada, exceto o cheiro cítrico que vinha da madeira. Seu olhar vagou sobre as elegantes e luxuosas almofadas. Enfeites de cristal decoravam pequenas mesas, o sofá e as cadeiras eram cobertos com puro couro. A grande televisão de plasma tinha

sido fixada em cima da lareira. Em todos os lugares que olhasse ela via a marca da riqueza.

Ele certamente sabia cuidar bem de si mesmo.

Quando ele não apareceu gritando com ela, ela franziu a testa e calmamente andou ao redor da sala. Na sala de estar havia uma cozinha com um bar, a geladeira de aço inoxidável e o conjunto de mesa e cadeiras de carvalho estavam totalmente limpos, sem quaisquer vestígios de uso. Ela saiu da sala e estudou o corredor.

Havia quatro portas.

Duas para esquerda, uma para direita e outra diretamente na frente dela.

Ela inalou e se concentrou em ouvir, farejando a residência, tentando escutar sinais de vida. Um barulho veio do quarto no fim do corredor. Respirando fundo e lembrando-se do que precisava ser feito, ela caminhou lentamente pelo corredor. A primeira porta à sua esquerda estava aberta e ela viu um banheiro. As outras portas estavam fechadas, mas ela presumiu que talvez fossem quartos.

Aproximando-se da porta que era o seu objetivo, ela agarrou a maçaneta e fez uma pausa.

Se ela morresse, Nathan poderia perder sua única chance de liberdade.

Se ela não tentasse, ele poderia morrer de qualquer jeito.

Seu coração batia forte, sua boca estava seca. No início, a culpa era sua motivação. Em seguida, o motivo tinha mudado. Ela tinha sentimentos por Nathan, sentimentos que ela não se permitiu ter em muito tempo. Ela queria levá-lo de volta para casa, onde ele estaria protegido por sua Matilha. Pensar que ele poderia estar machucado fazia seu coração doer.

Ela abriu a porta, decidindo que era melhor enfrentar Aldon agora.

Para sua surpresa Aldon não estava lá. Mas a jovem estava.

—O que você está fazendo aqui? — perguntou a pequena loira, imediatamente em estado de alerta. Ela enfrentou Leigh, mas instintivamente deu um passo para trás. Ela colocou seu curto cabelo atrás

das orelhas e passou os braços em torno de si mesma. Ela estava nervosa e não podia esconder. — Aldon saiu, mas ele não vai demorar muito. Você deve partir e esperar ele voltar.

Leigh percebeu que a jovem – Olivia — tinham limpado o sangue de seu rosto. Ainda assim, parecia que havia algo de errado com ela. Respirando, Leigh farejou o ar. Por alguma razão ela cheirava vestígios de morte na sala. Talvez Aldon tivesse matado pessoas aqui. Mas se tivesse feito, por que ele iria trazer sua noiva para um quarto que ele usou para assassinar pessoas?

—Você é Olivia, certo? — ela perguntou, querendo acalmar a mulher.

—Uh. — Lambendo os lábios, a mulher respondeu: — Sim.

—Eu sou Leigh. — Percebendo o quanto Olivia estava nervosa, Leigh não tentou uma aproximação. Ela permaneceu na porta, olhando para a garota. — Você se importa se eu esperar? Eu preciso falar com Aldon.

—Pegue uma senha, — a menina murmurou, sua mandíbula ficando tensa quando ela apertou os

dentes. —ao que parece, há um monte de pessoas que precisam falar com ele. — Depois de um momento, ela disse: — Provavelmente será melhor se você esperar por ele do lado de fora.

—Eu preferiria esperar aqui.

Olivia arregalou os olhos, o medo era evidente em suas feições.

Leigh acrescentou: — Conversar vai fazer o tempo passar mais rápido.

—Conversar?

—Claro, — disse Leigh.

—Com um ser humano?

—Isso é errado?

—É... — Olivia estudou-a por um momento. — Estranho.

—Você é sua esposa? — era uma pergunta estúpida, mas Leigh estava tentando começar uma conversa descontraída. —É por isso que você foi com ele ao parque?

—Eu fui com ele ao parque porque eu estava com raiva, — os ombros de Olivia não relaxaram, mas pelo menos ela estava falando. —Porque você está aqui? O que você quer com ele?

Leigh ficou sem saber o que responder. Será que Olivia sabia sobre Nathan? Será que ela tinha alguma ideia do que estava em jogo? A julgar pelas reações de Olivia e pelo seu comportamento estranho, Leigh suspeitava que ela não confiasse em vampiros ou estranhos. Talvez Aldon a tivesse mantido afastada desse lado da sua vida, tentando aliviar o seu stress. A jovem estava obviamente nervosa pra caralho.

Eu não vou descobrir se não arriscar.

—Estou aqui para falar com ele sobre o meu companheiro, — Leigh respondeu, observando Olivia. —Não sei se você lembra, mas Aldon prometeu me ajudar a encontrá-lo. Eu preciso fazer isso o mais rápido possível. Os Caídos vão destruí-lo se eu não salvá-lo.

—Eu continuo a ouvir todas essas coisas que eu não entendo, — Olivia baixou os braços e o medo em seus olhos rapidamente mudou para raiva. —Por que você precisa de ajuda? Você é um vampiro. Vá até

eles e diga que você o quer de volta. Ele é seu escravo? Existem regras sobre roubar o escravo de um mestre ou senhora. Você pode fazer valer sua autoridade e eles não terão outra escolha a não ser entregá-lo.

Do que diabos ela estava falando? —Sim, eu sou um vampiro. Mas eu não tenho ideia do que você está falando. Eu nunca tive um escravo. Eu nunca vi um vampiro com um escravo.

—Por que você não me matou ainda?

A menina havia perdido o juízo. —Eu não quero mata-la. E, também, essa é uma das principais regras: nós não matamos pessoas. Eu jurei que nunca vou prejudicar ninguém a menos que eu realmente precise.

Olivia estreitou os olhos. —Você está mentindo.

—Não, eu não estou. — Estava muito difícil para Leigh manter seu temperamento sob controle. Ela não gostava de ser chamada de mentirosa. Infelizmente, Olivia devia ter visto e vivido algumas coisas ruins. Considerando que ela era noiva de Aldon, Leigh não estava surpresa. —Vampiros escolhem matar. Meu Coven nunca permitiu tal comportamento. Nós só nos

alimentamos quando precisamos, mas nunca prejudicamos ninguém. Eles nos ensinaram como nos alimentar com cuidado, sem transformar ou machucar ninguém.

—Isso é um monte de porcaria, — Olivia rosnou.
—Eu vi o que vocês fazem.

—Você não me conhece. Você não sabe o que eu fiz ou faço.

—Você é um vampiro. Vocês são todos iguais. Não importa o que você diz.

Leigh escolheu suas palavras com cuidado. —Eu não conheço os vampiros sobre os quais você está falando, mas eu garanto que não sou um deles. Quanto a ser dona de Nathan, se você o tivesse conhecido saberia que ele jamais se deixaria dominar. É assim que machos shifters são. Eles são possessivos e consideram que suas mulheres são sua posse. Você não tem ideia do quanto ele estava determinado a me possuir.

—S-shifter? — os olhos da garota se arregalaram novamente e ela apoiou-se numa cadeira perto da parede. No instante em que seus joelhos

tocaram a almofada, ela afundou no assento. -
lobisomens, você quer dizer?

Que diabos? Quanto pouco essa garota sabia?

—No caso dele, sim, — respondeu ela, certificando-se de não se mover. Até agora as coisas estavam indo bem. Ela não queria foder isso. —Mas há muitas raças de shifters. Gatos, pássaros, répteis, você pode escolher.

Olivia empalideceu, com seus olhos violeta cheios de terror.

—Eu nunca conheci um shifter. Eles são como vampiros? Eles gostam de machucar as pessoas?

Machucar as pessoas?

—Onde exatamente você aprendeu sobre vampiros? — Não deve ter sido uma lição fácil ou agradável de aprender. —É por isso que você tem medo de mim?

—É uma longa história que eu prefiro não compartilhar. Mas eu já estive no Palácio Aurora. Eu sei o que eles fazem lá. Não é algo para estômagos sensíveis. Eu aprendi tudo o que eu precisava saber na primeira vez que entrei naquele lugar.

Ela esteve no Palácio Aurora. A esperança floresceu no peito de Leigh.

—Você já esteve lá? Você sabe onde fica? — as perguntas não pararam de chegar. —Você pode me dizer o lugar onde ele está? Você sabe como posso encontrá-lo? Você pode me levar lá?

—Eu não sei onde ele está exatamente. Mas mesmo que eu soubesse, eu nunca voltaria naquele lugar. — Olivia torceu as mãos, balançando a cabeça, olhando para o chão. —Eu acho que talvez seja melhor você esquecer o homem que você perdeu. Lembre-se dele como ele era. Você não quer ir aquele lugar.

—Você está doente? — o cheiro rançoso de morte estava vindo de Olivia. Leigh percebeu isso e se sentiu enjoada. —É por isso que Aldon tirou você do Palácio? É por isso que ele não a mantém hospedada lá?—

—Você está brincando? — a gargalhada que veio após a pergunta era amarga. —Sim, eu estou doente. Mas Aldon não tem nada a ver com isso. Eu não o via há meses. Então um dia ele apareceu e me trouxe

para cá. — Ela ergueu o queixo, olhando Leigh nos olhos. — Eu não vou ser como você. Eu prefiro morrer.

Porra. Olivia tinha sérios problemas. Assim que o pensamento a atingiu, seu subconsciente entrou na conversa. Como se você não fosse diferente, hipócrita. Pense em tudo que você já viu. Pense em tudo que você aprendeu. Esta menina deve ter vivido um inferno e agora estava sob os cuidados de um vampiro. Você não sabe a sua história. Você não sabe nada sobre ela.

—Você sabe que há vampiros que utilizam magia branca e os que utilizam magia negra? — Leigh perguntou com cautela, tentando descobrir o quanto a mulher sabia. —alguns desfrutam do lado mais sombrio da nossa natureza, mas nem todos nós somos assim. Nós não somos todos iguais.

—Isso é porque você está apaixonada por um lobisomem? — Olivia parecia genuinamente perplexa. —É por isso que você age tão estranho?

—Estar com um lobisomem não tem nada a ver com isso. Essa é quem eu sou.

Aparentemente Olívia – noiva, companheira ou qualquer outro nome que Aldon quisesse chamá-la —

tinha visto alguma merda séria. Depois das histórias que Leigh ouviu sobre as depravações que aconteciam no Palácio, não era de admirar que a menina temesse tanto os vampiros.

Leigh se moveu cuidadosamente, mantendo seus passos lentos. Ela foi em direção a cama e sentou-se na borda.

—É óbvio que você não sabe muito. Gostaria de algumas respostas?

Olivia, que até então esteve horrorizada, ficou carrancuda.

—Sobre o quê?

—Vampiros. Shifters. O mundo em que está vivendo.

—Aldon disse que ia me contar, mas ele teve que sair. — Ela mordiscou o lábio inferior. —Estou tão confusa. Isso tudo é tão estranho.

—Quanto tempo nós temos? — se Aldon ia voltar a qualquer momento, Leigh sabia que teria que fazer uma versão resumida do que havia acontecido com ela. —Você sabe quando Aldon estará de volta?

A desconfiança de Olivia veio à tona novamente. —Por que você quer saber? Por acaso está pensando nas coisas que vai me contar e nas que vai esconder?

Droga. Como responder a essa pergunta?

—Eu estou perguntando por que eu nem sempre fui um vampiro. Você está nervosa e eu entendo. Então, eu estou disposta a contar-lhe a minha história e, talvez, você finalmente entenda porque eu vim aqui. Eu não sei se eu deveria começar contando o que aconteceu comigo e explicar o que eu aprendi ou se eu deveria apenas lhe contar alguns fatos isolados.

Olivia franziu a testa, parecendo considerar as coisas. Com um aceno lento ela disse:

— Eu quero saber tudo desde o início. Eu não tenho certeza de quando ele estará de volta. Ele teve que... uh... Ele disse que precisava cuidar de algumas coisas.

—Ok, vamos começar pelo começo.

Leigh apoiou os cotovelos sobre os joelhos, inclinando para frente. Esta não era uma história que ela gostava de reviver, mas era óbvio que a outra

mulher no quarto precisava de resposta. Sendo uma jovem mulher que havia sido reclamada por um vampiro, era justo que Olivia compreendesse a magnitude da situação. E, se ela realmente conviveu com os Caídos, talvez, depois de ouvir a história de Leigh, Olivia pudesse compartilhar alguns fatos de sua própria história.

—Eu decidi trabalhar até mais tarde uma noite. Eu demorei demais e quando saí, já era muito tarde. Eu sabia que era perigoso sair sozinha, mas eu também pensava que tinha oito metros de altura e era indestrutível. Em resumo, foi uma decisão estúpida. Quando estava passando por uma rua mais escura, eu vi alguém e pensei que talvez precisasse de ajuda. Acontece que ele não precisava. Ele me levou para onde ninguém poderia nos ver e me atacou.

Olhando para Olivia, Leigh viu que ela tinha toda a atenção da garota.

Uma parte dela tinha pena da jovem.

Ela tinha a mesma idade que Leigh tinha quando sua vida se transformou em merda.

—Então lá estava eu, — disse ela, decidida a ir até o fim em sua história.

Se tivesse sorte, Leigh poderia ter encontrado uma aliada e uma amiga.

Ela definitivamente precisa de uma para fazer Aldon ajudá-la a encontrar Nathan.



Aldon estudou a bagunça na frente dele.

Dois vampiros Caídos. Cortados em pedaços.

Nem ele, nem seus irmãos, se sentiam culpados por terem matado. Mas às vezes era um assunto confuso. Ele tirou um lenço do bolso e limpou as mãos ensanguentadas. Eles estiveram atrás desses dois por décadas. A única razão pela qual Wren finalmente tinha conseguido rastreá-los foi porque eles estavam em busca da feiticeira.

—Já vão tarde, — Valen chutou a terra, jogando grama sobre os corpos. Logo os cadáveres iriam murchar e desaparecer. Vampiros que usavam magia negra nunca mantinham a sua forma após a morte. Eles afundavam nos braços acolhedores da terra, desaparecendo como se nunca tivessem existido.

—E sobre a menina? — perguntou Wren baixinho, estudando a fêmea que os observava da gaiola onde ela tinha sido colocada. Mais meninas estavam no porão perto da casa, capturadas para serem utilizadas como escravas ou, apenas, para tortura. —Devemos deixá-la ir? E as outras?

Limpar a memória dos mortais era complicado. Alguns esqueciam. Outros não.

—Isso depende, — respondeu Valen. —Devemos avaliar cada caso individualmente. Vocês conhecem a rotina.

Wren não gostou. Seus lábios se apertaram e seus olhos se estreitaram. —Se tentássemos, poderíamos salvar todas.

—Irmão, — Aldon disse, um arrependimento sincero quase o sufocando. —Eu sei como você se sente, mas é assim que tem que ser feito. Podemos aliviar seu sofrimento. Se algumas delas estiverem muito machucadas, podem até agradecer—nos por aliviar sua dor.

Lorain tinha sido um dos piores membros dos Caídos. O sádico filho da puta adorava atormentar todos ao seu redor — homens, mulheres, crianças,

animais — e não sentia qualquer remorso. Ele passou muito tempo escondido quando percebeu que estava sendo caçado. Os outros Caídos riam dele quando dizia que estava correndo perigo e tinha um alvo em suas costas. Eles pensaram que ele estava ficando louco depois de tantas atrocidades.

Isso já havia acontecido com alguns que se deixaram dominar completamente pelas trevas.

Certa vez Aldon chegou bem perto dele, mas Lorain estava tão desconfiado que decidiu desaparecer assim que Aldon se aproximou demais. Mesmo com Aldon oferecendo a ele uma virgem em uma bandeja de prata. Tinha sido uma mentira, é claro, mas Lorain não tinha mordido a isca. Ele podia ser louco, mas não era estúpido, especialmente desconfiado como estava.

—É fácil para você dizer, — Wren rosnou, franzindo o cenho para Aldon. —Você está prestes a ir para casa ficar com sua companheira. Você não terá que lidar com as consequências.

—Eu não iria deixá-los se eu não precisasse. — Isso, pelo menos, era a mais pura verdade. Matar vampiros era uma coisa. Acabar com a vida de

mortais inocentes — que estavam destruídos demais para serem salvos — era outra. —Olivia está doente. Eu tenho que voltar para que ela possa beber de mim antes que sua situação piore. Eu não queria deixá-la para começar. Isto demorou mais tempo do que eu disse a ela que levaria.

—Nós vamos lidar com isso. — Valen deu a Wren um olhar que o mandava calar a boca. —Volte para ela. Eu pude sentir sua condição. Quanto mais cedo você lidar com isso melhor.

Se fosse assim tão fácil.

Olivia tinha concordado em conversar com ele, mas não tinha concordado em beber dele. Ele queria saber como ela reagiria quando ele dissesse que, na noite em que se conheceram, ele estava apenas fingindo ser como aqueles vampiros que feriam os humanos. Será que ela acreditaria nele? Provavelmente não. Ele tinha visto o medo em seus olhos, sentiu como ela tremia cada vez que ele a abraçava.

—Se precisarem de mim... — disse ele, limpando os últimos vestígios de sangue, — ...vocês sabem onde estou. — Ele dobrou o lenço e enfiou-o no bolso.

—Desculpe, eu tenho que ir. — Ele olhou para Wren.
—Eu sei como isso é difícil.

Wren, apesar de sua aparência rude, tinha um coração enorme.

—Vá em frente. — Wren baixou a cabeça, seus ombros tremendo de fúria. —Eu vou tentar salvar quantas eu puder. Um dia, se tivermos sorte, iremos matar cada um deles por fazerem isso.

Essa sempre foi a esperança deles. Era por isso que eles arriscavam suas vidas.

Proteger os inocentes acabando com todos aqueles que os prejudicavam.

—Antes de ir... — disse Valen, se aproximando, —...seja cuidadoso. Você concordou em ajudar a encontrar o lobisomem, mas quando os Caídos notarem a ausência de Lorian eles vão começar a fazer perguntas. Eles redobrarão a segurança e todo mundo vai ser vigiado. Especialmente aqueles que costumam ir e vir, e nunca ficam por muito tempo. Você vai ficar muito exposto.

Como se eu não soubesse.

—Eu vou ter cuidado.

—Chame se precisar de nós, — disse Valen, recuando. —As coisas podem ficar complicadas.

Mais do que complicadas, elas podem ficar mortais.

Ele visualizou sua casa, ansioso para ver Olivia. Uma névoa negra o cercou e começou a girar ao redor do seu corpo. Ele desapareceu e reapareceu em sua sala de estar, a lareira ainda estava acesa. A madeira estava quase no fim, e ele sabia que teria de atizar as chamas em breve. Ele ficou imóvel quando ouviu vozes, seus sentidos em alerta total. Suas narinas farejaram.

Em seguida, ele soube exatamente quem havia invadido sua casa.

Cadela estúpida.

Ele notou sua abotoadura faltando, e ele sabia que Leigh iria fazer-lhe uma visita. O que ele não esperava é que ela fosse estúpida a ponto de fazê-lo tão cedo. Se ela fosse esperta, ela teria esperado mais um tempo antes de procurá-lo. A menos que ela já tivesse conseguido as informações sobre a feiticeira e quisesse compartilhá-las, ele não queria ouvir qualquer coisa que ela tivesse a dizer.

Ele caminhou pelo corredor, silencioso como um gato. Quando alcançou a maçaneta, ele fez uma pausa.

—Eu não sei o que ele é, — ele ouviu Leigh dizer, — Mas ele não é cruel. Eu não posso lhe dizer mais do que isso. Meu povo sabe quando alguém é mau de verdade, e nós não acreditamos que ele seja assim. Ele está escondendo alguma coisa, mas eu não posso lhe dizer o quê. Eu não acho que você precise ter medo dele. Ele não teria concordado em me ajudar se ele fosse como os Caídos.

—Desde a primeira vez que eu o vi, eu achei que ele não se parecia com os outros. — A voz melodiosa e suave de Olivia entrou pela porta. —Quer dizer, eu estava com medo, porque eu sei que eles gostam de enganar as pessoas. Ele ficou me olhando e eu me perguntei o por que. Então ele se aproximou. Ele não teve a chance de me tocar, mas eu poderia dizer que ele queria. Eu pensei que era tudo um jogo. Eu não queria participar. Eu queria ir embora.

—Como você saiu? — perguntou Leigh. —Eu já lhe contei a minha história. Conte-me a sua.

—É complicado, — Olivia respondeu depois de um momento. —Muito complicado.

—Se você não quer dizer-me sobre o que aconteceu com você, me diga o que você acha que eles estão fazendo para Nathan. — A voz de Leigh soava desesperada. —Eu posso lhe dizer sobre vampiros que usam magia branca, mas não tenho conhecimento sobre os Caídos. Eu já ouvi histórias e eu lutei contra eles recentemente, então eu sei que eles são poderosos. Mas isso é tudo o que eu sei, no resto eu sou completamente ignorante. Eu preciso saber o que esperar. Eu tenho que saber como salvá-lo. O que eles vão fazer? Existe alguma chance de que ele possa estar seguro? É possível tirá-lo de lá? Será que ele poderia fazer o que você fez? Será que é possível ele escapar por conta própria?

—Ele não pode sair por conta própria. Ele vai precisar de ajuda. E eu não estive sempre no Palácio, foram apenas algumas vezes. — Silêncio novamente e, em seguida, Olivia disse: — Eles são criaturas cruéis. Todos eles. Você nunca conheceu alguém realmente sádico se você não conheceu um deles. Eles machucam por prazer, por esporte. Tudo é um jogo para eles. Eles não se importam se eles matam

ou mutilam alguém no processo. — A voz de Olivia tremeu. —Eles gostam de fazer seus escravos machucarem uns aos outros. Às vezes, eles os matam durante o sexo. É nojento.

Aldon decidiu que era hora de se intrometer. Ele abriu a porta com um golpe, fazendo-a bater contra a parede. Não havia nenhuma necessidade de se esconder. Ele estava em sua casa. Se necessário, ele poderia obrigar Leigh a sair. Ela se levantou da cama, obviamente surpresa ao vê-lo.

—Por que você está aqui? — ele queria gritar com ela, mas manteve seu tom suave. Olivia não precisava de outro motivo para ter medo dele. —Será que você encontrou a feiticeira?

—Ela está se protegendo com magia. — Leigh olhou para ele. —Eu fui capaz de encontrar o carro em que eles estavam viajando, mas é óbvio que ele estava abandonado. Peguei algumas coisas que eles deixaram para trás, mas eu ainda não pude identificar a localização exata onde eles estão. Eu achei o carro em Princeton. Eu acho que eles estão indo para o sul.

—Essa informação não é útil. — Era um ponto de partida, mas nem perto do que ele precisava. — Eu lhe disse para entrar em contato comigo somente quando você soubesse onde eles estavam.

—Eu estou trabalhando nisso. — Leigh olhou por cima do ombro para Olivia e rapidamente voltou seu olhar para o rosto dele. —Eu queria falar com você sobre Nathan. Onde você estava? Você o encontrou?

Onde ele estava não era problema dela. —Eu tinha outros assuntos para cuidar.

—Ela disse que você não era cruel. Ela me disse que você não era como os outros. — Olivia colocou-se na conversa, levantando da cadeira. —Mas você está agindo como se fosse. Ela está preocupada e você está ignorando sua dor. Você está sendo um idiota.

—Luvena... — Como ele poderia explicar onde esteve sem horrorizá-la?

—Não me venha com querida. — Como uma leoa, Olivia caminhou para Leigh e ficou ao seu lado. —Eu tenho uma melhor compreensão das coisas agora. Eu sabia que você não estava me contando tudo, mas agora eu sei que você tem muitos segredos.

Maldita seja, Leigh.

—Eu tive que ir. — Ele tentou defender suas ações. —Eu não teria deixado você se não fosse importante. Agora que eu já cuidei do assunto, nós podemos conversar.

—Você é um vampiro branco ou negro? — perguntou Olivia, olhando diretamente para ele.

A pergunta o derrubou. O que tanto Leigh havia dito?

—Desculpe?

—Você me ouviu. Responda.

Seus olhos correram para Leigh. Ele não pretendia explicar sua ascendência na frente da mulher. Quanto mais Leigh soubesse maior seria o perigo para ela. E, uma vez que ele precisava dela para encontrar Cade e a feiticeira, ele queria ter certeza de que ela receberia o mínimo de informação sobre ele.

—Não olhe para ela, — Olivia gritou e ele a olhou. Ela apontou para o próprio peito. —Olhe para mim quando estou falando com você e pare de evitar minhas perguntas. Você é bom ou mau? Leigh me

disse que existem dois tipos de vampiros, qual tipo você é? Você veio da luz ou você veio das trevas? Por que você estava sempre no Palácio se você não é tão cruel quanto o resto deles?

—Leigh, você precisa sair.

—Não. — Olivia agarrou o braço da vampira. — Fique.

—Há coisas que eu não posso discutir na frente dela. — Ele sabia que ele parecia irritado, mas ele não podia se controlar. Leigh tinha acabado de colocar a perder seus planos cuidadosamente definidos. Ele pensou em voltar para casa e conversar com sua noiva, contar-lhe parte de sua história para tentar fazê-la confiar nele e, assim, levá-la a se abrir para ele. Decidido a ser cauteloso, ele continuou: — Ela pode esperar na sala de estar, lá é bem confortável. Precisamos discutir este assunto apenas entre nós.

—Você prometeu que iria procurar Nathan, — Leigh não se moveu um centímetro. —Você mentiu.

—Eu não menti. — Que os céus ajudassem essa mulher se ela não parasse de interferir. Ela assumiu oficialmente o lugar de Sadie como o espinho na sua bunda. —Surgiram assuntos importantes e eu tive

que ir resolvê-los. Foi inesperado e eu tive que sair. Eu posso começar a procurar por Nathan imediatamente depois que eu falar com Olivia. — Ele estreitou os olhos, encontrando o olhar ardente de Leigh. —a sós.

Após alguns segundos, Olivia soltou o braço de Leigh.

—Vá. Sinta-se à vontade. Nós vamos resolver isso. Agora eu preciso falar com ele.

—Faça isso depressa, — disse Leigh e Aldon entendeu que o comentário foi dirigido a ele. Ela caminhou em direção a ele, com exaustão e preocupação gravados em seu rosto. Parando ao seu lado, ela sussurrou: — Eu não vou sair até que eu tenha certeza que você vai cumprir sua parte no acordo.

Ele esperou que ela saísse da sala antes de fechar a porta.

Por onde diabos ele deveria começar? Como ele poderia explicar a sua noiva quem ele era?

—É bom ver que você está fazendo amigos, — mesmo que ele não fosse um deles.

—Ela não é má. Gosto dela.

Ele percebeu.

—Como você tem certeza? Ela é um vampiro.

—Ela não é como os que eu conheço. Você não respondeu a minha pergunta, — disse Olivia. Droga. O simples som de sua voz era suficiente para endurecer seu pau e fazer suas bolas apertarem. — Você é bom ou ruim? De que lado você está?

—Eu estou de ambos os lados, — ele respondeu e girou para olhá-la. —Eu nasci com a capacidade de manipular magia branca e magia negra. Eu sou capaz de usá-las sempre que preciso.

—Você é um dos Caídos? — Ele podia cheirar seu medo, o cheiro horrível queimando em seu nariz. —Você está escolhendo a energia da luz agora por minha causa? Você acha que vai me conquistar?

—Eu não sou como eles, — nem uma única porra de célula. —Eu nunca fui.

—Leigh me contou sobre vampiros e shifters. Ela também me contou como ela foi transformada. Ela me contou ainda sobre o Coven onde ela vivia e como ela conheceu Nathan, mas ela não soube me

responder nenhuma das perguntas que fiz sobre você. Ela acha que você vai fazer a coisa certa e ajudá-la, mas ela não tem certeza.

—Você quer que eu a ajude? — conseguir resgatar Nathan não ia ser fácil.

Seus ombros caíram e num piscar de olhos ela parecia cansada. —Se você puder, eu quero sim. Ela está morrendo de medo. Ela não sabe o que fazer ou para onde ir. É por isso que ela está aqui. Ela respondeu quase todas as minhas perguntas, — ela olhou para ele por baixo de seus cílios, —Pelo menos aquelas para as quais ela tinha respostas. Tudo o que ela queria saber era como encontrar Nathan. Ela está preocupada com ele. Ela não se importa com mais nada.

Nesse ponto as coisas ficariam muito complicadas.

Com o recente assassinato de dois membros importantes dos Caídos, seria mais difícil do que nunca entrar no Palácio. Se ele chegasse sozinho, ele seria vigiado de perto. É verdade que ele nunca foi um membro muito assíduo, mas ele sempre chegou e partiu sozinho. Isso o tornava um solitário aos olhos

dos outros, e vampiros solitários nunca foram completamente confiáveis.

—É possível salvá-lo, mas não vai ser fácil.

—Eu não achei que seria.

—E se eu lhe dissesse que poderia precisar de sua ajuda?

—O quê? — seus olhos mostravam confusão e curiosidade. —Como assim?

—Beba meu sangue, fique mais forte e venha comigo para encontrá-lo. — Ele não gostou da ideia. Na verdade, ele tentou pensar em outras além dessa. Ela chamou a atenção dele quando estava no Palácio e, provavelmente, chamou a atenção de outros vampiros também. Mas se ela estivesse ao seu lado, ele poderia se misturar com muito mais facilidade. Conrad não tinha sido questionado por sua possessividade. Não era completamente incomum que um vampiro fosse mesquinho com seu brinquedo. — Iríamos economizar um tempo precioso. Você e eu sabemos que Nathan não pode esperar muito. Você vai ter que confiar em mim.

—Eu não tenho certeza de que possa.

Ele antecipou a resposta, mas ainda assim doeu.

—Se você não fizer isso, você vai morrer. — Um passo o trouxe para mais perto dela. —Você quer ajudar? Esta é a maneira. Eu vou lhe mostrar que não há nada a temer. Você nunca vai se arrepender de me dar uma chance.

—Eu odeio aquele lugar, — ela se encolheu, esfregando os braços. —Eu não quero voltar.

Verdade seja dita, ele não queria que ela sequer passasse perto daquele lugar.

—Eu não culpo você, mas lá é onde ele está, — dando mais um passo, ele deixou poucos centímetros entre eles. —Eu não vou deixar ninguém tocar em você, se é disso que você tem medo.

—Nem mesmo você?

Esta mulher iria matá-lo. Suas calças estavam formando uma tenda, esticadas por seu pênis ereto e duro. Ele estava enfrentando um inferno para se controlar e não fodê-la, sentir as pernas dela em torno da sua cintura, ouvir seus suspiros e gemidos enquanto ele lambia cada centímetro de seu corpo.

Eventualmente esse dia chegaria, pelo menos ele esperava que sim. Se ela queria mais tempo do que ele já havia dado, então, ela teria.

—Nem mesmo eu, — ele murmurou. —Não, a menos que você queira.

—Você já poderia ter me forçado. Eu me pergunto por que você não forçou. Eu sei que você me deseja. Eu vejo o jeito que você olha para mim. — Ela olhou diretamente nos olhos dele e, em seguida, desviou o olhar. —É a mesma maneira que você olhou para mim na primeira vez que nos encontramos. Condisse que você me desejava. Ele pensou que você iria começar uma briga quando ele disse não.

Certamente ele não tinha sido o primeiro a perguntar.

—Quantas vezes ele compartilhou você? — ele realmente não queria saber, mas ele estava curioso. —Uma vez, duas vezes, algumas vezes?

—Eu lhe disse, nossa relação não era assim, — o peito dela arfava, os seios perfeitamente redondos lutando contra sua camisa. —Eu quero que você me dê sua palavra de que tudo acontecerá conforme meus termos. Se eu beber de você não significa que

eu serei sua escrava. Você tem que concordar que você não vai beber de mim sem a minha permissão. Eu não quero fazer um pacto com um vampiro novamente. No máximo poderemos falar em nossos pensamentos. Mas eu não quero que você vasculhe minha cabeça e eu não quero que você manipule a minha mente. Eu quero ser capaz de me desligar de você, se eu sentir que é o melhor a fazer.

Se desligar de mim? Ela estava delirando. Ele nunca a deixaria sozinha.

—Você nunca será minha escrava. — Uma vez que não havia qualquer sentido em repetir que ela era muito mais do que isso para ele, não o fez. —Eu não vou fazer nada que você não queira, mas se formos para o Palácio — se você vai fazer isso comigo — você vai ter que me deixar tocá-la. Você vai ter que aceitar minhas carícias sempre e em qualquer lugar que eu pedir para você. Você vai ter que abrir sua mente para mim em todos os momentos. Todo mundo vai ter que acreditar que você pertence a mim.

—Estou surpresa que você ainda não invadiu minha mente, — mais uma vez ela parecia confusa e dividida. —Pensei que você teria feito isso

imediatamente. É o que a maioria dos vampiros faz. Eles gostam de saber como foder as pessoas.

—Eu prometi-lhe espaço. Eu estou dando isso a você.

—O que não faz qualquer sentido. Por que você tem que me dar espaço? Você já poderia ter conseguido o que quer. Você poderia me fazer desejá-lo. Você não precisa tentar me convencer. Você pode usar seus poderes para conseguir isso.

—Eu quero que você me deseje por vontade própria. Eu não vou forçá-la.

—Por quê?

Porque você é a única mulher que eu quero na minha vida.

—Por que não?

—Con não era como os outros, — ela confessou baixinho. —Eu cheguei a acreditar que alguns vampiros tinham um pouquinho de bondade neles. Nós não ficávamos muito tempo em torno dos outros de sua espécie. Ele só ia ao Palácio algumas vezes por ano para se encontrar com o seu criador.

Interessante.

—Você sabe por quê?

—Não, ele nunca me disse.

—No entanto, você está disposta a voltar para lá para ajudar Leigh? Você teria que enfrentar o que você mais teme. Você conhece o protocolo. Você vai ter que usar um colar. Você vai ter que seguir as minhas ordens. Não poderá fazer perguntas. Não poderá agir por vontade própria. Você vai ter que me dar total submissão.

Ela assentiu, embora parecesse que ela sofria ao fazê-lo.

—Estou ciente.

—Então, eu estou entendendo certo? — ele precisava ter certeza. —Você está realmente pensando em fazer isso? Até agora você não deixou as coisas muito claras.

—Ela não disse isso, mas ela ama o homem que eles capturaram, — Olivia parecia triste. —Não vai sobrar muito do espírito dele se ele permanecer lá por muito tempo. Eu não quero nem pensar sobre o que estão fazendo com ele.

—Então, você sabe, se você decidir realmente fazer isso, atos sexuais podem não estar fora da mesa, — apenas pensar nisso fez o seu pau começar a pulsar. Não que ele fosse foder com ela na frente das pessoas, mas em certos momentos seria necessário fazer uso de sua boca ou mãos. —Eu não posso prever o que vai acontecer. Só posso lhe dizer que eu não vou deixar ninguém mais tocar você. Vou tentar tornar as coisas fáceis, mas não há nenhuma garantia. — Ele deixou que ela pensasse um pouco antes de perguntar: — Vale à pena arriscar tanto por Nathan? Por Leigh? — ele levantou a mão quando ela começou a responder. —Não responda imediatamente. Pense sobre o que eu lhe falei. Realmente pense sobre isso.

Ela fez o que ele disse, mantendo-se calma. Depois de alguns minutos, ela disse:

— Ninguém deveria ter que ficar naquele inferno, — quando ela olhou para ele, ele viu a determinação que uma vez tinha admirado nela. Um fogo crepitava em seus olhos. —Eu não poderia viver comigo mesmo se eu o deixasse ficar lá sabendo que poderia ter feito algo. Eu não vou ter a tortura e a morte daquele homem na minha consciência.

—Você já pensou que Leigh poderia estar usando você? Você não a conhece.

—Você está certo, eu não a conheço. Mas ela era humana não faz muito tempo. — Mais uma vez, ela hesitou. —Eu vi você beber o sangue dela. Se ela nos trair, você pode encontrá-la e matá-la. Eu não sou estúpida, e nem ela. Ela sabe o quanto perigoso você é. Nós duas sabemos.

—Para que não fique qualquer dúvida, você quer que eu ajude a encontrar Nathan?

Ela assentiu com a cabeça.

—Você quer que ajude a salvá-lo, mesmo que isso signifique que você terá que me ajudar?

Quando ela acenou afirmativamente com a cabeça, ele balançou negativamente a dele.

—Eu quero uma resposta falada.

—Sim, — ela jogou de volta. —Satisfeito?

Ainda não, mas quem sabe um dia, se ela permitisse, ele estaria.

—Vai servir por agora.

—Como você vai encontrá-lo? Por onde você vai começar?

—Não tenho certeza. Você sabe tão bem quanto eu que o Palácio é enorme. Provavelmente ele está na masmorra, mas eu não sei exatamente onde fica. Ele também pode estar em qualquer um dos quartos. Eles vão querer mantê-lo muito bem escondido, onde ele não possa escapar. Assim que eu encontrá-lo eu posso usar meus poderes para teletransportá-lo. Mas eu tenho que ser cauteloso. Ninguém pode saber que eu estou envolvido em seu resgate.

—Por que você foi lá? — deixar de fazer essa pergunta era impossível. —Se você os odeia tanto quanto eu, por que você continuava voltando?

—Você perguntou como eu sou diferente. Você ainda quer saber?

Ela segurou a respiração.

—Sim.

—Eu sou diferente por um motivo. Eu os mato, Luvena. Eu vivo para caçar os Caídos mais cruéis e me certificar que eles nunca mais machucarão qualquer um. Eu visitei o Palácio em busca de

informações. Eu não fui lá atrás de jogos sexuais ou em busca de prazer. Sempre foram visitas de negócios.

—Você está me dizendo que você nunca fodeu uma escrava? — a raiva brilhou em seus olhos. — Lembro-me do motivo que fez você se aproximar de Conrad. Você teria fodido comigo se ele não tivesse dito que não.

Será? Será que sua reação era, na verdade, ciúmes?

—Houve momentos em que precisei fazer coisas para me misturar. — E ele não se orgulhava de tê-las feito. —Como você sabe, ter relações sexuais com escravos é uma pequena parte do que acontece por lá. Se eu recusasse cada oferta que me fosse feita, eventualmente, alguém começaria a desconfiar. Se isso faz você se sentir melhor, eu nunca feri qualquer uma daquelas mulheres. Isso vai contra a minha natureza.

Ela exalou profundamente, sua raiva se tornando evidente.

—Você vai fazer isso de novo para passar despercebido? Se você tiver que fazer, você vai incluir outros?

Ele queria sorrir. Ela estava com ciúmes.

—Se você estiver comigo, não terei qualquer razão para isso. — Ele estaria muito ocupado rasgando qualquer vampiro que se aproximasse da sua fêmea. E ele sabia que haveria vários deles. Mesmo sem seus longos e encaracolados cabelos loiros – e apesar do fato de que ela perdeu peso e algumas curvas — os outros iriam considerá-la extremamente desejável.

Ele com certeza a desejava.

—Eu estou perguntando por que eu não vou participar de uma orgia. Eu não vou ser usada e deixada de lado quando terminar. Eu também não vou machucar as pessoas. Se você me pedir para fazer isso, eu não sei se vou conseguir. Eu tive que fazer uma vez e, depois disso, eu fiquei doente por alguns dias.

A forma como a voz dela estava tremendo enquanto ela falava, fez com que Aldon quisesse ressuscitar o filho da puta do Conrad e estrangular o

desgraçado. Ele sabia o quanto os Caídos apreciavam jogar com facas. Para eles, sexo só era prazeroso se tivesse sangue envolvido. Ele não tinha certeza do que ela tinha sido forçada a fazer, mas se ela adoeceu por causa disso, ele sabia que foi algo muito ruim.

—Eu vou fazer o que puder para evitar isso. — Talvez levá-la não fosse uma boa ideia. Wren e Valen iriam matá-lo se ele estragasse seu disfarce, mas em breve ele estaria enterrando seu passado para sempre. Assim que cumprisse seu acordo com Leigh e encontrasse a feiticeira, ele e sua noiva iriam desaparecer sem deixar vestígios. Isso é o que ele deveria fazer, a fim de garantir o seu futuro. —Eu não vou tirar proveito de sua confiança. Eu dou-lhe a minha palavra.

Desta vez, ela se aproximou dele, fechando a distância. Ela estendeu a mão para o braço dele e segurou-lhe o pulso. Com movimentos bastante hábeis ela removeu o botão do punho e começou a dobrar a manga para cima. Ela deixou bastante do seu braço exposto, dobrando a roupa até em volta do cotovelo.

—*Eu quero falar com Leigh, antes de formularmos um plano.*

Levou um momento para ele perceber que ela tinha falado com ele em sua mente. Ela parecia hesitante e nervosa. Santo inferno, tê-la em sua mente era ainda melhor do que ele imaginou, só isso foi o suficiente para elevar seu pênis. Suas bolas ficaram tensas, seus dedos coçavam para tocá-la.

Se isso era o que precisava para sentir os lábios dela em sua pele, a língua dela chupando sua carne agora que ela finalmente aceitou beber seu sangue, ele daria a ela o que ela pediu. —*Assim que tivermos terminado,* — pensou ele de volta para ela, tentando não deixar o seu desejo transparecer. Ele trouxe seu pulso à boca e mordeu, balançando a cabeça ligeiramente, fazendo as feridas maiores do que o normal. Ele então ofereceu seu sangue para ela, estendendo a mão.

—Pegue o que você precisa. Nós não podemos agir enquanto você estiver doente.

—Eu vou precisar de várias alimentações para melhorar.

Ele empurrou de lado o monstro verde chamado inveja. Conrad estava morto. Ele nunca iria voltar. Como ele era um vampiro transformado, não nascido, seu sangue não teria sido suficiente para curar Olivia. Vampiros transformados não eram tão poderosos quanto os nascidos. Sem falar que Aldon tinha séculos de existência sobre o bastardo. Seu sangue curaria Olivia, desde que ela bebesse profundamente.

—Você não precisará de muitas, — ele empurrou seu pulso mais perto da sua boca, seu corpo tremendo enquanto esperava para sentir seus lábios suaves em sua pele. —Beba, Olivia. Cure-se. Então, podemos falar com Leigh e resolver as coisas.

Embora ele não tenha feito o acordo com a Matilha ou com Leigh de bom grado, isso foi uma grande oportunidade do destino. Olivia o rejeitou e o manteve afastado por muito tempo. Mas ao conhecer um lobisomem, e depois de falar com Leigh, Olivia tinha começado a aceitar que talvez ela estivesse errada sobre muitas coisas.

Inclusive sobre ele.

Foi difícil como a porra não enrijecer com a primeira carícia de seus lábios. O calor da respiração

dela acariciou sua carne, sua língua se banhando no sangue que jorrava. Ele prendeu a respiração, seu pau duro como um martelo, seu sangue correndo em suas veias. O ar estava elétrico, o cheiro de sua fêmea flutuou até seu nariz.

Ela cobriu a ferida com a boca e ele sentiu uma sucção forte quando ela chupou.

Foda.

Ele quase caiu quando seus joelhos balançaram. Nunca em sua vida ele se sentiu tão bem. Ela passou a chupar suavemente, usando a língua para aumentar a pressão. Em seguida, ele a ouviu engolir. Sua imaginação assumiu o controle e ele a imaginou de joelhos, com seu pênis na boca.

Tomando-o profundamente. Sugando-o com força. Bebendo quando ele gozasse.

Quando ela gemeu, ele quase se perdeu.

Ele olhou para a parede, tentando se concentrar em nada, ao invés dela.

Ele acabava de tomar uma decisão. Ele não iria deixar que ela chegasse perto de qualquer dos Caídos. Ele sabia que tinha sido abençoado e que os outros

iriam querer provar o que ele tinha. Com um colar e roupas mínimas, seria impossível resistir a Olivia. Havia também o risco de que ela fosse reconhecida. Não era incomum que um escravo procurasse um novo mestre, quando era descartado, mas Conrad tinha sido assassinado. O fato de ela ter se envolvido com um vampiro declaradamente solitário, que raramente visitava o Palácio, poderia levantar suspeitas. Ele mataria qualquer um que chegasse perto demais dela. Isso iria mandar seu disfarce para o inferno. Era melhor ir sozinho em primeiro lugar e ver o que ele poderia encontrar.

Ele planejava falar com Wren e Valen antes de partir.

Se ele morresse, ele queria ter certeza que sua noiva seria cuidada.

Ela nunca deveria sofrer ou passar necessidades.

Ele só esperava que um dia — um dia — ela lhe desse uma lembrança que ele levaria consigo caso morresse. Ele queria que esse fosse seu último pensamento quando desse seu último suspiro, a lembrança dela se contorcendo embaixo dele.

Olivia.

Perfeita. Doce. Sexy. Misteriosa.

E dele. Mesmo que ela nunca aceitasse.

Ela seria sempre dele.

CAPÍTULO 20



—Então, nós estamos de acordo? — Diskant falou no viva-voz. —Vamos investigar as comunidades antes de tomar qualquer decisão?

Trey ficou bastante atento para ouvir o que viria do outro lado da linha. No início, os Alfas queriam simplesmente matar todos os Pastores sobreviventes — incluindo mulheres e crianças – mas Diskant conseguiu fazê-los mudar de ideia. Um coro de vozes concordando soou através do alto-falante, dando a Trey uma pequena quantidade de alívio.

—Se houver qualquer sinal de perigo, eu quero que você concorde que nós poderemos fazer o que precisar ser feito, — o Ômega de Idaho — Taylor Roberts — disse. —Eu não me importo de aguardar, mas eu não permitirei que o perigo se instale no meu quintal.

Muitos dos Alfas, que estavam acompanhados por seus Ômegas, falaram ao mesmo tempo, fazendo comentários individuais difíceis de decifrar. E assim foi durante a última hora. Quando as coisas ficavam muito confusas, Diskant gritava com todos eles. Às vezes as vozes não se calavam, pois cada Alfa e Ômega queria dizer algo sobre o assunto.

Diskant olhou para o telefone.

—Eu confio que você será justo. Se as coisas saírem de controle você está livre para tomar uma decisão. Mas... — Diskant fez uma pausa e respirou fundo, —...eu vou querer saber por que você decidiu que era melhor exterminar as comunidades na sua área. Você vai ter que explicar o por que. Nós não matamos mulheres e crianças por pura diversão. Espero que todos vocês pensem da mesma fodida maneira.

—Essas informações que você conseguiu são confiáveis? — Um Alfa — Chuck Robinson, do Canadá — perguntou. —Como podemos ter certeza de que não são falsas?

—Porque eu disse que são verdadeiras, — Diskant rosnou em resposta. Trey sabia que Diskant

jamais revelaria sua fonte porque queria proteger Ava. —Nós capturamos dois Pastores com vida. Ambos foram devidamente interrogados. Eles não nos deram informações falsas.

—Você vai mesmo matar um deles? — Gary Freemond — o Ômega da Flórida — perguntou. —Ele pode ter mais informações úteis. É melhor mantê-lo vivo.

—Eles mataram muitos membros da minha Matilha, — Diskant não estava para brincadeiras. Trey sabia se os lobisomens do outro lado da linha podiam sentir a tensão do Ômega e que era melhor não tentarem fodê-lo. —Vamos manter o líder vivo. O outro é apenas um seguidor. Ele não sabe de nada importante, por isso ele vai ser dado à Matilha, para uma caçada. Eles já esperaram tempo demais para ter a vingança de sangue que eles merecem.

—Quando será? — perguntou Chuck. —Quando será a caçada?

—Este fim de semana, — Diskant pareceu relaxar, recostando para trás em sua cadeira. —Eu já fiz o anúncio oficial. Todo mundo está pronto. Você está convidado a se juntar a nós, se você quiser.

—É melhor ficarmos em nossas cidades, — disse Gary. —Nós precisamos investigar, ver o que descobrimos. Se a informação que você forneceu for mesmo quente, precisamos planejar o que vamos fazer.

—Parece bom para mim, — Diskant balançava para frente e para trás, envolvendo as mãos atrás da nuca. A manhã tinha sido longa e tediosa. O homem estava chegando ao seu limite de resistência. —Sugiro que voltemos a conversar no domingo. Isso vai dar tempo para que todos verifiquem as coisas e eu estarei livre para atendê-los. Nós podemos decidir o que fazer depois que conversarmos. — Suspirando e abaixando os braços, Diskant continuou. —Se alguma coisa acontecer até lá, vocês sabem como me contatar. Trey também estará de prontidão, se vocês precisarem dele. Nós temos nossa cidade sob vigilância.

—Eu ouvi alguns rumores, — Chuck parecia bastante ansioso para abordar o assunto. —Algumas das Matilhas que vivem ao redor de Nova York estão dizendo que ele finalmente encontrou sua companheira. Isso é verdade?

—É verdade, — Trey falou, ficando em pé. Ele estava orgulhoso como nunca por Sadie e não negaria a ninguém. —Eu a reclamei e a Matilha a aceitou como sua Lupina.

—Então ela é uma de nós? — perguntou Chuck com cautela. —Há rumores de que ela é humana.

Que alívio. Por um segundo ele pensou que Chuck diria vampiro.

—Ela é como fogos de artifício, ela é assim, — ele respondeu e foi recompensado com risadas através da linha. —Ela passou anos treinando autodefesa. Ninguém vai querer irritá-la. Ela passou por muitos desafios para conquistar sua posição. Ela os superou sem dificuldades.

—Impressionante, — Gary riu. —Mal posso esperar para conhecê-la.

Não tenha tanta certeza sobre isso. —Talvez depois que cuidemos dessa merda.

—Então, nós nos falamos no domingo, — disse Diskant. —O que vocês acham de meio—dia? Eu sei que é cedo, mas com as diferenças de fusos—horários, me parece o mais justo. — Alguns

resmungaram, mas ninguém reclamou. —Bom, então está resolvido. Se precisarem de mim, podem me ligar. Como vocês sabem, minha companheira está esperando nosso primeiro filho, então, não fiquem preocupados se eu não estiver aqui. As Matilhas são importantes, mas ela é minha prioridade e sempre virá em primeiro lugar.

Um a um, a Alfas se despediram. Diskant apertou o botão de desligar como se quisesse afundá-lo. Ele apoiou os cotovelos sobre a mesa, abaixando a cabeça. Trey conhecia Diskant desde que ele era um filhote de cachorro e ele nunca o tinha visto assim.

—Noite difícil?

—Eu só quero acabar logo com isso, — Diskant murmurou. —Ava finge que se sente bem, mas posso dizer que ela não está. Ela está tão cansada que sequer consegui acordá-la esta manhã. É por isso que ela está dormindo até agora.

—É normal. — Mesmo que Ava fosse acasalada a Diskant e, portanto, tivesse uma parte dos animais dele dentro dela, ela permanecia humana. —Deixe-a dormir enquanto ela pode. Quando o bebê chegar, você vai implorar para dormir.

—Isso é o que Doc continua me dizendo, — Diskant reclinou-se novamente, seus olhos encarando Trey. —Eu sei que isso não é um problema no momento, mas, eventualmente, as Matilhas vão descobrir que você acasalou com um vampiro. Nós vamos ter que pensar no que fazer antes que aconteça.

—Eu sei, — ele passou muito tempo pensando sobre isso. Com todo o inferno de coisas que aconteceu ao seu redor, ele parou de se preocupar. — Vamos cuidar do que é mais urgente e nos preocupar com isso em poucas semanas. O que de pior pode acontecer? Eu e Sadie partirmos. Não temos que ficar aqui.

—Ava disse que Sadie defendeu-a contra Aldon novamente. Ela disse que a sua companheira se colocou entre ela e aquele filho da puta. — Diskant inclinou a cabeça para o lado. —Na verdade, eu me sinto mais seguro com Sadie por perto. Vai ficar mais difícil quando vocês se mudarem. Ela lhe dá equilíbrio, apesar do quanto vocês discutem. Além disso, ela é muito perigosa quando usa aquela espada que sempre carrega. Ela faz mais bem do que mal para a Matilha.

Você diz isso agora. Espere até que as outras Matilhas comecem a confusão. —Estou feliz que você pense assim. Minha menina morreria antes de deixar alguém prejudicar qualquer membro desta Matilha. Uma vez que ela lhe dá sua palavra, ela vale ouro.

—Você já falou com Cade? — Diskant passou os dedos por seu rosto. —Você já teve alguma notícia?

-ainda não. — Trey tinha verificado seu telefone durante toda a manhã. Nenhuma chamada. Nenhum texto. —Eu também não recebi qualquer notícia de Leigh. Eu até verifiquei o telefone de Sadie. — Ele tinha feito como planejado e manteve sua companheira acordada a noite toda. Considerando o quanto cansado ele se sentia, ele imaginou que ela precisava de uma pausa. Ele a deixou dormindo em sua cama. —Nenhuma mensagem ou ligação. Vou tentar chamar Cade novamente em algumas horas.

—Você sabe o que vai acontecer se o tipo errado de pessoas colocarem as mãos na feiticeira, — Diskant rosnou. —Nenhum de nós será capaz de proteger nossas companheiras ou o nosso povo.

—Você deveria ter me dito sobre ela, — saber que Diskant tinha escondido dele uma informação tão

importante havia doído. —Você não deveria ter mantido em segredo.

—Craig Newlander disse que era importante mantê-la em segredo. — Diskant deixou evidente todo seu desdém na maneira como pronunciou o nome do outro homem. O líder dos Villati – um grupo de humanos que investigavam as criaturas sobrenaturais e arquivavam as informações — era uma ameaça constante para a Matilha e para tudo o que não era mortal. —Eu queria dizer a você, mas eu pensei que não fosse necessário. Ele disse que o Enclave era seguro.

—Obviamente, ele estava errado, — Trey respirou fundo, tentando ficar calmo. Havia outro assunto que eles deviam – embora não quisessem — discutir. —Eu não recebi notícias de Nathan. Sadie me disse que Leigh iria manter contato, mas até agora ela não ligou. — Sua mente pensava o pior, evocando todos os tipos de imagens desprezíveis. —Ele já estava no limite. Quanto mais tempo ele ficar prisioneiro, pior ele vai ficar. Eu sei que ele pode controlar seu lobo melhor que a maioria, por ser um Beta, mas, talvez, tenha chegado a hora de pensarmos em como vai ser se ele voltar para casa.

—Você acha que Leigh se importa com ele? — Diskant perguntou. —Você acha que ela vai ajudá-lo? Se ele estiver muito fodido da cabeça, ele não será capaz de virar a esquina sem ela.

—Sadie diz que ela se importa. Eu sei que Leigh se comportou como uma puta e eu ainda não gosto dela. Mas eu acho que, finalmente, ela está aceitando. Acho que ela está se desapegando do passado.

—Então, vamos esperar e ver como vai ser. Se ele voltar muito destruído, nós vamos dar a ela a oportunidade de romper com ele. Se ela não conseguir, nós vamos ter que intervir. — O brilho intenso nos olhos de Diskant esmaeceu e suas feições suavizaram. —Eu sei que ele é seu amigo. Inferno, ele é meu amigo também. Mas não podemos ter um lobisomem louco solto na Matilha. Não é seguro. Às vezes temos que tomar decisões difíceis.

—Eu sei. — Ao longo dos anos Trey tinha feito uma porrada de escolhas difíceis. —Eu não sei o que pensar. Eu não tenho certeza se Aldon vai manter a sua palavra.

—Se ele não cumprir o que prometeu, nós vamos entregá-lo para aqueles vampiros imbecis e

nos livrarmos dele de uma vez. Eu não quero isso, da mesma forma que não quero ter que matar um irmão porque ele não pode controlar seu lobo.

—Trey?

Ele se virou e encontrou Sadie esfregando os olhos um pouco inchados. Ela estava vestida com uma de suas camisetas e em suas calças de moletom. A roupa dele cobria-a inteira. A gola da camiseta havia deslizado de seu ombro, revelando a nova marca que ele havia deixado no pescoço dela. Ele franziu a testa enquanto olhava para as calças. Um movimento errado e elas iriam deslizar direto para seus pés magros. Ela, obviamente, tinha amarrado os cordões da cintura super apertados. Ela também tinha dobrado as pernas da calça para não tropeçar e cair.

—Bom dia, querida, — respondeu ele, apressando-se para ela. —Por que você já levantou?

—Você está brincando? — Ela passou a mão em seus cabelos. —Você me deixou dormir o dia todo. Eu não vou ser capaz de dormir à noite.

Pena que ela não percebeu — ainda — que esse tinha sido seu plano. Sim, ele estava cansado, mas

não tão cansado. Ele queria uma repetição da noite anterior. Com ela e de todas as formas que ele pudesse desfrutá-la. Na noite passada ele tinha sido mais suave com ela. Esta noite ele planejava reivindicá-la de todas as formas. Ele comprou algumas coisas na internet que tornariam o sexo mais prazeroso. Ele não podia esperar para ver a cara dela quando ele colocasse um vibrador na sua boceta ao mesmo tempo em que reivindicasse sua bunda.

O pensamento fez seu pau saltar para a vida.

Ele passou os braços em volta dela e ela caiu contra ele.

—Como foi a reunião?

—Satisfatória, — Diskant respondeu antes de Trey. —Os Alfas concordaram em investigar as comunidades antes de tomarem uma decisão final.

—Isso é bom, — Sadie suspirou, esfregando o peito de Trey. —alguma notícia de Cade?

Seu estômago deu um nó. —Ainda não.

—Leigh pode encontrar Destiny, — de repente Sadie não parecia mais sonolenta. Ela não deixou Trey falar, mas olhou para Diskant. —Ela só precisa

de um pouco de tempo. Eu sei o quanto Destiny é poderosa. Ela vai usar magia pesada para esconder seu paradeiro. Leigh acabou de descobrir seus próprios poderes. Ela só precisa aprender a controlá-los antes de realmente usá-los.

—Não se preocupe com a sua amiga, — Diskant parecia divertido. —Ela não está no meu radar.

Sadie virou a cabeça, desviando seu olhar do Ômega. Trey mexeu os lábios para o Ômega, formando a palavra ‘obrigado’. Graças a Deus o homem parecia ter entendido como Sadie se sentia em relação a Leigh. Trey sabia que tinha sido difícil para ela dizer adeus e deixar a jovem partir sozinha.

—Quando você tiver tempo... — Diskant disse a Trey, — ...certifique-se de que todos os membros da Matilha estão cientes da caçada. Precisamos que a notícia chegue a todos.

—Eu já fiz isso. — Enquanto Sadie estava dormindo, Trey foi até o escritório de Diskant pegar a agenda com os telefones e passou boa parte da manhã enviando mensagens pelo celular. —Eles estão avisados. Eu pedi que chegassem antes do anoitecer. Eles confirmaram que viriam. — Ele passou o dedo

pelas costas de Sadie, amando a sensação de seu cabelo que parecia seda. —Você conseguiu providenciar transporte para Nathaniel? Zach ainda está chateado. Se mantivermos o homem na cidade por muito tempo ele acabará encontrando-o.

—Eu já falei com George, — disse Diskant e Trey sentiu outra onda de alívio. George era o servo mais confiável de Kinsley. O homem sempre resolvia tudo. —Kinsley deu-lhe instruções. Ele veio hoje pela manhã com alguns homens. Nathaniel já está a caminho da ilha. Ele não será capaz de escapar. Ele ficará isolado e, mesmo que consiga se libertar da sua cela, ele teria que nadar por quilômetros para fugir. O filho da puta vai se afogar antes que consiga chegar em terra firme.

—Então, você não falou com Kinsley?

—Claro que não, — Diskant parecia irritado. — Ele ainda está sendo um idiota.

Esse comportamento do shifter pantera era muito estranho. —Talvez ele precisasse de um descanso.

—E nós não? — Diskant ficou em pé, empurrando sua cadeira longe da mesa. —Eu vou dar

uma olhada em Ava. Ela provavelmente ainda está dormindo.

—Vamos lá, querida, — Trey abaixou-se um pouco e levantou Sadie em seus braços. Ele segurou-a como um bebê. —Vamos voltar para o nosso quarto.

Ela gemeu de satisfação e aninhou-se contra ele.

Caralho, ela ficava perfeita em seus braços.

—Trey, — Diskant falou antes que ele saísse da sala. —Encontre-me de volta aqui em algumas horas. Ainda temos assuntos a tratar, — Trey franziu a testa e Diskant gesticulou a palavra ‘quartel de bombeiros’ com a boca enquanto dava uma piscadela.

Isso definitivamente colocou um sorriso no rosto de Trey.

Logo ele teria Sadie só para ele.

Ele caminhou pelo corredor, atravessou a sala de estar e se dirigiu para o seu quarto.

—Por que você me deixou dormir tanto tempo?
— Sadie, como um vampiro, nunca tinha acordado muito cedo. Mas ela tinha total consciência que eles estavam enfrentando um momento delicado e, por

isso mesmo, queria estar sempre por perto e por dentro de tudo que estava acontecendo. —Por que você não me acordou?

—Por que... — ele murmurou, pressionando um beijo no topo de sua cabeça, —...você estava cansada e eu sabia que poderia cuidar de tudo. Você não perdeu nada. Apenas um bando de lobisomens mal— humorados discutindo por qualquer merda.

—Mas eles vão poupar as crianças, não vão?

Ele pegou o medo em sua voz. —As crianças vão ficar bem.

Assim que ele chegou ao quarto ele entrou e deu um chute na porta para fechá-la. O cheiro de sexo pairava no ar. Ele olhou para a cama. Os lençóis amarrotados, o edredom caído no chão.

—Você gostaria de um banho? — ele perguntou, querendo deixá-la confortável.

—Não, mas eu gostaria de uma ducha.

Ele não a soltou nem mesmo quando empurrou a cortina do box. Ele ligou a água, certificando-se de que a temperatura estava agradável. Uma vez feito isso, ele colocou Sadie em pé e começou a despi-la.

Ela não usava sutiã. Ela também não usava calcinha. Ele hesitou quando viu sua boceta.

Maldição, ela estava inchada e vermelha.

Ele se lembrou do feitiço que ela conjurou e que anulava sua capacidade de cura.

Mesmo ela tendo bebido bastante sangue, ele foi muito duro com ela.

Assim que ela estava nua, ele desamarrou suas botas, chutou-as de seus pés e arrancou suas roupas. Ele queria ir para dentro do chuveiro com ela. Eles tinham compartilhado a ducha muitas vezes. Ela o observou com um olhar apreciativo enquanto ele de despia. Quando ele retirou as calças ela fixou o olhar em seu pênis.

Eles foderam toda a noite e ela ainda queria mais.

—Nós vamos ter calma, — ele se sentia culpado por ter sido tão áspero com ela. Ele sabia como ela estava vulnerável, mesmo assim exigiu muito dela. Era impossível manter sua luxúria completamente sob controle. —Como você se sente?

—O efeito do feitiço já passou, — informou ela.
—Eu vou estar de volta ao normal em pouco tempo.

Embora não tenha sido fácil ser um cavalheiro, ele a conduziu para o chuveiro. Ele usou o sabonete que ela gostava, esfregando-o em sua pele, fazendo bastante espuma. Ele começou com seus ombros e foi descendo. Seus mamilos estavam duros, as belas gemas apontando para ele. Ele queria prová-los, mas não o fez, agachando-se depois de ter esfregado e limpado sua barriga.

Ele foi bastante cuidadoso quando limpou entre suas pernas.

—Trey, — ela sussurrou, colocando as mãos na cabeça dele. —Eu não estou machucada, você sabe. — Envolvendo seus dedos no cabelo dele, ela o forçou a olhar para cima. —Está vendo? — disse ela, inclinando a cabeça na direção de seu ombro. —Já cicatrizou. Eu estou bem. Pare de se preocupar.

—Eu sempre me preocupo quando se trata de você.

Ela deu-lhe um sorriso, os olhos brilhando. — Eu sei que você se preocupa e eu aprecio isso, mas agora eu gostaria de pensar em outras coisas.

Ele tentou lutar quando ela puxou seu cabelo, mas descobriu que ela não estava brincando. Ela estava forte novamente e forçou-o a se levantar. Assim que ele ficou em pé, ela o empurrou para debaixo do chuveiro e deixou o jato de água quente correr em cascata pelas suas costas.

—Hora de dizer bom dia de forma adequada, — ela ficou de joelhos e envolveu sua mão ao redor da base de seu pênis. —Quando eu abri meus olhos, queria fazer isso. Mas imagine minha surpresa ao ver que você não estava na cama. — Ela puxou o membro para baixo, colocou a ponta contra sua boca e abriu os lábios. —Isto é o que eu quero.

Em seguida, ela estava lá, com a boca toda em torno dele. Ela mamou e sugou com o fundo da garganta. Ela engoliu em seco e ele sentiu a pressão em torno da coroa de seu pênis. Precisando tocá-la, ele agarrou seu cabelo com as mãos. Ela gemeu, segurando a parte inferior do seu pau, sua mão firme enquanto deslizava a boca para cima e para baixo.

Filha de uma puta.

—Sadie, querida. — Durante toda a noite ele deve tê-la fodida uma meia dúzia de vezes – talvez

mais. Ele tinha perdido a conta. —Eu não quero lhe machucar.

—*Um pouco de machucado é bom,* — ela falou em seu pensamento, continuando a mover seus lábios e boca sobre a extensão de seu pênis e lambendo a cabeça. —Isso me faz lembrar você. Isso me faz pensar em você durante todo o dia e noite.

—Continue com isso e você vai se arrepender.

Seu lobo não queria nada mais do que fodê-la selvagemmente. Eles faziam sexo anal com frequência e ele adorava. Nesse momento, ele assumia o controle total. Ele sabia que era o dominante, que era o único com o total controle da situação. Ela sempre submeteu-se, o que tornava o sexo ainda melhor.

—Então é isso que você precisa? — no momento em que ela visualizou os pensamentos dele, ela deslizou os lábios fora de seu pênis. Ela estendeu a mão para uma pequena garrafa em uma prateleira de canto e entregou a ele. Óleo de bebê funcionava bem, mas não havia nada melhor do que lubrificante. — Foda-me dessa forma. Eu pensei que você fosse fazer na noite passada.

Na verdade, ele quase fez. Ele realmente queria muito.

—Sadie... — ele não queria machucá-la. Sim, ela já estava curada, mas ele nunca era gentil quando faziam sexo anal. —Você não tem que fazer isso.

Ela pegou a garrafa de volta, abriu e esguichou uma grande quantidade em sua mão. Encontrando seu olhar, ela colocou a mão entre suas pernas. Ele não se conteve. Ele olhou para baixo, vendo como ela passou a mão sobre sua boceta e continuou descendo, movendo-se para trás até que ela alcançou sua bunda.

—Eu quero você aqui, — ela dobrou o pulso e ele soube que ela estava aplicando a substância escorregadia em seu ânus. —Eu queria que você tivesse feito na noite passada. Faz-me sentir como se pertencesse a você. Depois que você fode comigo aqui, eu continuo sentindo você todo o dia.

Dane-se o controle.

Ele arrancou a garrafa da mão dela e girou seu corpo. Ela apoiou as mãos na parede, empurrando sua bunda para o alto. Ele nunca se cansava de vê-la assim — ansiosa e pronta para ele. Ele continuou

onde ela parou, acariciando o enrugado buraco entre suas nádegas. Mesmo estando muito excitado, ele enfiava os dedos dentro dela suavemente, se certificando de que ela ficasse bem lubrificada.

—Deusa, é tão bom, — ela suspirou, arqueando as costas.

—Estou prestes a fazer você se sentir ainda melhor.

Quando terminou de prepará-la, ele revestiu seu pênis com lubrificante. Com um toque de seu polegar, ele fechou o frasco e jogou-o dentro da banheira. Ele acariciou seu membro, sabendo quanto bem se sentiria assim que o empurrasse dentro dela.

—Você está pronta para mim?

—Sempre.

Segurando firmemente seu pau, ele afundou a ponta entre os globos macios e carnudos. Ele sentiu assim que encontrou a entrada. O pequeno buraco contraiu e esticou, provocando-o para entrar. Ele agiu com calma, empurrando para frente. Pouco a pouco o músculo cedeu. Ela ficou sem fôlego quando a ponta deslizou para dentro.

Esta mulher era diferente de qualquer outra.

Ele tinha a sensação de que um dia ela o faria perder a cabeça.

Sadie empurrou a bunda para trás, ofegando enquanto Trey continuava entrando nela. Ela realmente nunca tinha gostado de sexo anal. Não até que ela conheceu o homem que a completava. Ela gostava de fazê-lo se sentir superior, de permitir que seu orgulhoso lobo assumisse o controle. Ela permitia que ele a dominasse. Ele continuou avançando com cuidado. O orgasmo anal era diferente, mas igualmente prazeroso como quando ele atingia seu ponto G ou a estimulava com a boca. Quando ele chupava seu clitóris até que gozasse, ela via estrelas. Quando ele acertava aquele pequeno ponto especial dentro de sua vagina, ela não conseguia pensar direito. Quando ele esfregava o ponto certo dentro do seu canal anal, ela via estrelas e não conseguia pensar direito.

Era um orgasmo, mas diferente.

Original e surpreendente a sua própria maneira.

—Sim, — ela gemeu, pressionando para trás, querendo levá-lo todo. —Sim.

Ele estava demorando uma eternidade. Ele ergueu os quadris, indo tão devagar que ela queria gritar. Então, finalmente, ela sentiu suas bolas arrastando contra sua boceta. Ela o sentiu todo dentro. Estava queimando, mas era bom, um ligeiro formigamento que a fez querer ficar na ponta dos pés.

—Não se segure. — Ela não tinha mentido anteriormente. Ela estava curada. Ele poderia fodê-la duro durante horas que ela permaneceria fina e elegante. —Foda-me, Trey. Marque-me novamente.

Ele rosnou, o som vibrando no pequeno espaço. Ele começou a puxar seu pênis, retirando-se dela, deixando-a vazia. Ela prendeu a respiração, esperando por ele. Quando ele voltasse, ela veria estrelas diante de seus olhos. Ele hesitou quando apenas a cabeça permaneceu dentro dela. Ela podia ouvi-lo ofegar.

—Minha companheira, — ele rosnou e mergulhou nela. —Minha.

Não era fácil levá-lo. Nunca era fácil, mas ela relaxou.

Seu pênis a esticava até o limite, forçando-a a aceitá-lo. Ela continuou empinando a bunda,

querendo dar-lhe isso. Ela gostava da sensação de estar dando prazer a ele. Ela podia jurar que ele gostava de sexo anal mais do que ele gostava de colocar sua boca nela.

E o homem definitivamente tinha uma fixação por sexo oral.

—Deus, isso é tão bom, — ela não parou de se mover, puxando para trás e empurrando dentro dela novamente. —Você é tão apertada aqui. Eu me sinto como se estivesse sendo espremido até a morte.

Ela abaixou uma mão para acariciar seu clitóris.

Seus mamilos estavam mais duros do que rochas, sua boceta doía por mais. Ela estava tão excitada, ela sabia que iria gozar a qualquer segundo. Apenas Trey fazia isso com ela. Ela amava seu cheiro, o som da sua voz, a maneira como ele rosnava e as coisas que ele falava quando estavam juntos como agora.

—Poderia fazer isso para sempre, — ele exalou as palavras. —Tão bom.

Ela esfregou mais rápido, sentindo seu interior apertar.

Um pouco mais e ela gozaria. Ela só tinha que esfregar mais um pouco.

—Não, — Trey empurrou a mão dela para longe de sua boceta. —Isso é meu. Eu faço você gozar. Ninguém mais.

Em seguida, os dedos dela foram substituídos por dedos escorregadios de lubrificante. Ela gemeu e deixou-o agir, aliviada quando ele colocou pressão sobre o clitóris, balançando os quadris. Cada vez que ele empurrava para frente, ela empurrava de volta, levando-o mais profundo. Ele era tão grande que a enchia completamente, tanto que ela não deixava sequer uma polegada de fora.

—Goze para mim, — ele ordenou, rolando o feixe de nervos entre o polegar e o indicador. —Você não tem ideia de como é bom. Sentir seu doce buraco me apertar e me sugar totalmente. Isso é o que eu quero. Faça. Goze agora.

Como uma dinamite, ela explodiu.

Suas mãos escorregaram nas paredes molhadas, seus músculos flácidos como gelatina. Ela convulsionou com falta de ar, girando os quadris. Ele não parou de fodê-la, fazendo as sensações se

prolongarem. Sua bunda estava cheia dele, mas ela queria mais. Ela sentiu quando ele se aproximou e colocou a boca contra a parte de trás do seu pescoço. Enquanto ela gozava os lábios dele deslizaram para o seu ombro.

Sim. Sim. Sim.

Ele a mordeu, afundando os dentes profundamente.

Outro espasmo disparou através dela, todo o caminho da cabeça aos dedos dos pés.

Esta mordida não iria deixar uma marca, mas ela não dava a mínima. Ela só se importava com o incrível formigamento que percorria todo o corpo dela, e com o calor que queimava em seu ventre. O calor se espalhou através dela, subindo para seu peito, movendo-se através de seus braços e pernas. Parecia que iria durar para sempre e, ainda assim, não seria tempo suficiente. Quando o último e alucinante espasmo correu através dela, ele puxou seu membro para fora.

—Vire-se, — ele rosnou, virando-a de frente para si.

Ele colocou a mão no ombro dela, forçando-a de joelhos.

No momento em que ela sentiu a banheira contra suas pernas, ele gozou, jorrando sua semente em seus seios e queixo, revestindo-a com seu sêmen. Ele continuou acariciando seu pau, derramando todo seu esperma sobre ela. Ela arqueou o pescoço e sentiu um pouco de calor contra sua garganta.

—É tão bom, querida, — ele gemeu e ela o ouviu deslizando a mão sobre seu pênis. —Tão gostoso, caralho.

Quando o ruído parou, ela olhou para ele.

Havia uma chama de calor em seus olhos, suas íris estavam num tom claro de amarelo. Ele soltou o ombro dela e entrelaçou os dedos em seu cabelo. Ele puxou forçando-a a ficar em pé.

—Eu amo você, Sadie, — seu nariz roçou o dela.
—Eu a amo tanto.

—Eu também o amo.

Suas bocas se encontraram e seus lábios e línguas se enroscaram.

Ela suspirou, aproveitando o momento. Ele tinha um gosto tão bom, masculino e limpo, com um toque de café e açúcar. Agarrando seus bíceps, ela pensou em sua vida. Ela não podia se imaginar vivendo sem este homem. Nem agora, nem nunca.

Sem qualquer palavra, ele entrou embaixo do jato de água.

Todo seu cabelo ficou molhado.

No entanto, eles não pararam de se beijar.

Ela se inclinou para ele, encostando em seu pau que ainda estava duro. Descendo a mão, ela colocou os dedos em torno dele e começou a bombear. Trey nem pensava em parar. Ele tinha fodido sua bunda, mas agora ele queria tudo.

E ela se submeteria a ele.

—*Você é tudo para mim,* — ele sussurrou em sua cabeça. —*Tudo, Sadie.*

—*Você pensa assim agora?* — ela apertou sua mão, acariciando-o com mais força. —*Espere até você ver o que eu estou a ponto de fazer.*

Ele parou de falar e ela fez o que estava com vontade. Eles ainda tinham algumas horas.

Diskant não iria precisar dele por um tempo, e eles haviam passado por tanta coisa. Foram tantos os momentos em que ela quis deixá-lo nu e foder com ele, mas teve que adiar. Para o inferno com a obrigação, o resto do mundo poderia ficar esperando.

Ele iria compensá-la pelo tempo perdido.

CAPÍTULO 21



Sadie ficou olhando enquanto a Matilha se reunia, uma ponta de inquietude crescendo em seu intestino. Ela não era um lobisomem, por isso não podia mudar. Mas, mesmo que ela pudesse — apesar de odiar o homem que a Matilha iria perseguir — ela não seria capaz de perseguir e rasgar o humano.

No caso dela a espada era melhor. Rápido e fácil.

E não fazia tanta bagunça.

Ela olhou para o Pastor que tinha sido amarrado a um poste perto do celeiro. Ele não parecia arrogante ou autoconfiante agora. Ele parecia assustado para caralho. Ela até o compreendia. Ele estava lá, vendo todos aqueles lobisomens chegando se reunindo na propriedade, e finalmente percebeu o quanto profundamente enfiado na merda ele estava.

Ela trocou os pés, tentando ficar calma.

—Calma, — Trey envolveu seu braço ao redor da cintura dela. —Vai começar em breve e nós poderemos ir.

Mesmo que ela não estivesse ansiosa para sair, ela também não queria ficar. Seu olhar vagou, descansando em Ava e Diskant. Como Ava estava grávida e Diskant se recusava a deixá-la sozinha, a Matilha faria a caçada sozinha. Eles concordaram, principalmente porque Zach iria acompanhar o bando. O Beta estava nervoso e arisco, pronto para mudar e obter sua vingança.

—Vocês sabem por que estamos aqui, — disse Diskant, tomando o seu lugar no centro da Matilha, mantendo Ava ao seu lado. —Eu iria com vocês, mas... — ele colocou sua grande mão no crescido estômago de Ava, —...eu sou necessário aqui. Aproveitem a caçada, vocês merecem. Não tenham pressa. Nós reforçamos a segurança na área. A noite pertence a vocês. Lembrem-se disso. Não estraguem isso para todos os outros. — Diskant olhou para o Pastor que parecia querer mijar nas calças. —Não

tenham pressa. Brinquem com a sua presa. Façam valer cada momento.

Sadie não tinha certeza, mas ela pensou ter visto Ava tremer de repulsa.

—*É o costume da nossa espécie*, — Trey disse a ela mentalmente. —*É o que fazemos*.

Talvez, mas isso ainda a deixava doente. Eles estavam prestes a caçar um homem e atormentá-lo antes de matá-lo. Pelo que ela entendeu, o sujeito estava fodido. Cada membro da Matilha teria uma pequena mordida de cada vez. Eles não teriam misericórdia, iriam utilizar cada minuto para atormentá-lo.

Eles queriam sangue, mas eles também queriam vingança.

—Venha para a caçada com a gente, — disse um homem se dirigindo a Trey. —Você é nosso Alfa. Nós precisamos de você.

Sadie ficou tensa. Depois que eles fizeram amor, ela e Trey tinham decidido que seria melhor resolver de uma vez a questão com Geneva, enquanto a Matilha caçava. Dessa forma, eles poderiam matar

dois coelhos com uma cajadada só. Embora Sadie pudesse lidar sozinha com Geneva, Trey se recusou a deixá-la fazer isso. Ela não pensou que a Matilha fosse pedir para que ele participasse da caçada, ela pensou que eles estariam focados em caçar o Pastor e ter sua vingança.

Que estúpida.

—Alguém tem que cuidar de Diskant e Ava, — Trey respondeu confiante como sempre. —Eu tenho que ficar aqui. Aproveitem a sua caça. Vocês merecem. — Um rosnado – o rosnado de Trey — penetrou a noite. —Deem—lhe uma mordida por mim. Façam valer a pena. Não façam as coisas fáceis para o filho da puta.

Os membros da Matilha uivaram em aprovação.

Então, antes que Sadie pudesse compreender o que ia acontecer, eles começaram a tirar suas roupas.

—Está na hora, — Trey advertiu. —Eles vão se transformar, o Pastor será solto e Diskant vai anunciar o início da caçada. Uma vez feito isso, poderemos sair para visitar a sua amiga.

Sadie queria discutir, odiando o que estava prestes a acontecer.

Então Ava apareceu em sua cabeça. —*a única pessoa com quem você tem que se preocupar é com Geneva. Os outros Covens ainda não sabem o que ela está planejando. Mate-a e não haverá mais ameaça. O homem de quem você está sentindo pena não tem importância. Ele pertence a Matilha. Não comece com lamentações agora.*

—*Lamentações?* — o olhar de Sadie voou para Ava. —*Você está falando sério?*

Inicialmente ela pensou em não falar a Diskant e Ava sobre o Coven. Então ela percebeu que precisaria da ajuda de Ava para descobrir exatamente o que estava acontecendo. A conversa tinha sido mais fácil do que ela pensava. Diskant ficou aliviado porque outro obstáculo seria eliminado, e Ava tinha conseguido as informações que Sadie precisava com bastante facilidade.

—*Não se esqueça do que eu sou.* — Ava encontrou seu olhar, seus olhos de safira mudando constantemente de cores. —Eu nunca vou poder me transformar, mas eu sempre vou levar os animais de

Diskant dentro de mim. É assim que a Matilha lida com as coisas. Uma vez que tiverem acabado, essa vitória os fará se sentirem mais confortáveis e seguros. Fará bem para sua moral. E... — os olhos de Ava foram em direção ao Pastor amarrado no poste, —...ele tem que pagar. Ele matou muitos da nossa espécie.

Os homens e mulheres terminaram de se despir e se ajoelharam.

Sadie baixou o olhar, não querendo assistir. Ela sabia que a mudança acontecia de forma rápida, mas ela se sentia como se os estivesse violando por ver algo tão pessoal. Trey não questionou, mantendo-a perto. Ela estava grata por ele estar ao lado dela. Ela também teria que derramar sangue hoje à noite. Talvez ela estivesse ficando muito mole.

Uivos rasgaram a noite, uma onda de energia encheu o ar.

—Olhe para eles, — Trey sussurrou suavemente em sua cabeça. *—É por eles que você luta. É disso que você faz parte.*

Com medo, mas sabendo que tinha que fazê-lo, ela levantou a cabeça.

Deusa Sagrada.

Os homens e as mulheres se foram, substituídos por enormes animais. Cada um era bonito ao seu próprio modo. Eles não se pareciam com cães. Eles também não se pareciam com lobos. Eles eram muito grandes, muito ferozes. Até mesmo o menor deles chegava à altura do seu peito. Ela tinha visto Trey mudar, mas ela estava afastada e não tinha prestado atenção. Seus pelos eram de várias cores. O mesmo acontecia com os seus olhos.

Uma Matilha desses animais poderia matar qualquer coisa em seu caminho.

Diskant beijou Ava na bochecha e se afastou dela. Ele caminhou em direção ao Pastor, seu rosto era ilegível. Quando chegou perto do homem ele levantou a mão. As unhas na extremidade dos dedos tornaram-se garras. Ele olhou para a Matilha com um brilho feroz nos olhos. Suas garras cortaram a corda que amarrava o Pastor.

—Corra enquanto pode, — Diskant rosnou. —
Você não vai muito longe.

O homem começou a correr e Sadie sentiu que a Matilha queria persegui-lo imediatamente. A mão de Diskant voltou ao normal e ele falou novamente.

—Lembrem-se do que eu disse. Aproveitem o seu tempo. — Olhando ao redor da área ele avistou o Pastor, que quase tinha alcançado as árvores. — Aproveitem a caça. A noite é de vocês.

Os lobos correram todos em direção da sua presa. Diskant permaneceu em seu lugar, observando-os passarem. Eles desapareceram em segundos, correndo na direção das árvores. Uma vez que eles desapareceram de vista – e somente seus rosnados podiam ser ouvidos a distância — Diskant voltou para Ava.

—Está na hora querida, — disse Trey. —Você tem certeza que quer fazer isso?

Não, ela não tinha certeza. Mas ela sabia que era necessário. —Tem que ser feito.

—*Lembre-se do que eu disse,* — Ava falou com ela usando a sua ligação telepática. —*Eu entrei na mente de todas as pessoas que você me indicou.* — Ao longo da última semana Ava investigou cada um dos membros do Coven de Sadie. —*Geneva é a única que*

deve ser eliminada. Ela é a única que representa uma ameaça. Ela não colocou seu plano em ação ainda, mas ela planeja fazer isso em breve. Livre-se dela antes que aconteça.

—Pegue o carro, — Sadie sussurrou, com um peso pressionando em seu peito. Virando-se para Trey, ela esfregou os lábios em sua mandíbula. —É hora de ir.

Ele saiu e ela ficou ali, pensando no que ela estava prestes a fazer.

Como uma protetora, ela não prejudicava inocentes. Mas Geneva não era inocente. Se o que Aldon tinha dito era verdade, a mulher pretendia usar magia para controlar os shifters. Isso era um perigo. Com esse tipo de poder, Geneva poderia controlar a cidade. E isso representaria uma séria ameaça para o relacionamento de Sadie com Trey. Se os vampiros comesçassem a controlar os shifters, a Matilha seria menos propensa a confiar nela como a companheira de seu Alfa.

Diskant abraçou Ava mais apertado e inclinou a cabeça.

—Isso realmente incomoda você, não é?

—É claro que sim. — O que ele acha que eu sou? Uma assassina cruel? —Estou preste a atacar minha própria espécie. A maioria deles não vai entender. Depois disso, eu nunca vou ser capaz de me relacionar com alguém do meu Coven. A história vai se espalhar. Outros vão descobrir.

—O que significa que eles vão temê-la. Eles saberão que você é parte da Matilha, — Diskant lembrou. —Trey estava disposto a arriscar tudo por você não faz muito tempo. Por você, ele estava disposto a virar as costas para nós.

Talvez fosse o fato de que estava prestes a trair seu antigo pacto de lealdade que a estivesse incomodando.

Talvez ela estivesse simplesmente cansada de tantas mortes.

—Eu sei, — depois disso os Covens de vampiros que utilizavam magia branca iriam temê-la. Talvez, até mesmo uns poucos vampiros que utilizavam magia negra passassem a temê-la também. Isso, por sua vez, significaria que eles deixariam a Matilha em paz. —Eu entendo que isso tem que acontecer.

Uma buzina soou e ela acenou para Diskant e Ava.

—Vejo vocês em breve. — Virando-se, ela foi em direção ao veículo que a levaria para a mulher que ela tinha que destruir. Como um membro da Matilha, ela tinha um dever.

Mesmo que isso significasse ir contra os seus votos de proteger os mais fracos do que ela.

Geneva tinha que sumir.

Ela finalmente empurrou Sadie longe demais.



Trey parou o carro na frente de um edifício. Sadie lhe disse que esse era o local onde o Coven se reunia no sábado à noite para praticar e tentar novas magias. Ela ficou quieta durante todo o percurso até ali e ele não tinha perguntado por que.

Ele sabia que ela estava chateada.

Ela não queria machucar ninguém.

—Eu sei que nós prometemos fazer isso juntos,
— disse ela, soltando seu cinto de segurança. —Mas eu acho que seria melhor você ficar aqui.

—Nem pensar.

Ele desligou o motor e saiu do carro, pronto para segui-la. Ele iria seguir essa mulher até os confins da terra. Ela foi inteligente o suficiente para não discutir com ele, apenas balançando a cabeça enquanto saía do carro. Eles fecharam as portas e foram até a entrada do edifício. Uma vez lá, ela sussurrou um encantamento. Pequenas ondas circulares apareceram, movendo-se de lado a lado. Ouviu-se um *clic* e a porta abriu.

—O Coven será pego de surpresa, — ela o alertou apressadamente na mente dele. —*Eu tenho que fazer isso rápido antes que elas tenham tempo de conjurar um feitiço.*

—*Faça o que você tem que fazer, querida.*

Ela o levou para dentro e caminhou em direção a escada. O Coven estaria reunido no andar de cima, onde sempre se reuniam. Seu coração parecia que ia explodir em seu peito. A espada em suas costas a incomodava e parecia mais pesada. Ela nunca tinha

experimentado este tipo de emoção. É verdade que ela havia ameaçado matar Geneva, mas ela nunca pensou que seria realmente necessário fazê-lo.

Você está fazendo o que tem que fazer. Siga em frente. Fique firme.

Quando eles chegaram ao andar de cima, ela retirou sua espada. Alguns vampiros estavam sentados formando um círculo de magia do outro lado da sala. Geneva geralmente ficava perto da saída, instruindo ou ditando feitiços. Se Sadie fizesse tudo certo, não demoraria muito. Ela agarrou o cabo da espada com as duas mãos, sabendo o que tinha que ser feito.

Era Geneva ou o Coven. Ou, pior ainda, a Matilha.

Lembrando-se desse fato ela se sentiu mais forte.

—*Fique comigo,* — ela orientou Trey silenciosamente. —*Eles precisam ver você.*

—*Eu estou aqui.*

Ela não estava usando o feitiço do véu para ficar insensível, então, os membros do Coven que estavam

sentados em um círculo a viram na entrada. Como ela tinha antecipado, Geneva se pôs atrás deles. Eles pararam de cantar, seus olhares correndo para Sadie. Inicialmente, eles estavam confusos. Então, a confusão deu lugar ao medo. Vários tentaram se levantar, ficando de joelhos.

Sadie moveu-se em direção a Geneva, erguendo sua espada. Ela aplicou um golpe certeiro, a lâmina rasgando o ar. A cadela não esperava um ataque, mas ela tentou evitar a espada. Ela se moveu rápido, mas não rápido o suficiente. A ponta da espada cortou de lado em seu pescoço, o sangue jorrando da lesão.

—O que você está fazendo? — um dos membros do Coven gritou.

—O meu trabalho, — respondeu Sadie, puxando o braço para trás. —É a minha obrigação eliminar aqueles que pretendem prejudicar os inocentes.

—Sob a autoridade de quem? — outro membro do Coven questionou.

—A minha, — Trey rosnou, movendo-se para dentro da sala. Um suspiro coletivo ecoou dentro da sala e os membros do Coven começaram a recuar para ficar longe dele, tropeçando e rastejando para

trás. —Sua líder traiu sua confiança. Ela também é uma ameaça para a minha Matilha.

Sadie apertou suas mãos no punho da espada e se aproximou de Geneva.

Se as acusações não fossem tão graves, e se Ava não tivesse confirmado o que Aldon disse, Sadie poderia ter feito as coisas de forma diferente. A situação com Geneva estava além de uma simples advertência. Sadie sempre soube que havia algo diferente com a líder do Coven. Ela só não sabia que Geneva estava disposta a ir tão longe para se tornar a mais poderosa vampira de magia branca da cidade.

De repente, ela sentiu um zumbido de magia e soube que Geneva estava prestes a se defender. Mesmo chiando, Geneva tentou pronunciar algumas palavras sussurradas. Não havia tempo para pensar. Sadie não podia perder a oportunidade. Antes que ela pudesse conjurar o feitiço, Sadie desceu a lâmina afiada com força e rápido. Seu objetivo era simples, cortar a cabeça de Geneva e separá-la de seus ombros.

Gritos chegaram aos seus ouvidos, os membros do Coven estavam horrorizados.

Sadie se recusou a olhar para Geneva, erguendo a cabeça, encarando os vampiros na frente dela. Uma vez eles tinham sido sua família. Tinham dormido sob o mesmo teto. Ela tinha compartilhado magia com eles. Ouvido suas histórias. Ela os tinha protegido.

—Eu fiz um voto de nunca prejudicar uma pessoa inocente. Eu faço o que é preciso para proteger os mais fracos do que nós. Geneva os traiu no momento em que começou a fazer planos nas suas costas. Ela os vem traindo por um longo tempo. Se eu não a tivesse matado hoje, ela teria trazido bruxos e shifters para o Coven. — A dúvida era evidente em seus rostos e posturas. —Vocês vão acreditar no que quiserem acreditar. Eu não posso impedir isso. Eu só peço que vocês considerem o comportamento de Geneva nos últimos meses. Será que ela falou com vocês sobre mudanças no futuro? Você sabiam que ela queria formar alianças com outros Covens?

Eles permaneceram em silêncio, mas ela viu a verdade em seus olhos. Geneva deve ter feito alguma dessas coisas. A maior parte dos membros do Coven parecia muito pensativo, mergulhados em suas memórias, significando que em algum momento Geneva deve ter-lhes abordados com tais assuntos.

—Procurem os outros Covens da região. Perguntem. Alguns poderão confirmar o que eu digo. Matar não é algo que eu considero um esporte. Como uma protetora, isso vai contra os votos que eu fiz quando era membro do Coven. — Por um breve segundo todos os olhos no quarto se dirigiram para Trey, que tinha tomado um lugar ao seu lado. —Eu mantenho meus votos, mesmo que em outras circunstâncias.

—Nós terminamos aqui, — disse Trey e Sadie olhou para ele.

Seus olhos estavam brilhando. Ele também tinha deixado descer suas presas — aparentemente querendo lembrar ao Coven com quem eles estavam lidando. Ele pegou a espada da mão dela. Sem hesitar, ele foi até o corpo de Geneva, limpou a lâmina na parte de trás da roupa dela e deu um passo para trás. Sadie sempre limpava sua espada em sua presa, mas parecia errado fazê-lo nesta situação.

Mais uma vez Trey tinha visto o que ela precisava e tinha dado a ela.

—Aqui está, querida, — ele entregou a espada para ela e ela rapidamente deslizou na bainha em suas costas. —É hora de ir.

Uma parte dela queria permanecer mais tempo com o Coven e explicar melhor a situação. Ela se sentiu obrigada a dizer-lhes tudo e colocar todas as cartas na mesa. Mas Ava tinha avisado a Sadie que Geneva era a única que tinha planos para comandar os shifters usando magia. Sadie não queria dar aos demais membros do Coven quaisquer ideias. Ela não achava que eles poderiam fazer alguma maldade, mas ela não podia correr riscos desnecessários.

—Eu vou continuar de olho em todos vocês, — ela advertiu-os, odiando ter que ameaçá-los para mantê-los na linha. —Não me deem um motivo para visitá-los novamente.

—Não é apenas com ela que vocês terão que se preocupar, — Trey emitiu sua própria ameaça. —Da próxima vez eu também vou cuidar dos negócios. — Ele grunhiu, os olhos brilhando, os lábios puxados para trás para revelar um sorriso feroz. —Eu poderia trazer alguns amigos, só para deixar bem claras minhas intenções.

Sadie queria sair, ela sentia como se a sala estivesse se fechando sobre ela.

Trey pegou a mão dela e ela se inclinou sobre ele, grata por ele liderar o caminho.

Isso era algo que ela nunca tinha pensado que teria que fazer. Certamente que ela sempre concordou em fazer o que lhe foi pedido para proteger o Coven quando ela era um de seus membros, mas ela não podia permitir que a líder do grupo desse início ao caos. Ela colocaria em perigo não apenas as pessoas que viviam sob o seu teto, ela também representaria uma ameaça para todos em Nova York.

Quando eles chegaram as escadas, Trey soltou sua mão e levantou-a em seus braços. Ela suspirou, contando com sua força, deixando-o abraçá-la. Matar Geneva tinha levado o melhor dela. Levaria dias — talvez semanas — para se recuperar. Toda vez que ela eliminava uma vida, parecia que ela perdia uma pequena parte de si mesma.

—Nós podemos descansar agora, — Trey colocou seu queixo no topo da cabeça dela e começou a descer as escadas, andando rápido e suave ao mesmo tempo. —É hora de arrumar as malas e começar do zero.

—Arrumar as malas? — esticando o pescoço, ela olhou para ele.

—Eu ia esperar e fazer uma surpresa, mas eu acho que você está precisando de um pouco de boas notícias. — Os olhos dele ainda estavam incrivelmente brilhantes, mas ele tinha recolhido as presas. —Eu conversei com Diskant. Disse a ele que tínhamos gostado de passar as últimas semanas em sua companhia, mas era hora de termos o nosso próprio lugar. Vamos começar pelo quartel dos bombeiros. Se você não gostar de lá, nós ficamos só o tempo de um corretor de imóveis encontrar um lugar que você queira chamar de lar.

Lar. Isso era uma grande notícia.

—Eu finalmente terei você só para mim, — ela tinha gostado da ideia – muito. —Quando é que podemos mudar?

—Assim que você quiser.

—Que tal hoje à noite? Podemos pegar nossas coisas amanhã.

—Você é uma pequena coisa gananciosa.

Eles chegaram do lado de fora do prédio, mas ele não a colocou no chão, levando-a para o carro. Uma vez que ele chegou ao lado do passageiro, ele baixou-a lentamente, deixando-a ganhar equilíbrio. Seus olhos se encontraram e ela sentiu um calor se formar em seu ventre. Ela era definitivamente gananciosa quando se tratava dele.

—Por acaso você não trouxe as chaves desse lugar, trouxe?

—Por acaso eu trouxe. — Puxando-a para perto, ele murmurou, — Você está animada para conhecer o lugar? Ou você tem outras coisas em sua mente?

—Os dois, na verdade, — ela tinha visto o quartel por fora, mas nunca chegou a entrar. Ela apoiou as mãos sobre o peito dele, amando o calor que irradiava de seu corpo. —Se eu gostar do lugar, talvez nós possamos começar batizando os quartos.

—O lugar é ótimo, querida, sua voz se aprofundou, os braços ao redor dela puxando-a para mais perto dele. —Tem certeza que você está pronta para isso?

—Eu estou ansiosa, — e ela estava mesmo. Ela até imploraria se fosse preciso. Fingindo-se de tímida, ela perguntou: — E você?

Em resposta, ele a soltou e abriu a porta. Quando ela estava subindo ele bateu em sua bunda. —Eu vou ligar para Diskant e dizer-lhe para não nos esperar esta noite. Tenho certeza de que ele tem tudo sob controle.

—Se o lugar é tão grande como você diz, é melhor você se apressar, — ela lambeu os lábios, deixando seu olhar passear pelo corpo dele. —A noite é uma criança.

Ele bateu a porta e puxou o celular do bolso.

Eles iriam batizar cada quarto naquela casa.

Quando Diskant atendeu à chamada, Trey foi direto ao assunto.

—Estamos indo para o quartel. Não me ligue, a menos que não haja outra opção. Considere que estamos em nossa lua de mel.

Diskant riu, parecendo mais feliz do que não esteve em muito tempo.

—Divirtam-se.

Ele terminou a chamada e se apressou para entrar no carro.

Sua companheira havia passado por um inferno esta noite. Ela estava magoada e chateada pelo que foi obrigada a fazer. Um pouco de distração iria fazer-lhe muito bem, especialmente porque ele sabia exatamente o que fazer para distraí-la. Ele não seria suave ou gentil. Em vez disso, ele deixaria seu lobo assumir. Ele iria persegui-la, provocá-la e deixá-la louca.

E quando terminasse, ele seria o único pensamento em sua mente.

EPÍLOGO



Aldon ficou de longe, observando o Palácio. Olhos comuns veriam apenas uma área arborizada. Eles não seriam capazes de ver a enorme mansão escondida por magia, com enormes e alinhadas colunas brancas na parte da frente.

Sua pele se arrepiou ao sentir o cheiro de sangue, dor e morte no ar.

Olivia se ofereceu para ir com ele, mas ele queria dar uma olhada no lugar antes de trazê-la. Fazia alguns meses desde que ele esteve aqui. Às vezes os frequentadores mudavam. Ele não tinha certeza de quem ele iria encontrar no lugar.

—É nesse lugar que ele está? — perguntou Leigh, olhando para a paisagem.

É claro que ela não podia vê-lo. Ela acabara de descobrir seus poderes e ainda não estava forte o suficiente para explorar o seu lado negro.

—Sim, ele está aí, — ele respondeu, formulando um plano. —Você precisa recuar alguns metros. Use o feitiço do véu. Ninguém pode saber que você está aqui.

—Você acha que será capaz de encontrá-lo?

Mesmo que em alguns momentos ele sentisse vontade de estrangular a mulher irritante, ele também sentia compaixão por ela. O homem que ela amava estava trancado dentro do que parecia ser um paraíso. Mas que em seu interior era um antro de

depravação. Ele não tinha certeza, mas ele imaginava o inferno que ele estava passando.

—Eu não sei, — ele se preparou, querendo entrar e sair do local o mais rápido possível. —Se eu não voltar em poucas horas, volte para Olivia e espere. — Sabendo o que ela diria, acrescentou: — Não perca seu tempo discutindo comigo sobre isso. Eu nunca sei o que vai acontecer quando entro nesse lugar. Se for uma noite tranquila, eu vou passar despercebido. Se for uma noite ruim, demorarei para conseguir sair.

—E se algo acontecer com você?

—Eu já tomei providências. — Wren e Valen não estavam felizes com o que ele estava prestes a fazer, mas eles tinham dado sua palavra que cuidariam de Olivia se algo desse errado. Ele sabia que eles iriam manter as suas promessas. —Faça o que eu disse. Você está muito perto. Afaste-se da propriedade. Mesmo que eles não possam ver você, eles podem sentir o seu cheiro.

Sem esperar resposta, ele começou a andar.

Ele evocou seu lado negro, escondendo sua magia branca. Essa era a parte mais complicada — a

única coisa com a qual ele tinha que ter muito cuidado. Ao contrário da magia branca, que fazia o vampiro sempre seguir a luz, a magia negra era como uma droga. Se ele não tivesse cuidado, ele ficaria viciado. Às vezes, mesmo agora, era difícil controlar a necessidade que a magia negra o fazia sentir.

A escuridão caiu sobre ele, mudando seu cheiro, deixando-o tonto. A sensação rapidamente desapareceu, deixando-o excitado e preparado. O cheiro de sexo e sangue não o incomodava tanto quando ele estava assim. Era mais fácil testemunhar as coisas que aconteciam em torno dos Caídos.

Ele sentiu a energia do lugar vibrar através dele. O guarda na porta o viu chegando e estreitou os olhos. Aldon não vacilou, continuando no mesmo ritmo. Ao aproximar-se da escadaria, ele subiu os degraus lentamente, tomando seu tempo, deixando o vampiro examiná-lo. Assim que ele pisou na grande área de varanda ele sentiu a magia do guarda.

É isso aí. Tente me desvendar.

Este era o motivo porque Leigh e Sadie nunca conseguiriam entrar. Nem que Olivia, a não ser que estivesse acompanhada de um vampiro. Os Caídos

eram capazes de detectar aqueles que se deixavam guiar pela luz. Uma vez que os descobriam, eles começavam a manipulá-los. Suas vítimas preferidas eram normalmente seres humanos felizes com futuros brilhantes. Eles gostavam de destruir suas esperanças, peça por peça.

Beleza, para eles, devia ser destruída.

Aldon continuou em frente, intensificando a escuridão dentro dele. Ele sentiu as mudanças em seu corpo, a forma como suas gengivas formigavam e seu senso de moralidade começou a desaparecer. Ele era um animal, um predador perigoso. Na sua presença ninguém poderia sobreviver, a menos que ele permitisse. Sua visão mudou e ele percebeu que suas íris tinham mudado de cor, de azul para preto.

É isso aí. Venha até mim.

Ele deu mais um passo, em direção à porta. Magia negra reconheceu magia negra. O guarda tentou testar o poder de Aldon, certificando-se que ele era realmente um dos Caídos. Quando ele fez, Aldon enviou uma onda de energia na direção do homem. O vampiro recuou assustado. O guarda recolheu sua magia e deu um passo para o lado.

Isso mesmo. Sujeito esperto.

Agindo como se fosse o dono do lugar, Aldon caminhou até a porta e abriu-a.

Imediatamente os aromas o dominaram.

Sêmen, sangue e suor. Medo, terror e dor.

Em seguida, uma fragrância mais poderosa que todas as outras chegou ao seu nariz.

Prazer.

Os Caídos certamente teriam um show esta noite. Caso contrário, os cheiros, mesmo que poderosos, não seriam tão fortes. Ele fechou a porta e passou por um casal na entrada, tentando não prestar atenção na garota que estava fazendo um boquete em um vampiro, na frente de todos. Isso era nada, comparado com as outras coisas que ele ainda ia ver. Sexo oral? Isso era coisa de jardim da infância.

Ele passou por uma escada dupla que levava ao andar de cima. Duas portas estavam entre ele e seu objetivo. O quarto central era o principal lugar onde acontecia a diversão. Gemidos e gritos de dor vinham do outro lado da porta, acompanhados de sons de

sexo. Outro homem protegia a porta, em pé ao lado do portão do inferno.

Novamente Aldon deixou a magia negra cobri-lo. Seu pênis endureceu, sua sede de sangue se tornou mais forte. Normalmente, ele a teria controlado, mas ele a deixou crescer. Fazia muito tempo desde que ele tinha estado nesse antro de loucura. Mesmo assim ele sentiu escorrer sêmen da ponta do seu pau, escorrendo até o interior de sua calça feita sob medida.

Ele se sentia bem. Bem demais.

Como o guarda na porta da frente, este também se afastou quando sentiu a escuridão que fluía de Aldon e abriu as portas. Os barulhos aumentaram, martelando nos ouvidos de Aldon. O desejo dentro dele rugiu para a vida. Ele sentiu a necessidade de submeter alguém a sua vontade, obrigá-lo a fazer o que quisesse.

A orgia estava acontecendo.

Muitos dos Caídos estavam sentados em sofás dispostos ao redor das paredes, obrigando seus escravos a se submeterem a sua vontade. Alguns dos mortais tinham facas nas mãos. Aqui e ali eles se

cortavam, deixando pequenos filetes de sangue escorrer ao longo de seus pescoços, peitos e coxas. Ele notou que alguns dos escravos estavam jogados nos cantos, sozinhos, cobertos de bolhas e vergões vermelhos. Depois eles seriam enterrados, agora estavam ali apenas para lembrar aos escravos o seu real lugar.

Ele examinou a multidão. Alguns rostos ele reconheceu. Outros não.

Uma escrava doméstica – um escravo que não pertencia a ninguém, mas que tinha se viciado em sangue de vampiro ainda na juventude, por causa da vitalidade que ele lhe dava – correu em sua direção e caiu de joelhos aos seus pés. Ela olhou para cima, com os olhos arregalados, os carnudos lábios vermelhos franzidos.

Ela fez questão de se vestir provocativamente, com uma camisola vermelha de um tecido tão fino que se podia ver através. Seu rosto estava maquiado, suas bochechas cor de rosa, as pálpebras e cílios com uma pintura pesada. Seu longo cabelo castanho havia sido deixado solto, pendurado como uma cortina pelas costas. Ele conhecia bem esse tipo. Ela queria

encontrar um vampiro que iria assumi-la, alguém que ela poderia chamar de Mestre.

A maioria a teria considerado sexy como o inferno.

Em comparação com Olivia, ela parecia uma vagabunda desgastada.

—Hoje não, — ele rosnou para ela, estreitando os olhos. —Eu quero outra coisa.

Ela obedeceu a ordem imediatamente. Num piscar de olhos, ela levantou-se e deixou-o sozinho.

Essa era a única coisa boa sobre estes pequenos encontros. Os escravos sabiam obedecer quando lhes era dado uma ordem. A fêmea, provavelmente, continuaria observando as portas, esperando para encontrar um vampiro que a considerasse digna.

—Aldon, — uma voz profunda, gutural, o chamou. —Há quanto tempo.

Ele se virou, ficando de frente para o homem que o chamou. Barnes Kosar. Um fodido sádico.

A fim de se encaixar e não levantar suspeitas, ele participou de algumas orgias com o macho em

certas ocasiões. Ele nunca matou ninguém durante as escapadas sexuais, mas Barnes sim. Na verdade, ele quase tinha colocado Barnes em sua lista – a Lista da Morte — até que ele percebeu que precisava do bastardo vivo. Ele era um dos Caídos que frequentava o Palácio com muita frequência. Seus escravos iam e vinham, a maioria deles mortos pelo próprio Barnes. Ele deixava Aldon doente, mas ele precisava manter os laços por mais que detestasse. Caso contrário, ele já teria identificado os desgraçados verdadeiramente doentes — aqueles que matavam crianças e bebês por puro prazer — e matado todos eles.

—Eu estive ocupado. — Aldon olhou ao redor, tentando parecer o mais entediado possível. —Eu pensei que deveria tirar uma folga daqui e ver o que a noite me reservava.

—Você não gostou da Hope? — perguntou Barnes, com um leve sorriso, mostrando suas presas. Seus olhos escuros eram como ônix. —Ela é perfeita para jogos sádicos. Ela suporta tudo que você tiver para dar e pede mais.

Não admira que ela ainda estava viva e não tinha um mestre. Os Caídos queriam escravos que

temiam a dor, e não aqueles que gostavam dela. Eles se alimentavam da miséria alheia.

—Ela não é o que eu estou procurando. Eu quero algo especial.

—Como o quê?

—ainda não sei, — ele deu de ombros, parecendo enfadado. Mesmo que ele não estivesse, ele tinha que manter sua escuridão sob controle. A necessidade de foder e beber era quase insuportável. —Eu tive alguma diversão em minhas mãos, mas eu estou entediado. Estou cansado da mesma merda. Eu quero algo diferente. Algo novo.

—Crescens pôs as mãos em uma virgem. Ela tem apenas treze anos, — Barnes ofereceu. —Ele está esperando pelo maior lance por ela. Mas ele exige que quem a arremate a coloque em um show. Ela terá que morrer durante o evento. Lentamente, é claro. Ele também quer quebrar seu espírito. Como ela nunca foi fodida, há uma abundância de lugares para abri-la e fazê-la gritar. — O vampiro olhou por cima do ombro, sorrindo, quando uma mulher gritou de dor. Seu olhar voltou-se para Aldon. —Você está interessado em algo assim?

Crescens. O chefe da família. O único homem que Aldon não queria ver.

—Não verdade, não. — Um escravo passou servindo taças de sangue e Aldon pegou uma da bandeja. Ele não pretendia beber — sabendo que o sangue, provavelmente, veio de alguns dos cadáveres no chão — mas ele poderia seguir fingindo. —Virgens são muito fáceis. Elas quebram imediatamente. Elas não valem meu tempo.

—Hmm.

Ele não gostava de falar com Barnes, mas aproveitou o momento para estudar o ambiente. Os sofás estavam cheios e outro escravo tinha parado de se mover — um jovem do sexo masculino que teve a garganta cortada. O ser humano que tinha feito o dano continuava montando seu pênis, embora Aldon tivesse certeza de que estava mole.

—O que mais está acontecendo? Os quartos estão ocupados? Existe alguma coisa interessante lá em cima?

Barnes pensou sobre isso.

—Estão acontecendo algumas coisas, mas se você já cansou das virgens e está tão entediado, eu tenho certeza que não encontrará nada que lhe agrade.

—Que pena, — disse ele, levantando o copo. —A idade faz tudo isso parecer tão pitoresco, você não acha? Perdeu-se a diversão. Olhe em volta. Eu não reconheço a maioria das pessoas aqui. Eles são jovens. Eles não têm ideia do que é dor.

—Verdade. A maioria dos da nossa espécie tomaram outros rumos. Eu ouvi que as mulheres com filhos são muito excitantes, mas é difícil capturá-las. Temos que esperar o momento certo. Se você tivesse vindo na semana passada, talvez tivesse encontrado o que procura.

A escuridão dentro de Aldon cresceu e ele lutou contra ela, odiando como se sentia. A ideia era repulsiva e alimentava o vazio dentro dele.

—Como foi?

—Crescens ameaçou matar a criança a não ser que a mãe concordasse em jogar. Foi divertido durante alguns dias. Em seguida, o bebê ficou doente. A mãe se tornou inútil. Ela estava muito

preocupada com a criança para pensar em sua própria dor. Tivemos que terminar com os jogos porque já não estava bom.

Um dia eu vou arrancar o seu coração, seu fodido doente.

—Isso é uma pena.

—Sim, mas há sempre outras mulheres e crianças. Nós só temos que encontrar as pessoas certas. Você deve nos visitar mais vezes. Tivemos um casal de adolescentes que capturamos na floresta. Esses sim eram muito divertidos para brincar.

Naquele momento Aldon decidiu que Barnes não era tão importante.

Seu nome seria escrito na lista de matança dele e de seus irmãos.

—Há algo acontecendo no andar de baixo, — disse Barnes cochichando, certificando-se de que ninguém poderia ouvi-lo. —Eu só estou dizendo a você porque nós já jogamos juntos. Eu sei que você tem um gosto pelo macabro. Isso é muito sigiloso. Se você me entende. Não é algo sexual, então, se você

está procurando por isso, você não vai gostar. É algo único, na verdade.

Oh sim. Talvez fosse isso.

—Sigiloso? E único? Deve ser especial.

—Venha comigo.

Aldon colocou o copo sobre uma mesa próxima e seguiu Barnes na direção da cozinha. Alguns corpos foram colocados em ilhas no centro da sala, a cabeça inclinada para trás. Os escravos tiveram suas gargantas cortadas e seu sangue estava sendo coletado em jarras muito grandes. Ele manteve o foco em sua missão, não olhando para as vítimas que estavam sendo drenadas. Por mais que fosse triste, os escravos sabiam que, quando aceitavam sua condição, isso poderia acontecer a qualquer momento.

Isso fazia parte da vida no Palácio Aurora.

—Aqui, — Barnes o guiou para a pequena área perto da despensa. Eles pararam e Aldon inclinou-se para chegar perto do outro vampiro. —Você não pode falar a ninguém sobre isso. Eu vou saber se você o fizer. Apenas poucos de nós sabem sobre isso.

—Você tem oficialmente a minha palavra, — Aldon lambeu os lábios, deixando a escuridão crescer novamente para que seus olhos ficassem o mais escuro possível. —Conte-me.

—Tenho certeza de que você já deve ter ouvido falar sobre a feiticeira?

Aldon não tinha certeza de como responder, mas ele seguiu seu intestino.

—Eu ouvi os rumores. Eles são verdadeiros?

—Eles são verdadeiros, — Barnes sorriu, revelando dentes manchados de sangue. —Nós não a encontramos ainda, mas, eventualmente, um de nós vai. A maioria está lá fora, procurando por ela. É por isso que o entretenimento de hoje a noite está tão desinteressante. Os vampiros mais jovens nem sequer sabem o que é uma feiticeira, e nós preferimos manter a informação em segredo. — Barnes hesitou, estreitando os olhos. —Você está aqui por causa dela? — ele deixou transparecer sua desconfiança. —Você não vai encontrá-la aqui e eu não tenho informações sobre ela.

—Eu não vim aqui procurar por ela, mas eu não vou mentir para você. — Pela primeira vez desde que

chegou a esse lugar, as suas palavras eram sinceras. —Se eu puder encontrá-la, eu vou levá-la. Assim como você faria.

Barnes sorriu.

—Claro que você faria. Todos nós faríamos. — Olhando por cima do ombro de Aldon, ele estudou os escravos. —Ela ainda está disponível. Eu não posso dizer mais do que isso. O que eu posso dizer é que alguns dos nossos membros conseguiram colocar as mãos em algo quando quase a capturaram. Eles pensaram em não trazê-lo, mas eu estou feliz que trouxeram. Ele tem sido bastante divertido.

Ele. Oh, merda. Era isso.

—Quem?

—Um shifter, — Barnes sussurrou.

—Que tipo?

—Nós não sabemos ainda, mas estamos trabalhando nisso.

Aldon tentou agir desinteressado, carrancudo. No entanto, seu coração pulsava forte e ele entrou em alerta.

—Como esse é divertido? Eu já brinquei com eles antes e são, principalmente, garras e presas. Eles são bons para foder, mas eles não fornecem a diversão que nós gostamos. Em minha experiência, eles não valem o esforço.

—Este vale, — o sádico Barnes parecia animado. —Ele estava com a feiticeira quando os nossos atacaram. Tentamos interrogá-lo, mas ele se recusa a responder nossas perguntas.

—Por que vocês não invadiram sua mente? — Cresces certamente poderia fazê-lo. —Por que esperar?

—Aí é que está, nós invadimos, — respondeu Barnes apressadamente. —Ele continua sempre pensando nessa mulher. Cada vez que usamos nossos poderes, ele a imagina em sua mente. Não é a feiticeira, é outra mulher que lutou contra os nossos. Eles estão mantendo-o no andar de baixo. Eu não tenho certeza quanto tempo ele vai durar. — Inclinando para mais perto, Barnes continuou: — Não importa o que fazemos com ele. — Física ou sexualmente. Ele pensa na mulher e é como se ele

não estivesse mais aqui. Nós pensamos que é sua companheira.

Merda. Era melhor Leigh ficar longe.

—Vocês já a encontraram?

—Ainda não. Crescens está procurando. É por isso que ele não está aqui. Ele está procurando por ela agora. — Olhando novamente a sua volta, Barnes perguntou: — Você quer vê-lo? Ele fez todos nós pensarmos sobre o quanto divertido seria ter alguns shifters para jogar. Eles não quebram fácil como os humanos. Eles não são fáceis de manipular.

—Talvez seja sorte, — mesmo agindo desinteressado, sua magia negra estava guerreando com sua luz. Ele adoraria ver o homem sofrer, implorando por misericórdia. Assim que teve o pensamento, ele chamou a luz dentro dele, renunciando seus desejos deploráveis. —Eles não são todos iguais.

—Vamos, — Barnes — obviamente estava ofendido porque Aldon não acreditou nele — disse e agarrou seu braço. —Ele está no calabouço. Nós fizemos todos os tipos de coisas para ele. Confie em mim, vale a pena dar uma olhada. Você vai ver.

Aldon o seguiu, deixando seu lado escuro no controle enquanto ele mantinha seu lado mais brilhante de prontidão. Ele não tinha certeza do que ele ia ver, mas ele tinha certeza de algo.

Barnes estava falando de Nathan.

O vampiro levou-o por um corredor até uma porta escondida. Ele abriu uma trava secreta e guiou-o para o andar de baixo. Luzes iluminavam o caminho até uma escada em espiral, que os levaria para baixo. Aldon perguntou por que ele tinha concordado em fazer isso. Cada vez que ele vinha para este lugar ele queria dar boas-vindas para a parte escura de sua alma. Ele não poderia ter Olivia assim.

Ele iria machucá-la.

Devastá-la.

Possivelmente matá-la.

Eles chegaram ao porão e Aldon seguiu em frente. Um cheiro forte de azedo vinha do fundo do quarto. Ele ouviu o som de carne sendo chicoteada, seguido pelo horrível som de gemidos. Quando se aproximaram da jaula que ficava no canto, Aldon olhou através das barras.

Oh não. Seu coração se afundou.

Ele sabia que seria ruim, mas não imaginou que fosse tanto.

Ele nunca presenciou tanta crueldade.

Tinham jogado lobos na jaula de Nathan. Os animais rosnavam para o homem, que parecia dividido. Ele parecia estudá-los, seus olhos passando rapidamente de um para o outro. Havia vários mortos aos seus pés, com suas gargantas rasgadas.

Eles o estavam obrigando a matar os animais que faziam parte dele.

—Faça isso, — gritou um vampiro. —Faça!

Um lobo rosnou e atacou. Nathan esquivou-se, tentando sair do alcance. Outro lobo o atacou. Em seguida, eles o encurralaram e o derrubaram. Sua camisa estava rasgada em farrapos aos seus pés. Aldon ouviu um grunhido e viu quando Nathan se levantou e sacudiu os lobos fora de seu corpo. O macho ergueu os punhos, estudando seus adversários.

Aldon não tinha certeza se os Caídos poderiam quebrar seu espírito com essa tática, mas havia uma boa chance que conseguissem.

Ele estendeu seu poder até a outra mente, tentando ler os pensamentos de Nathan. Não foi fácil. O macho queria morrer, estava se odiando. Ele se sentia condenado por toda a eternidade, desprezava a si mesmo. No entanto, como Barnes tinha avisado a Aldon, a imagem de Leigh estava sempre lá. Era uma imagem nítida, que tomava conta de seus pensamentos.

Pelo amor de Deus.

O homem já teria deixado os animais matá-lo se não fosse por ela.

Ele não queria deixá-la.

Ela era a razão pela qual ele continuava lutando.

—Mate-os! — ordenou um vampiro. —Mude e mate-os!

Mudar.

Eles não sabiam que animal Nathan era. Eles estavam tentando descobrir. Eles estavam jogando animais para ele – de modo aleatório – esperando que ele se identificasse com alguma das criaturas. Eles queriam entendê-lo. Eles precisavam saber o que ele era para poderem encontrar sua companheira. Uma vez que ele mudasse, eles saberiam onde procurar. Eles começariam a caçar os lobisomens e os matariam até encontrarem a mulher cuja imagem estava nos pensamentos de Nathan.

—Mate-os, — ordenou outro. —Mate todos!

Nathan recuou até um canto. Ele não queria lutar contra as criaturas que ele adorava, isso estava claro. Mas não era o suficiente para os Caídos. Eles queriam vê-lo mudar. Eles tinham que saber que tipo de animal ele era.

—Está vendo? — Barnes sou arrogante e vaidoso como sempre. —Ele não vai lutar. Também joguei contra ele alguns felinos grandes, mas ele não lutou. Ele não quer matar qualquer um deles. Ele continua tentando fazer a coisa certa, mas ele não será capaz de fazer isso para sempre. Ele vai morrer se ele não lutar. E ele não vai morrer por causa da

mulher que ele vê. — Barnes fechou os olhos e sorriu. —Você pode imaginá-la? Eu posso. Ela é incrível. Tão forte e ao mesmo tempo tão delicada. Espero que a encontremos. Ela é tão linda. Vai ser muito divertido atormentá-la.

Nathan continuou lutando, mas não matando, mantendo os lobos a distância.

—Ele é uma visão, com certeza.

O que diabos ele faria nessa situação?

Se tentasse chegar perto e falar com Nathan, ele revelaria seu disfarce.

Se ele não fizesse, o homem continuaria sofrendo.

Era arriscado, mas Aldon deixou um pouco de sua luz superar seu lado escuro. Ele precisava saber se seria capaz de ler a mente de Nathan. Por isso ele era tão poderoso. Aqueles que se deixavam dominar pela escuridão tinham dificuldades para ler a mente de pessoas totalmente boas. Era uma maldição. Aqueles que usavam magia branca podiam mergulhar nas mentes dos outros com mais facilidade. Aldon fez questão de permanecer fora da vista. Ele havia lutado

com Nathan há pouco tempo. O macho nunca iria confiar nele.

Ele pensou rapidamente, tentando considerar o que ele faria se Olivia estivesse na mesma posição. Instantaneamente ele abandonou essa ideia. Se Olivia estivesse naquela jaula, ele arrebentaria as barras e se teletransportaria com ela para fora de lá.

O que eu posso fazer? O que eu posso dar a ele?

Nathan precisava de algo para dar-lhe forças. Ele tinha que ter alguma coisa pela qual valesse à pena lutar. Não seria fácil e iria drenar a maior parte de sua energia para fazer o que ele pensou. Ele estudou a multidão, que estava toda concentrada em Nathan. Então ele olhou para Barnes. O macho estava muito animado, atraído pelo cheiro de sangue e batalha.

Ele só tinha uma chance. Só havia uma maneira de chegar a Nathan.

Aldon deixou sua luz fluir sobre as trevas em seu interior, permitindo-se tornar o que ele era.

Um Predestinado – controlador da luz e das trevas.

A conexão foi instantânea, inundando-o, queimando através de seu corpo.

—*Leigh está esperando por você,* — ele pensou para Nathan, gritando na cabeça do homem. —*Ela sabe onde você está. Ela está vindo resgatar você. Não importa o que você tenha que enfrentar, pense nela. É possível suportar a dor. Você pode suportar. Seja forte. Ela precisa de você e você precisa dela. Ela está preocupada com você.* — Aldon estremeceu quando a escuridão tentou se sobrepor à luz. Era previsível, especialmente considerando o lugar horrível onde ele estava. —*Não mostre a eles o que você é. Eles querem que você mude. Eles querem saber sua raça. Se eles descobrirem sobre você, eles vão caçá-la. Você viu o que eles fazem. Imagine isso sendo feito com ela. Eles vão fazer você vê-la morrer, porque eles gostam de provocar sofrimento.*

A escuridão tentou lutar contra ele, atacando a luz.

—*Pense nela!* — gritou ele em pensamento. —*Pense somente nela. Ela está vindo. A ajuda está chegando.*

Aldon se perguntava se seu plano tinha sido bem sucedido. Seus ombros caíram exaustos quando ele cortou a conexão. Dessa vez foi mais difícil esconder seus poderes de magia branca, mas ele acreditava que tinha conseguido. Olhando fixamente para aqueles ao seu redor, ele ficou aliviado ao perceber que ninguém estava olhando para ele. A escuridão ameaçou voltar, querendo reclamá-lo.

Olivia.

Ele imaginou o rosto dela — seus lindos cabelos loiros. Ele tentou ouvir a voz dela enquanto imaginava que ela cravava os dentes em sua carne e bebia seu sangue. Por um momento, ele sentiu certa calma. Em seguida, a escuridão tentou dominá-lo de novo. A luz desapareceu, desvanecendo-se atrás das trevas. No entanto, o rosto de sua noiva continuou gravado em seu cérebro, lembrando-o do que era realmente importante. Ele poderia manter o controle, mesmo que não estivesse totalmente sozinho.

Ela é minha. E eu pertencço a ela. Ela é o mais importante.

Quando a escuridão recuou totalmente, ele queria foder, ferir e matar.

Sem qualquer outra opção, ele a imaginou se contorcendo embaixo dele, sussurrando seu nome. Ele queria vê-la gozar, provar seu sangue quando um orgasmo de incrível prazer tomasse conta dela. Ele iria se deleitar com ela, aproveitar a luz que irradiava dela e absorvê-la para si.

Nathan rugiu e atacou os lobos.

Aldon voltou à realidade, observando a cena.

Nathan deixou suas unhas crescerem como garras – apenas isso — e rasgou os lobos que saltaram sobre ele. Um a um, eles caíram em torno de seus pés, o sangue escorrendo pelo concreto. Quando ele terminou, ele parou diante da multidão que aplaudia. Em vez de ameaçá-los mostrando suas garras, ele as recolheu e ficou parado diante de todos, respirando com dificuldade.

—Fodam-se, — ele gritou, o peito arfando. — Fodam-se todos vocês.

Aldon se escondeu atrás de Barnes. Ele não podia ser visto. Ainda não.

Mas ele sabia que para cumprir sua missão teria que se revelar.

Nathan o tinha escutado, mas ele precisava ser salvo o mais rápido possível.

Caso contrário, o macho ficaria completamente louco.

—Traga o próximo, — alguém rosnou. —Ele vai quebrar. Faça!

Aldon virou a cabeça e viu as gaiolas. Desta vez estavam trazendo leopardos.

Malditos sejam.

—Nós vamos descobrir o que ele é, — disse Barnes com bastante entusiasmo. —Espere e veja. Ele vai dobrar e, em seguida, ele vai quebrar. Uma vez feito isso, nós vamos encontrar sua companheira e fazê-lo assistir enquanto a fodemos e a sangramos.

Nathan rasgou os leopardos, leões, panteras e, em seguida, os cães.

Enquanto assistia à cena, Aldon se perguntou se Leigh seria forte o suficiente para trazer Nathan de volta da beira do abismo. Ele teria que voltar a este lugar horrível. Ele teria que voltar com Olivia — sua noiva — e ambos teriam que fingir que estavam se divertindo com o massacre.

Pela primeira vez, ele sentiu a luz do seu lado. Ele se acalmou e se sentiu reconfortado.

Ele tinha dado sua palavra a Leigh.

Assim que ele voltasse, ele iria entrar em contato com Wren e Valen. Eles precisavam salvar este homem.

Mesmo que eles pudessem perder suas vidas tentando. Ele nunca enfrentou uma situação como esta.

Ele tinha a sensação de que não deveria ter concordado em ajudar. A sua verdadeira identidade deveria permanecer em segredo, mas agora ele não tinha certeza se seria capaz de permanecer nas sombras.

Ele fechou os olhos por um momento, tentando ter algum alívio daquela cena.

Isto era apenas o começo.

Logo as coisas iriam dar uma guinada, para pior.

A confiança que ele manteve até então estava abalada.

Ele tinha jurado que ia salvar Nathan, mas talvez ele não pudesse fazê-lo.

O futuro, a partir deste ponto em diante, era incerto.

A batalha estava apenas começando.



Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (e).

By Lola